



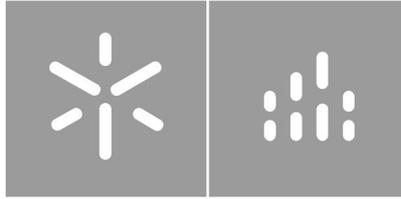
Universidade do Minho
Escola de Arquitetura

Vanda Correia *O homem como um ser em projecto*
O espaço doméstico na obra de habitação social de Vítor Figueiredo, 1960-1982

Vanda Filipa Maldonado de Vasconcelos Correia

O homem como um ser em projecto
O espaço doméstico na obra de habitação social
de Vítor Figueiredo, 1960-1982

[Anexos]



Universidade do Minho
Escola de Arquitetura

Vanda Filipa Maldonado de Vasconcelos Correia

O homem como um ser em projecto
O espaço doméstico na obra de habitação social
de Vítor Figueiredo, 1960-1982

[Anexos]

Tese de Doutoramento
Programa Doutoral em Arquitetura
Especialidade em Cultura Arquitetónica

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Eduardo Jorge dos Santos Cabral Fernandes
e do **Professor Doutor Jorge Manuel Fava Spencer**

Índice

ANEXO I	05
Nota biográfica	
ANEXO II	09
Memória descritiva do CODA	
ANEXO III	17
Obra (1960-1982)	
ANEXO IV	21
Obra de habitação social (1960-1982)	
ANEXO V	27
Levantamento arquivístico da obra de habitação social (1960-1982)	
CONJUNTO HABITACIONAL EM OLIVAIS-SUL, CÉLULA B	28
CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE	46
CONJUNTO HABITACIONAL NO BARREIRO	60
CONJUNTO HABITACIONAL EM BENAVENTE	72
CONJUNTO HABITACIONAL EM SANTO ESTÊVÃO	82
CONJUNTO HABITACIONAL EM SALVATERRA DE MAGOS	88
EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO NO BAIRRO DE ALVALADE, LISBOA	92
CONJUNTO HABITACIONAL EM TORRES NOVAS	102
CONJUNTO HABITACIONAL EM ALCOBAÇA	112
CONJUNTO HABITACIONAL EM MIRA D'AIRES	113
CONJUNTO HABITACIONAL EM FONTELAS	114
CONJUNTO HABITACIONAL EM FELGAR	116
CONJUNTO HABITACIONAL EM ALDEIA DE CIMA	117
CONJUNTO HABITACIONAL EM BEJA	118
CONJUNTO HABITACIONAL EM MONSANTO ALCANENA	126
CONJUNTO HABITACIONAL EM ALCANENA	128
CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE	130
CONJUNTO HABITACIONAL EM ALMONDA	142
CONJUNTO HABITACIONAL EM ESTARREJA	148
CONJUNTO HABITACIONAL EM PATAIAS	152
CONJUNTO HABITACIONAL DE CHELAS. PUC- ZONA I2	156
CONJUNTO HABITACIONAL EM MINDE	158
CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE	160
CONJUNTO HABITACIONAL EM CONSTÂNCIA	168
CONJUNTO HABITACIONAL EM CASTANHEIRA DE PERA	174
CONJUNTO HABITACIONAL NA COSTA DA CAPARICA	168
CONJUNTO HABITACIONAL NA NAZARÉ	180
CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE	188
CONJUNTO HABITACIONAL EM PORTO DE CAVALEIROS	190
CONJUNTO HABITACIONAL EM SÃO BENTO CARREIRINHA, AÇORES	193
CONJUNTO HABITACIONAL DE CHELAS. PUC- ZONA N2	194
CONJUNTO HABITACIONAL DO ALTO DO ZAMBUJAL	210
CONJUNTO HABITACIONAL DA AZEDA	236
CONJUNTO HABITACIONAL DA PRAÇA DE PORTUGAL EM SETÚBAL	238
CONJUNTO HABITACIONAL EM OLIVEIRA DO HOSPITAL	250
CONJUNTO HABITACIONAL EM PINHAL NOVO	254
CONJUNTO HABITACIONAL EM MÉRTOLA	258

ANEXO I

Nota biográfica

- 1929** Vítor Manuel de Almeida Figueiredo nasce a 17 de Outubro na Figueira da Foz.
- 1947** Ingressa no Curso Especial de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto.
- 1947/48** Colabora com o arquitecto Mário Bonito.
- 1951/56** Colabora com os Engenheiros Jorge Delgado e António dos Santos Soares a desenhar betão armado, nomeadamente, para o projecto de estruturas da cúpula do Palácio de Cristal.
- 1953** Conclui o Curso Especial de Arquitectura e Ingressa no Curso Superior de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto.
- 1957-1962** Estabelece-se em Lisboa onde colabora com os arquitectos Leonardo Castro Freire, Zinho Antunes, Maurício de Vasconcellos, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Januário Godinho e João Andersen.
- 1959** Conclui o Curso Superior de Arquitectura da ESBAP com a classificação final de 19 valores apresentando um Projecto para uma moradia em S. João do Estoril, no Estoril, no âmbito do Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto.
- 1960-2014** Exerce arquitectura como profissional independente em Lisboa.
- 1961** Assina contrato com as «Habitações Económicas» – Federação de Caixas de Previdência como arquitecto regional dos distritos de Santarém, Leiria e Coimbra.
- 1961** Recebe, em conjunto com Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Vasco Lobo (em colaboração com Luís Almeida e Pedro Vieira de Almeida), o 1º Prémio do Concurso da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa.
- 1963;1974-1976** Integra os órgãos sociais do Sindicato Nacional dos Arquitectos.
- 1972** Termina a sua actividade como arquitecto regional das HE por extinção deste organismo.
- 1975** É galardoado com o Prémio Valmor pela obra da Igreja do Sagrado Coração de Jesus que elabora em parceria com Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Vasco Lobo e com colaboração de Luís Almeida Moreira e Pedro Vieira de Almeida.
- 1981** Participa no primeiro ciclo da mostra de projectos de arquitectura ARCO – Centro de Arte e Comunicação.
- 1982** Apresenta a sua obra nos Seminários de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto.
- 1983** Participa nos Encontros de Macau, por convite da revista francesa L'Architecture d'Aujourd'Hui.
- 1986** É galardoado com o Prémio Nacional da Associação Internacional de Críticos de Arte (Prémio AICA), no setor de Arquitectura, pelo projeto da conjunto habitacional do Alto do Zambujal e pelo conjunto da sua obra dedicada à habitação social.
- 1986** Participa na III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian.
- 1989** É galardoado com o Prémio dos Programas Habitacionais, Distrito de Setúbal, pelo projecto do Bairro da Azeda, em Setúbal.
- 1991** Participa na Exposição Europália'91 realizada em Bruxelas na qual Portugal foi eleito país tema.
- 1991** Participa na Exposição “Arquitectura Contemporânea 1960-1990” promovida pela Fundação de Serralves no Porto.
- 1991** Recebe o 1º Prémio do Concurso para as Novas Instalações do Pólo da Mitra da Universidade de Évora.
- 1992** Recebe o 1º Prémio do Concurso da Escola Superior de Artes e Design (ESAD) das Caldas da Rainha.
- 1993** Recebe o 2º Prémio do Concurso das Instalações da Reitoria da Universidade de Aveiro.
- 1993** É convidado para elaborar o projecto do Centro Pedagógico da Universidade de Aveiro.
- 1995 – 2001** Lecciona, como Professor Convidado, no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- 1996 – 2000** É convidado a apresentar comunicações pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa, pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra e pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- 1997** Participa na exposição integrada na 49.ª Feira do Livro de Frankfurt na qual Portugal foi país-tema.
- 1998** Recebe o Prémio Secil de Arquitectura pelo projecto da ESAD nas Caldas da Rainha (júri presidido por Alcino Soutinho).
- 1998** Participa na Exposição “Portugal - Arquitectura do Século XX” realizada no Centro Cultural de Belém.
- 1998** Recebe, em conjunto com Jorge Pinto e Rui Marrafa, uma Menção Honrosa do Prémio de Arquitectura Conde de Oeiras, atribuída pela Câmara Municipal de Oeiras, pelo Pavilhão Gimnodesportivo de Miraflores.

NOTA BIOGRÁFICA

- 1998** É convidado a apresentar uma comunicação na RWTH Aachen University.
- 1999** É convidado a apresentar uma comunicação no âmbito do Curso de Especialização “Projectar no Tempo”, em Barcelona, organização conjunta da Universidade Lusíada e da Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universitat Politècnica de Catalunya.
- 2002** Preside o Júri do Prémio Secil atribuído ao arquitecto Pedro Maurício Borges com o projecto da Casa Pacheco de Melo, situada na Ilha de S. Miguel, Açores.
- 2003** Participa na Exposição “Desenho nas Cidades, Arquitectura em Portugal 2003”, realizada no âmbito da V Bienal de Arquitectura de São Paulo, da responsabilidade de Álvaro Siza Vieira.
- 2003-2004** Lecciona, como Professor Convidado, no Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa.
- 2004** Participa na exposição *Designare nelle Città. Architettura in Portogallo*, realizada no âmbito da XX Trienal de Milão e comissariada pelo arquitecto Álvaro Siza Vieira.
- 2004** Morre a 30 de Janeiro em Lisboa.
- 2005** Recebe, a título póstumo, uma Menção Honrosa na Categoria de Obra de Qualidade Excepcional 2000-2003, atribuída pela Câmara Municipal de Aveiro, pela obra do Complexo Pedagógico, Científico e Tecnológico da Universidade de Aveiro.
- 2005** É distinguido, a título póstumo, com o Doutoramento *Honoris Causa* atribuído pela Universidade Lusíada de Lisboa

Baseado em Vanda Maldonado e Pedro Namorado Borges (ed),
Vitor Figueiredo. Projectos e obras de habitação social 1960-1979
(Porto: Circo de Ideias, 2015), 285-86.

ANEXO II

Memória descritiva do CODA

**MEMÓRIA DESCRITIVA DO CONCURSO PARA OBTENÇÃO
DO DIPLOMA DE ARQUITECTO (CODA), 30 MAIO 1959**

Vitor Figueiredo, PT FAUP/CDUA/E(S)BAP/AE/CODA/202_pe



EM GUISA DE MEMÓRIA
DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

I

No mês de Outubro de 1957 foi-me oferecida por um arquitecto, antigo colega, a possibilidade de a troco de remuneração horária executar o projecto de uma habitação para uma pessoa sua amiga; pedira-lhe um projecto "gracioso" e posteriormente concordara em pagar à hora a alguém que o fizesse.

Aceitei realizá-lo e fi-lo com toda a alegria de quem vê a possibilidade de saber construída uma obra sua e só sua; com a alegria que se poderá esperar encontrar em alguém que não sendo "filho de família" nem tendo "amigos de berço" ricos ou influentes sabe com funda certeza da total ausência de perspectivas que lhe oferece um presente e um futuro previsível.

É com esse projecto que prestarei provas para a obtenção do diploma de arquitecto.

Não vo-lo apresento como algo de bonito e talvez de boa qualidade que se estende numa bandeja de prata para mostrar como se é dotado; tão pouco como algo destinado apenas à obtenção de um diploma.

Apresento o meu primeiro trabalho profissional com a consciência de me ter entregue a ele totalmente, enquanto a construí no papel, e de o continuar a viver hoje como experiência já realizada.



. 2 .

II

Evidente ou não toda a obra exigira conter em si a história da procura feita do caminhar tacteando de seu criador, responsável porque ela seja a sua expressão total e actual (no sentido tempo existência) e não um repositório semi-automático do já percorrido.

Como toda a obra esta também tem referências próprias e especiais. Por essas referências ela se explica e por isso, de preferência a uma descrição exaustiva e incaracterística dos seus elementos proponho tentar situá-la dentro delas.

Acordei, senti e principiei a amar a arquitectura na controvérsia verificada pelo abandono de uma linguagem que feito historicamente o seu papel se mostrava cansada. Poderei dizer que nunca a vivi ou ensaiei conscientemente (óbviamente falo no plano escolar) e só posteriormente resolvi da sua falência não porque simplesmente a achasse desactualizada mas porque o purismo formal, a negação de toda a expressão vagamente romântica, a busca de princípios denunciadores de uma época abstractamente considerada colectivista, a preocupação de uma linguagem que para ser actual teria forçado validade internacional, se me apresentaram como contendo já em si os germens da esterilidade.

Se estas razões são por demais empíricas direi já no domínio da Razão, que a atitude racionalista me surgiu como traição ao destinatário da arquitectura -o homem de hoje; o homem total, situado e concreto, mas empenhado também. Revelação na arquitectura da cada distinção aristocrática entre elites e "massa" esquecidos todos de que a massa era constituída por homens; erigido em nome da razão e atendendo unicamente às necessidades objectivamente mensuráveis - a cubicagem x , a área y , a economia z , etc. - o racionalismo tinha forçosamente de trair o homem que é subjectividade para além do volume de ar que aspira e dos metros quadrados sem os quais se morre. Traição ao humano ainda quanto propõe um "critério de realidade" metafísico a um mundo que definitivamente tem de se negar a pretensão de os elaborar -sejam eles espiritualistas ou ateus, idealistas ou materialistas-. Sabemos só que o homem é uma totalidade dinâmica imersa em outras totalidades dinâmicas. Só a uma e a outras temos de atender e às relações entre todas existentes -no seu passado, no seu presente e no seu futuro que nos cabe a nós construir; no seu devir em suma.



. 3 .

É nesta medida que forçosamente me procuro identificar com aqueles que partindo da recusa da idealidade cínica ou esquecida do racionalismo buscam firmar-se num "caminho para o concreto" na troca do abstracto pelo real e na consequente negação de um critério que definisse de uma vez para sempre a realidade humana, que não com aqueles que temo empenhados na troca de um "ismo" por outro mais em voga, pois não será legítimo, desde já, perguntarmo-nos se em nome destes princípios se não está a partir bem na medida em que se recusa mas muitas vezes acabando por findar mal na medida em que se propõe?

Servir o real não é rejeitar totalmente as aporções inegáveis do racionalismo e a ascese real que ele significa para a arquitectura; é tomar uma posição corajosa de busca: inquietante no aceitar que cada tema tem o seu carácter, a sua problemática específica, a sua expressão própria; é considerar o homem na sua totalidade humana. Posição difícil, sem dúvida, mesmo terrível na exigência constante de humildade que implica, como na liberdade interior que pressupõe. E é muito difícil escapar à tentação do absoluto. Ele tanto se pode encontrar na recusa total de um passado em nome de aspirações abstractamente formuladas a partir de um real abstractamente compreendido, como na aceitação total desse passado pela aceitação incondicionada de um presente dado.

Que a primeira situação aconteceu podemos admiti-lo.

Hoje, com um pouco de lucidez, não será oportuno interrogarmo-nos sobre se, no campo da proposta, não se preparou em nome dessa recusa, por incapacidade de aceitar a situação do que se criou uma dupla traição? Fala-se em integrar o homem num real talvez apenas definido a partir do passado pela impotência de se lhe juntar uma perspectiva de homem futuro que hoje não se pode conceber de uma maneira simplista.

Se se quer integrar é preciso saber o que se quer integrar; é preciso saber em quê, o quê, e para quê se vai integrar. É preciso pois antes de mais assentar numa tradição que terá de estar necessariamente inventariada e estudada, sob pena de se tornar a cair no vácuo do voluntarismo idealista; é preciso ainda saber, mas saber de facto, séria e profundamente, para quem se constroem casas

e não as realizar para destinatários que se supõe ser transmontanos ou beirões sem que saibamos realmente o que seja isso de ser transmontano e beirão; é, finalmente e sobretudo, saber para que é que se integra: é que o homem não é apenas um ser situado; ainda e mais que tudo, um ser em projecto, um ser empenhado. Daí o requerer-se para uma arquitectura válida uma concepção do mundo que necessariamente a terá de explicar e justificar; outrossim retomaremos necessariamente um critério de realidade contra um critério de experiência (pois que o real nos surgirá de novo como estático, como realidade: a realidade transmontana, a realidade beiroa), um abstracto idealista contra um humanismo concreto. Com um vício suplementar de que não enfermava o racionalismo; a inconsequência e a confusão.

Ao architecto de hoje só um "critério de experiência" é lícito; um critério que não recuse dado algum do real -que, esse sim, existe, mas só como matéria para ensaios, procuras mais ou menos orientadas e nunca para soluções apriorísticas e necessariamente abstractas- e busque servi-lo e orientá-lo, humildemente mas com a certeza de não se ter enganado no trajecto.

III

Como todo o projecto também este teve os seus personagens: um técnico, um cliente e um terreno.

Parti para a execução deste projecto com todo um repostório de ténues desejos de ensaiar num determinado sentido, repostório adquirido na actividade escolar que como exercício me esforcei por viver. Parti também com a condicionante de o executar em três e meio. Sei hoje, como então pressenti, que esse tempo era, e foi, menos que insuficiente: só me permitiu e à custa duma vivência total do trabalho elaborar, burilando, o que em mim havia já de intuitivo no sentido da directriz que me seduzia mais ou menos inconsciente-



mente. Foi-me negado portanto o tempo necessário para reflectir recusando o elaborado e fui forçado em última análise a aceitá-lo como experiência a realizar. Foi-me negado o tempo para, pelo menos, sofrer as dúvidas e incertezas de valer a pena ou não colocá-lo no campo da experiência objectiva e material.

Tive uma percepção de "fragilidade" no sentido em que os planos verticais eram meramente encastrados a todos os elementos horizontais; aceitei uma certa exuberância, admitindo a não viabilidade de um silêncio humilde por um cliente "exuberante" e uma urbanização "curiosa".

Vivida hoje a obra admito ser evidente nela um sentido neo-plástico patente nas plantas e cifrado num jogo de planos mais ou menos livres tendente à negação do volume pela sua redução a uma bidimensionalidade; mas, porque, volumetricamente recusei um consequente encastramento, preferindo jogar com planos justapostos, indo buscar todo o sentido de volume às varandas e coberturas, notavelmente reforçadas, e em última instância negando à cobertura a possibilidade de se apresentar como um elemento capaz de imprimir uma maior realidade construtiva e um sentido de finitude, porquanto não permiti que nela se encastrassem os elementos verticais significativos, creio que nesta divergência ou na ausência de uma real proposta que substituisse as recusas aceites, reside a razão de ser da "fragilidade" antes referida. Notarei também que todo esse compromisso, no seu jogo de planos livres, permitindo uma divisão (que não criação) de espaço, me obrigava a uma consequente fluidez na transição espacial externo-interno para a qual eu não tinha um mínimo de dimensão no espaço externo. Quando na fase de projecto, tive já disto a percepção ao tentar materializar os planos de vidro recorrendo a uma malha apertada de caixilharia.

Enumerarei as condicionantes específicas do problema principiando e acabando por um cliente engenheiro civil com uma atitude magnífica para com a arquitectura e os architectos, mas apenas exterior, resultante de contactos profissionais. Atitude que contudo não o fez ascender à qualidade de cliente capaz de estabelecer relações



com o architecto de forma a permitir-lhe uma tentativa de proposta de conteúdo humano apta a um mínimo de poética.

Ofereceu-me sim o desejo de uma vivenda "abstracta" isto é, uma vivenda que só é vivenda por estar em S. João do Estoril, numa migalha de terreno: tem um salão de festas para a mundanidade da sua existência; uma grande arrecadação para os móveis do estilo que a Esposa gosta -embora ele seja um admirador conspícuo da architectura japonesa- um apartamento para um guarda prevendo a hipótese de viagens civilizantes e outras para o estrangeiro; uma sala de 4,50 por 5 (medidas dadas) para uma mobília Renascença -onde só come quando as suas relações sociais a isso o obrigam porquanto normalmente se refeiciona com a Esposa na copa; tem no 1º. andar um arrumo "sem janelas" para 2 armários já existentes e também um escritório que está lá para ser quarto numa futura transacção comercial já prevista (se fôr suficientemente lucrativa).

Foi também o construtor da obra mantendo nela em perpétuo estado de embriaguez um encarregado com o qual pouco nos entendamos. Fez alterações várias ao projecto, não só por saudável espírito de economia, mas também por (sic) pretender passear nú em casa (Vidé vãos do alçado norte), e alterou o escritório porquanto a Esposa o obrigou a encerrar com uma porta os livros que possui. É esta a história do trabalho.

•/•



. 7 .

Só me fica agora por dizer das saudades e do reconhecimento que levo ao partir desta Escola.

Lisboa, 30 de Maio de 1959.

Manuel Figueiredo



ANEXO III

Obra (1960-1982)

1960	Conjunto Habitacional em Olivais-Sul, Célula B		
1961	Conjunto Habitacional em Peniche		
1962	Conjunto Habitacional no Barreiro	Conjunto Habitacional em Benavente	Igreja do Sagrado Coração de Jesus
1963	Conjunto Habitacional em Santo Estêvão	Conjunto Habitacional em Salvaterra de Magos	Edifícios de Habitação no Bairro de Alvalade, Lisboa
1964	Conjunto Habitacional em Torres Novas	13 Casos Lei n.º 2092	Unidade Hospitalar do Barreiro
1965	Conjunto Habitacional em Alcobaça	Conjunto Habitacional em Mira d'Aire	Conjunto Habitacional em Fontelas
1966	Conjunto Habitacional em Aldeia de Cima, Armamar.	Conjunto Habitacional em Beja	43 Casos Lei n.º 2092
1967	Conjunto Habitacional em Monsanto —Alcanena	Conjunto Habitacional em Alcanena	33 Casos Lei n.º 2092
1968	Conjunto Habitacional em Peniche	Conjunto Habitacional em Almonda	Conjunto Habitacional em Estarreja
1969	Conjunto Habitacional em Pataias	Conjunto Habitacional em Chelas PUC - Zona I2	Conjunto Habitacional em Minde
1970	Conjunto Habitacional em Castanheira de Pêra	6 Casos Lei n.º 2092	Habitação no Bairro do Rosário, Cascais
1971	14 Casos Lei n.º 2092	Duas Habitações em Vale do Lobo, Algarve	
1972	Conjunto Habitacional da Costa da Caparica	Conjunto Habitacional na Nazaré	Conjunto Habitacional em Peniche
s.d.	Conjunto Habitacional em São Bento Carreirinha, Açores		
1973	Conjunto Habitacional em Chelas PUC - Zona N2		
1974	Conjunto Habitacional do Alto do Zambujal	Aldeamento Turístico em Cabanas de Tavira, Algarve	
1975	Conjunto Habitacional da Azeda		
1976			
1977	Edifício de Habitação Santa Casa da Misericórdia, Lisboa		
1978	Conjunto Habitacional da Praça de Portugal em Setúbal, Cheseubal	Conjunto Habitacional em Oliveira do Hospital	Edifício de Habitação no Estoril
1979	Conjunto Habitacional em Pinhal Novo		
1980			
1981			
1982	Conjunto Habitacional em Mértola	Associação Desportiva de Oeiras — Complexo Desportivo e Sede	

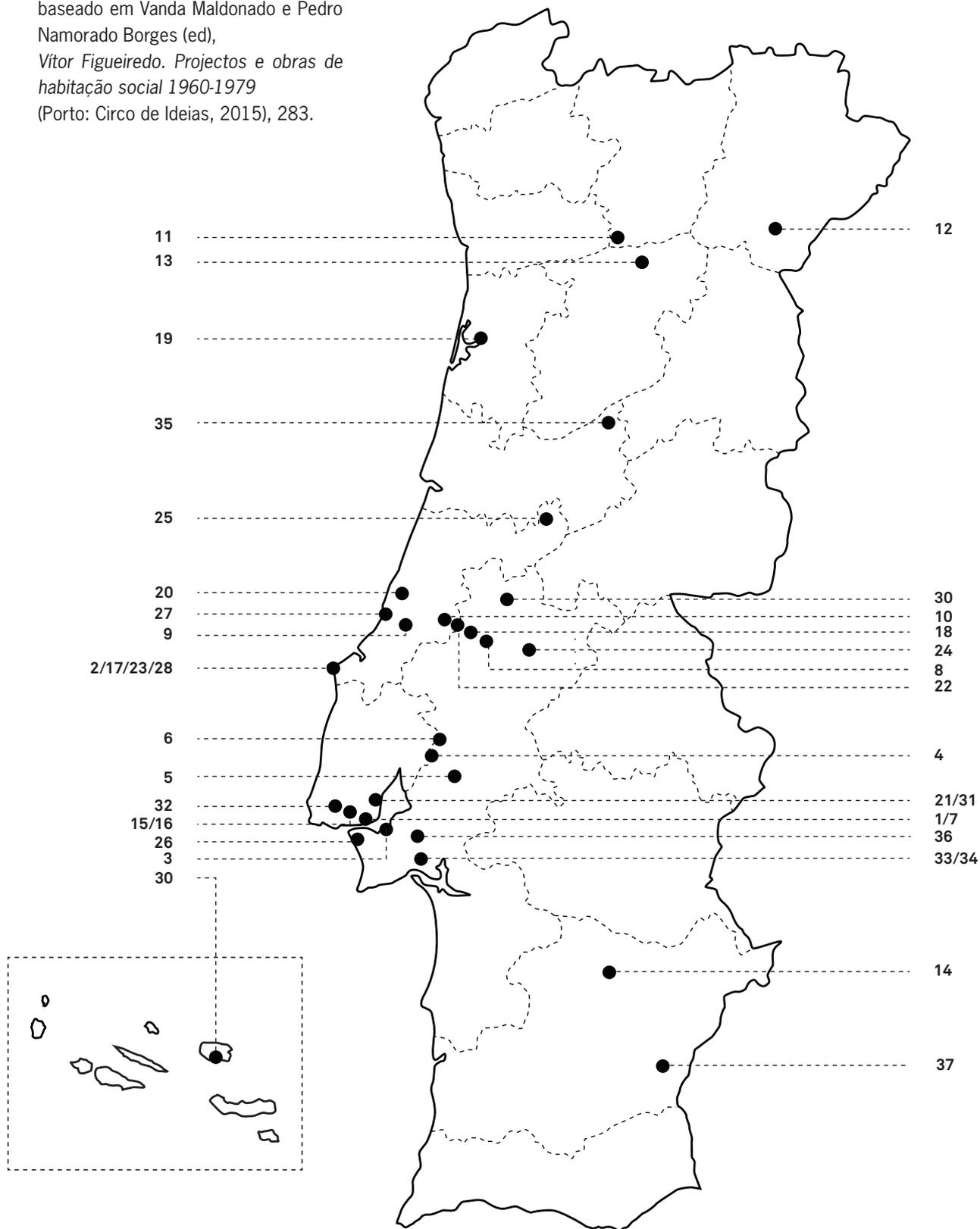
NOTA: Os 'Casos Lei n.º 2092' referem-se à conceção ou apreciação de projetos de habitações requeridas por beneficiários individuais

Conjunto Habitacional em Felgar	46 Casos Lei n.º 2092	
Habitação na Chamusca		
15 Casos Lei n.º 2092		
Conjunto Habitacional em Peniche	Conjunto Habitacional em Constância	13 Casos Lei n.º 2092
Restaurante no Guincho	Habitação em Tremês, Santarém	Jazigo em Luanda
Conjunto Habitacional em Porto de Cavaleiros	Edifícios de Habitação no Bairro de Alvalade, Lisboa	
Dependência Bancária CGD, Lisboa	Recuperação do Convento Nossa Senhora dos Remédios, Évora	

ANEXO IV

Obra de habitação social (1960-1982)

baseado em Vanda Maldonado e Pedro Namorado Borges (ed),
Vitor Figueiredo. Projectos e obras de habitação social 1960-1979
(Porto: Circo de Ideias, 2015), 283.



OBRA DE HABITAÇÃO SOCIAL (1960-1982)

N.º		TÍTULO	TÍTULO ORIGINAL (ÚLTIMA FASE)	GÉNERO
1	1960	Conjunto Habitacional em Olivais-Sul, Célula B	CML. GTH. Olivais, Célula C. Edifício de Habitação	OBRA
2	1961	Conjunto Habitacional em Peniche	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Agrupamento de 100 Habitações em Peniche	PROJETO
3	1962	Conjunto Habitacional no Barreiro	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Projecto de um agrupamento de 168 habitações no Barreiro	OBRA
4	1962	Conjunto Habitacional em Benavente	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Projecto de conjunto de habitações em Benavente. Agrupamento CP 49 e Habitações para Beneficiários da Lei 2092	OBRA
5	1963	Conjunto Habitacional em Santo Estêvão	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Projecto de um agrupamento de 42 fogos para a Casa do Povo de Santo Estêvão-Benvante. Processo CP 90	OBRA
6	1963	Conjunto Habitacional em Salvaterra de Magos	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Ante-Projecto de um agrupamento de 20 fogos em Salvaterra de Magos	PROJETO
7	1963 72	Edifícios de Habitação no Bairro de Alvalade, Lisboa	HE. Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Edifícios de Habitações Económicas em Alvalade. Lisboa	PROJETO
8	1964	Conjunto Habitacional em Torres Novas	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Companhia Nacional de Fiação de Tecidos de Torres Novas. Projecto de um agrupamento de 60 fogos.	OBRA
9	1965	Conjunto Habitacional em Alcobaça	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Conjunto de Casas de Renda Económica em Alcobaça. CRE 99	OBRA. Reutilização dos fogos dos edifícios de 4 Pisos de Olivais-Sul
10	1965	Conjunto Habitacional em Mira D'aire	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Conjunto de Casas de Renda Económica em Mira d'Aire	OBRA. Reutilização do T3 Duplex de Torres Novas
11	1965	Conjunto Habitacional em Fontelas	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Agrupamento de 8 fogos para a Casa do Povo de Fontelas. CP 312	OBRA. Reutilização do T3A de Santo Estêvão
12	1965	Conjunto Habitacional em Felgar	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Agrupamento de 30 Fogos para a Casa do Povo de Felgar	OBRA. Reutilização do T3A e do T4 de Santo Estêvão
13	1966	Conjunto Habitacional em Aldeia de Cima	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Agrupamento de 9 Habitações em Aldeia de Cima, Armamar - CP 109	OBRA. Reutilização do T3A de Santo Estêvão
14	1966	Conjunto Habitacional em Beja	MOP. Comissão Administrativa das Novas Instalações para as Forças Armadas. Bairro Residencial da Base Aérea n.º 11 - Beja	PROJETO
15	1967	Conjunto Habitacional em Monsanto - Alcanena	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Projecto de um agrupamento de 12 Habitações para a Casa do Povo de Monsanto - Alcanena. CP 396	PROJETO
16	1967	Conjunto Habitacional em Alcanena	Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Conjunto de Casas de Renda Económica em Alcanena. Cre 129	PROJETO. Reutilização dos fogos dos edifícios de 4 pisos de Olivais-Sul
17	1968	Conjunto Habitacional em Peniche	HE. Conjunto Habitacional CRE 104 - Peniche	OBRA
18	1968	Conjunto Habitacional em Almonda	HE. Fábrica de Papel do Almonda, Torres Novas - Conjunto Habitacional	PROJETO

OBRA DE HABITAÇÃO SOCIAL (1960-1982)

CO-AUTORES	ORGANISMO	LOCAL	N.º FOGOS PREVISTOS	CATEGORIA	TIPOLOGIAS
Vasco Lobo	GTH	Lisboa	7 Pisos: 140 4 Pisos: 184 (160 Construídos)	CAT. I	T2, T3, T4
	HE	Peniche	100	CAT. I	1 Piso:T3 2 Pisos:T2, T3, T4
	HE	Barreiro	168	CAT. I e II	Cat. I: T2, T3, T4 Cat. II: T3, T4
Vasco Lobo	Casa do Povo de Benavente e Beneficiários Individuais Lei n.º 2092 HE	Benavente	81	CAT. I	T2/5, T3/5, T3/6, T4/7
	Casa do Povo de Santo Estêvão HE	Santo Estêvão	42	CAT. I	T3/5 [T3a], T3/5 [T3b], T4/7 [T4]
	Casa do Povo de Salvaterra de Magos HE	Salvaterra de Magos	20	CAT. I	1 Piso: T2/5, T3/6 2 Pisos: T4/7
	HE	Lisboa	112	CAT. II	T2, T3, T4, T5
	Companhia Nacional de Fiação HE	Torres Novas	60	CAT. I	1 Piso: T3/6 2 Pisos: T3/6 B
	HE	Alcobaça	32	CAT. I	T2, T3, T4
	HE	Mira D'Aire	12	CAT. I	T3/6
	Casa do Povo de Fontelas HE	Fontelas	8	CAT. I	T3/5
	Casa do Povo de Felgar HE	Felgar	30	CAT. I	T3/5, T4/7
	Casa do Povo de Aldeia de Cima HE	Aldeia de Cima	9	CAT. I	T3/5
	MOP/ Canifa	Beja	104	CAT. III	T3, T4
	Casa do Povo de Monsanto HE	Monsanto-Alcanena	12	CAT. I	T3/6
	HE	Alcanena	24	CAT. I	T2, T3, T4
	HE	Peniche	240	CAT. I e II	Cat. I: T2/5, T3/6; Cat. II: T3/6, T4/8
	Fábrica do Papel do Almonda, Renova HE	Almonda	52	CAT. I	1 Piso: T3/5 2 Pisos: T4/7

OBRA DE HABITAÇÃO SOCIAL (1960-1982)

N.º		TÍTULO	TÍTULO ORIGINAL (ÚLTIMA FASE)	GÉNERO
19	1968	Conjunto Habitacional em Estarreja	HE. Conjunto Habitacional CRE 71 - Estarreja	PROJETO
20	1969	Conjunto Habitacional em Pataias	HE. Companhia Portuguesa de Cimentos Brancos, Pataias - Conjunto Habitacional	OBRA
21	1969	Conjunto Habitacional em Chelas. PUC- Zona I2	GTH. CML. PUC- Zona I2	OBRA. Reutilização dos fogos dos edifícios de 7 Pisos de Olivais-Sul
22	1969	Conjunto Habitacional em Minde	HE. António Lourenço & Filhos Lda., Minde - Conjunto Habitacional	OBRA. Reutilização do T3 duplex de Torres Novas
23	1969	Conjunto Habitacional em Peniche	HE. Conjunto Habitacional CPS 460 - Peniche	OBRA. Reutilização, com adaptações, dos T2 e T3 dos edifícios de 7 Pisos de Olivais-Sul
24	1969	Conjunto Habitacional em Constância	[HE. Caima Pulp Company, Limited, Constância - Conjunto Habitacional]	PROJETO
25	1970	Conjunto Habitacional em Castanheira de Pêra	José Tomás Henriques Sucrs. Lda., Castanheira de Pêra - Conjunto Habitacional	PROJETO
26	1972	Conjunto Habitacional na Costa da Caparica	HE. Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Caparica - Conjunto Habitacional - CRE 182	PROJECTO. Reutilização, com adaptações, do T3 de Peniche CPS 460 (introdução de T2 originais)
27	1972	Conjunto Habitacional na Nazaré	HE. Conjunto Habitacional - Nazaré [CPS 478]	PROJETO
28	1972	Conjunto Habitacional em Peniche	HE. Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Peniche - Conjunto Habitacional - CPS 502	PROJETO. Reutilização, com adaptações, dos fogos de Peniche (CPS 460)
29	1972	Conjunto Habitacional em Porto de Cavaleiros	HE. Habitações Económicas, Federação de Caixas de Previdência. Companhia do Papel de Porto de Cavaleiros	PROJETO
30	s.d.	Conjunto Habitacional em São Bento Carreirinha, Açores	HE. Conjunto Habitacional de São Bento Carreirinha, Açores	PROJETO
31	1973	Conjunto Habitacional em Chelas PUC – Zona N2	GTH. CML. PUC - Zona N2	OBRA
32	1974	Conjunto Habitacional do Alto do Zambujal	Fundo de Fomento da Habitação. Alto do Zambujal	OBRA
33	1975	Conjunto Habitacional da Azeda	Câmara Municipal de Setúbal - Zona Habitacional da Azeda	OBRA. Reutilização dos T1, T3 e T4 do Alto do Zambujal
34	1978	Conjunto Habitacional da Praça de Portugal em Setúbal	Câmara Municipal de Setúbal - Praça de Portugal	OBRA
35	1978	Conjunto Habitacional em Oliveira do Hospital	Fundo de Fomento da Habitação. Oliveira do Hospital	OBRA. Reutilização dos T1, T3 e T4 do Alto do Zambujal
36	1979	Conjunto Habitacional em Pinhal Novo	Unidade Habitacional de 100 fogos destinados a Sócios da Cooperativa de Habitação Económica da Quinta do Anjo, Pinhal Novo	PROJETO
37	1982	Conjunto Habitacional em Mértola	Câmara Municipal de Mértola - Conjunto Habitacional	OBRA. Reutilização do fogo do anteprojecto da unifamiliar do Alto do Zambujal

GTH: Gabinete Técnico da Habitação (da Câmara Municipal de Lisboa); HE: «Habitações Económicas» – Federação de Caixas de Previdência; MOP: Ministério das Obras Públicas; CANIFA: Comissão Administrativa das Novas Instalações para as Forças Armadas;

OBRA DE HABITAÇÃO SOCIAL (1960-1982)

CO-AUTORES	ORGANISMO	LOCAL	N.º FOGOS PREVISTOS	CATEGORIA	TIPOLOGIAS
Eduardo Trigo de Sousa	HE	Estarreja	76	CAT. I	T2, T3, T4
	Companhia Portuguesa de Cimentos Brancos HE	Pataias	64	CAT. I	T3, T4
	GTH	Lisboa	580	CAT. I	T2, T3, T4
	António Lourenço & Filhos Lda. HE	Minde	14	CAT. I	T3
Eduardo Trigo de Sousa	Casa dos Pescadores de Peniche HE	Peniche	102	CAT. I	T2, T3
Luís Noronha da Costa	Caima Pulp Company, Limited HE	Constância	70	CAT. I e II	Cat. I: T3a, T3b, T4 Cat. II: T3
Eduardo Trigo de Sousa	José Tomás Henriques Sucrs. Lda HE	Castanheira de Pêra	33	CAT. I	T3
	HE	Costa da Caparica	25	CAT. I	T2, T3
Eduardo Trigo de Sousa	Casa dos Pescadores da Nazaré HE	Nazaré	141	CAT. I	T2, T3
Eduardo Trigo de Sousa	Casa dos Pescadores de Peniche HE	Peniche	224	CAT. I	T2, T3
Eduardo Trigo de Sousa	Companhia de Papel de Porto de Cavaleiros S.A.R.L. HE	Porto de Cavaleiros	30	CAT. I	T3, T4
	HE	Angra do Heroísmo	160		T2, T3, T4
Eduardo Trigo de Sousa, Jorge Gil	GTH	Lisboa	317	CAT. I	T3a, T3
Duarte Cabral de Mello, Eduardo Trigo de Sousa, Jorge Gil	FFH	Amadora	797		Plurifamiliares:T0, T1,- T2,T3,T4,T5; Unifamiliares:T3, T4
Duarte Cabral de Mello	CMS	Setúbal			T2, T3, T4, ...[?]
Jorge Gil, Luís Faro Viana	CMS	Setúbal	256 Construídos		T1, T2, T3, T4
Jorge Gil	FFH	Oliveira do Hospital	92		T1, T3, T4
	CHEqa	Pinhal Novo	100		T3, T4
Luís Faro Viana	CMM	Mértola	24		T3, T4

CPN: Caixa Nacional de Pensões; FFH: Fundo de Fomento da Habitação; CMS: Câmara Municipal de Setúbal; CHEqa: Cooperativa da Habitação Económica da Quinta do Anjo; CMM: Câmara Municipal de Mértola

ANEXO V

Levantamento arquivístico
da obra de habitação social (1960-1982)

1960

CONJUNTO HABITACIONAL EM OLIVAIS-SUL, CÉLULA B*

Vítor Figueiredo e Vasco Lobo



FIGURA 1. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 009814

* Embora todos os desenhos do autor tenham a indicação de Célula C na respetiva legenda, os documentos referentes ao plano a que tivemos acesso legendam a zona de intervenção de Vítor Figueiredo e Vasco Lobo como Célula B.

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ANTEPROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00085

CONSIDERAÇÕES GERAIS

(...) No que respeita ao arranjo urbanístico, salientam-se entre os obstáculos que se depararam ao exercício duma linguagem adequada o retalhamento dos espaços que se procuravam organizar, a natureza do terreno em regra desfavorável a uma ocupação intensiva, o número excessivo de fogos que o programa estabelecia e que os compromissos das zonas limítrofes espartilhavam de forma decisiva. Importa ainda sublinhar, com a importância que o assunto requer, a inviabilidade (por evidentes dificuldades de prazos e faseamentos de trabalho) de uma tarefa coordenada ao nível dos diversos grupos de projectistas participantes e, na sua base, de uma serena colaboração entre estes grupos e o plano sistematizador a que tão profundamente passaram a estar ligados. Estas razões levantam, aliás, problemas de extrema necessidade como o da relação do plano urbanístico com a sua posterior definição arquitectónica e ao qual, no caso presente, parece não ter-se dado ainda a resposta capaz de salvaguardar a importância dos interesses em causa. (...)

Para maior comodidade de exposição, articularemos nas seguintes alíneas aqueles pontos que nos parece de interesse levantar desde já.

1. A existência de unidades de sete pisos junto de bandas contínuas desenvolvidas em quatro pisos criou especiais dificuldades, dada a exiguidade dos espaços atribuídos. Para não comprometer excessivamente as condições de relação entre os diversos edifícios, decidiu-se criar duas grandes unidades de sete pisos que, além de absorverem uma elevada percentagem dos fogos previstos, se desenvolvem linearmente, articulando-se de forma a libertar o máximo espaço para a construção de quatro pisos ou garantir o afastamento desejado em relação a lotes vizinhos. (...)

2. Ao passarmos da distribuição no terreno para a organização do próprio fogo, parece-nos legítimo chamar a atenção para o complexo de razões a que se obriga hoje a concepção de uma casa e para as funções de extrema responsabilidade que as ciências humanas atribuíram a um exercício social como é o da arquitectura.

Não pode ignorar-se já o seu carácter militante. Muito menos é possível ficar de fora quando estão em jogo valores desta importância. A dignificação do espaço habitado é sobretudo uma tarefa de ordenadores (mais do que de estilistas ou de experimentadores de formas) e vem exigindo dos técnicos que nela participam uma atenção e uma actualização constantes.

Os horizontes abertos pelas ciências humanas responsabilizam o urbanismo e a arquitectura perante o facto social que é a vida familiar. Exigem que a habitação seja o instrumento de uma transformação progressiva e profunda dessa mesma vida; que, para além dos pobres lugares onde se come, cozinha ou dorme, ela permita a comunicação ou o isolamento, o trabalho caseiro, as refeições, o recolhimento, o estudo, o recreio, a vigilância, a recepção, a relação com o exterior.

Para que isto seja possível é necessário que se aceite gravemente todo o peso de exigências de espaço, sanidade, equipamento, qualidade e que, uma vez colocado perante programas mínimos ou perante as chamadas soluções económicas, o projectista não esqueça que «a verdadeira economia de construção é a quantidade de coisas boas que se pode proporcionar a determinado preço baixo, sem esquecer que se está a construir para seres humanos, que a relação entre a qualidade e o seu preço é a própria economia e que, ao pôr-se de parte a qualidade do produto, toda a economia é absurda»¹.

Não ignoramos o que se vem acumulando em matéria de soluções condenadas, ao seguir na esteira de uma economia antihumana e o que se vem perdendo por ignorância do que a investigação sociológica e técnica nos oferece para conhecer e resolver a habitação. Não temos dúvidas, porém, de que as exigências de fruição (mesmo quando contrariadas pelas circunstâncias) vêm subindo imparavelmente e que a necessidade de proporcionar uma orgânica adequada à célula familiar - vista nos seus espaços internos ou como escalão com o correspondente equipamento social - não pode por mais tempo deixar de estar presente no espírito de todos os que têm responsabilidades neste sector e, muito particularmente, dos que nele interferem em termos e números colectivos.

Sabemos, por outro lado, como se vem agravando o cociente de habitabilidade de uma cidade como Lisboa onde não existem pura e simplesmente habitações para baixos ou mesmo médios padrões de vida e que a situação é de tal ordem que justificaria soluções de emergência desde que estas fossem encaradas como tais na sua concepção, na qualidade construtiva, na natureza do terreno que ocupam, etc., etc. Acontece porém que o caso presente é bem diverso pois se trata de edificações de imóveis que, a uma escala apreciável caracterizarão futuramente uma das melhores zonas de expansão da cidade e que, para bem ou para mal, constituirão um padrão das possibilidades actuais dos nossos técnicos de arquitectura e urbanismo colaborando com os serviços públicos na renovação e valorização da sua cidade.

1. Aalto - um discurso

Supomos que, aceites as coisas neste plano, não restaria a toda uma hierarquia de técnicos senão uma posição reivindicativa de condições compatíveis com os padrões de fruição agora exigidos e que, para além dos compromissos ou das situações especiais, não lhes será possível alienar a sua quota parte na responsabilidade que todos investimos em operação tão delicada.

3. Para a resolução (...) dos diversos tipos de habitação considerados, cedo se verificou que os seus índices de capacidade familiar, obtidos a partir de uma relação entre a área total usufruída de cada habitação e o número dos seus ocupantes, teriam que oscilar entre o mau e o medíocre das tabelas, constituindo esta situação não mais do que a possibilidade de resposta em área edificável aos limites económicos propostos. (...)

Paralelamente à compressão de áreas teve que aceitar-se um severo critério de sacrifício no que respeita a acabamentos e equipamento, saindo do jogo de ambos a base sobre que nos propusemos disputar máximas condições de habitabilidade, no sentido de que cada casa se comportasse em relação aos seus ocupantes como um complexo lógico de espaços internos, capaz de assegurar o carácter e a função agregadora de certos locais ou até de criar os que vão responder a novas exigências de fruição.

Para corporizar esta intenção, adoptamos para a generalidade dos fogos o critério de atribuir áreas muito reduzidas aos quartos de dormir e simplesmente toleráveis como mal menor; estimadas não a partir de um número abstracto, mas de uma medida de ocupação, aceitando como boa a solução de que viriam a ser equipados com extrema simplicidade e que não haveria problemas de mobiliários existentes ou patrimoniais. (...)

(...) encarou-se corajosamente a resolução das zonas de permanência diurna e de serviço, no sentido de individualizar as diversas funções, encerrando as dependências que lhes correspondem sem prejuízo da sua articulação... e dizemos corajosamente pelo receio que vencemos de que a solução fosse tomada por menos evoluída ou até regressiva no cotejo com uma experiência de espaços fundidos que a bem ou a mal vem sendo feita. (...)

EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO DE 4 PISOS

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO RELATIVA À UNIDADE DE HABITAÇÃO DE 4 PISOS CORRESPONDENTE AO LOTE 42

Arquivo Municipal de Lisboa, Obra: 55110, Processo: 55110, Pl 1967 Folhas 76-83

(...) O edifício (...) é constituído por vinte fogos do tipo dois quartos e vinte fogos do tipo quatro quartos, reunidos em grupos de oito por escada de acesso e distribuídos por quatro pisos incluindo o térreo. Dentro de cada tipo os fogos são fundamentalmente idênticos, verificando-se como únicas excepções o facto de os oito fogos terminais do edifício apresentarem alterações de pormenor no dispositivo destinado à queda dos lixos e disporem de uma abertura suplementar com grade de ferro na zona do estendal da roupa.

O conjunto encontra o terreno a dois níveis, diferindo em cotas o correspondente a um piso, para melhor adaptação às condições naturais.

No que respeita à forma como os fogos se articulam procurou-se – já que não era possível consegui-lo de outro modo, por razões de ordem económica – garantir uma certa contenção e dignificação dos nós de acesso vertical, criando recantos de entrada e protegendo-os sempre que possível dos quadrantes mais desfavoráveis à custa dos próprios volumes da construção. O dispositivo de acesso aos fogos, por seu lado, traduz a preocupação de evitar o face a face do esquerdo direito clássico, desta vez naturalmente agravado pela exiguidade dos espaços a que estamos obrigados.

Na sua concepção interna, a célula habitada, além do n.º de quartos que o programa estabelece e que se procurou situar claramente em relação à entrada e ao resto do fogo, apresenta uma sala com funções de nó central e um conjunto cozinha – local de comer, prolongando-se em varanda exterior. Servindo a zona de quartos e assumindo funções de apoio para local de lavagem de roupa, a instalação sanitária completa um circuito que nos pareceu de grande interesse, não só tendo em vista a laboração doméstica, mas sobretudo procurando uma dimensão que as áreas em causa negariam inequivocamente numa organização corrente. Com o mesmo sentido se atribuiu ao corredor dos quartos uma medida quase confortável, apesar de termos em conta que ela significaria um sacrifício em área para outras funções internas.

A preocupação de que a célula se comportasse como uma casa foi o motivo central da procura realizada, muito embora se confesse o receio de que, em termos de construção, as dimensões impostas pela limitação dos custos o não permitam com o vigor desejado.

A construção projectada reveste um carácter de extrema economia de acabamentos, como pode constatar-se pela leitura do orçamento e respectivo caderno de encargos. Ainda assim, tentou-se de todas as formas conciliar o teor de acabamento com a concepção espacial do projecto, procurando materiais elementares e de conservação simplificada.

Se, interiormente, o critério de acabamentos os reduziu à expressão mais severa, exteriormente, os elementos em jogo não são mais do que o betão descoberto, a caiação sobre reboco e os vãos indispensáveis à iluminação e arejamento das dependências, tendo-se realizado os maiores esforços para garantir aquele mínimo de dignificação arquitectónica que sabemos estar na intenção de todos.

Quanto aos preços adoptados, seguiram-se as normas fornecidas pela Câmara Municipal de Lisboa – Gabinete Técnico da Habitação – e, em caso de dúvidas, obtiveram-se orçamentos em casas da especialidade. Para as instalações de esgotos, águas e electricidade procuraram-se os traçados mais curtos. (...)

Na generalidade dos casos, procurou-se por todas as maneiras uma diminuição do custo inicial a fim de que prevalecessem condições-base de espaço e a possível clareza de funções. Desta forma, salvaguardou-se a hipótese de que sobre a área considerada incidissem no futuro as beneficiações de acabamento e equipamento que a mesma naturalmente requer, sem prejuízo das referidas condições.

Circunstâncias especiais do local destinado à implantação deste edifício e a existência de um arruamento (B2) que, pelos seus perfis, mais as agravou determinaram a criação de uma base de concordância entre o projecto de 40 fogos (...) e o terreno, resolvida por meio de uma banda de pequenas lojas e armazéns com acesso do lado poente. (...)

Para tornar possível o acesso aos pisos de habitação e protegendo as entradas das lojas, projectou-se uma galeria assente sobre pilares, que apoia lateralmente em muros de suporte de terras e a estas liga por meio de um degrau de concordância.

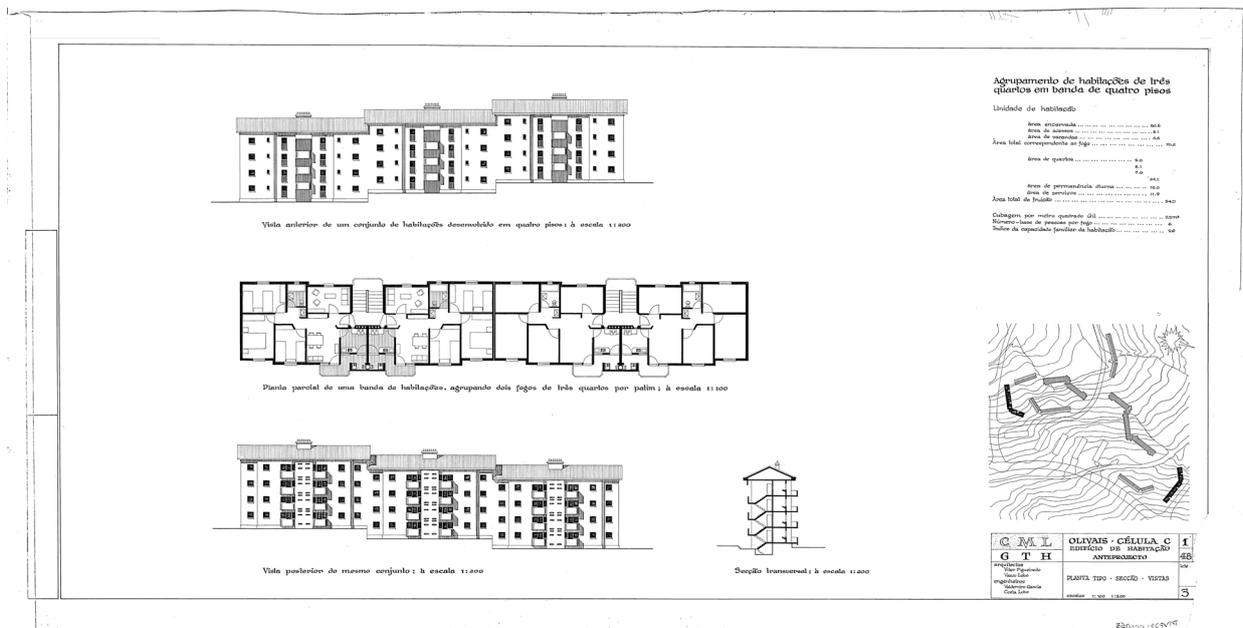


FIGURA 1. Anteprojecto: T3 - planta tipo, secções e vistas
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000063

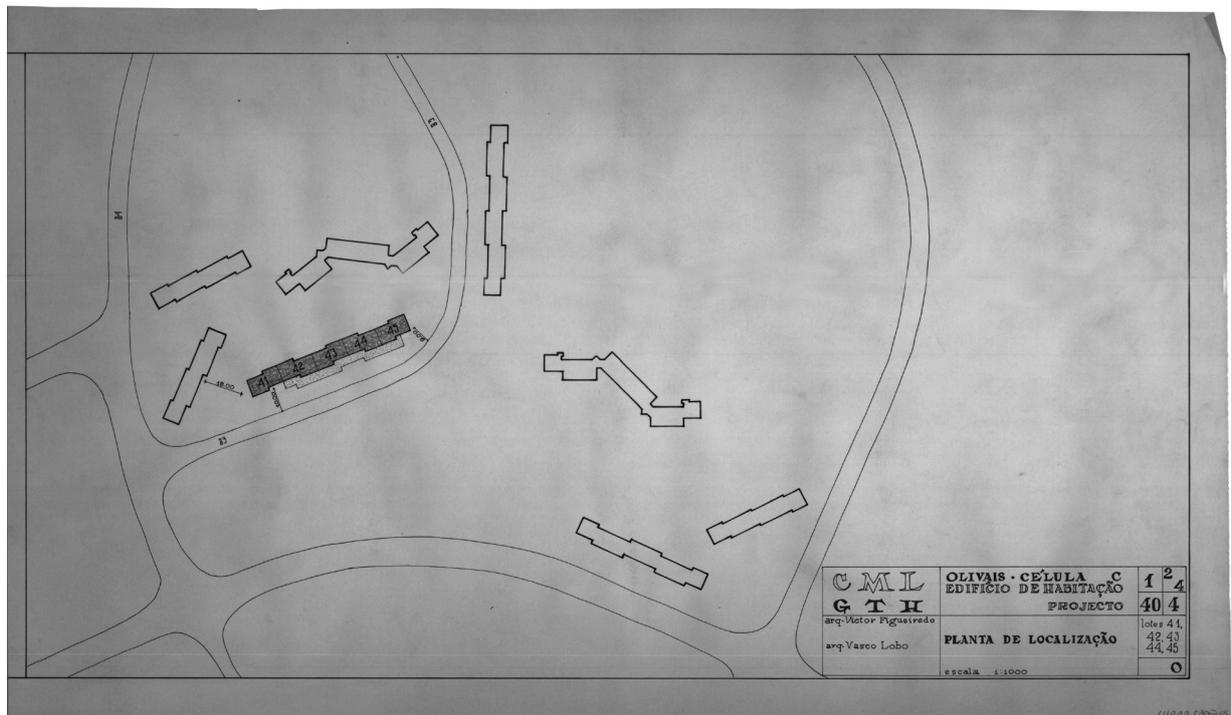


FIGURA 2. Projeto: lotes 41 a 45, planta de localização
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000111



FIGURA 3. Fotografia

João Hermes Cordeiro Goulart, [s.d]

Arquivo Municipal de Lisboa, Olivais Sul, PT/AMLSB/JHG/000003

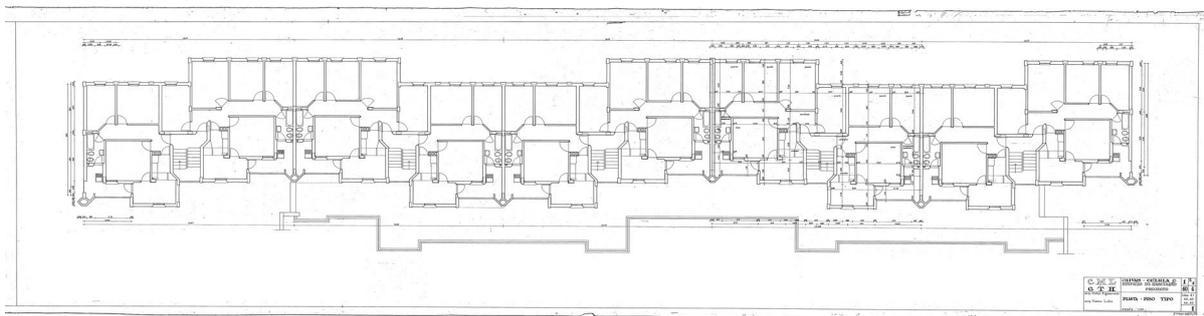


FIGURA 4. Projeto: lotes 41 a 45, planta do piso tipo

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000112



FIGURA 5. Projeto: lotes 41 a 45, alçado principal
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000116

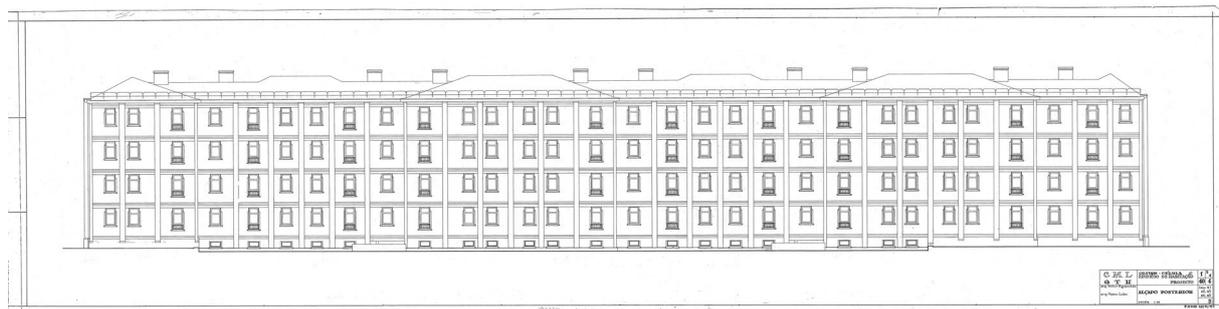


FIGURA 6. Projeto: lotes 41 a 45, alçado posterior
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000117

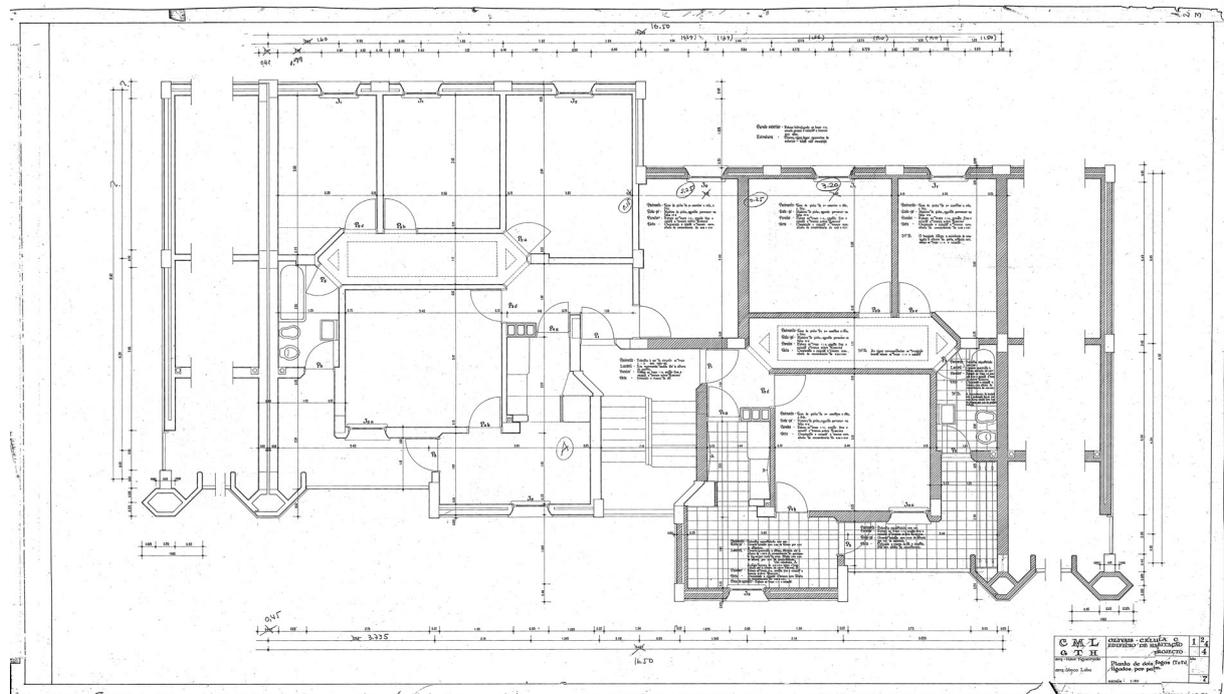


FIGURA 7. Projeto: planta de dois fogos (T2, T4) ligados por patim
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000069

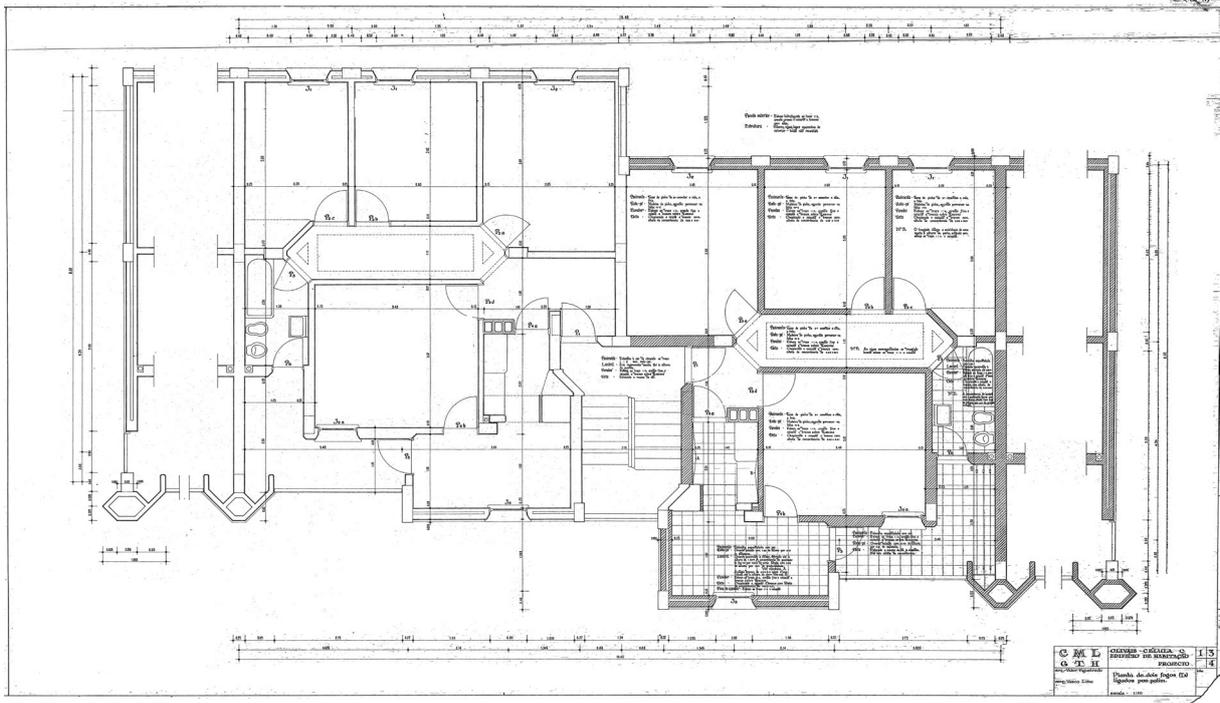


FIGURA 8. Projeto: planta de dois fogos (T3) ligados por patim

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000071

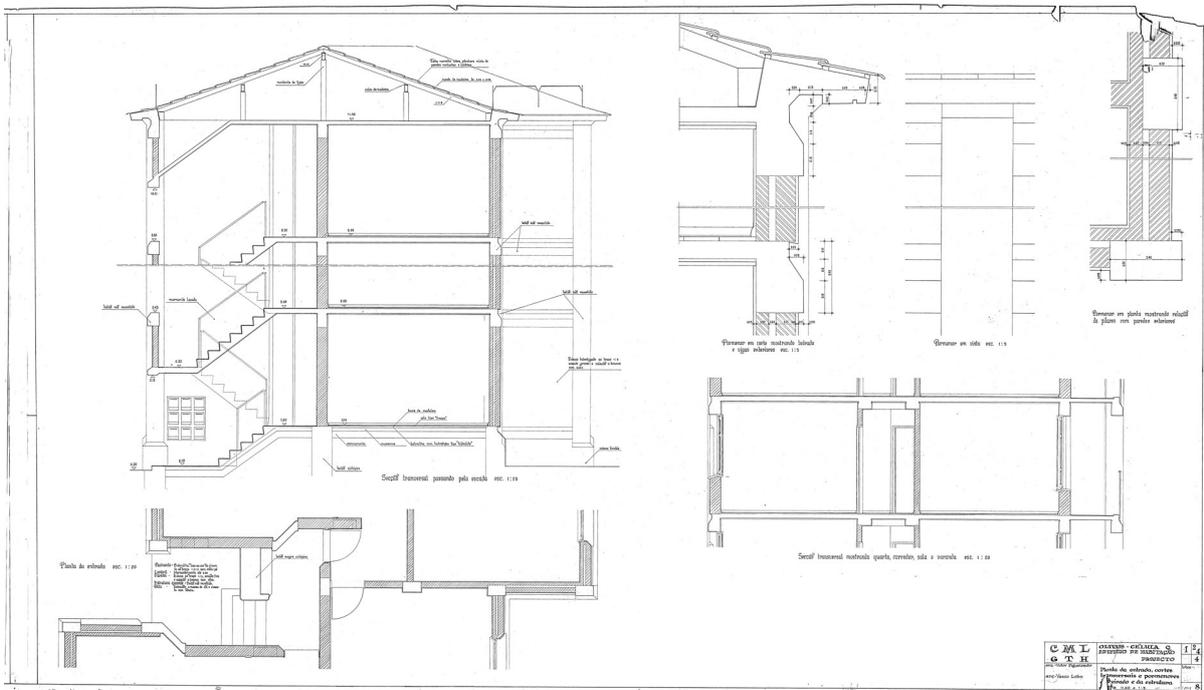


FIGURA 9. Projeto: planta da entrada, cortes transversais e pormenores do beirado e da estrutura

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000070



FIGURA 10. Fotografia

Arnaldo Madureira, 1965

Arquivo Municipal de Lisboa, Célula B em Olivais Sul, PT/AMLSB/ARM/S01107

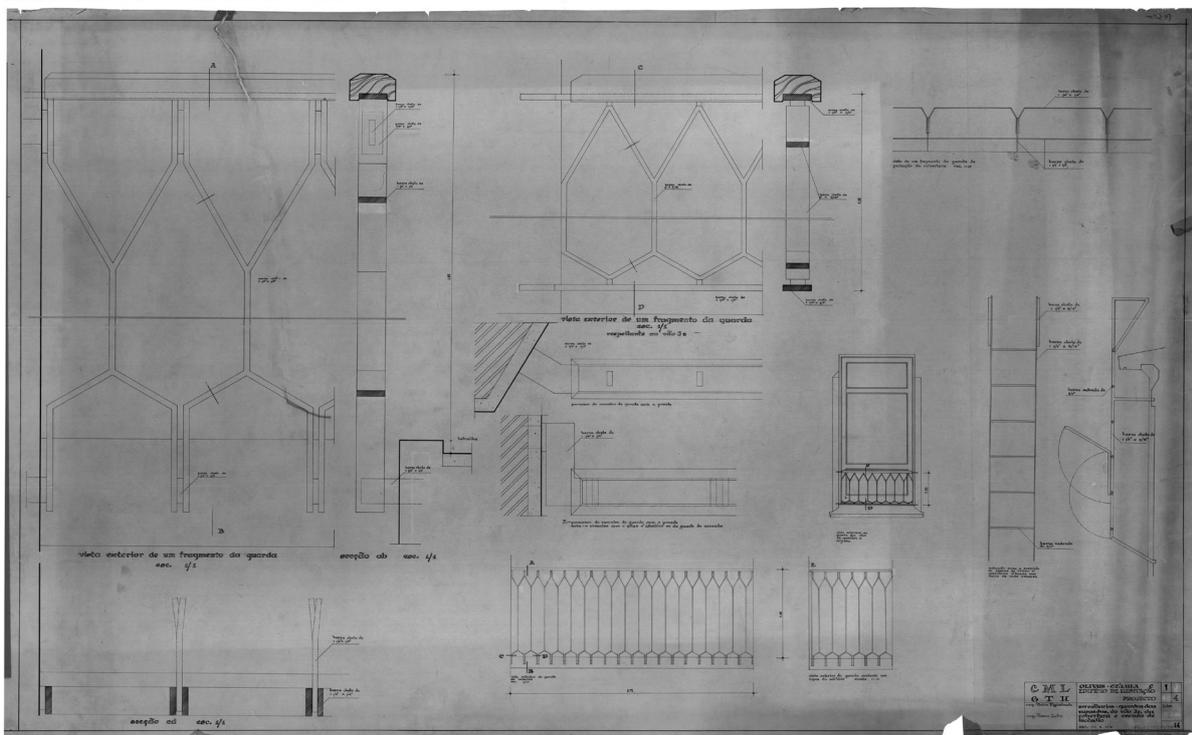


FIGURA 11. Projeto: serralharias – guardas das varandas, do vão J2, da cobertura e escada de incêndio

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000076



FIGURA 12. Fotografia

João Hermes Cordeiro Goulart, 1966

Arquivo Municipal de Lisboa, Olivais Sul, PT/AMLSB/JHG/000015

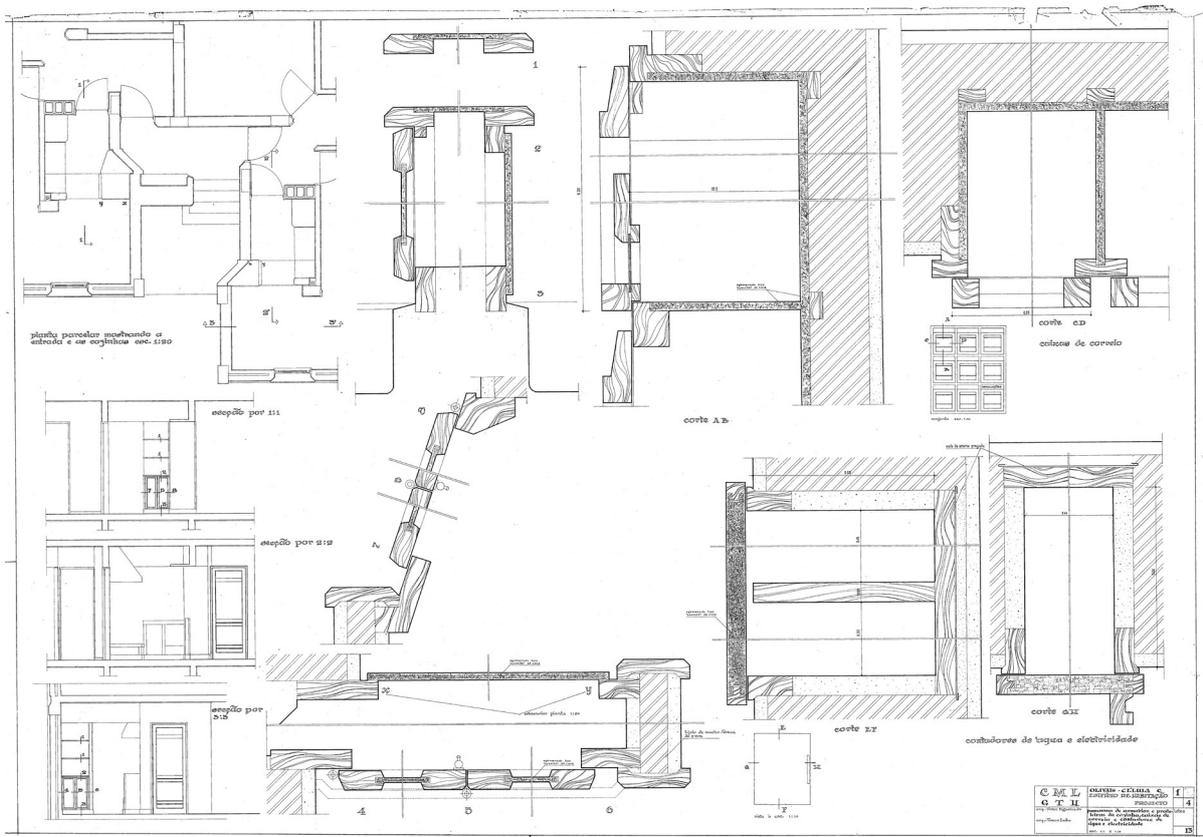


FIGURA 13. Projeto: pormenores de armários e prateleiras da cozinha, caixas de correio, contadores de água e electricidade

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 004118

EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO DE 7 PISOS

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO RELATIVA A UMA UNIDADE DE HABITAÇÃO DE 7 PISOS

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00086

(...) O edifício correspondente ao presente projecto é constituído por vinte e oito fogos do tipo dois quartos, vinte e oito do tipo três quartos e quatorze do tipo quatro quartos, distribuídos em sete pisos e em três corpos que se articulam pelos nós de acesso vertical.

Dentro de cada tipo, os fogos são substancialmente idênticos, muito embora se apresentem, por razões de agrupamento, dispostos simetricamente em relação ao centro do edifício e nas suas duas metades. Assim, dentro de um andartipo, podemos ver que os fogos T3B e T3C são simétricos entre si, o mesmo acontecendo aos fogos T4A e T4B, T3A e T3E, T2A e T2E, T2B e T2C, respectivamente.

Por seu lado, as diferentes cotas de pavimento atribuídas a cada um dos três corpos para uma mais favorável adaptação ao terreno – deram origem a pequenas diferenciações nos fogos vizinhos dos nós de acesso, todos eles do tipo dois quartos, diferenciações que, entretanto, não alteraram as quantidades e os espaços internos e entre os quais só merece ser referida a inexistência nos casos T2A e T2C de uma janela aberta sobre a despensa. Esta janela existe somente, aliás, nos fogos T2B, T2E, T4A e T4B.

No que respeita à forma como as diversas células de habitação se encontram agrupadas, logo vemos que esta é uma consequência directa da rua aérea que as liga entre si e aos acessos verticais e, logo depois, de extrema economia a que, na concepção destes acessos, nos vimos obrigados. De qualquer modo – e já que não era possível consegui-lo de outro modo, por razões de ordem económica – procurou garantir-se a máxima dignificação destes nós (dada a importância que assumem num edifício de presença indiscutível pela altura e extensão que se lhe atribuiu) criando-lhes condições favoráveis à custa dos próprios volumes da construção.

O dispositivo de acesso aos fogos traduz idêntica preocupação e, bem assim, a procura de perspectivas e fugas, a recusa de grandes enfiamentos e o deslocamento dos fogos T4A e T4B em relação aos fogos vizinhos, favorecendo simultaneamente a posição relativa das diferentes peças e a dignificação do conjunto arquitectónico.

Na sua concepção interna e partindo do fogo T3, que pode ser considerado a unidade base, vemos que, para além dos três quartos que o programa estabelece e que se procurou situar claramente em relação à entrada e ao resto da célula, existem uma sala, bastante aberta sobre o fogo, uma cozinha com local de comer e um vestíbulo que funciona não só como ligação ou (tampão) da galeria mas também como espaço de apoio para um interior por demais carecido de áreas e até de cubagens.

Pode, talvez, observar-se que a existência deste vestíbulo impõe um maior sacrifício em área às funções internas; quanto a nós ela pode significar uma dimensão e um sentido de casa que doutro modo e dentro das áreas permitidas estaria normalmente comprometido. A preocupação de que esta unidade de habitação se comportasse como uma casa foi o motivo central da procura realizada, muito embora confessemos o receio de que, em termos de construção, as dimensões impostas pela limitação dos custos o não permitam com o vigor desejado.

A célula de dois quartos (T2) foi conseguida pela supressão de um dos quartos, uma vez que se considerou praticamente mínimo o programa do T3 e de pouco interesse económico qualquer redução de área com que se pudesse afectá-lo.

Quanto ao tipo quatro quartos (T4) vemos que se comporta como um super-T3. O último quarto conserva uma situação especial que o aproxima (sem o identificar) com a sala do T3, enquanto que o espaço do antigo vestíbulo (T3) evoluiu no sentido de se tornar o nó central do fogo. Subsistiu o local de comer na cozinha e acrescentou-se um espaço exterior em varanda.

Em todos os tipos referidos existem arrecadações com carácter de dispensa (dada a exiguidade e a falta de equipamento da cozinha) e local para lavagem e estendal de roupa acessível do interior do fogo e protegido da galeria por um murete de tijolo.

Junto de cada escada existe um ascensor com capacidade para 6 pessoas, uma pequena dependência com dispositivo para evacuação de lixo, por queda e, em cave, instalações para a retirada deste com rampas de acesso para o terreno normalizado. O maquinismo próprio dos ascensores será colocado superiormente, conforme se indica no projecto, fazendo-se os obrigatórios acessos ao telhado através da dependência dos lixos e da cabine dos ascensores.

A construção projectada reveste um carácter de extrema economia de acabamentos, como pode constatar-se pela leitura do orçamento e respectivo caderno de encargos. Ainda assim tentou-se de todas as formas conciliar o teor de acabamento com a concepção espacial do projecto, procurando materiais elementares e de conservação simplificada.

Se interiormente, o critério de acabamentos os reduziu à expressão mais severa, exteriormente os elementos em jogo não são mais do que o betão descobrado, a caiacção sobre reboco e os vãos indispensáveis à iluminação e arejamento das dependências, tendo-se realizado os maiores esforços para garantir aquele mínimo de dignidade e definição arquitectónica que sabemos estar na intenção de todos.

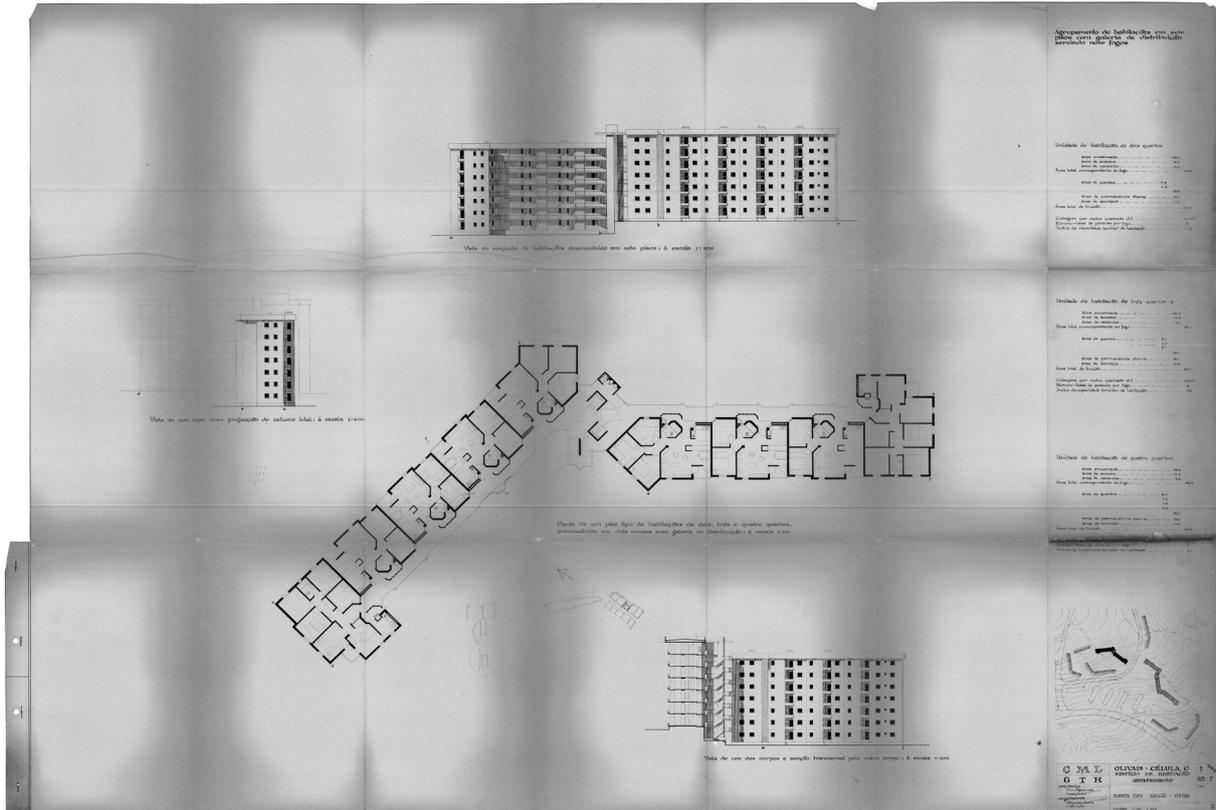


FIGURA 1. Anteprojeto: planta tipo, secção e vistas
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF DES 04635

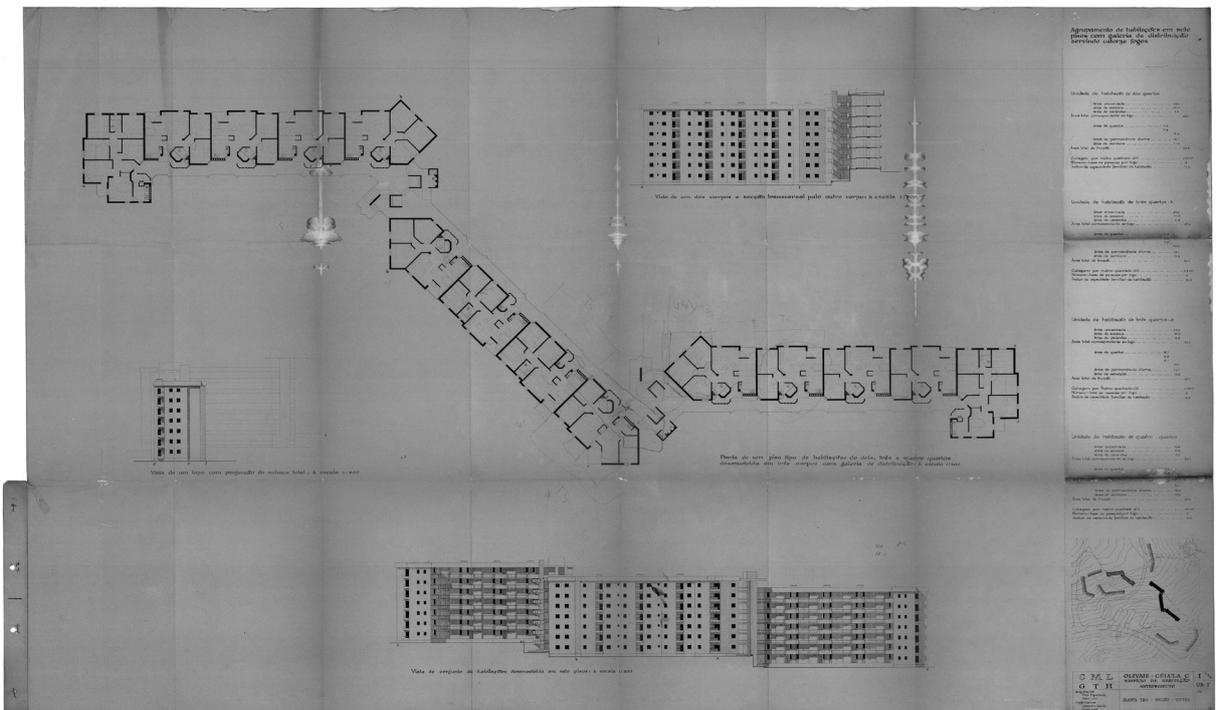


FIGURA 2. Anteprojeto: planta tipo, secção e vistas
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 04636

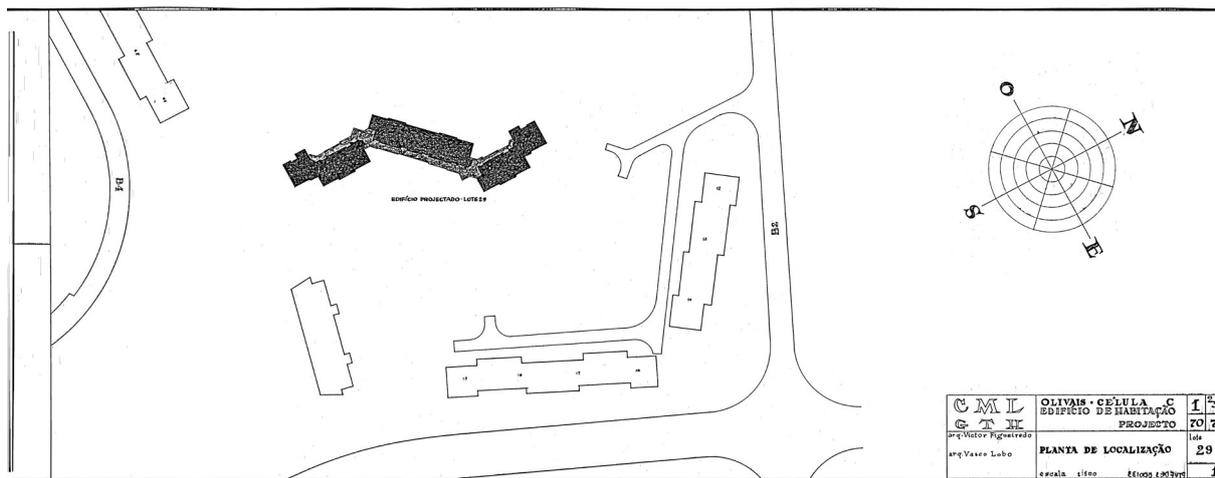


FIGURA 3. Projeto: lote 29, planta de localização
Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000133



FIGURA 4. Vasco Gouveia de Figueiredo, 1968
Arquivo Municipal de Lisboa, Rua B4, PT/AMLSB/VGF/S01257

CONJUNTO HABITACIONAL EM OLIVAIS-SUL, CÉLULA B

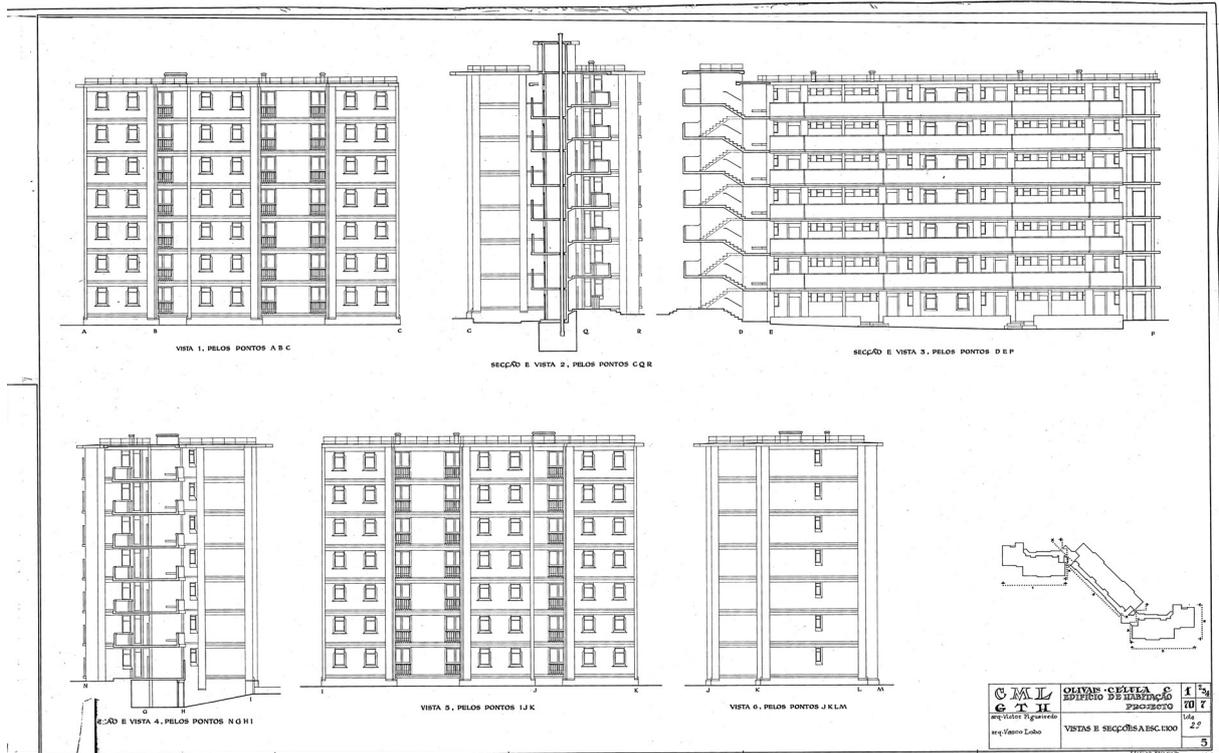


FIGURA 5. Projeto: lote 29, vistas e secções
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000122

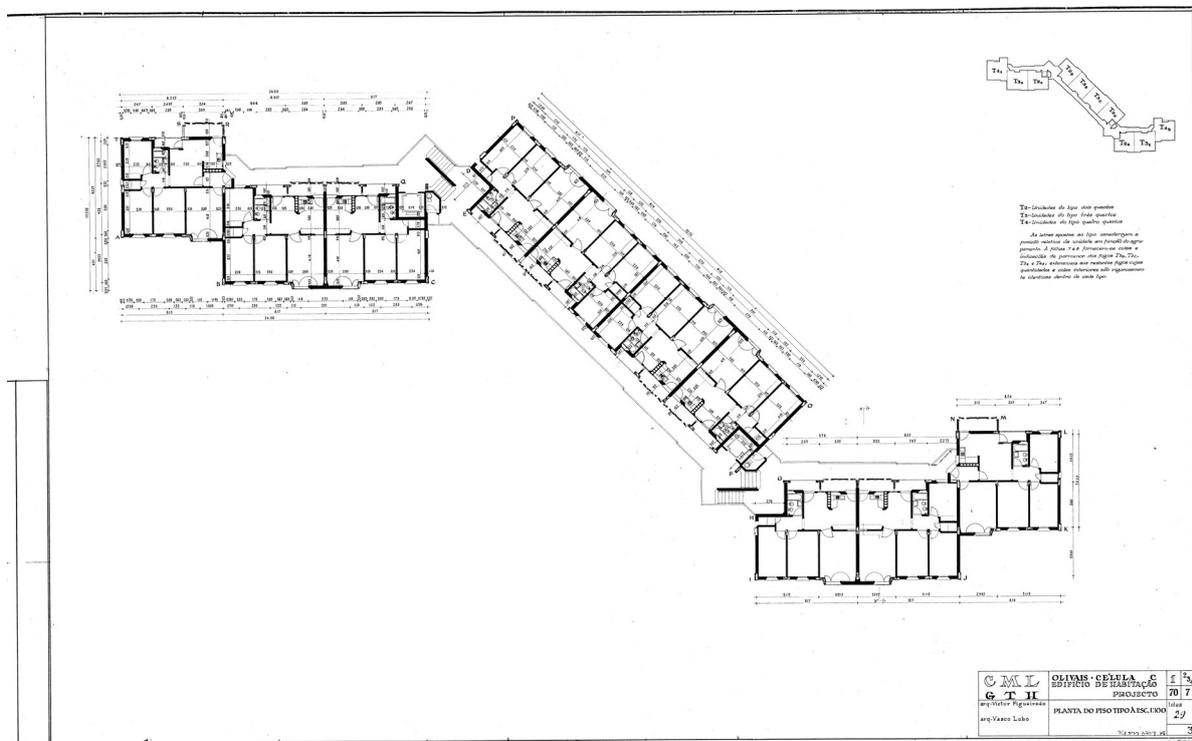


FIGURA 6. Projeto: lote 29, planta do piso tipo
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000135

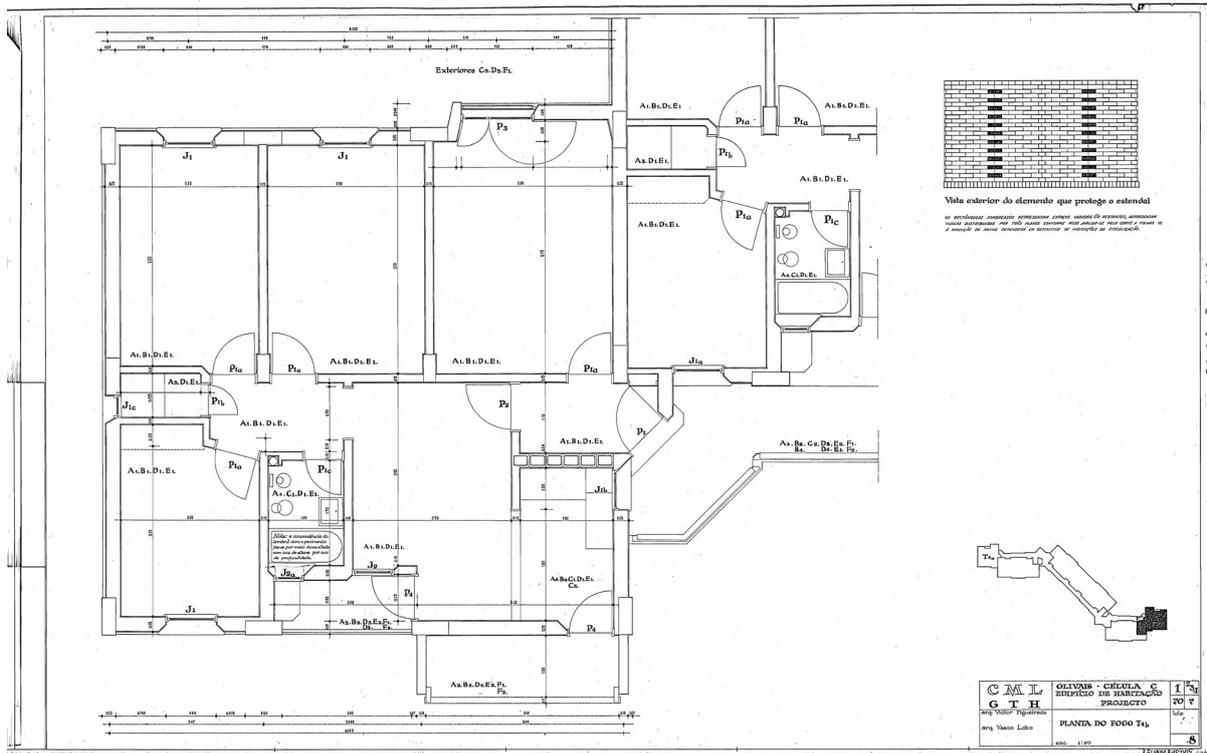


FIGURA 7. Projeto: lote 29, planta do fogo T4B
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000125



FIGURA 8. Fotografia
Vasco Gouveia de Figueiredo, 1968
Arquivo Municipal de Lisboa, Rua B4, PT/AMLSB/VGF/S01258

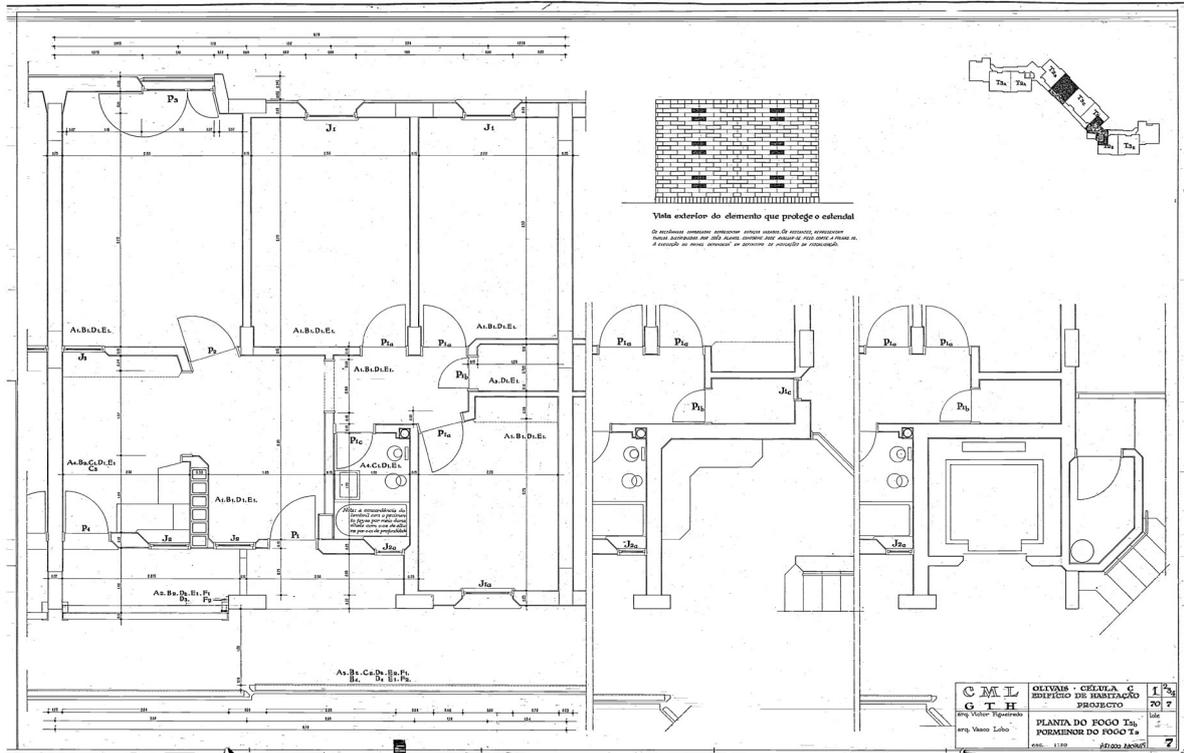


FIGURA 9. Projeto: lote 29, planta do fogo T3B, pormenor do fogo T2

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000124

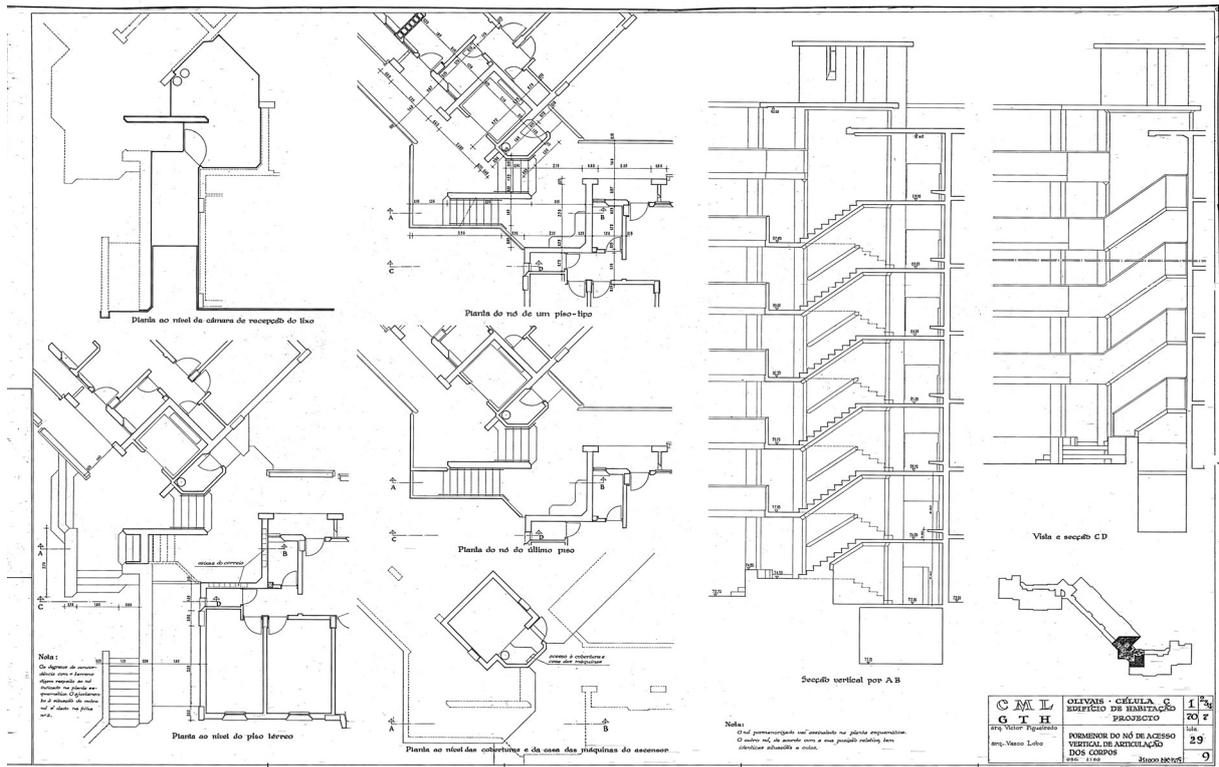


FIGURA 10. Projeto: lote 29, pormenor do nó de acesso vertical de articulação dos corpos
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000126



FIGURA 11. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 009791

1961

CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE

Vítor Figueiredo



FIGURA 1. Anteprojeto: planta de implantação e vistas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000812

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ANTEPROJETO (1)

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00050

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO (2)

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00049

A realização de programas habitacionais destinados a grupos sociais de baixos recursos económicos põe problemas de extrema gravidade sempre que se pretende consegui-la pelo sacrifício de condições que cada vez mais se afiguram decisivas no processamento da vida familiar e social.

Como é esta via de sacrifício que vai ao encontro de uma mais fácil reintegração dos capitais investidos, frequentemente se prepara ao projectista a ingrata situação de – sabendo que está a fazê-lo – negar essas condições (ou aquelas que podem considerar-se mínimas) às soluções urbanísticas, à organização espacial dos fogos e à definição arquitectónica que propõe.

No caso concreto que acompanha esta memória descritiva, mais uma vez se verificou tal estado de coisas, sacrificando-se, no plano urbanístico, a criação de um verdadeiro escalão a uma distribuição mais ou menos habilidosa de um dado número de fogos por uma área dada; no plano arquitectónico, aproximando as condições de habitabilidade de um nível crítico, conforme se depreende da simples observação dos índices de capacidade familiar correspondentes a cada um dos fogos-tipo propostos.

Deixando as considerações sobre o primeiro destes casos para o capítulo dedicado ao arranjo urbanístico, parece legítimo chamar-se imediatamente a atenção para o que deve considerar-se comprometido na resolução desses fogos, relativamente a possibilidades de uma vida evolutiva para os seus ocupantes; muito embora tenhamos tentado o que estava ao nosso alcance, no intuito de compensar a insuficiência das áreas que o limite de custos estabelecido para cada célula nos impunha. O problema pode, aliás, ser abordado sumariamente, tanto pelo lado do custo como pelo das áreas.

Se nos detivermos na verba contractual de 38 000\$00, logo parecerá óbvio que ela não pode cobrir (como se pretende) as normais exigências de uma habitação de três quartos de dormir, sintetizadas naquele número de funções gerais e actividades acessórias que ao arquitecto compete encarar na resolução de uma célula familiar. Assim expresso, este juízo afigurar-se-à justamente apriorístico mas não duvidamos que o consenso geral o sanciona e que as experiências, de facto materializadas, o confirmam.

Parecem-nos constituir sólido exemplo e fácil termo de comparação as habitações do tipo três quartos que a Câmara Municipal do Porto efectiva e exaustivamente

construiu por preços que variam entre os 33 000\$00 e os 37 000\$00 com uma evidente economia de acabamentos e um volume de construção favorável ao abaixamento dos custos de adjudicação. Acontece, porém, que essas habitações se afastam abertamente de soluções que permitam formas de vida evolutiva e põem em causa toda aquela gama de funções vitais pelo que – terá de reconhecer-se – não constituem a resposta aos problemas sociais e humanos a que em princípio se propunham.

Outros exemplos poderiam ser tomados; quer em soluções de características urbanas, onde a possibilidade de rendas baixas é invariavelmente preparada redução dos investimentos; quer em soluções rurais – agrícolas ou não – realizadas em séries representativas e onde, nos casos que conhecemos e para o tipo três quartos se excedem sistematicamente os 50 000\$00. Lembre-se ainda que no Sul da Itália, em zonas onde o custo dos salários e dos materiais da construção civil anda muito próximo dos nossos, a Reforma prevê um preço médio de 100 000\$00 para uma habitação do tipo referido, sem quaisquer outros anexos.

Se pensarmos em termos de área, basta-nos-à comparar os números de compromisso a que chegou a Commission du Logement Familial de L' Union International des Organismes Familiaux reunida em Colónia em 1957 (com a presença de muitos países, entre os quais Portugal) com os números de estimativa a que nos foi forçoso chegar, partindo dos custos por metro quadrado preconizados. (...)

A preservação e a renovação dos valores familiares, tais como os ponderam e recomendam à nossa atenção os sociólogos, só poderão ser efectivamente considerados pelos projectistas quando se aceite todo o peso de exigências de espaço, sanidade e equipamento e se não enverede pelo caminho de uma economia absurda – construída sobre uma negação da própria qualidade – susceptível de alienar o melhor que o urbanismo e a arquitectura podem oferecer para o bem estar e a evolução social dos escalões humanos das famílias, dos indivíduos.

(...) [Os] programas habitacionais, para além da urgência e da dificuldade económica que trazem consigo, necessitam ser encarados num plano realista, onde se considerem, a par do custo do fogo e dos processos de financiamento e reintegração de verbas, a sua importância social, a sua vida ao serviço de uma população que certamente evoluirá, tendendo para padrões de vida mais conformes com a época que passa. O contrário estaria certo em soluções de emergência, que, nesse caso, deveriam ser aceites com todas as suas implicações e consequências. (1)

I. ARRANJO URBANÍSTICO

Na sequência de um Ante-Projecto onde se estabelecera, como principais linhas de estrutura urbanística, a existência de duas alturas de construção, a definição de espaços de fruição colectiva preservados de um eventual trânsito automóvel e a organização do terreno sobrance em logradouros individuais, foi elaborado o presente Projecto, onde, antes de mais, se pretendeu salvaguardar idênticas condições de base.

Por razões de ordem económica ou decorrentes do estudo entretanto realizado, procurou-se nesta fase final reduzir ao mínimo desejável as circulações, aumentar o número de fogos mantendo a área organizada em ante-projecto, concentrar as baterias de logradouros e disciplinar a relação das alturas de construção, visando simultaneamente o menor movimento de terras necessário a implantações e acessos.

1. A distribuição, no terreno, dos diferentes edifícios de habitação, além de procurar responder a determinantes de orientação e topografia, foi conduzida no sentido de através deles, se definirem os referidos espaços como instrumentos de distribuição, convívio, repouso, recreio infantil, etc. Desta forma, foram criados quatro locais de interesse generalizado, modelando pequenos escalões de duas a três dezenas de famílias; suficientemente caracterizados de maneira a não constituírem repetição de situações, mas francamente vinculados por um amplo espaço central e por um esquema viário extremamente simplificado.

Nas suas linhas gerais, o problema a que se responde é o da distribuição de 100 fogos de 2, 3 e 4 quartos num terreno limitado por duas vias, C e B, (a primeira existente e a segunda projectada) e por uma barreira de habitações geminadas de um só piso; muito embora (...) devesse proceder-se ulteriormente a um estudo de conjunto, compreendendo as construções agora previstas e as existentes que lhe ficam juntas, visto que umas e outras ficarão ligadas a um espaço bem marcado entre as vias A, B e C de evidente importância no plano geral da vila.

2. A rede de acessos estabelecida limita a circulação automóvel a três curtos ramais que ligam o já referido espaço central às vias C e B e a uma praceta localizada na parte já construída. Trata-se (...) de vias pouco propícias ao trânsito rápido pela natureza dos seus traçados e perfis, providas de locais de estacionamento e realizando acesso cómodo aos espaços distribuidores. Drenando o conjunto e preservando estes espaços que se quiseram ao abrigo de qualquer trânsito – muito embora acessíveis em termos de emergência – o sistema de acessos é completado por trilhas de peões simplesmente ensaibradas que conduzem aos logradouros e ligam ainda a parte projectada à parte construída.

3. Os logradouros considerados têm uma área média de 70 m² e, no caso da banda de um só piso, estão estreitamente ligados ao fogo, dispondo de acessos anterior e posterior. Os logradouros correspondentes à banda de dois pisos foram colocados quanto possível próximo do fogo a que pertencem ou do nó que mais directamente o serve. De qualquer modo, constituirão unidades perfeitamente independentes, vedadas, acessíveis do exterior e sem atravessamentos entre si, dispondo de um telheiro coberto, susceptível de adaptação a diversos fins.

4. No que diz respeito aos espaços interpostos às construções, destinados, conforme se disse, à fruição colectiva e sobretudo ao recreio e aos jogos infantis, preconiza-se a sua valorização por meio de vegetação e equipamento adequados, nada impedindo que, na medida do possível se mantenham próximos do terreno natural, respondendo por meio de pequenos taludes ou muretes de contenção de terras aos problemas postos pelas construções envolventes.

II. OS EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

1. Dividem-se em dois grupos principais os conjuntos de fogos apresentados neste projecto:

- agrupamentos, em banda de um piso, de fogos do tipo três quartos;
- agrupamentos, em banda de dois pisos, de fogos dos tipos dois, três e quatro quartos.

No primeiro caso, trata-se de bandas de quatro, cinco ou seis fogos T3, articulados em dente de serra, de maneira a proteger as entradas e a favorecer a intimidade das zonas de trabalho e permanência.

No segundo caso, trata-se de agrupamentos de habitações dos três tipos referidos (T2, T3 e T4) em corpos de dois pisos que se articulam pelos nós de acesso vertical, formando quatro conjuntos independentes e diferenciados. Atingem-se os fogos através de uma galeria a que se procurou oferecer sempre uma boa orientação. Voltada para as zonas de maior permanência, ela fomentará o conhecimento e o convívio pessoais ao nível do edifício e do pequeno escalão, tornando-se decidido elemento de vitalização social.

A frequência dos diversos tipos de células de habitação varia nas bandas de dois pisos conforme as conveniências de cada agrupamento pelo que estes se apresentam algo diferenciados entre si. É possível fixar, como regra, que, em cada conjunto, os fogos de topo são sempre T4 e que os tipos de associação previstos são, conforme os casos T2-T3 e T2-T4. (...)

2. Tal como se previra, em termos de ante-projecto, resultam baixíssimos os índices de capacidade por habi-

tação obtidos a partir de uma relação entre a área fruível de cada célula e o seu presumível número de ocupantes. É claro que esta situação não é mais do que a possível resposta, em área atribuída por unidade, aos limites de custo que o contrato estabelece, não chegando a fazer-se sentir nos mesmos índices o ligeiro aumento na profundidade dos fogos, preconizado no parecer que os aprovava em ante-projecto e agora introduzido. Simultaneamente com a compressão das áreas, teve de aceitar-se, para não exceder os custos pré-estabelecidos, um severo critério no que respeita a acabamentos e equipamento-base.

À organização dos fogos e ao rigor das suas funções fomos em última análise pedir as garantias de habitabilidade, tendo-se procurado porfiadamente uma sensível diminuição do custo inicial, a fim de que prevalecessem condições básicas de espaço e funcionamento. Desta forma, salvaguardou-se a hipótese de que, sobre as áreas agora oferecidas, incidam no futuro as beneficiações de acabamento e equipamento que naturalmente requerem.

3. No que respeita, propriamente, à concepção dos fogos, impõe-se fazer desde logo uma distinção entre os que se desenvolvem em dois pisos ou num só. Enquanto que nos primeiros a presença da galeria (e consequentemente de um tipo de solução, de uma orientação, etc.) solicita as entradas e as zonas de trabalho e permanência diurna; nos segundos, a preocupação de não criar traseiras e zonas mortas e a possibilidade de dotar cada fogo com a sua entrada de serviço, deram origem a que se estabelecesse um eixo de comunicação com o exterior e que as zonas de vida se prolongassem para um e outro lado, através do logradouro privado.

Nos fogos de galeria – e partindo do T3 que deve considerar-se a unidade directriz – vemos que, para além do número de quartos que o programa estabelece – e que se procurou situar claramente em relação à entrada e ao resto do fogo – existem uma sala sensivelmente aberta sobre um espaço de apoio e distribuição; uma cozinha com local de comer integrado e, em anexo, lava-roupa e estendal, e a referida peça de apoio funcionando em relação à cozinha, à sala, ao vestíbulo de entrada e de uma maneira geral em relação a um interior por demais carecido de áreas e até de cubagens. A existência deste vestíbulo – a despeito do sacrifício que representa para outras funções internas pretende significar uma dimensão e um sentido de casa, difícil de defender numa solução concentrada quando se trabalha com áreas tão diminutas.

Esta preocupação foi, no presente projecto de habitação económica, mais uma vez o motivo central da procura realizada, muito embora se manifeste desde já o receio de

que os resultados finais venham confirmar a dificuldade de se conseguir uma solução harmoniosa e adequada à vida familiar dentro dos limites económicos propostos.

(...) a construção projectada reveste-se de extrema economia de acabamentos, tanto interior como exteriormente.

Entretanto, tudo se tentou para salvaguardar a dignificação deste conjunto e a concepção espacial de cada unidade, trabalhando materiais elementares, económicos, bem conhecidos e de conservação simplificada. (...) (2)

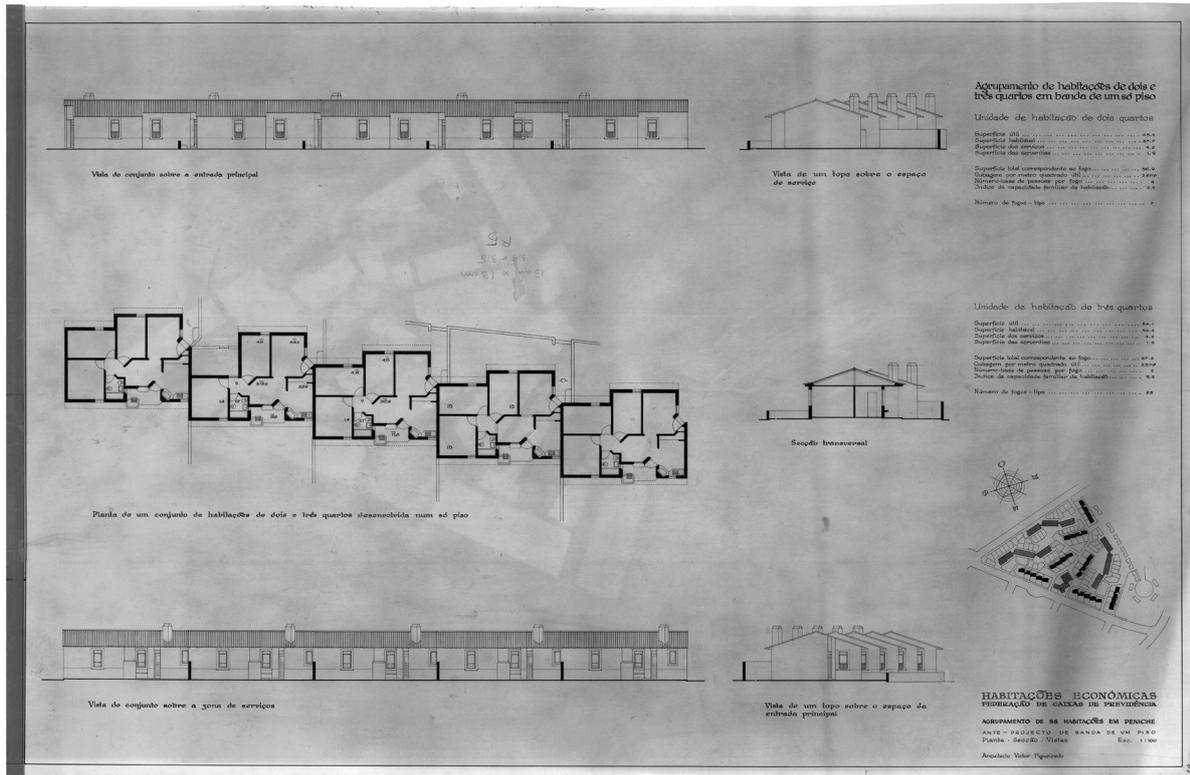


FIGURA 2. Anteprojeto: banda de 1 piso - planta, secção e vistas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000814

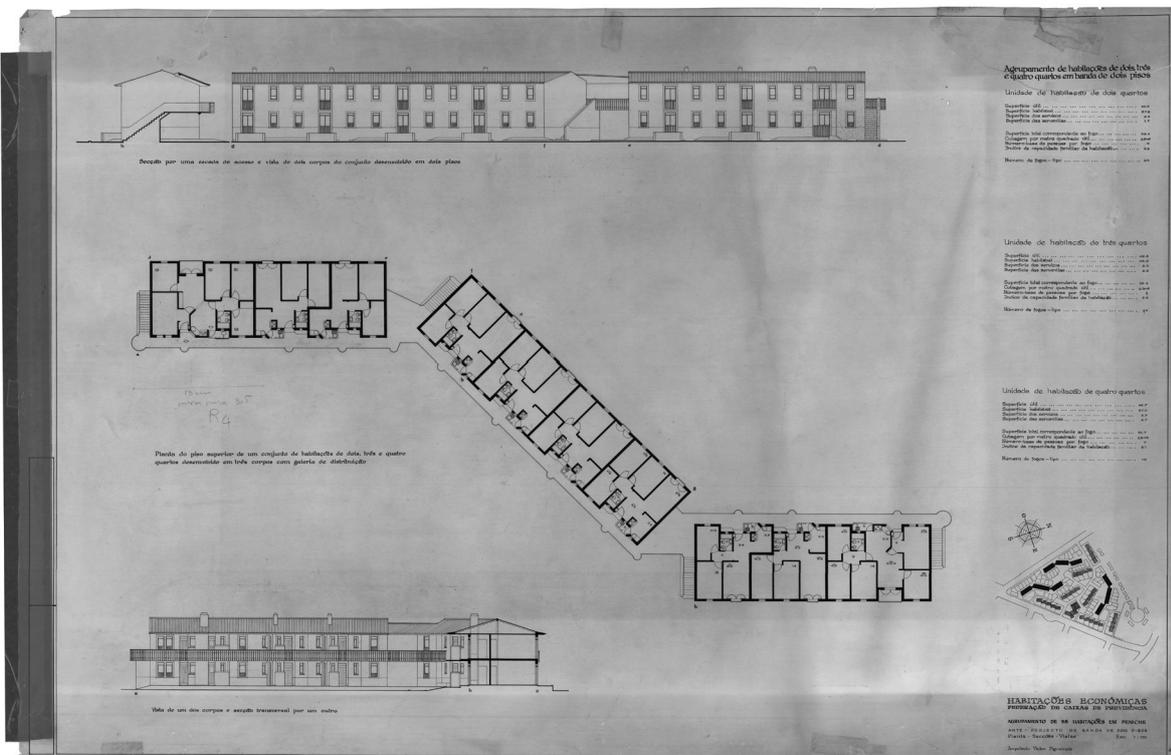


FIGURA 3. Anteprojeto: banda de 2 pisos - planta, secção e vistas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000815

CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE

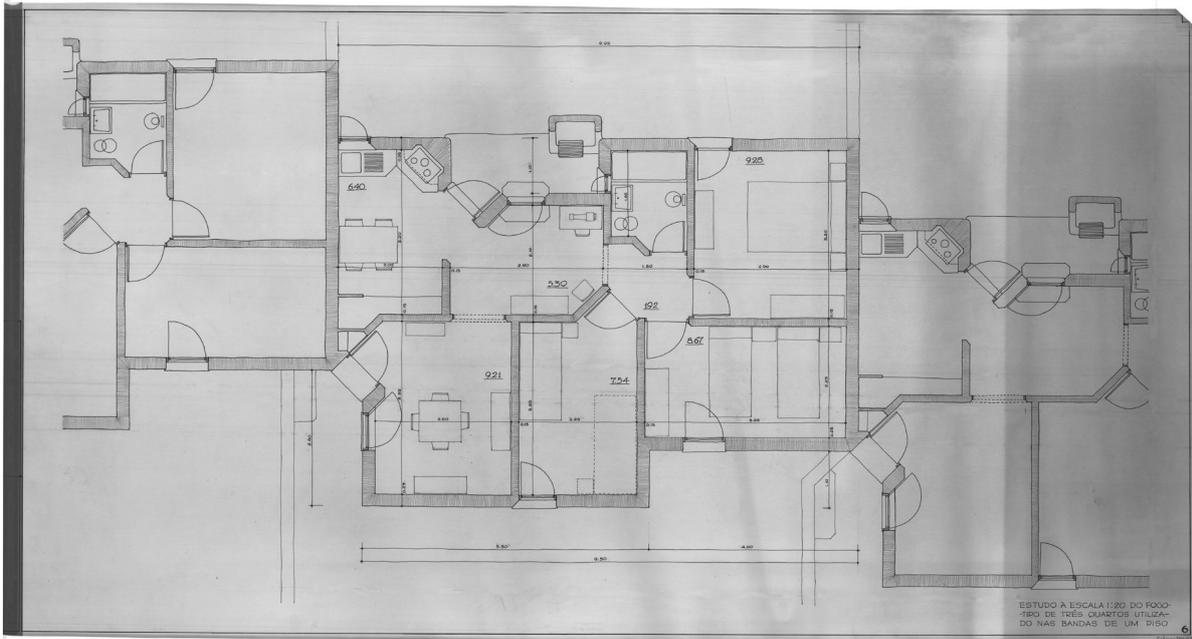


FIGURA 4. Anteprojeto: banda de 1 piso - planta do T3

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000817

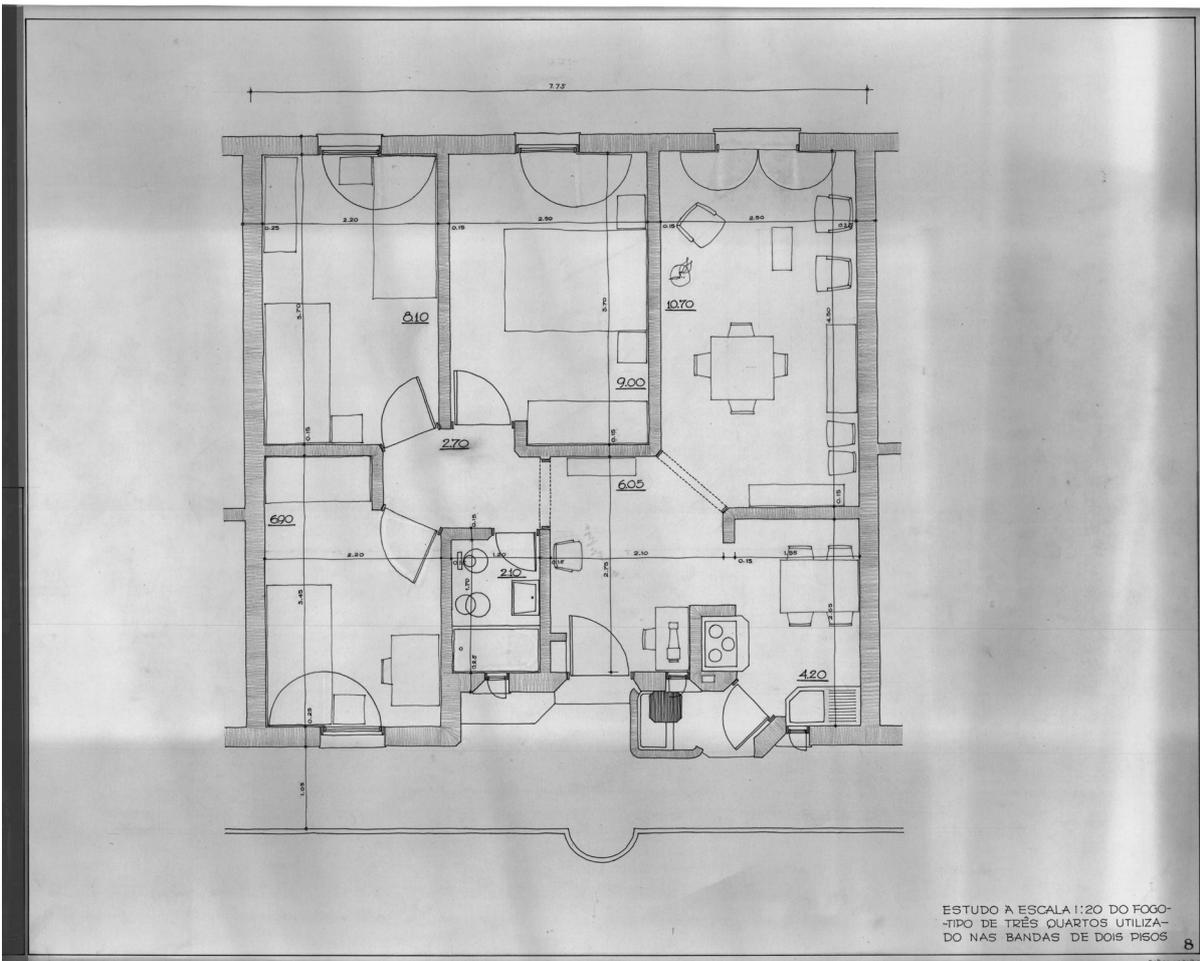


FIGURA 5. Anteprojeto: banda de 2 pisos - planta do T3

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000819

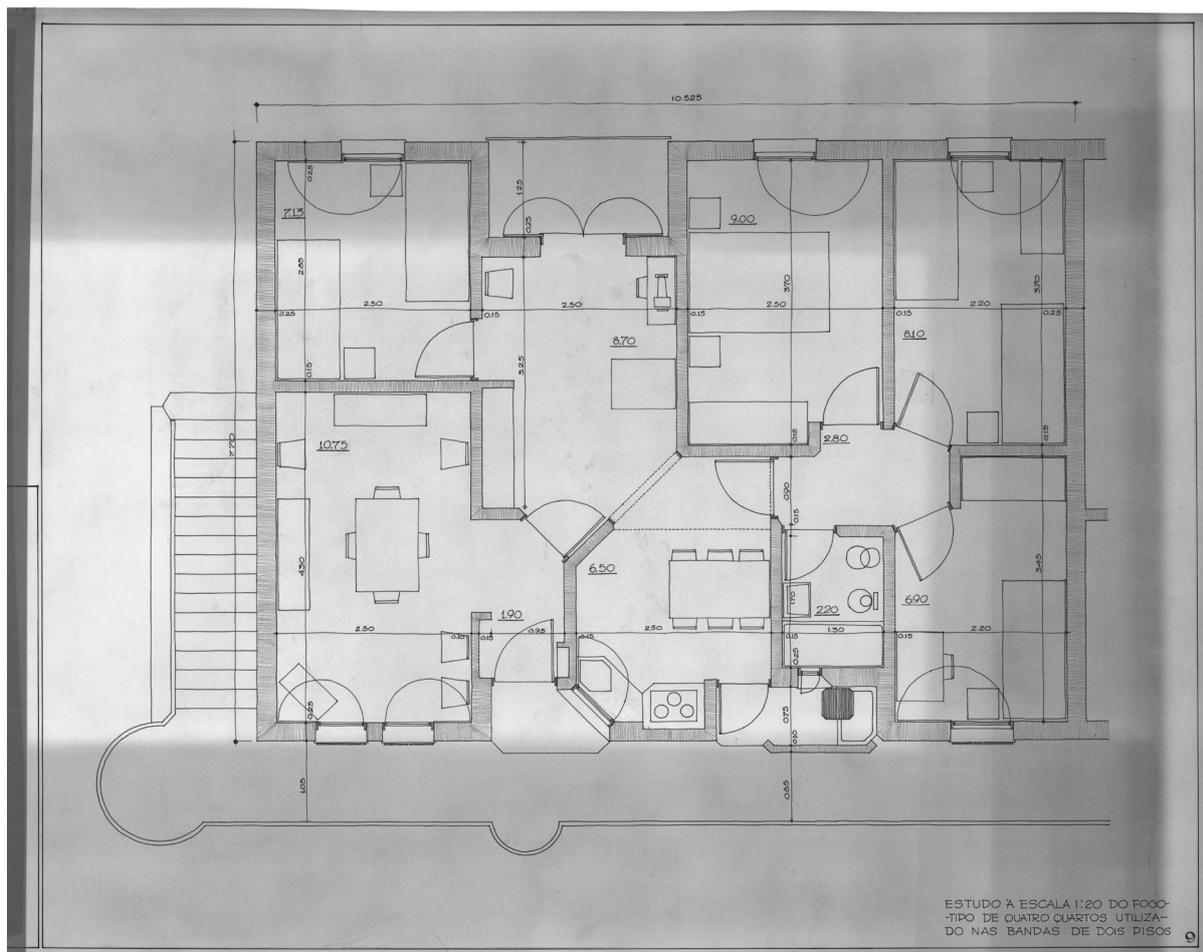


FIGURA 6. Anteprojeto: banda de 2 pisos - planta do T4

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000820

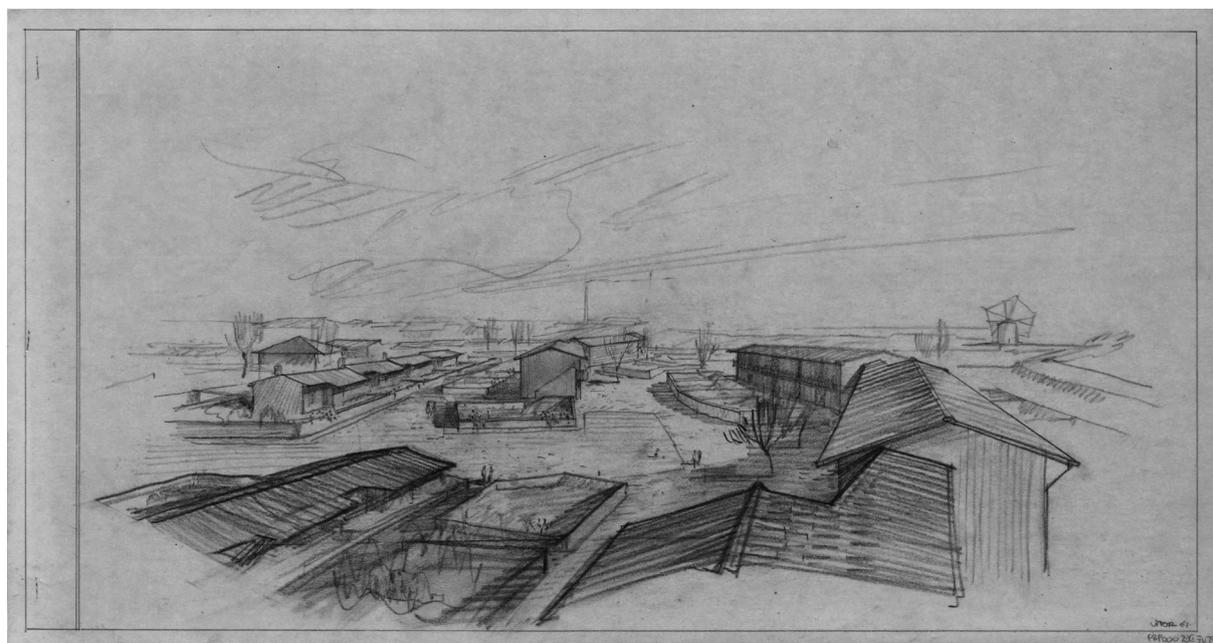


FIGURA 7. Anteprojeto: esquiço

Vítor Figueiredo [?]

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000787

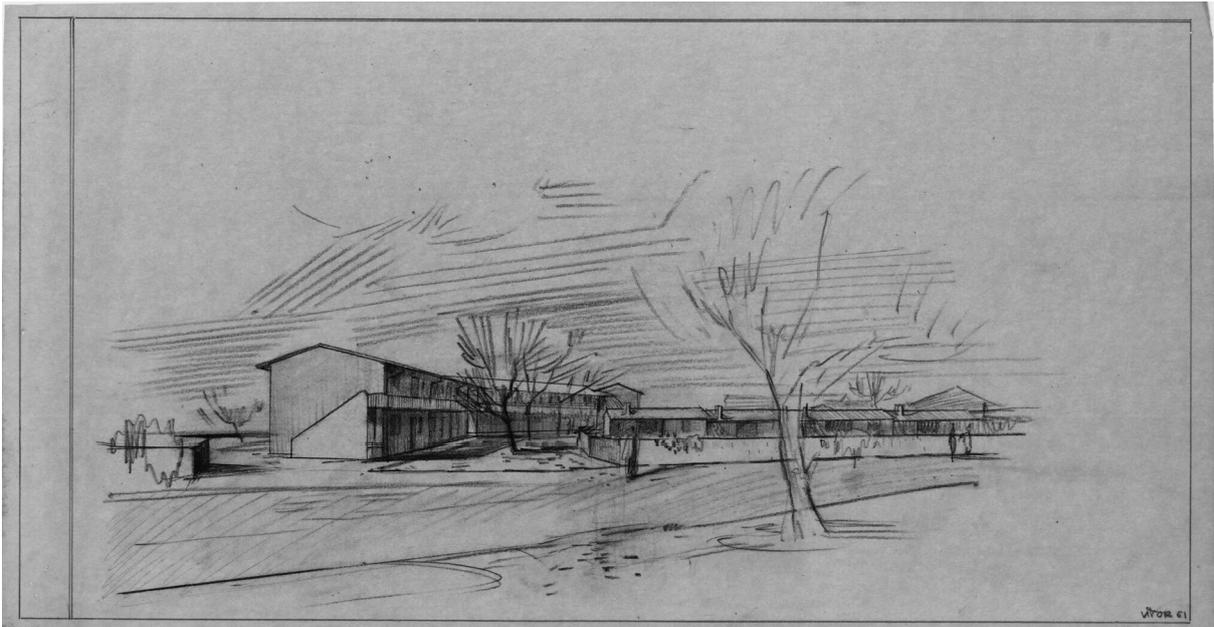


FIGURA 8. Anteprojeto: esquiço

Vitor Figueiredo [?]

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000788

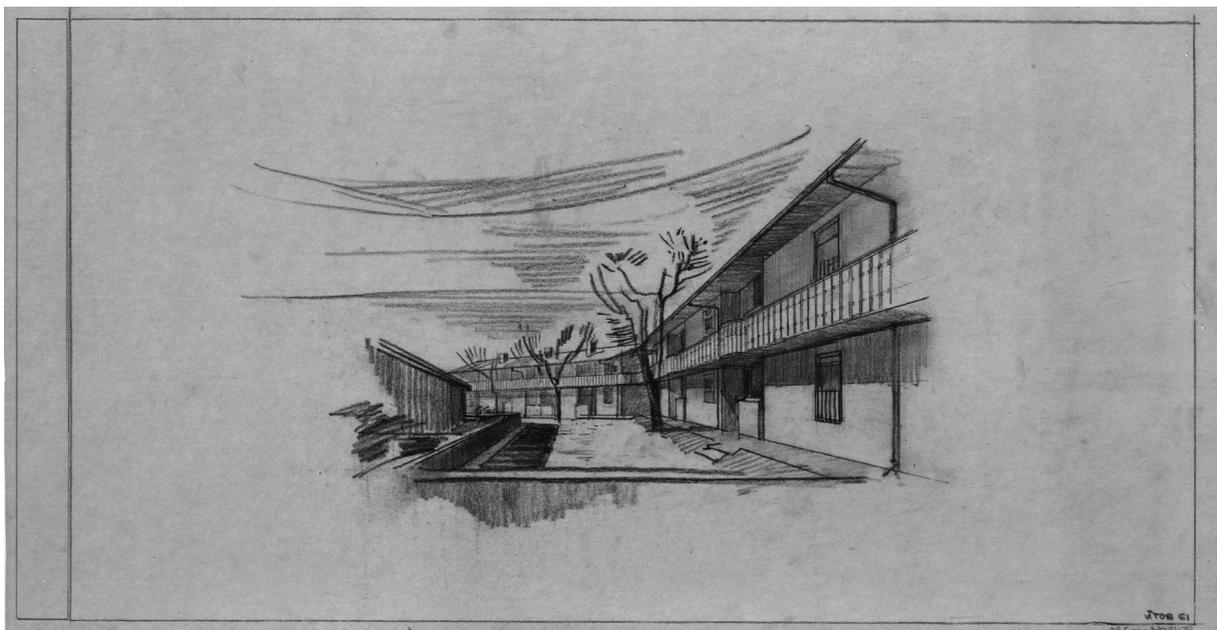


FIGURA 9. Anteprojeto: esquiço

Vitor Figueiredo [?]

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000789

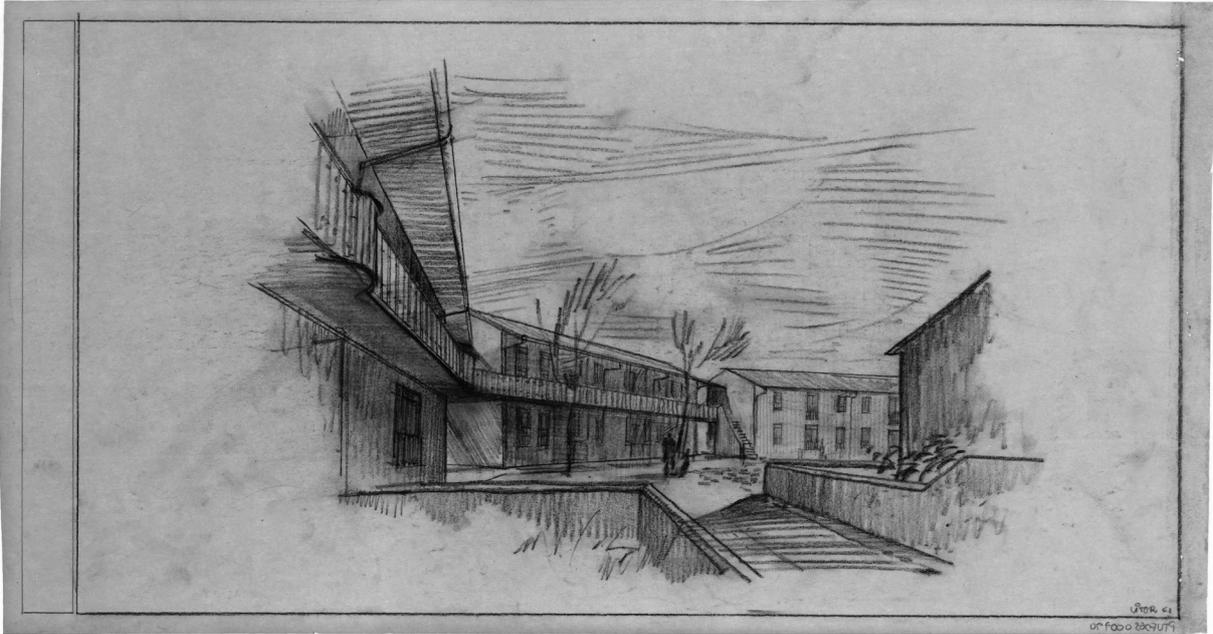


FIGURA 10. Anteprojeto: esquiço

Vitor Figueiredo [?]

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000790

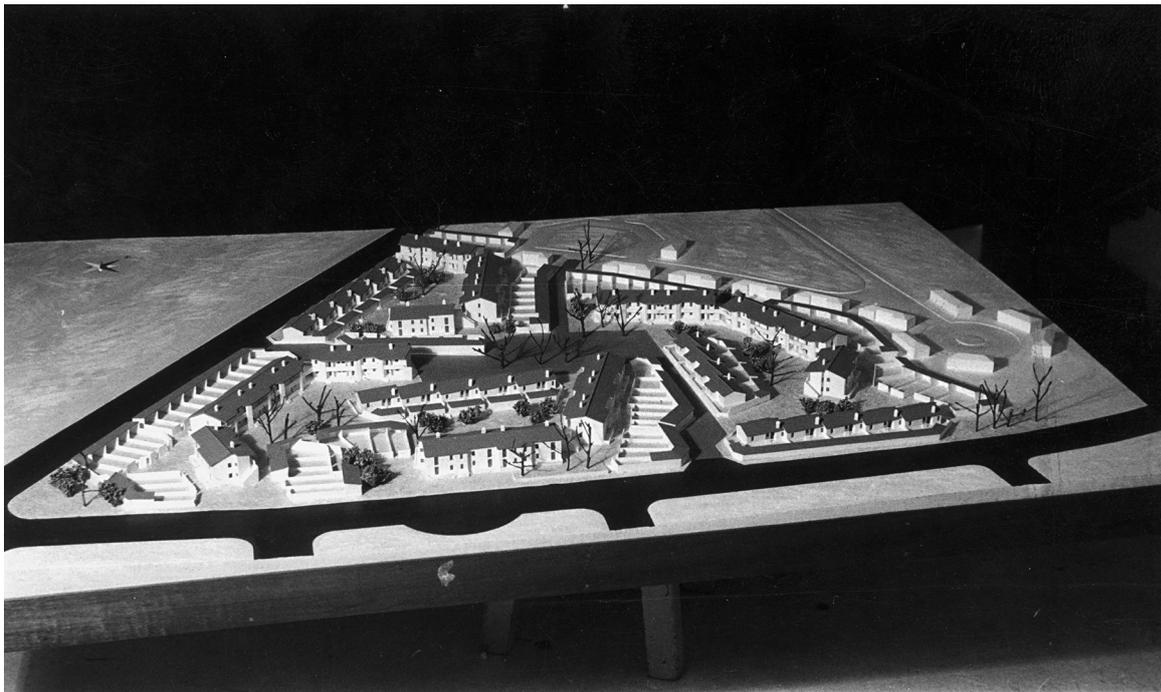


FIGURA 11. Projeto: fotografia da maquete do conjunto

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 007630

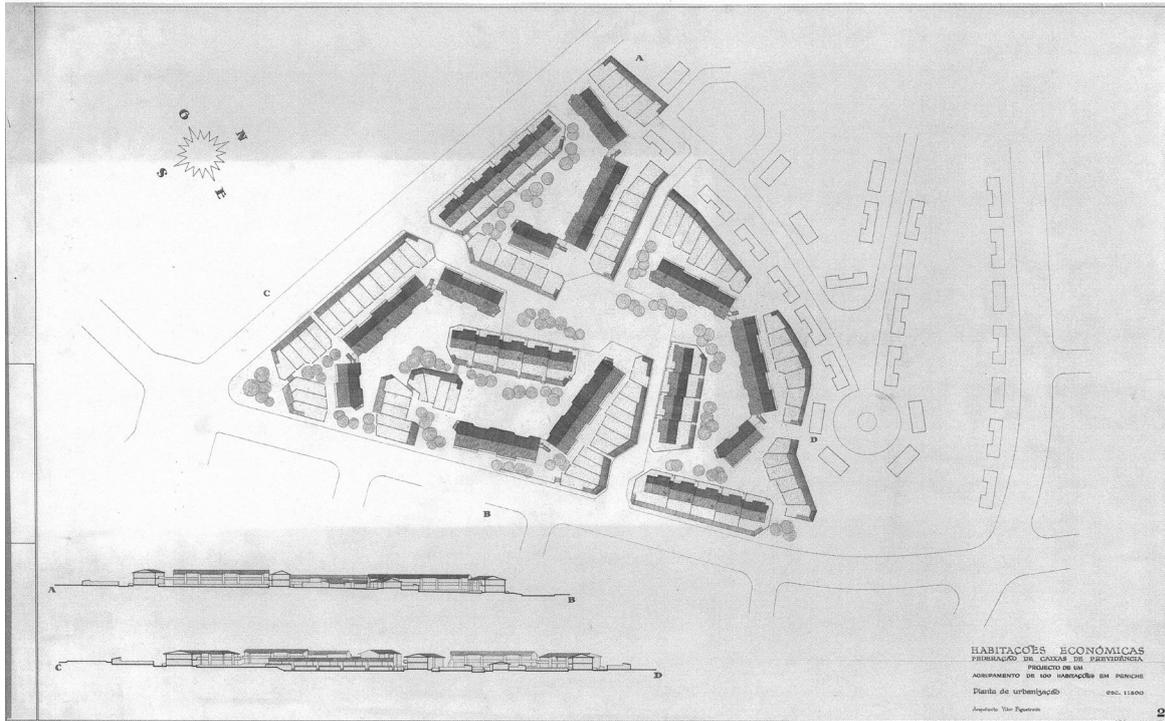


FIGURA 12. Projeto: planta de urbanização

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000791

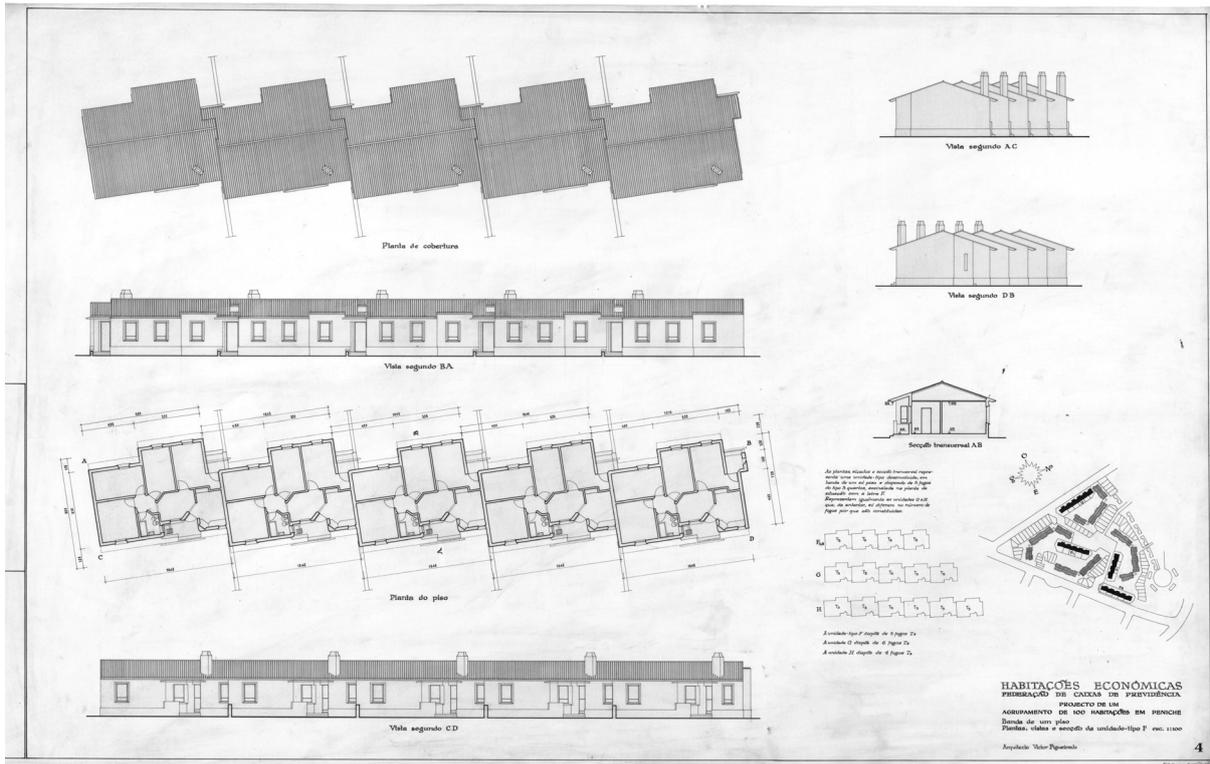


FIGURA 13. Projeto: banda de um piso, plantas, vistas e secção da unidade tipo F
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000793

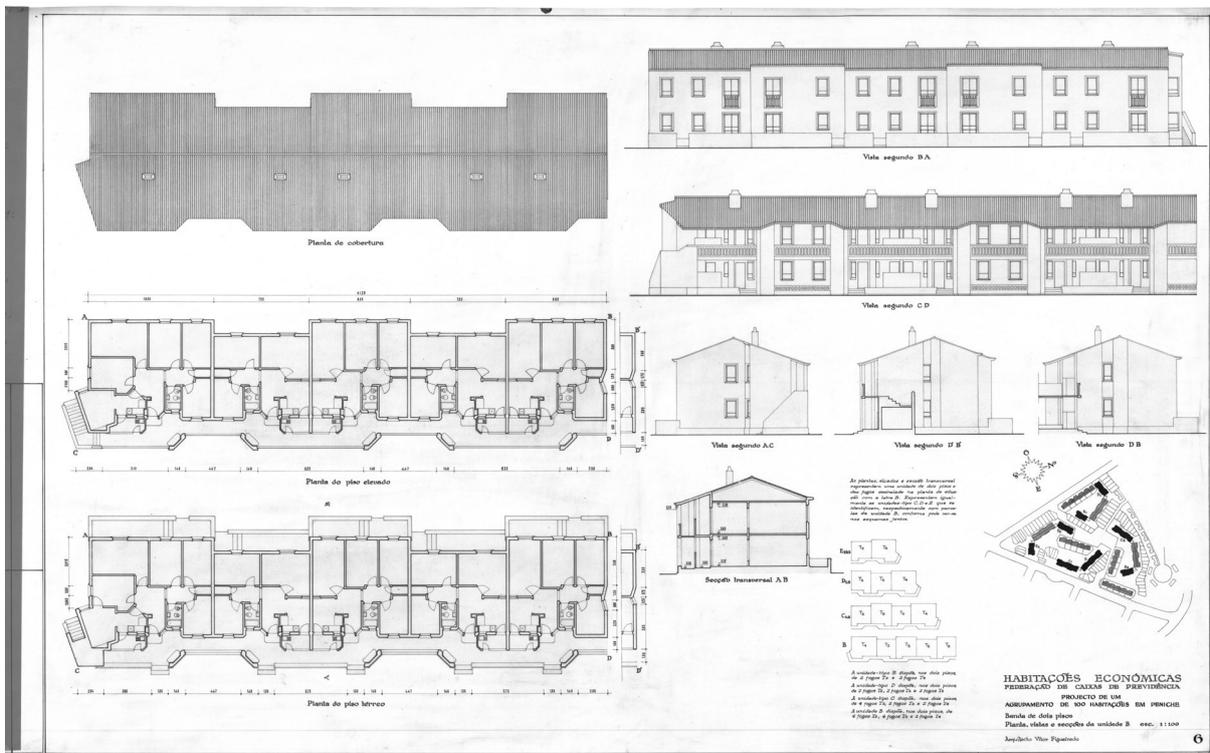


FIGURA 14. Projeto: banda de dois pisos, plantas, vistas e secções da unidade B
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000795

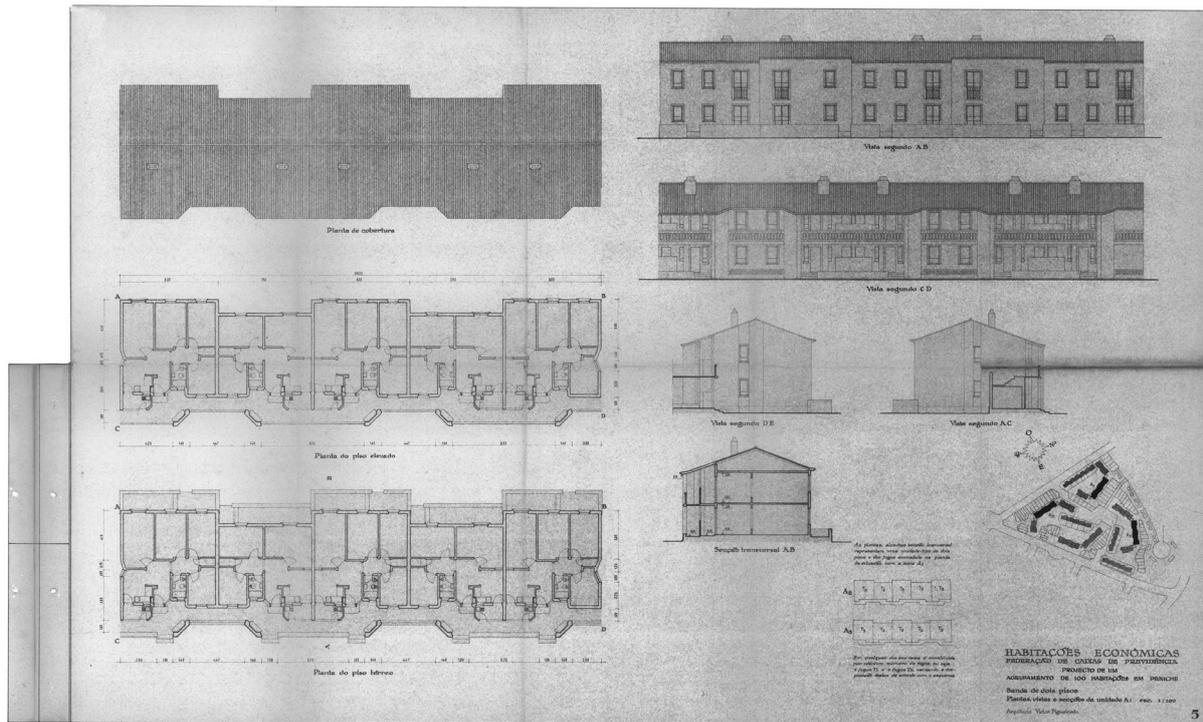


FIGURA 15. Projeto: banda de dois pisos, plantas, vistas e secção da unidade A1
 Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003623

CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE

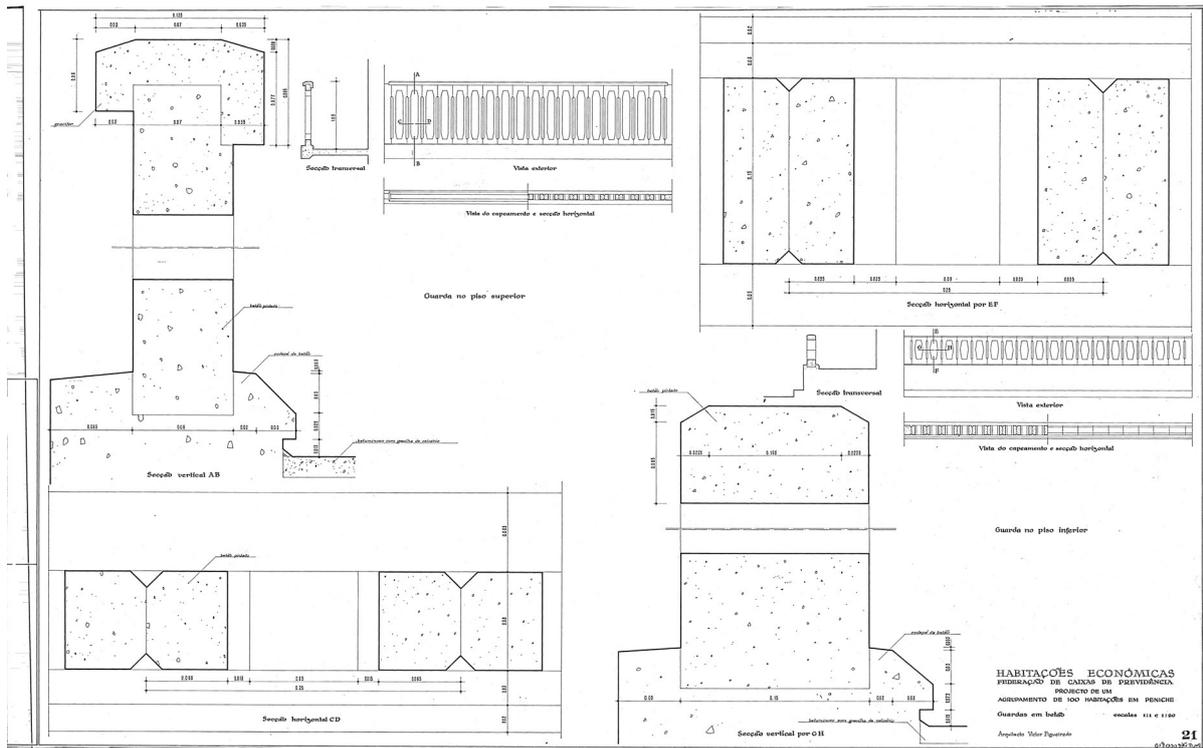


FIGURA 18. Projeto: guardas em betão

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000810

1962

CONJUNTO HABITACIONAL NO BARREIRO

Vitor Figueiredo

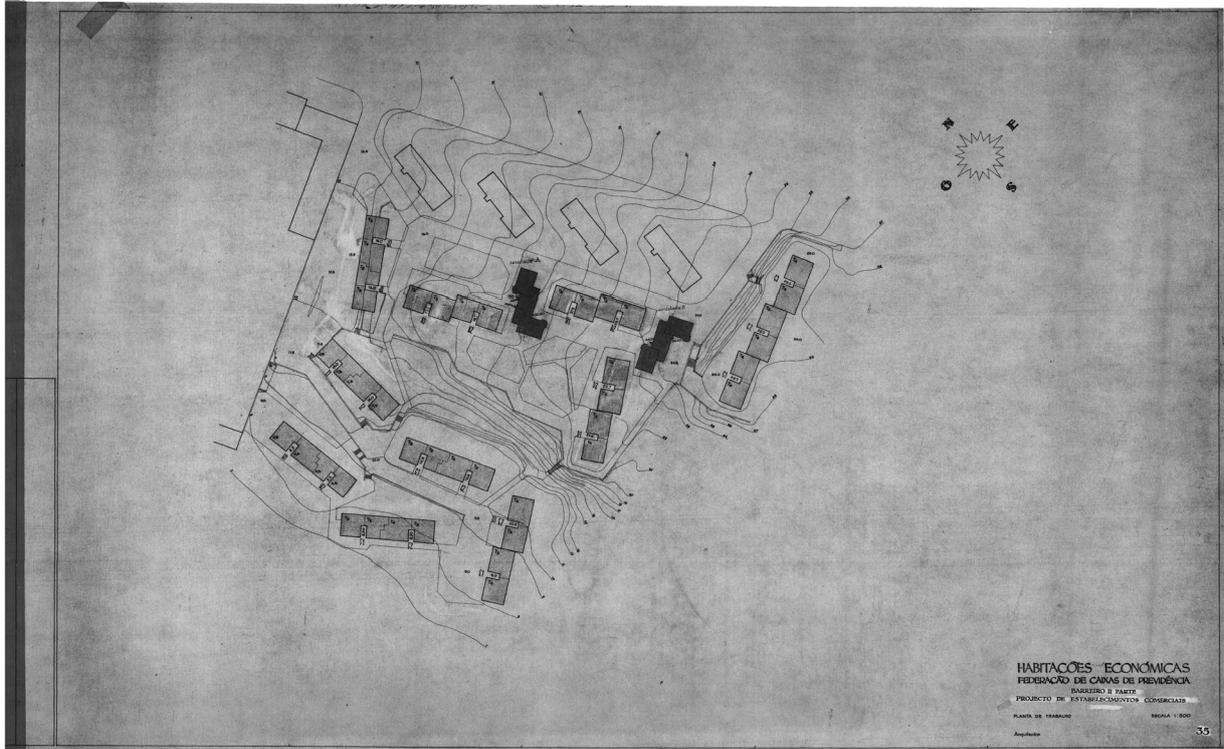


FIGURA 1. Projeto: planta de implantação

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000049

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ANTEPROJETO (1)

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00027

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO (2)

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00017

I. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A distribuição por um terreno dado de um certo número de habitações agrupadas em quatro pisos de fogos tipo T2, T3 e T4 (categoria I) e T3 e T4 (categoria II) foi especialmente marcada pelas dificuldades da implantação.

Com efeito, razões de ordem topográfica, condicionaram fortemente a solução adoptada, obrigando não só a um total de fogos que ficou aquém do que previamente se estimara como ainda a um esquema de organização que em circunstâncias correntes carecia de justificação.

A existência de um conjunto de quatro edifícios de quatro pisos, marginando a estrada que constitui o único acesso automóvel, pesou também consideravelmente na elaboração deste arranjo urbanístico que, logo de início, teve como preocupação fazê-los participar do esquema geral, sem sacrificar, na medida do possível, os espaços e situações que se pretendeu criar. (...)

Quanto à organização dos fogos, tentou-se criar-lhes o máximo de condições básicas, trabalhando muito embora dentro dos limites de custo que antecipadamente se lhes atribuiu. A preocupação de que cada célula se comportasse como uma verdadeira casa foi dominante neste estudo, tendo-se procurado retirar da regularização da planta, da simplificação da estrutura, da economia de acabamentos e da especial compressão de certas áreas (quartos, cozinha) a possibilidade de um funcionamento que nos pareceu mais conforme com as exigências da vida familiar.

O aparente esbanjamento na distribuição das diferentes peças (corredor, vestíbulo, sifão de quartos) deve ver-se como tentativa consciente de emprestar uma dimensão à célula de habitação que a exiguidade da sua área total em princípio negaria.

Façamos agora referência especial a cada um destes aspectos.

II. O ARRANJO URBANÍSTICO

O terreno proposto para a implantação deste conjunto residencial apresenta evidentes dificuldades (...). O apreciável desnível de cotas entre pontos de projecção próxima, o sentido, de certo modo contraditório, de uma encosta baixando de Sul para Norte e de uma abrupta barreira levantada para Nascente originaram situações resolvidas a vários níveis e impediram que os diversos agrupamentos de fogos – apesar do seu número restrito – se relacionassem mais directamente.

Em resumo, pode dizer-se que, na plataforma mais elevada – ou seja próximo das construções existentes – se definiu um pequeno núcleo aberto sobre o Poente com os edifícios de habitação articulados segundo pequenas construções destinadas a comércio e de programa a estabelecer oportunamente.

Um segundo núcleo, igualmente voltado a Poente – o quadrante de melhores perspectivas – constituiria o termo deste arranjo – se pensarmos em função do acesso automóvel – situando-se por sua vez na base da referida barreira, em terreno baixo e de declive suave.

Dois edifícios de habitação (ligados por um corpo baixo destinado a garagens individuais pedidas no programa) como que realizam a ligação em altura entre os dois núcleos, enquanto que um terceiro edifício, sobranceiro a todo o conjunto e implantado num terreno alto no extremo Sul, se aproxima da estrada de acesso, compondo a principal entrada deste agrupamento residencial.

Internamente, a rede de comunicações é muito condicionada pela natureza do terreno. Para acesso automóvel, previu-se uma segunda ligação à estrada, prolongada em penetração até atingir o núcleo inferior, onde termina numa praca de manobra, servida por outro pequeno grupo de garagens individuais. A via que actualmente dá acesso às construções existentes foi prolongada até encontrar a referida penetração – o que faz – aliás em boas condições – obtendo-se, desta maneira, uma ligação expedita entre os diversos centros de interesse.

As garagens e os edifícios comerciais disporão de fácil acesso automóvel e do necessário espaço de manobra, estando também assegurados acessos de emergência para veículos motorizados a todos os edifícios de habitação.

A ligação dos vários planos assenta finalmente numa malha de caminhos de peões que assumirão as características exigidas para cada caso.

A rede viária assim estabelecida limita a circulação automóvel a dois ramais e a pequenas pracetas decorrentes da organização do espaço em causa. Não se sobrestimam os perigos desta circulação – em flagrante devassamento dos núcleos de habitações, visto que ela lhes diz exclusivamente respeito, não se admitindo a hipótese que venha a servir trânsito rápido ou de simples atravessamento.

As trilhas de peões, integrando-se numa organização de parque serão simplesmente ensaibradas ou beneficiarão do tratamento que o conjunto futuramente venha a disfrutar.

No que diz respeito aos espaços abertos entre as massas de construção, tudo se deveria encaminhar para que viessem a constituir factores de fruição colectiva, nomeadamente destinados ao recreio e aos jogos infantis. A existência de desníveis acentuados poderá atribuir um interesse especial a este tipo de organização, uma vez que

esses espaços sejam valorizados por meio de vegetação e equipamento adequados.

Estas considerações estendem-se obviamente aos terrenos envolventes da parte já construída que continuam sem qualquer espécie de tratamento. (...) (1)

Caracterização quantitativa

O conjunto habitacional é constituído por unidades de duas categorias, distribuindo-se os 168 fogos que o constituem da maneira que se segue:

	T2	T3	T4	
Categoria I	20	72	20	
				112
Categoria II		32	24	
				56
Totais parciais	20	104	44	
Total geral				168

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - Forma de agrupamento e composição

As unidades de habitação constantes deste conjunto, são do seguinte teor:

1- Categoria I

- a) - agrupamentos em banda de 4 pisos de 16 fogos, tipo T3 (2 unidades);
- b) - agrupamentos em banda de 4 pisos de 4 fogos T2, 8 fogos T3 e 4 fogos T4 (5 unidades).

2 - Categoria II

- a) - agrupamentos em banda de 4 pisos de 8 fogos T3 e 8 fogos T4 (2 unidades);
- b) - agrupamentos em banda de 4 pisos de 16 fogos T3 e 8 fogos T4 (1 unidade).

Em cada um dos agrupamentos referidos os fogos, conjugam-se dois a dois por patim e oito por cada nó de acesso vertical. Os edifícios aparecem por vezes articulados vertical ou horizontalmente de acordo com as exigências de cada situação, tendo-se procurado sempre um desfazamento que permitisse um mínimo de ligação em cobertura. (...)

3.2 - Acessos e circulações

As caixas de escada, que inicialmente se previam abertas, foram encerradas por meio de janelas de réguas fixas não envidraçadas. Pretendeu-se, deste modo, assegurar uma certa protecção contra a chuva, não comprometendo as condições de base que sempre associamos a este escalão de acessos verticais. Dadas as dimensões da escada, a pobreza dos acabamentos e o tipo de fruição a que vão ficar sujeitas, pareceu-nos vantajosa a solução agora proposta, que cria afinal uma transição entre o exterior e interior dos fogos, assegurando um completo arejamento e uma iluminação suficiente. (2)

IV. A ORGANIZAÇÃO DOS FOGOS

Dentro dos limites orçamentais fixados resultam naturalmente baixos os índices de capacidade obtidos por habitação, uma vez que a possibilidade de responder aos números de custo preconizados só pode ser conseguida à custa da própria dimensão do fogo e da sua qualidade, encarada nos mais diversos aspectos.

Tal como em casos precedentes que houve que resolver dentro de uma mesma política de sacrifício, também agora se procurou na organização da célula as garantias de habitabilidade que, abstratamente, as suas dimensões pareciam negar. Simultaneamente pensou-se que, construindo dentro de um severo critério de acabamentos e equipamento, seria possível ir buscar algum reforço para melhoria das condições básicas de espaço e funcionamento, admitindo-se que, mais tarde e sobre as áreas e a compartimentação agora oferecidas, incidiriam beneficiações que um teor de vida evolutivo acabará por exigir. (...)

Começando pelos fogos de categoria I e pelo tipo T3 que pode considerar-se o ponto de partida, vemos que, – para além do número de quartos que o programa estabelece e a que se procurou assegurar as características de uma zona realmente íntima – existem uma sala aberta sobre o vestíbulo de entrada e um espaço programado para servir as funções de cozinhar, comer, trabalhar - estar que é por assim dizer a chave da solução e tem ainda ligados a si, uma varanda aberta sobre o exterior e o dispositivo de lavagem e secagem de roupa. Completa o programa uma pequena arrecadação, que cada vez mais se nos afigura indispensável. (Repare-se na proximidade conseguida para os locais servidos de água corrente).

Os fogos T2 e T4 resultam naturalmente do anterior – o que parece certo se nos lembrarmos que trabalhamos praticamente dentro de mínimos e que, além disso, é muito relativo o controle do número de ocupantes por tipo de fogo.

No que respeita à categoria II, a análise de uma célula T3 apresenta diferenças importantes no critério de organização. Assim um dos quartos foi subtraído à zona íntima, admitindo-se que venha a funcionar como saleta ou escritório. A zona de estar e trabalhar separou-se em absoluto da cozinha – que ainda oferece um recanto de comer – e é o centro de todo o fogo. A importância desta peça, sublinhada pela varanda que lhe é atribuída, não necessita ser encarecida e parece-nos capaz de caracterizar sensivelmente a fruição da casa.

As instalações complementares são idênticas às que figuram na categoria anterior e o fogo T4 não é mais do que um desenvolvimento do esquema básico.

A diferenciação dos critérios em que assentam os esquemas atribuídos às duas categorias projectadas tem mais do que uma explicação. Para já concede-se-lhes um carácter experimental que supomos valerá a pena verificar

em termos de fruição. Na verdade, tudo leva a crer que o critério seguido para a categoria mais alta não seja senão um apuramento de funções, realmente inviável dentro dos limites orçamentais da mais baixa. (1)

(...) Caracterização quantitativa

Notação UIA

T2 (I). 40. 9,2. X

T3 (I). 51. 9,2. X

T4 (I). 62. 9,2. X

T3 (II). 61,5. 9. X

T4 (II). 81,5. 8. X

(n.º de camas, área útil líquida, áreas exteriores, área dos locais acessórios)

	T2 (I)	T3 (I)	T4 (I)	T3 (II)	T4 (II)
Área bruta	76,5	90	103,5	99	115,3
m ² /habitante (área útil)	10	8,5	7,8	11,6	10,2

V. RELAÇÃO DE MATERIAIS E ACABAMENTOS

(...) a construção projectada, reveste-se de extrema economia de acabamentos, tanto interior como exteriormente. A própria categoria II gasta em área a quase totalidade da vantagem orçamental que apresenta em relação à categoria I, pelo que só minimamente beneficiará de melhores acabamentos. A defesa deste ponto de vista enquadra-se, aliás, na linha que presidiu a todo o presente estudo. (1)

VI. LOJAS

Trata-se de dois edifícios isolados, semelhantes na organização e definição arquitectónica, cada um deles constituído por três unidades ou estabelecimentos independentes (A, B e C) e um espaço coberto para acesso e ligação. (...)

Esclarece-se que as salas das unidades A C B serão organizáveis de diversas formas, tendo a fenestração procurado ir ao encontro duma grande elasticidade de programa.

A sua forma inicial de um grande rectângulo pareceu-nos de qualquer modo a que melhor se coadunaria com a ausência de programas prévios e com uma utilização que pode variar por exemplo do pequeno “café” à loja de retalhista, da utilização unitária aos vários graus de especialização, etc. (...)

O espaço exterior coberto – a que se procurou assegurar características favoráveis ao convívio dos utentes do bairro – será provido de bancos e tratado com materiais muito sólidos e dificilmente deterioráveis. (...) (2)

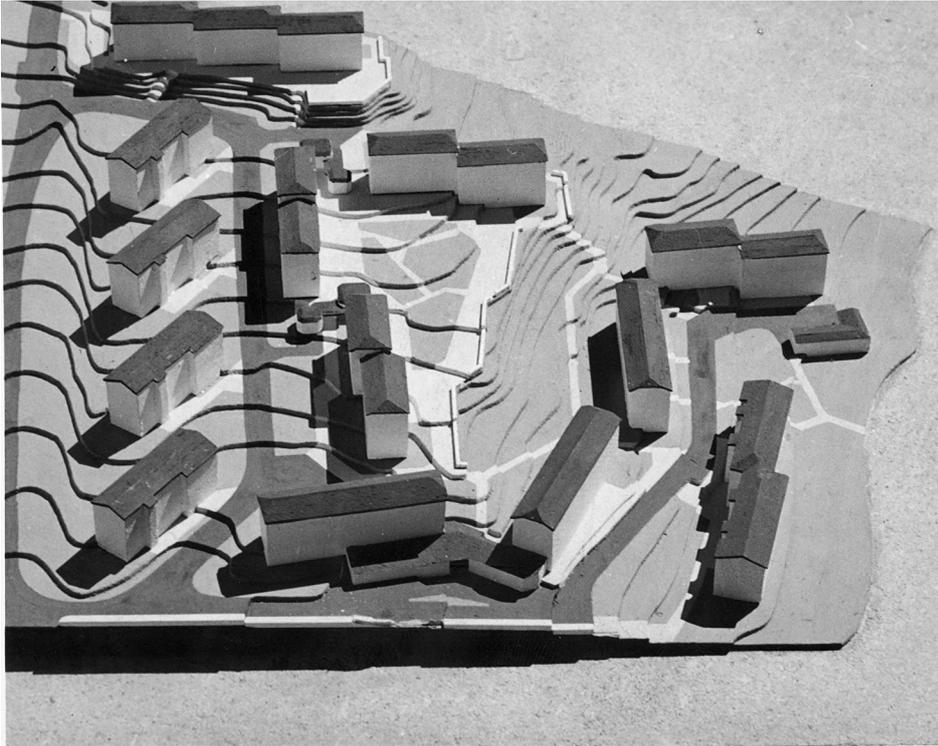


FIGURA 2. Projeto: fotografia da maqueta do conjunto
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 009257



FIGURA 3. Fotografia
Autor desconhecido, s.d.
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 009116

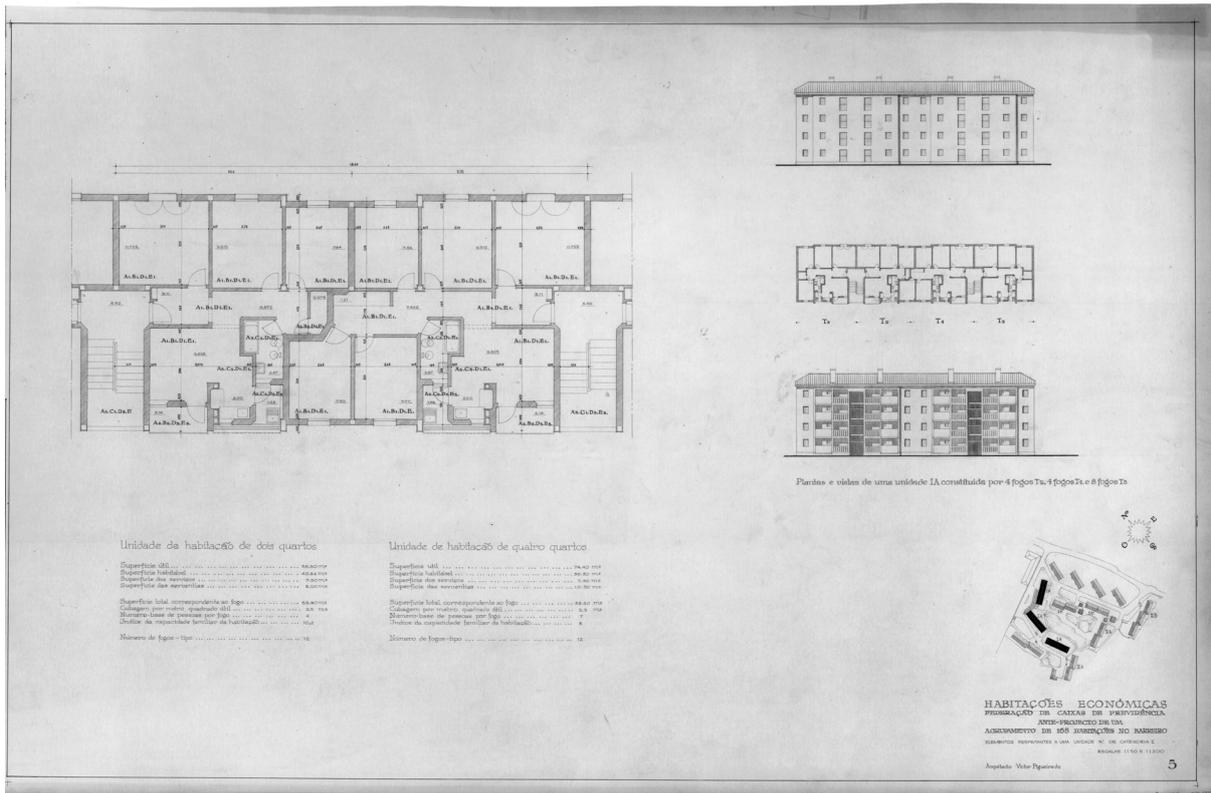


FIGURA 4. Anteprojeto: elementos respeitantes a uma unidade A de categoria I
 Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000005

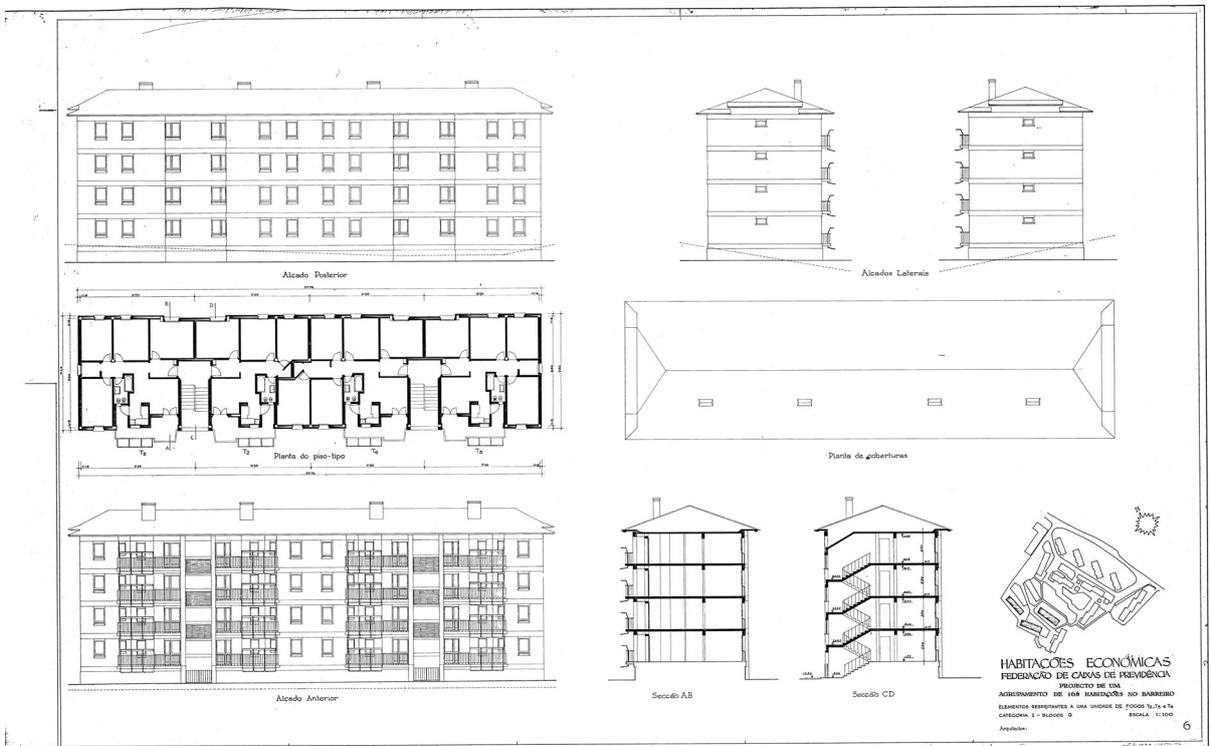


FIGURA 5. Projeto: elementos respeitantes a uma unidade de fôlegos T₂, T₃ e T₄, categoria I – bloco G
 Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000017

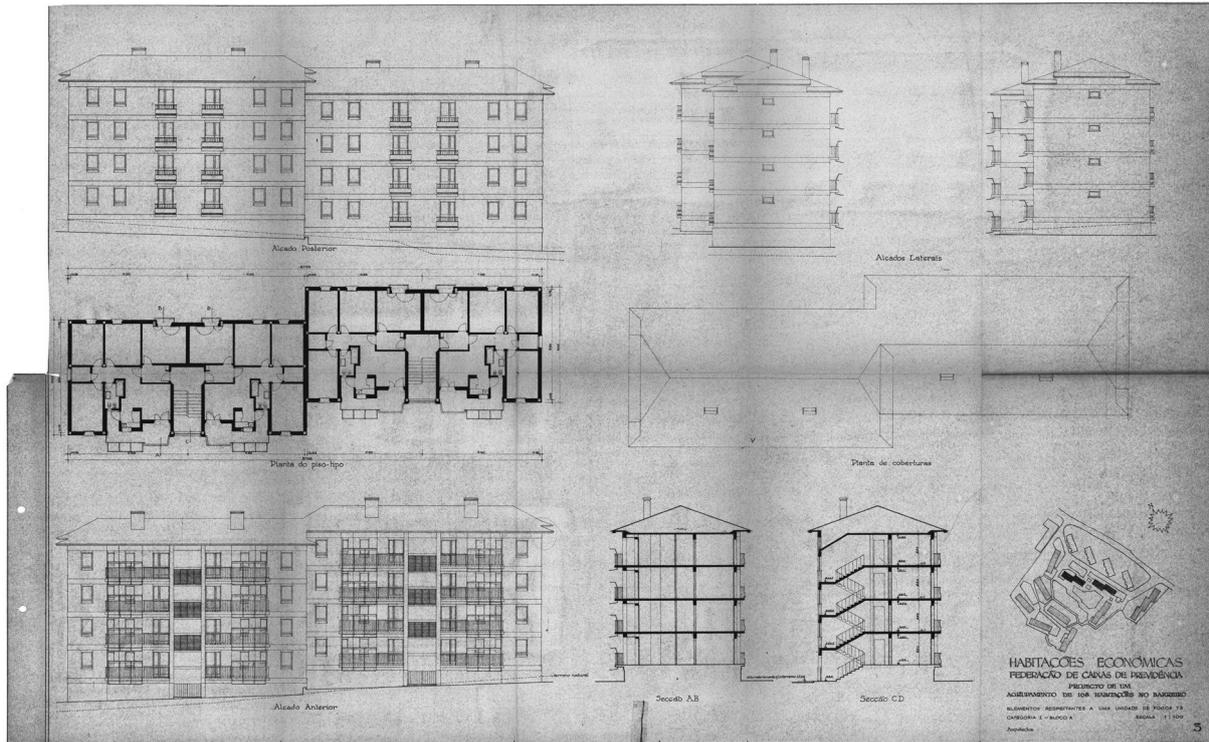


FIGURA 6. Projeto: elementos respeitantes a uma unidade de fogos T3 categoria I – bloco A
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 02385

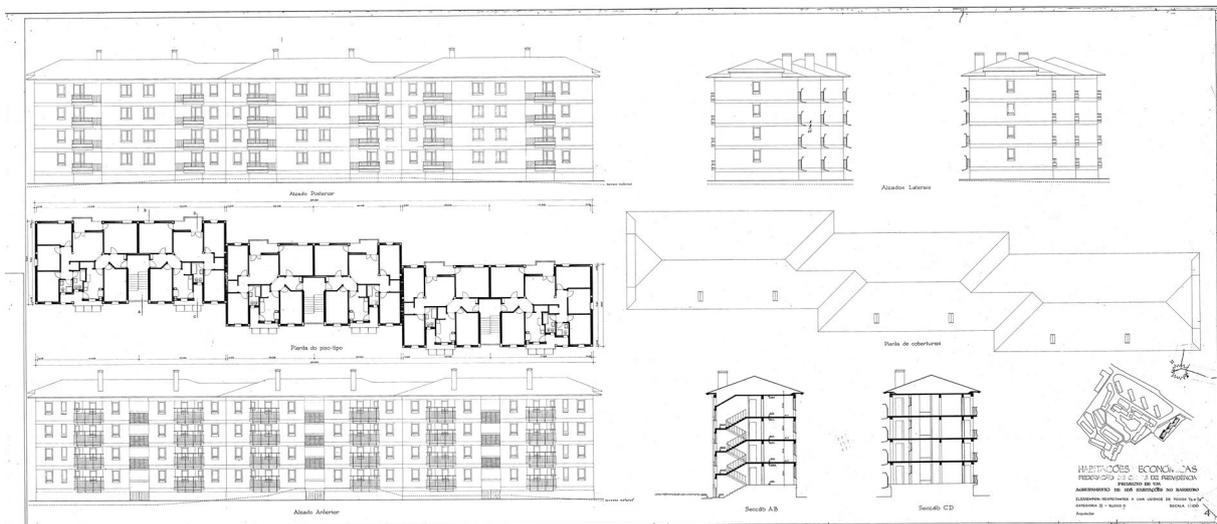


FIGURA 7. Projeto: elementos respeitantes a uma unidade de fogos T3 e T4, categoria II – bloco C
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000014



FIGURA 8. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 009114

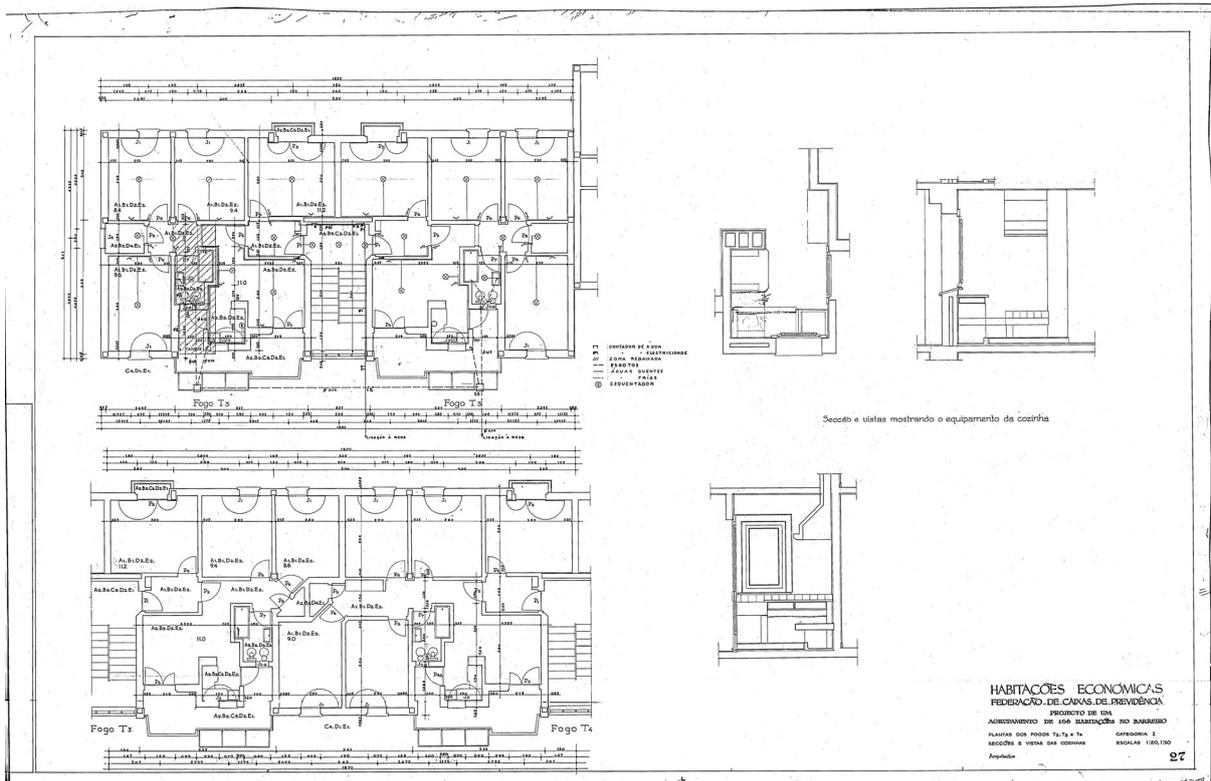


FIGURA 9. Projeto: plantas dos fogos T2, T3 e T4, secções e vistas das cozinhas, categoria I
 Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000040

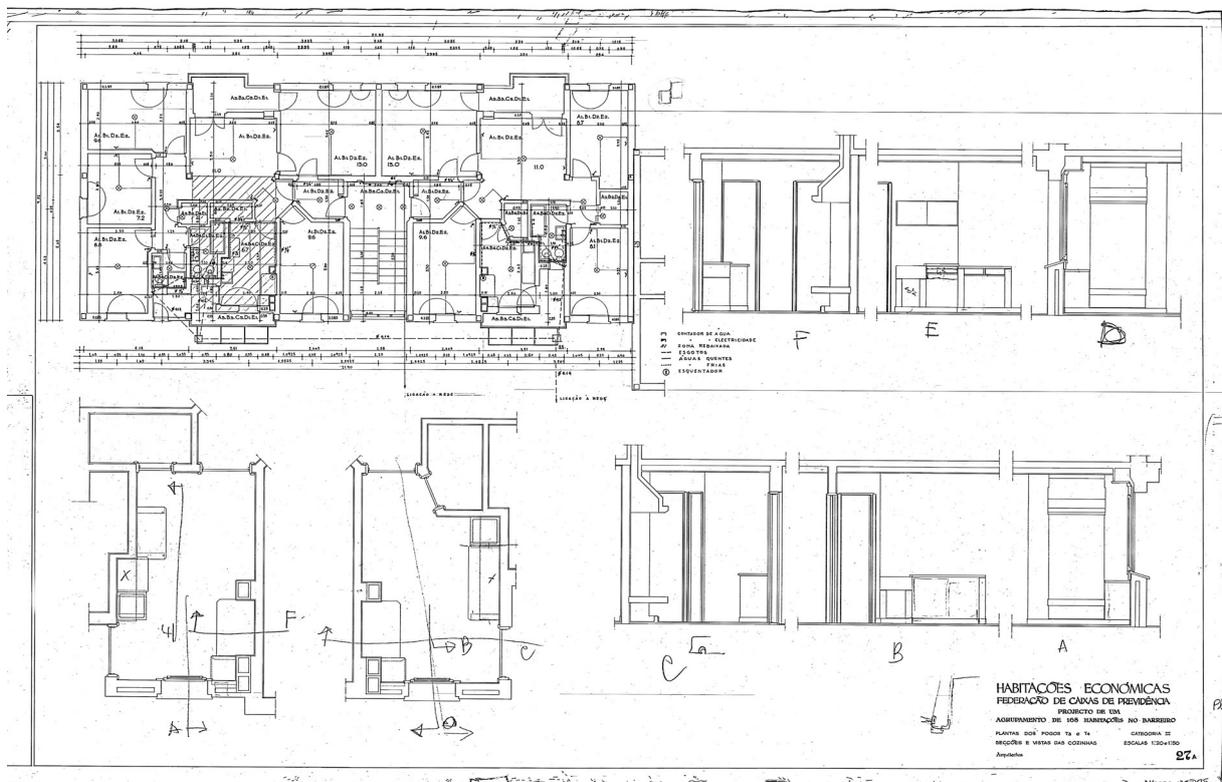


FIGURA 10. Projeto: plantas dos fogos T3 e T4, secções e vistas das cozinhas, categoria II
 Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000041

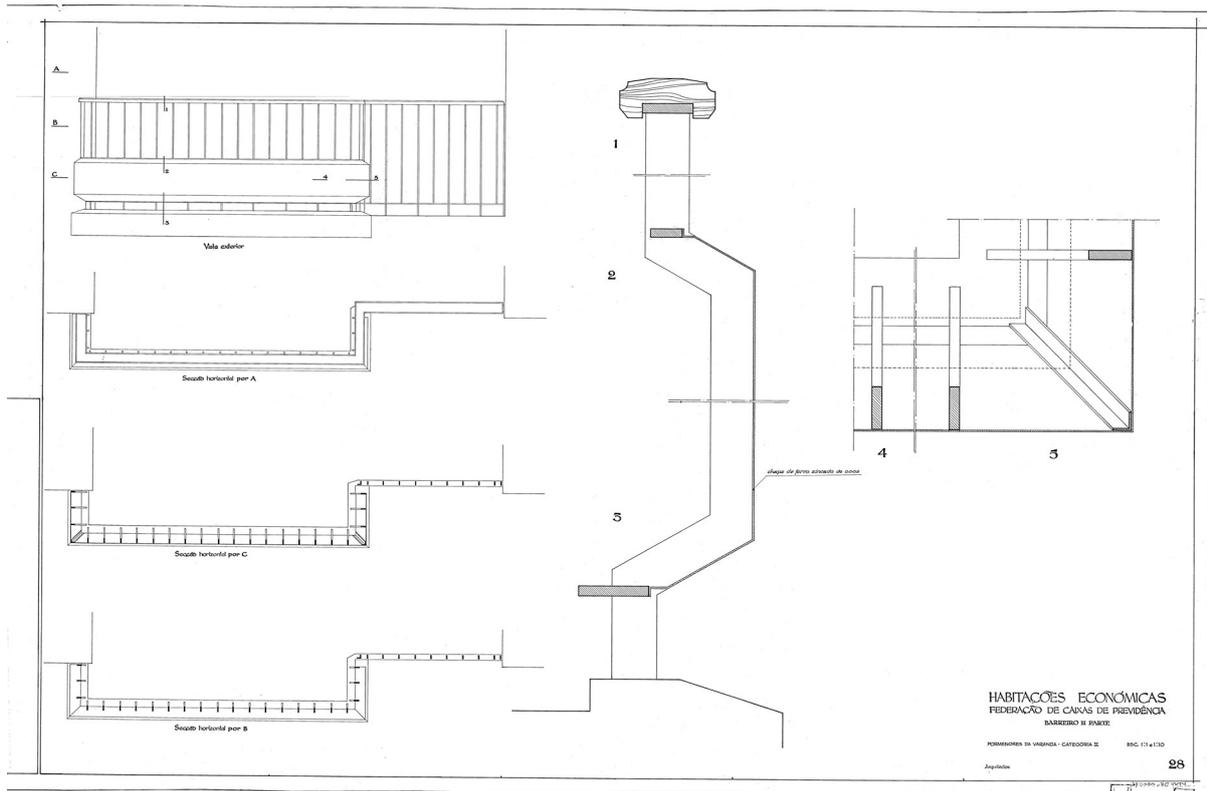


FIGURA 11. Projeto: pormenores da varanda, categoria II

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000042

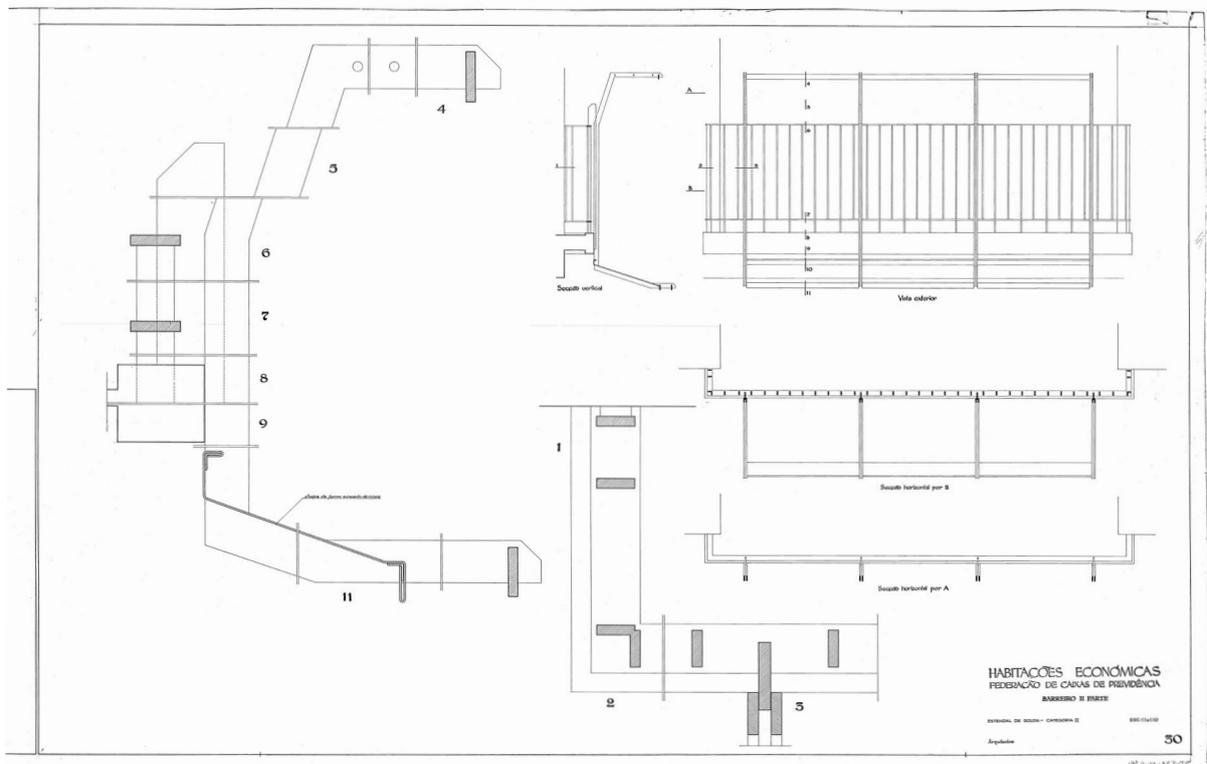


FIGURA 12. Projeto: estendal de roupa, categoria II

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000044

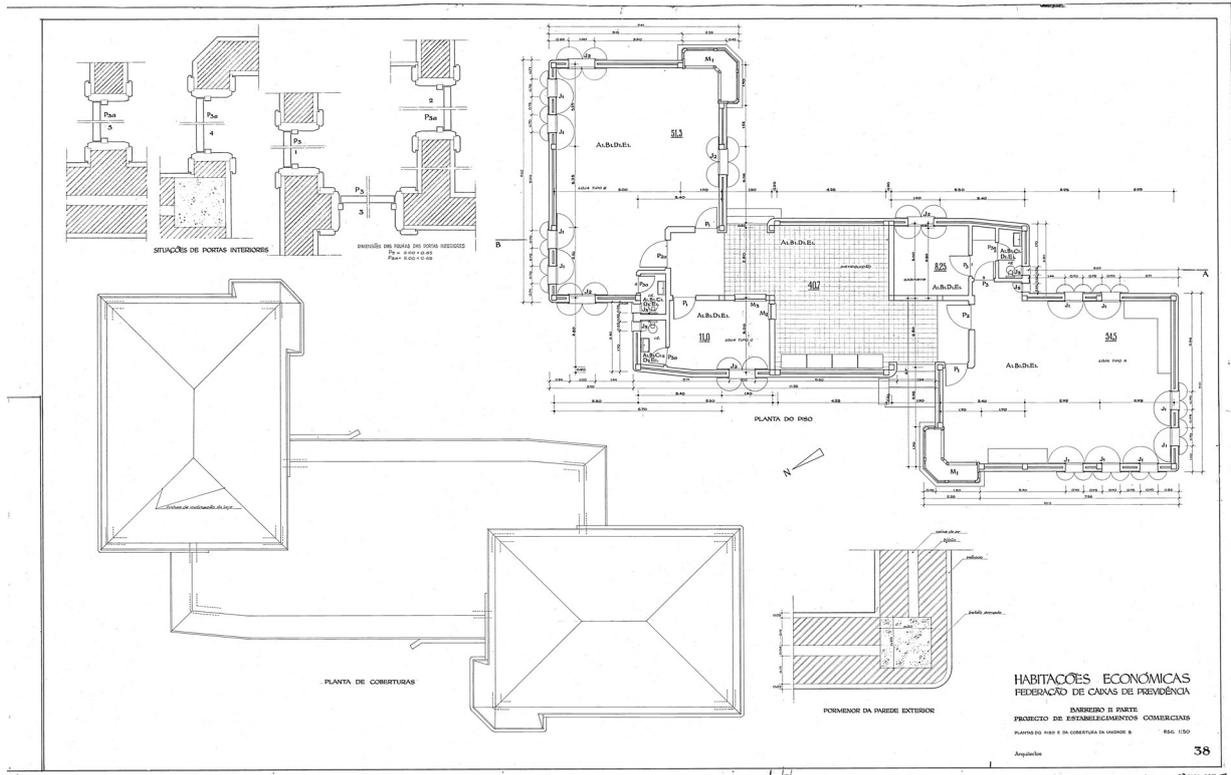


FIGURA 13. Projeto: estabelecimentos comerciais, plantas do piso e da cobertura da unidade B
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000052

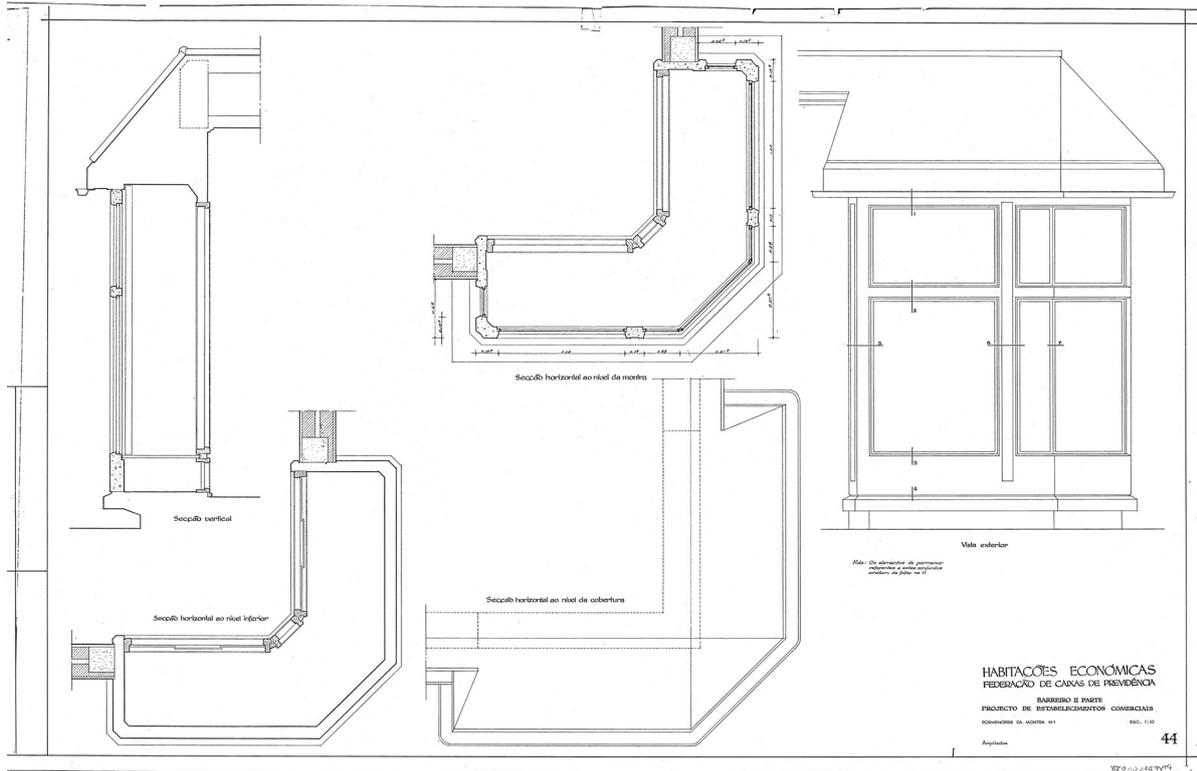


FIGURA 14. Projeto: estabelecimentos comerciais, pormenores da montra M1
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000058

1962

CONJUNTO HABITACIONAL EM BENAVENTE

Vítor Figueiredo e Vasco Lobo



FIGURA 1. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Revista *Arquitectura* n.º 135 (setembro/outubro de 1979), 41

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO [1ª VERSÃO]

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00082

1 - PROGRAMA E ANTECEDENTES

(...) A solução agora apresentada procura responder às questões postas e representa (...) uma progressão do estudo inicial e o seu ajustamento a uma economia de áreas e custos que não comportasse sacrifício das funções estimuladas fora e dentro do fogo. (...)

2 - ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO**2.1 - Localização e integração urbanística**

O terreno proposto para implantação do agrupamento CP 49 e das habitações que vão ser construídas para beneficiários da lei 2 092 apresenta-se livre e muito pouco acidentado. É limitado a Poente por uma via de trânsito rápido, a Norte por terrenos de utilização condicionada, a Nascente por um agrupamento de 30 habitações de renda económica, organizadas em bandas de 4, 3 e 2 fogos com respectivos logradouros e a Sul por uma vala natural de pequena importância.

(...) a disposição do terreno – que admite um eixo principal segundo Noroeste-Sudoeste –, o acesso às principais vias e à zona densamente ocupada da Vila de Benavente definiram um tipo de organização, pesando também consideravelmente na elaboração deste arranjo urbanístico a ligação ao referido agrupamento existente que, aliás, se procurou fazer participar do arranjo geral.

A proposta agora apresentada realiza, em relação à que consta do anteprojecto, uma maior concentração de fogos (cujo número total sobe sensivelmente), acentua a dificuldade do arranjo estrutural, afastando a possibilidade de um atravessamento rápido e substituindo os grandes espaços interpostos à construção por situações de maior recato e mais evidente utilização.

2.2 - Caracterização quantitativa

O conjunto habitacional é, conforme se disse, constituído por duas partes distintas quanto à forma legal que lhes dá origem, ainda que totalmente ligadas em termos conceptuais. O agrupamento CP 49 é constituído por 51 fogos todos de categoria I, sendo 12 T2, 25 T3 e 14 T4. Os fogos T3 dividem-se ainda em dois subtipos (T3/5 e T3/6), na proporção de 10 e 15, respectivamente.

Por seu lado, o agrupamento de habitações destinado a beneficiários da lei 2 092 compreende 30 fogos de tipos idênticos aos anteriores, na proporção seguinte: 5 T2, 16 T3 (6 T3/5 e 10 T3/6) e 9 T4. Resta ainda uma margem de terreno destinada à construção de habitações e reservada, em princípio, aos beneficiários daquela lei que desejem programas e lotes de terreno de maiores proporções, só podendo ser dividida, à medida que tais situações forem resolvidas. (...)

2.3 - Acessos e circulações

Na solução agora apresentada procura-se, para além da criação de dificuldades a um atravessamento rápido, definir mais apertadamente situações de rua e deixar por ocupar somente espaços bem caracterizados e de utilização sistematizada. Definido o grande dreno de trânsito de peões e os ramais que o ligam a situações ou a espaços distribuidores, verifica-se que está simultaneamente assegurada a ligação ao exterior e que esta se faz com evidente naturalidade e sempre por sugestão dos elementos já existentes. Embora mais discretamente (põem-se todas as reservas à sua evolução futura) considerou-se também a relação com os terrenos do lado Norte, onde uma pequena vala será naturalmente vencida em termos de expansão.

2.4 - Implantação e espaços exteriores

Relativamente ao anteprojecto existente, procura-se agora uma mais clara contenção dos espaços exteriores. Assinala-se, para além de um arruamento rico de situações próprias, a presença de certos espaços qualificados e quanto possível aferidos pelas dimensões da construção que fisicamente os delimita.

2.5 - Equipamento

Relacionadas com os espaços a que se vem fazendo referência, foram criadas 5 unidades destinadas a pequeno comércio ou artesanato. Não se encarou a estruturação de um pequeno centro comercial caracterizado por várias razões, mas sobretudo pela dúvida de que fosse realizável nos tempos mais próximos. Admitiu-se que a disseminação das referidas unidades fosse a modesta alternativa e concorresse de algum modo para a vitalização de todo o conjunto.

Constituem ainda equipamento colectivo dois alpendres situados em lugares propícios (...) e local para estacionamento de carros nos sucessivos alargamentos da malha viária. (...)

3 - EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO**3.1 - Forma de agrupamento e composição**

(...) Ligados em banda os vários fogos mantêm linhas comuns de beirados e cumieira, o que os não impede de, frequentemente, se desencontrarem e articularem de diferentes modos. Os respectivos logradouros, muito embora por vezes se agrupem em bateria, dispõem sempre de acesso próprio – o que se julgou conveniente dados os hábitos de vida dos futuros utentes.

3.2 - Acessos e circulações

Os telheiros, indicados sumariamente e a projectar em caso de aprovação deste conjunto, não impedem o acesso aos edifícios a que estão ligados; antes realizam uma espécie de vestíbulo e local de encontro protegidos.

3.3 - Orientação

(...) as condições de orientação (...), sem serem impecáveis, parecem de uma forma geral de aceitar, pagando evidentemente o seu tributo à dimensão apreciável do agrupamento e à economia de soluções a que se recorreu.

3.4 - Equipamento

(...) Estabeleceu-se nos logradouros uma zona onde poderão construir-se anexos, ficando desde já os muros de vedação com as dimensões adequadas ao efeito. Alguns destes anexos deverão construir-se porém conjuntamente com os edifícios de habitações, visto contarem decididamente para a definição arquitectónica do agrupamento. (...)

3.5. - Construção

mente de uma economia de áreas mas também de medidas extremamente severas no que diz respeito a critérios de acabamento e equipamento. A sobrecarga de custo que o desenvolvimento da cobertura chamou a este fogo mais acentuou a necessidade de reduzir acabamentos, sem que entretanto se pusessem em risco condições básicas de segurança e economia de conservação. (...)

4. - FOGOS

4.1 - Caracterização quantitativa

Notação UIA

T2/5. 46,6. 4,4. X

T3/5. 56,3. 5,5. X

T3/6. 57,3. 4,7. X

T4/7. 62,8. 6,1. X

(n.º de camas, área útil líquida, área não encerrada, área dos locais acessórios)

	T2/5	T3/5	T3/6	T4/7
Área bruta	61,84	71,39	71,39	99
m ² /habitante (área útil)	9,3	11,2	9,6	8,9

4.2 - Organização interna

Relativamente à proposta contida no anteprojecto, verificam-se alterações sensíveis na organização interna dos fogos, muito especialmente no aspecto de se considerar a sala independente e encerrável. O aparecimento de dois “tipos 3” é ainda o resultado da espécie de procura realizada, considerando-se cada um deles resposta a diferentes dimensões de agregados familiares. O tipo 3/5, constituindo quanto a nós uma proposta mais interessante e intencional, comporta-se no fundo como se se tratasse de um amplo T2/5, mas, dadas as contingências económicas e até o facto de ter uma área bruta rigorosamente igual á do fogo T3/6, é considerado como tipo 3.

5. INSTALAÇÕES DE EQUIPAMENTO COMUM

Dependendo de diligências ulteriores em curso, não se torna possível definir nesta fase de trabalho, as unidades destinadas a comércio e artesanato e os telheiros de concordância que, em ambas as situações, se ligam a duas destas unidades. (...)

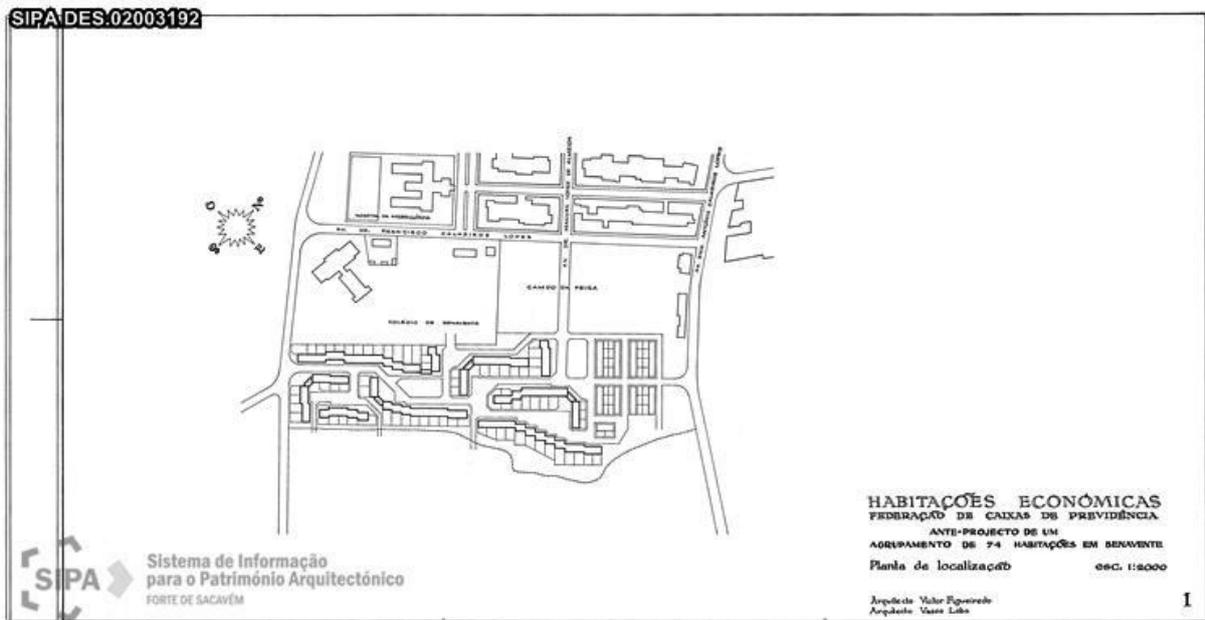


FIGURA 2. Anteprojecto: planta de localização

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 02003192

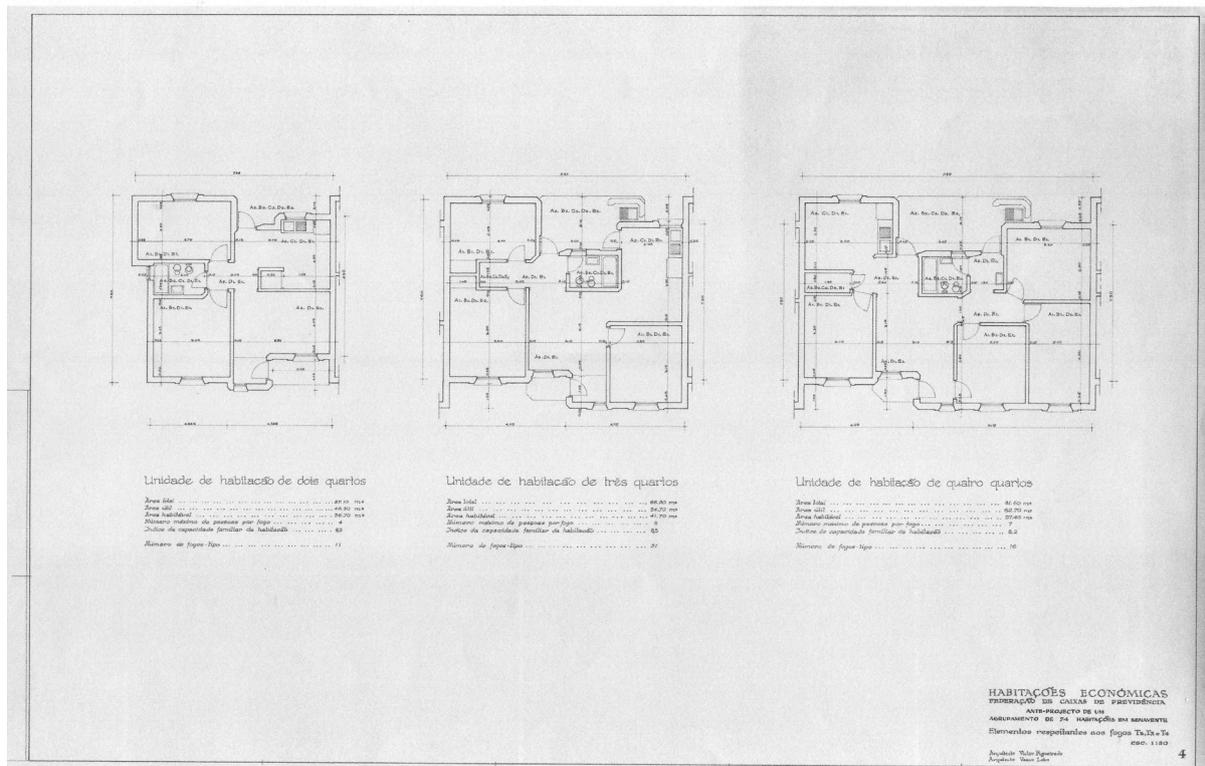


FIGURA 3. Anteprojecto: elementos respeitantes ao T2, T3 e T4

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000669

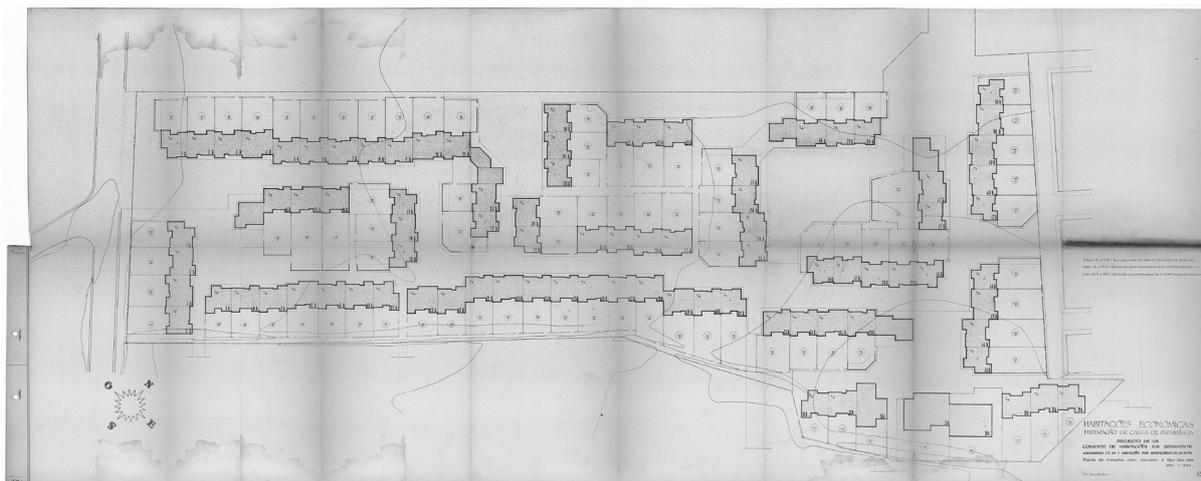


FIGURA 4. Projeto [1ª versão]: planta de trabalho com o número e tipo de lotes
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 4567

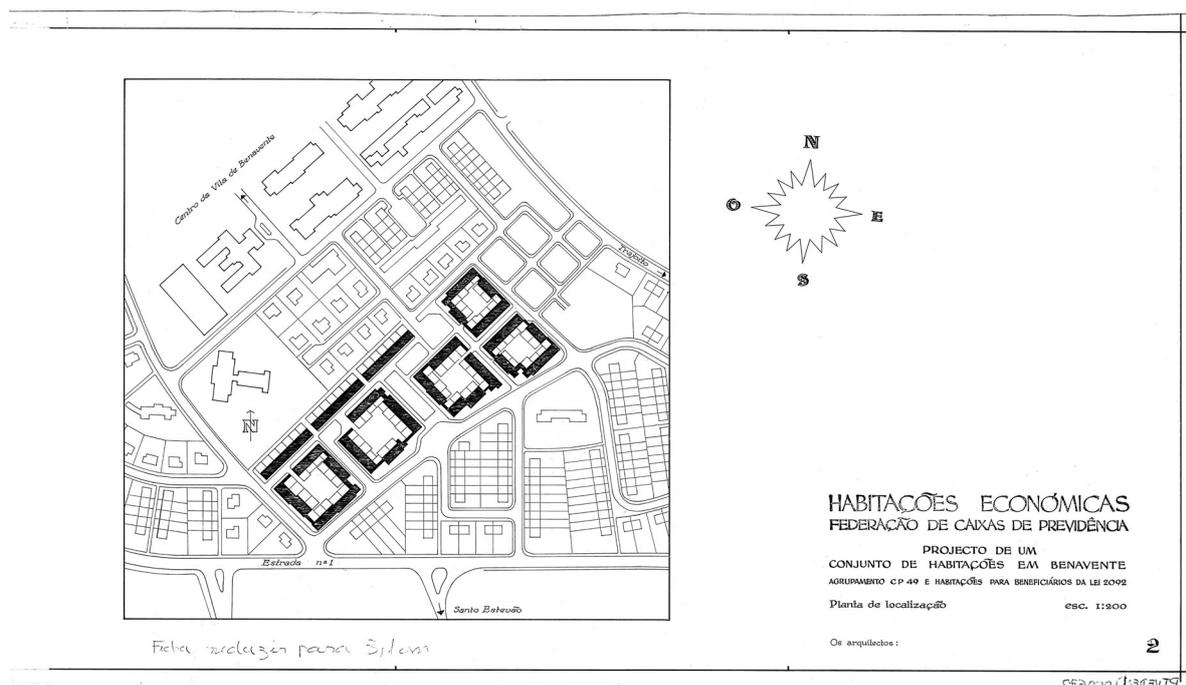


FIGURA 5. Projeto: planta de localização
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000672

CONJUNTO HABITACIONAL EM BENAVENTE

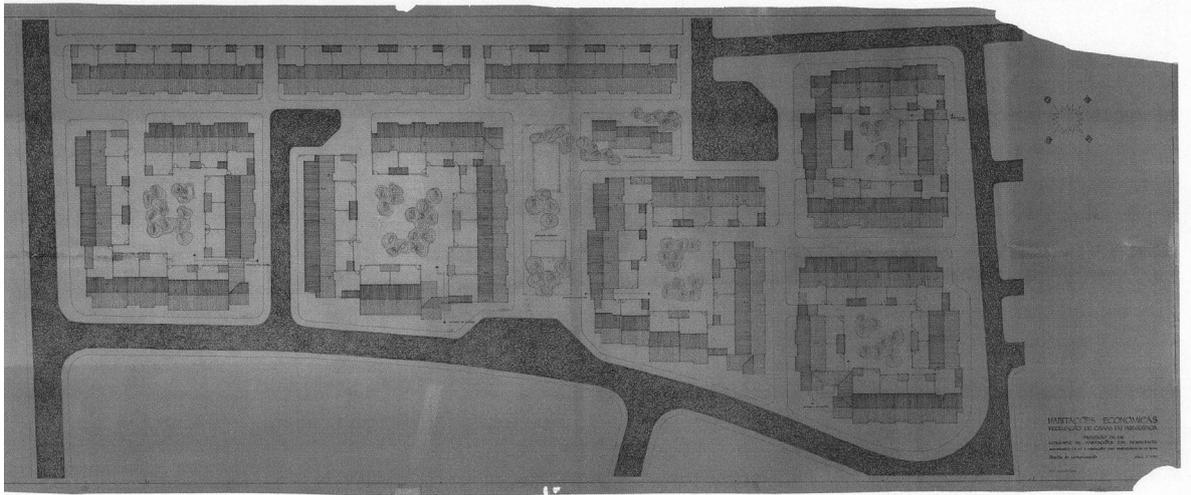


FIGURA 6. Projeto: planta de implantação
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000671

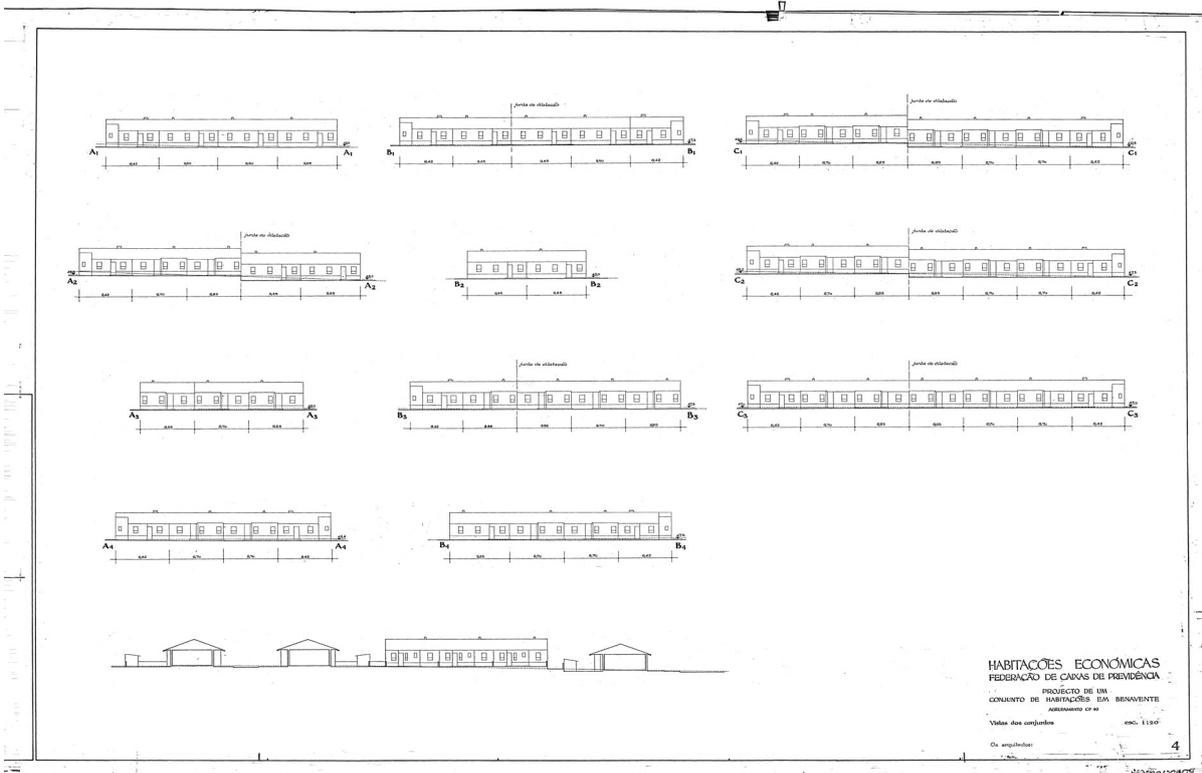


FIGURA 7. Projeto: vistas dos conjuntos
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000674

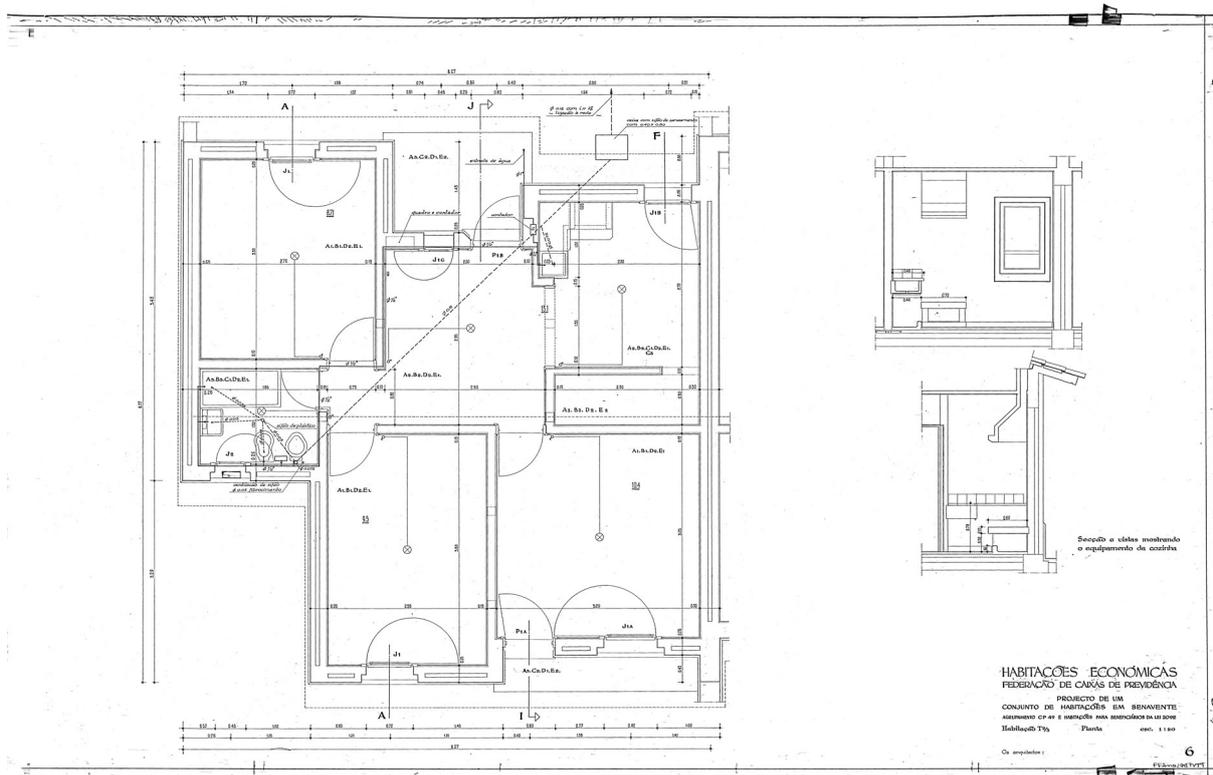


FIGURA 8. Projeto: habitação T2/5, planta
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000677

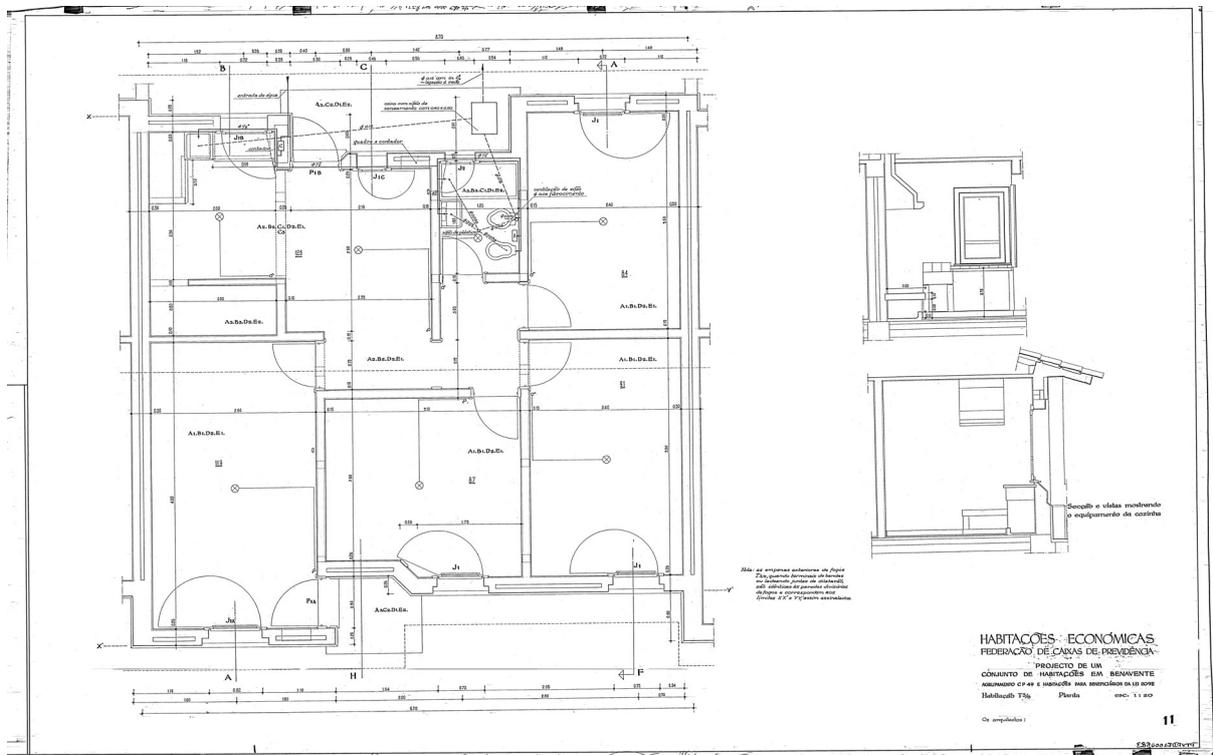


FIGURA 9. Projeto: habitação T3/6, planta
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000683

CONJUNTO HABITACIONAL EM BENAVENTE

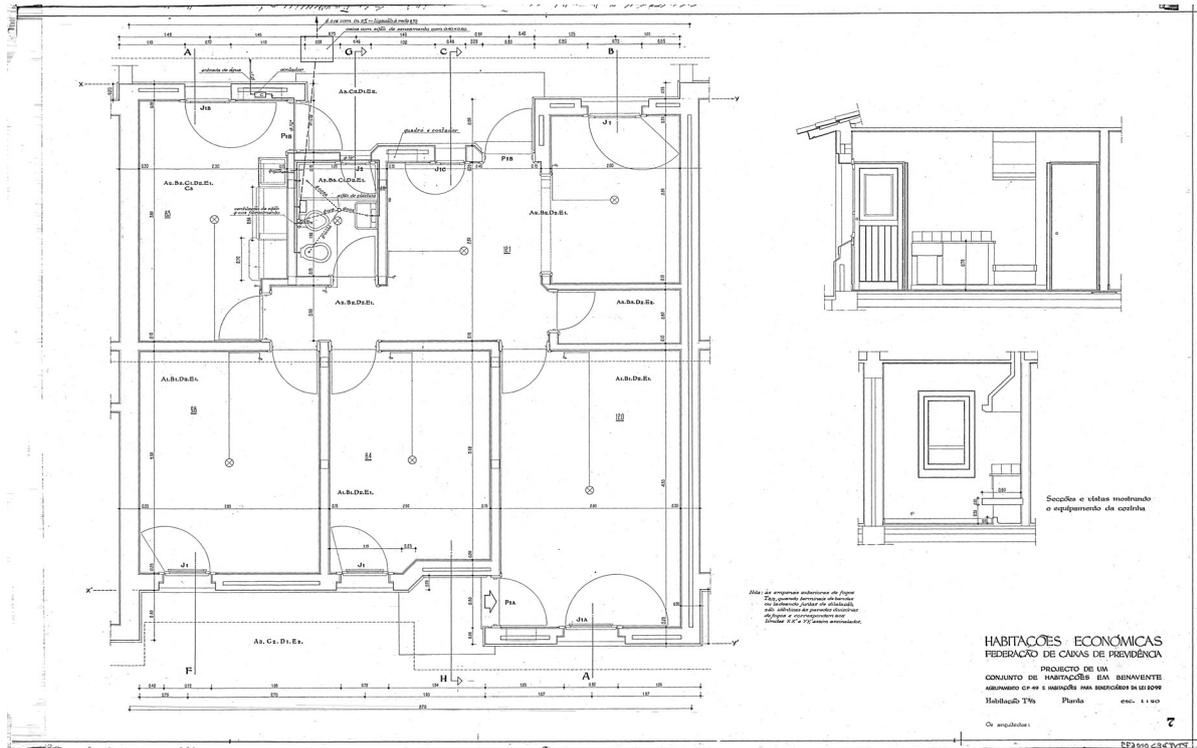


FIGURA 10. Projeto: habitação T3/5, planta
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000679

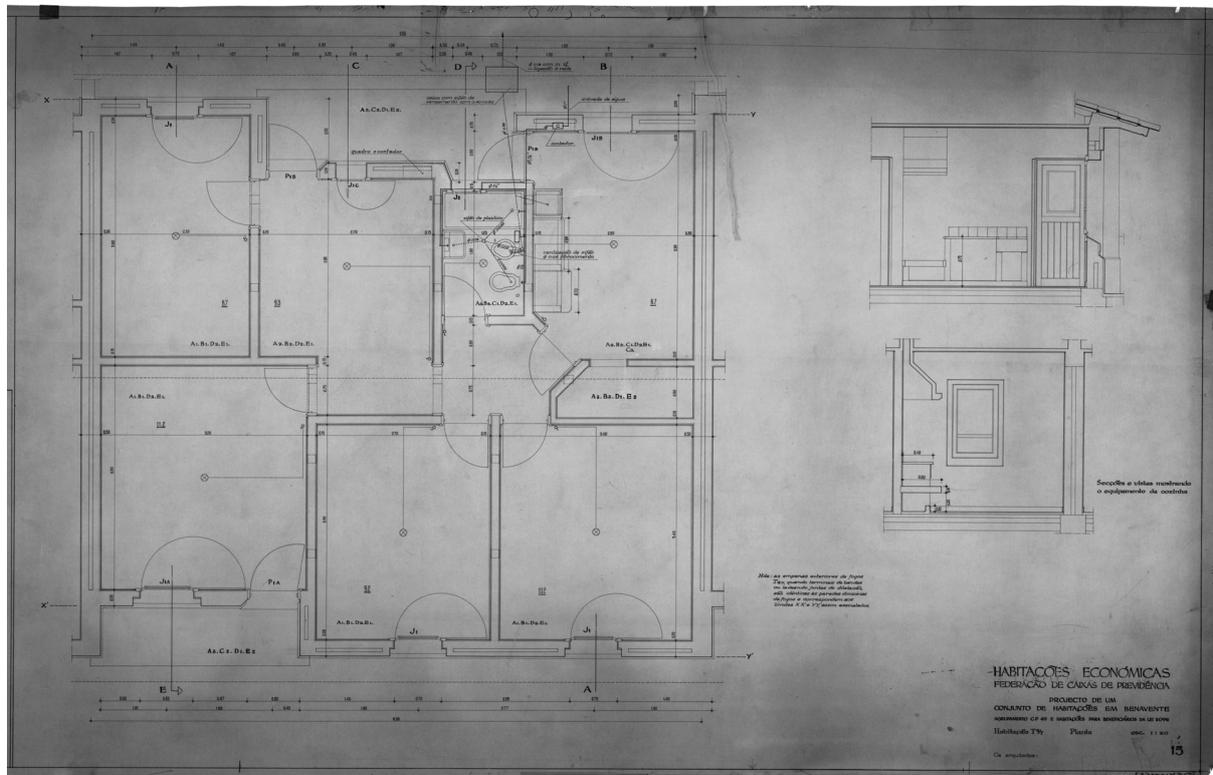


FIGURA 11. Projeto: habitação T4/7, planta
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000687



FIGURA 12. Projeto: habitação T3/5, vistas e secções
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000680



FIGURA 13. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)



FIGURA 14. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)



FIGURA 15. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 07876

1962

CONJUNTO HABITACIONAL EM SANTO ESTÊVÃO

Vítor Figueiredo

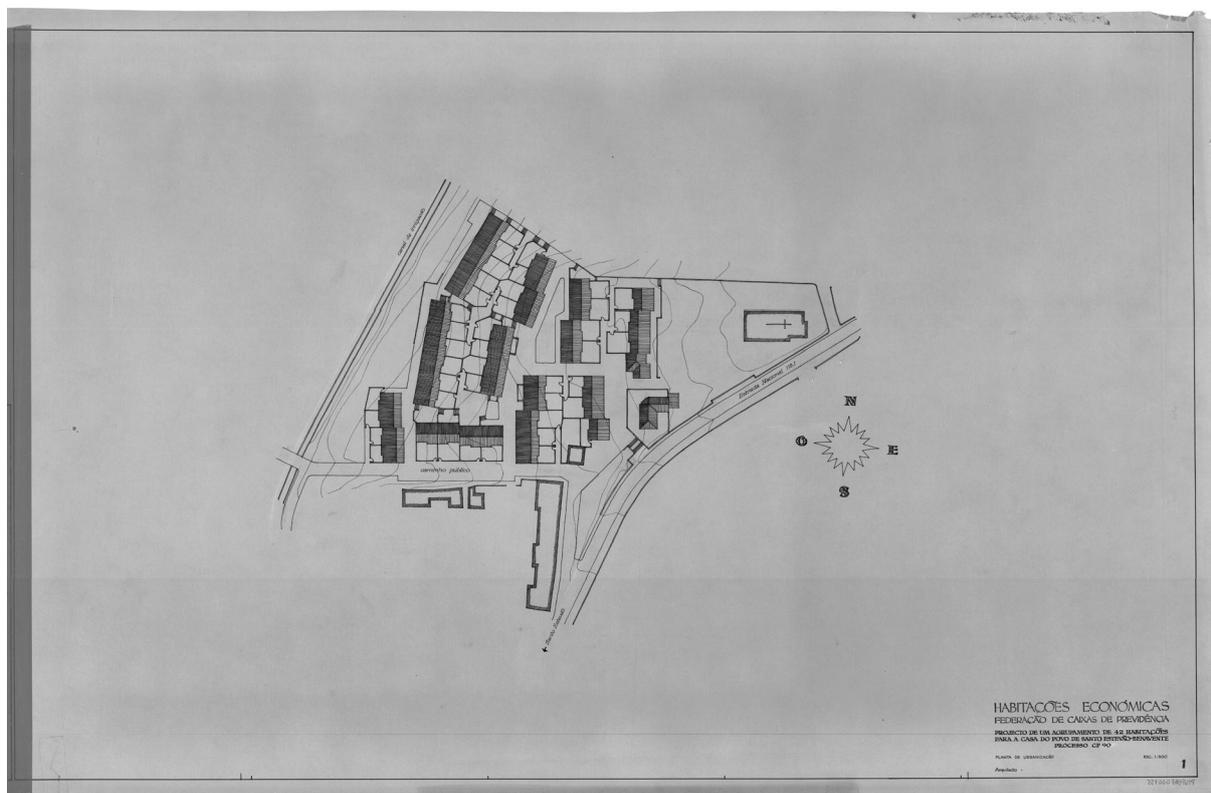


FIGURA 1. Projeto: planta de urbanização

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000155

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO

Em A. Araújo Coutinho, e V. Monteiro Pacheco "Habitação-família. Um Inquérito no meio rural." (Ministério das Corporações e Previdência Social. Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas - Serviços de Inquéritos habitacionais, nº2, Ano de 1968), 107-110.

Os fogos projectados (...) têm áreas extremamente diminutas.

Os fogos T3A e T3B embora de concepção bastante diferenciada no que respeita ao seu espaço nuclear – a área de comer e trabalhar – correspondem fundamentalmente ao mesmo programa geral:

- 1 – 3 quartos, tendo um deles características de sala e acesso do exterior.
- 2 – 1 dependência para vida diurna organizada por forma a distinguir uma zona de serviço de outra polivalente.
- 3 – Instalações sanitárias, arrecadação, despensa, alpendre coberto e pia de despejos.

A dependência referida em 2. organiza-se no fogo T3A à volta do local de cozinhar que mantém certas características rurais e permite um tipo de fruição que normalmente se nega em soluções predominantemente económicas. Alguns degraus conduzem a uma zona mais íntima, onde há lugar para uma cama de emergência, de considerar nos casos de mais densa ocupação, mas que normalmente constituirá um desafogo da área de serviço e uma zona limpa de evidente utilização.

No fogo T3B essa mesma área aparece chamada à frente, enquanto que os locais de cozinhar e preparar os alimentos se situam no interior do fogo.

Pareceu de grande interesse experimentar as duas soluções que, dentro de uma óptica da mais estrita economia, constituem mesmo assim duas propostas que consideramos pertinentes e especialmente dirigidas às crescentes dificuldades em resolver – dentro dos limites contratuais – habitações desta categoria e tipo para populações rurais de recursos muito reduzidos.

Situa-se, aliás, dentro dessa óptica a resolução dada às instalações sanitárias que, sendo somente acessíveis pelo exterior, o são de tal forma que o percurso aparece extremamente protegido e reduzido a uma distância mínima. O mesmo acontece à pia de despejos que se colocou também no exterior, evitando-se desta forma as maiores probabilidades de maus cheiros dentro do fogo.

Resultando de recentes observações não só de esquemas existentes em soluções tradicionais mas, fundamentalmente, do uso que vem sendo dado pelos utentes às soluções que normalmente lhes são oferecidas, julga-se que o critério estabelecido para os elementos referidos em 3. merece pelo menos ser experimentado.

No caso do T4, que é de certo modo um híbrido dos anteriores, aparecem as mesmas motivações adaptadas a novas circunstâncias e a uma outra dimensão de fogo.

O funcionamento das habitações, nas bases propostas, está em grande parte assegurado pela possibilidade de se atingir a zona do serviço através do logradouro, evitando assim o atravessamento do quarto-saleta, qualquer que seja o tipo de ocupação que lhe venha ser dado.

A criação de um espaço exterior sob o alpendre, prolongando a cozinha e comum a todos os tipos de fogos, vai por sua vez ao encontro de necessidades reconhecidas e tem especial interesse dada a total privacidade dos logradouros.

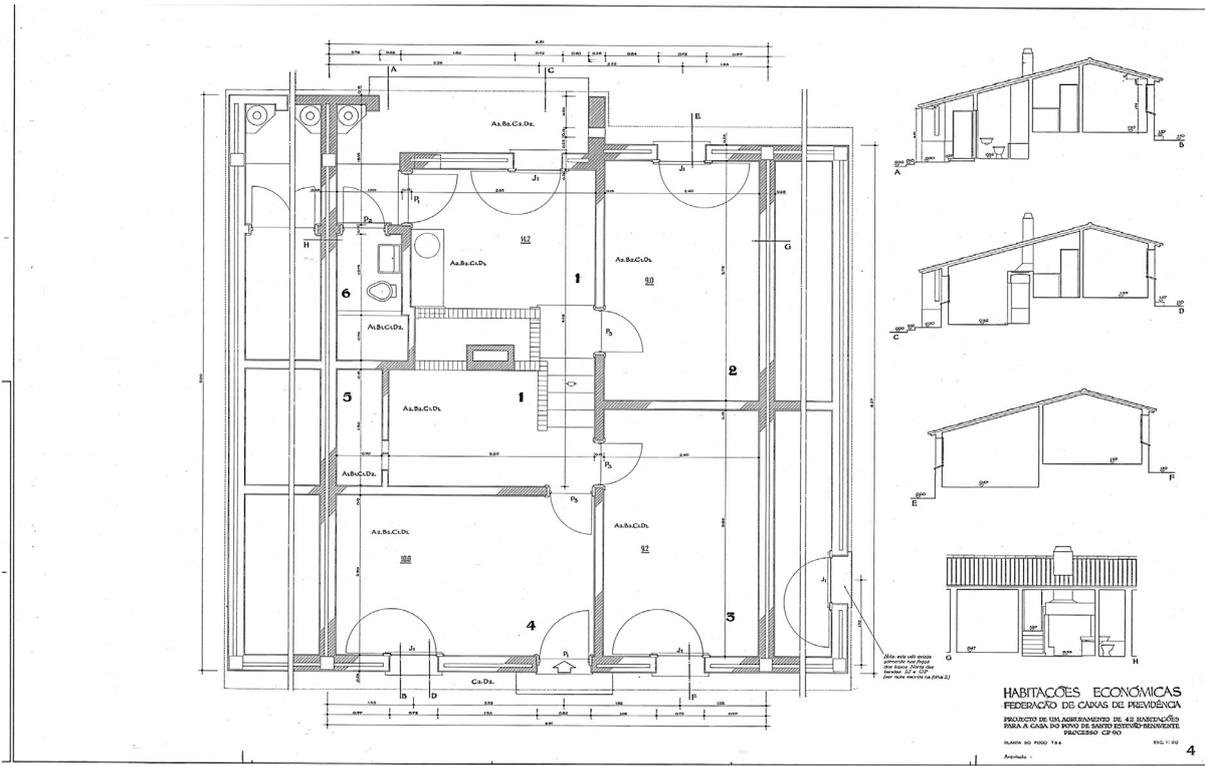


FIGURA 2. Projeto: planta do fogo T3A
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000158

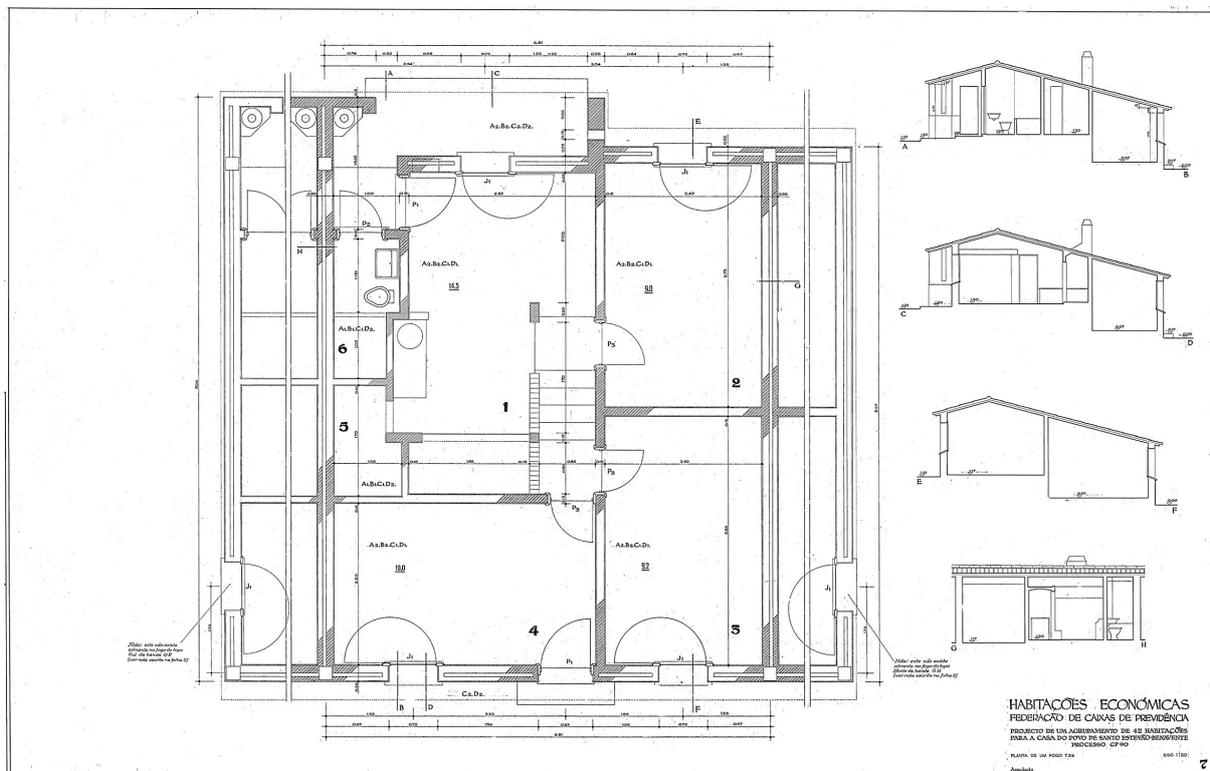


FIGURA 3. Projeto: planta do fogo T3B
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000161



FIGURA 6. Projeto: fogo T4, vistas e secções tipo
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000165



FIGURA 7. Fotografia. Autor desconhecido, s.d.
Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)



FIGURA 8. Fotografia. Autor desconhecido, 1979
Revista Arquitectura n.º 135 (setembro/outubro de 1979), 43

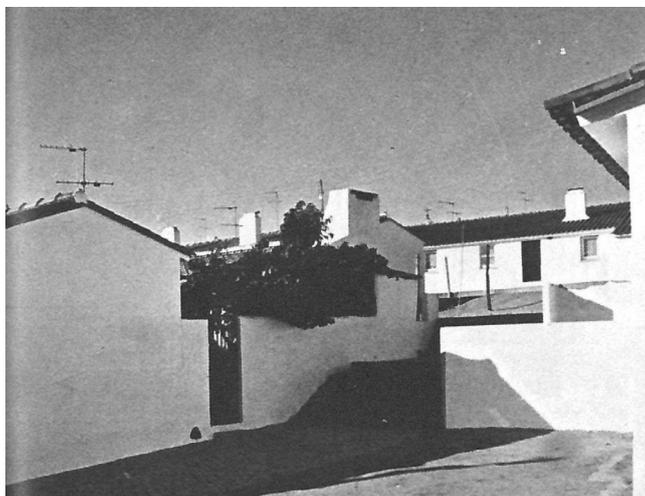


FIGURA 9. Fotografia. Autor desconhecido, 1979
Revista Arquitectura n.º 135 (setembro/outubro de 1979), 43



FIGURA 10. Fotografia. Autor desconhecido, 1979
Revista Arquitectura n.º 135 (setembro/outubro de 1979), 43

1963

CONJUNTO HABITACIONAL EM SALVATERRA DE MAGOS

Vítor Figueiredo

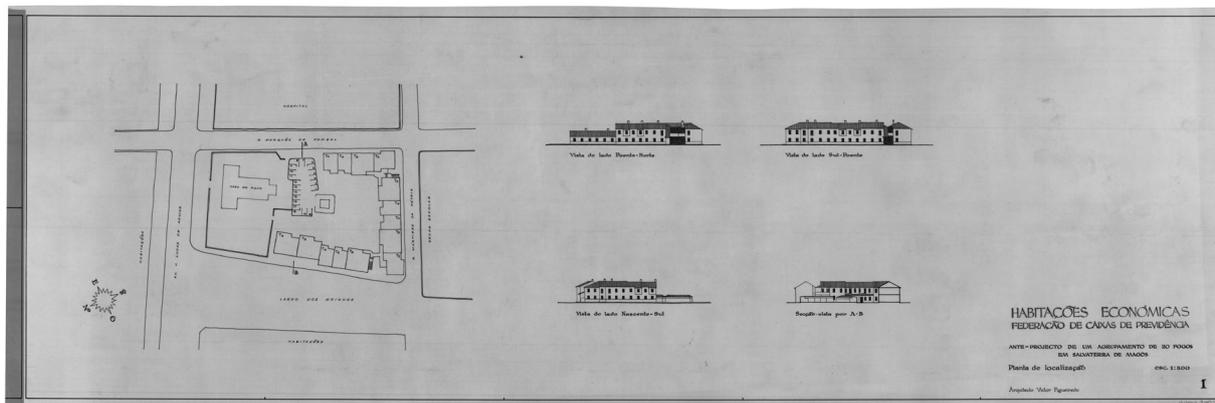


FIGURA 1. Anteprojecto: planta de localização

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000144

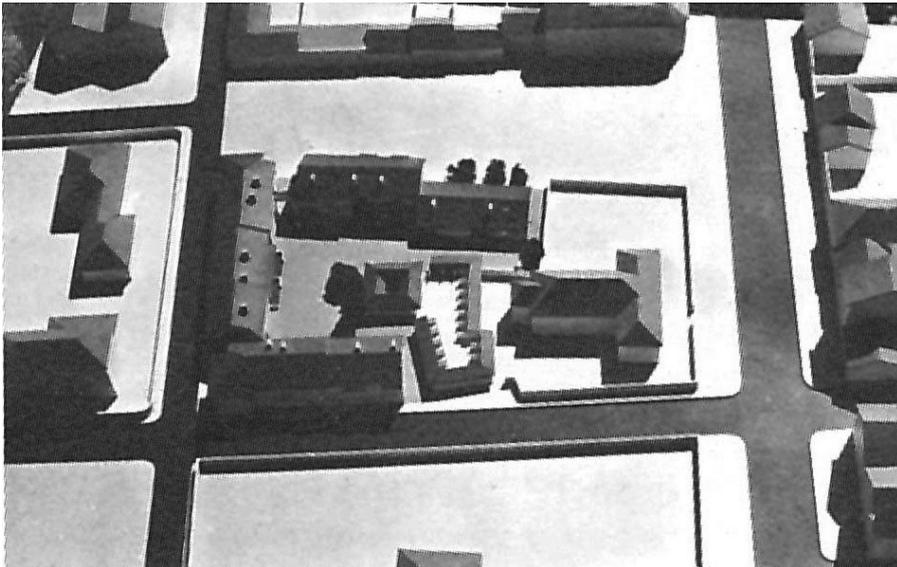


FIGURA 4. Anteprojeto: fotografia da maquete do conjunto
Revista *Arquitectura* n.º 135 (setembro/outubro de 1979), 41



FIGURA 5. Anteprojeto: fotografia da maquete do conjunto
Autor desconhecido, s.d.
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 009088

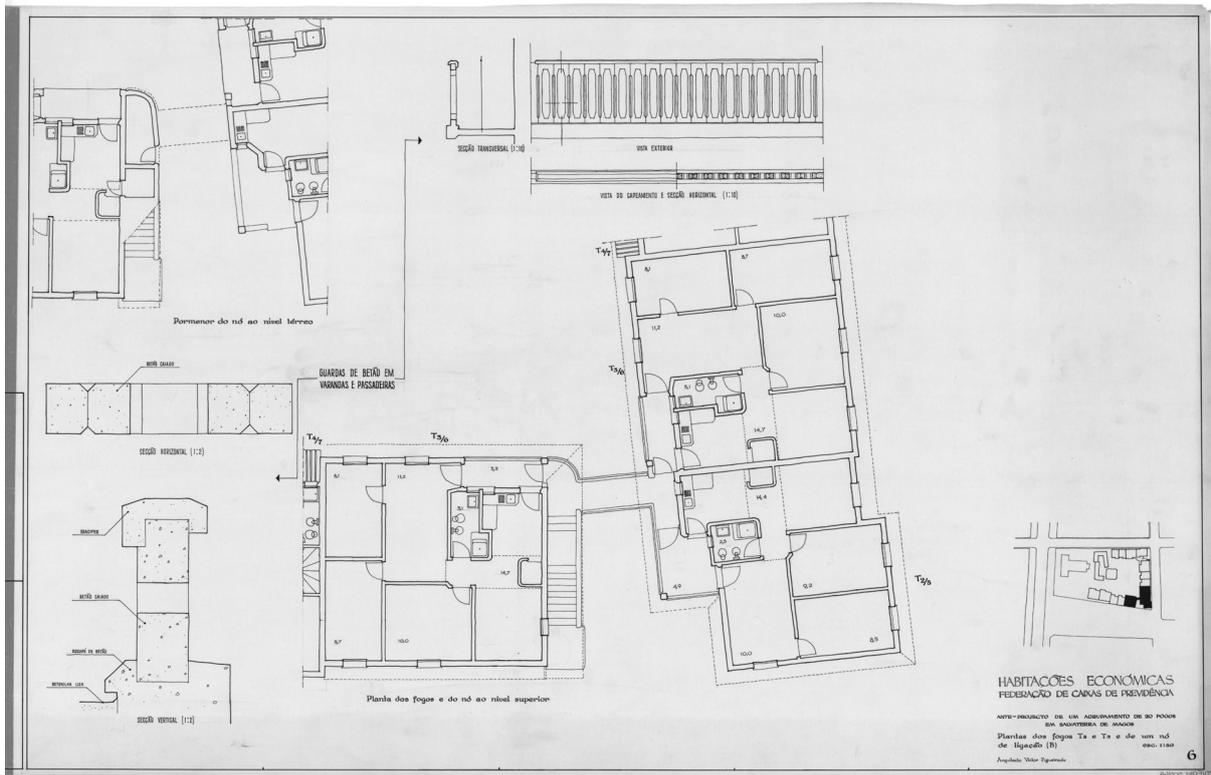


FIGURA 6. Anteprojecto: plantas dos fogos T2 e T3 e de um nó de ligação (B)

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000149

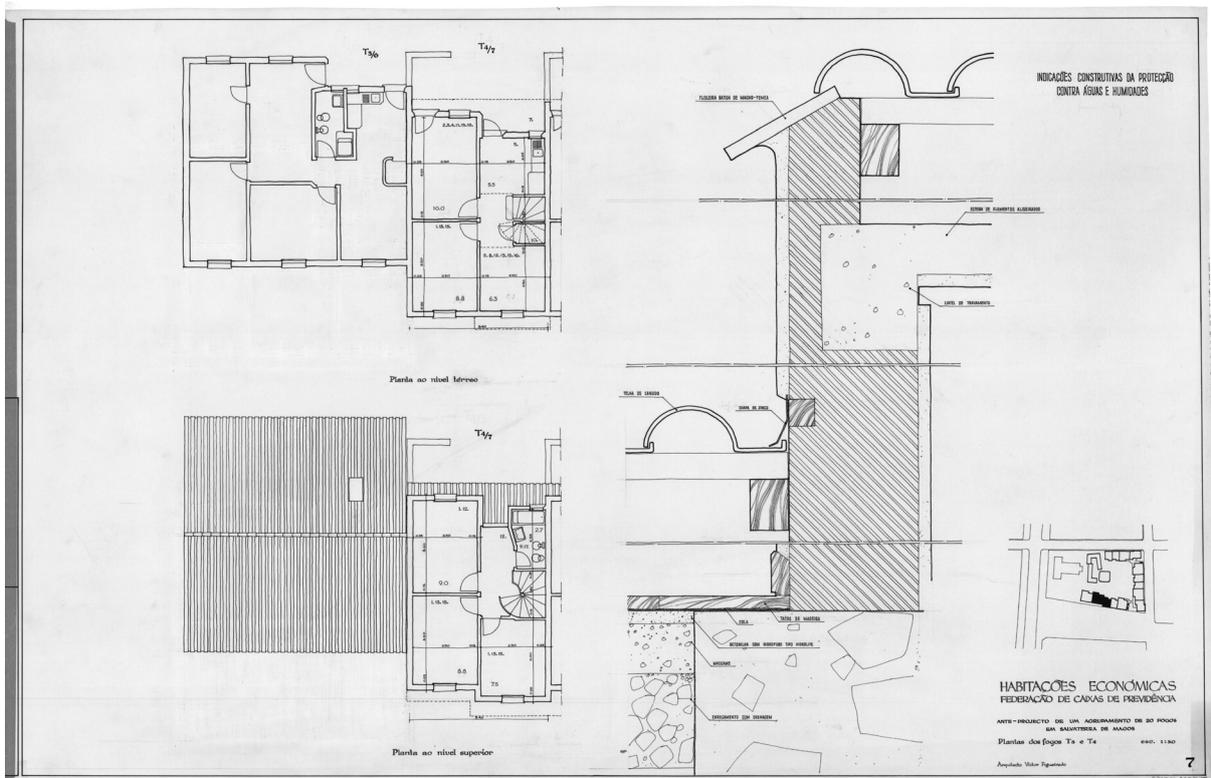


FIGURA 7. Anteprojecto: plantas dos fogos T3 e T4

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000150

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ESTUDO PRÉVIO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00092

1. ANTECEDENTES

1.1 - Em 6/6/57, através do ofício n.º 192 dirigido ao Ministério das Corporações e Previdência Social, manifestou a Câmara Municipal de Lisboa determinado ponto de vista quanto à substituição de edifícios na Avenida de Roma. Do mesmo se transcrevem os seguintes períodos:

«Encontram-se construídos na Avenida de Roma, ao abrigo da lei 2.007, vários prédios de renda económica que foram então autorizados para atender às prementes necessidades de momento.

Estas edificações, em relação às restantes da mesma avenida, formam um flagrante contraste, não só quanto à sua expressão arquitectónica, como também no que respeita ao seu volume, o que leva este Município a encarar a hipótese da sua transformação, de forma a melhorar as condições estéticas de uma das principais artérias da cidade.

Nestas condições e como se não afigura fácil a resolução do assunto, dado que o n.º 5 da Lei 2.007 acima referida, promulgada em 7 de Maio de 1945, determina que não poderão os prédios construídos ao abrigo desta Lei ter mais que rés-do-chão e três pisos, solicito [que] (...) V. Ex.^a. se digne providenciar junto do Governo, a fim de se obter a alteração necessária àquela Lei, de molde a tornar-se possível a remodelação dos prédios em causa.»

1.2 - Através de ofício dirigido à Câmara Municipal de Lisboa (n.º 5778 de 27 de Abril de 1959) a Direcção Geral de Previdência dava conta de que por força da Base III n.º.s 1 a 3 da Lei 2.092 deixam de existir, tanto para as casas a construir de futuro como para efeitos de reconstrução as limitações previstas no n.º 5 da Base I da Lei 2.007 de 7 de Maio de 1945, acrescentando que «submetido o assunto à consideração de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social foi entendido que, admitidas tanto a conveniência como a possibilidade legal das transformações pretendidas por essa Câmara haverá apenas que encontrar a forma prática de resolver o problema em condições satisfatórias – económica e socialmente.»

1.3 - Em resposta a Câmara Municipal de Lisboa (ofício n.º 24 de 19/1/61) confirmava à Direcção Geral de Previdência a viabilidade de prosseguirem as diligências no sentido da referida substituição, recomendando a necessidade de se atender ao realojamento dos respectivos inquilinos através da construção de alguns prédios em terrenos da Federação de Caixas de Previdência e que já inicialmente constaram do plano de Alvalade; localizados dois na confluência da Rua António Patrício com a Rua Alberto de Oliveira e um no cruzamento da mesma rua com a Rua Afonso Lopes Vieira.

1.4 - Nesta ordem de ideias, procedeu-se ao estudo de que agora se apresenta a primeira fase, compreendendo as partes 1 e 2; a saber:

— substituição de 4 edifícios residenciais situados na Avenida de Roma demolidos para o efeito.

— ocupação de 3 espaços livres existentes entre a construção de diversas artérias do chamado bairro de Alvalade.

Entre os condicionamentos gerais e os elementos básicos do programa foram considerados:

— o limite do n.º. de pisos para cada uma das situações.

— as características residenciais dominantes, com possibilidade de unidades comerciais de apoio, destinadas não só a uma integração no local como a permitir a criação de um certo equipamento colectivo.

— um determinado padrão qualitativo no que se refere aos programas tratados, à construção e aos acabamentos, tendo em vista a categoria social dos previstos utentes e a zona para que se projecta.

2. ORGANIZAÇÃO DOS CONJUNTOS**2.1 - Localização e integração urbanística**

Trata-se indubitavelmente de um programa vasto e complexo, com todas as responsabilidades – não já as da integração num importante conjunto urbano mas as de natureza mais subtil, dado que as novas construções constituiriam elementos de renovação do mesmo conjunto e visariam, assim, cobrir um período de utilização quanto possível longo e adaptar-se a padrões de vida em inevitável crescendo de exigências.

Os problemas levantados pelos diversos edifícios em causa variam substancialmente, podendo esquematizar-se as situações a que houve que dar resposta:

2.1.1 - Frentes para um grande arruamento com resolução em extensão e altura admissível correspondente a 8 pisos, sendo 7 de habitações e 1 de comércio, além dos pisos recuados ou enterrados.

Há quatro edifícios nesta situação, todos eles dispostos do mesmo lado do arruamento, com desenvolvimento variável e de certo modo agrupados dois a dois, a despeito de uma via transversal que os separa. Estão neste caso os grupos AR-BR e CR-DR ou seja todos os que voltam a sua principal fachada para a Avenida de Roma. (...)

Falando em termos de integração local, assinala-se já nesta alínea a natureza do envasamento desses mesmos edifícios, o qual prolongaria uma linha térrea de características comerciais predominante nesta artéria, ainda que frequentemente materializada em péssimas condições de serviço pú-

blico. No caso presente, pretende dar-se a este envasamento uma feição definida e adequada ao fim em vista, assegurando uma adaptação a situações de grande, médio ou pequeno comércio e a elasticidade desejada, não só no que se refere à dimensão das unidades como ainda à sua dotação com arrecadações privativas em cave ou até à sua extensão aos pisos superiores recuados, em casos muito especiais.

Pensa-se que a evolução normal da zona e a criação deste tipo de equipamento, assegurarão a fixação e permanência de uma actividade comercial com as características e a escala desejadas.

2.1.2 - Edifícios para ocupação de gavetos em entroncamentos ou cruzamentos de ruas

Verificam-se três situações deste tipo, tendo cada uma delas exigido solução própria. (...)

— Edifício AG: Gaveto das Ruas António Patrício e Afonso Lopes Vieira (...).

— Edifício BG: Gaveto das Ruas Alberto de Oliveira e António Patrício (...).

— Edifício CG: Gaveto das Ruas António Patrício e Alberto de Oliveira (...).

3 - EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - Acessos e circulações (...)

3.1.1 - Nos edifícios AG, BG e CG a solução é a mais simples possível: os quatro pisos ligam-se por uma escada que dá acesso a dois fogos por patim, não se dispendo de montacargas ou ascensor. (...)

3.1.2 - Nos edifícios AR e BR o sistema é basicamente o habitual “escada – ascensor - montacargas” dando acesso a dois fogos por patim. (...)

3.1.3 - Nos edifícios CR e DR o sistema previsto compreende uma escada em torre exterior, ascensor, montacargas e pequena galeria ou rua aérea de distribuição para cada grupo de (três) fogos. Todos estes elementos conduzem ao andar recuado, o qual, no entanto, dispõe de mais um ascensor privado em ligação directa com o nível térreo.

3.2 - Orientação

A despeito das dificuldades de uma organização condicionada como a presente, procurou-se reduzir ao mínimo os defeitos de orientação.

3.3 - Equipamento

Dependerá de decisões posteriores e da aceitação por parte dos serviços camarários da utilização, nos moldes propostos, de pisos enterrados ou recuados, a criação de um certo equipamento colectivo, como sejam os logradouros, salas de recepção e estar e ainda outros elementos que o estudo económico possibilite. (...)

3.4 - Construção

Sacrificar-se-ão, se necessário, áreas de compartimentos e dimensões gerais de fogos para assegurar uma construção cuidada e quanto possível isenta de encargos de conservação. Não se pretendendo uma expressão luxuosa, tentar-se-á a todo custo que a qualidade de materiais e acabamentos seja bem patente nos edifícios a construir e satisfaça os verdadeiros interesses da futura fruição. (...)

4. FOGOS

Pretende-se com este ante-projecto avaliar das possibilidades de levar para diante o esquema de utilização proposto para os sete edifícios a construir. Como os problemas levantados são muito grandes e se devem esperar importantes ajustamentos a fim de se poder prosseguir na elaboração do projecto, não se fornecem os elementos quantitativos habituais, não só porque se considera (...) realmente precária a presente proposta, mas até porque eles não seriam decisivos nas resoluções a tomar. Com efeito as áreas e os índices, o número de compartimentos e a organização interna dos fogos, o equipamento e o nível da construção que se deseja assegurar, excederão sem dúvida os termos mínimos que poderiam dar corpo a qualquer debate sobre a matéria. (...)

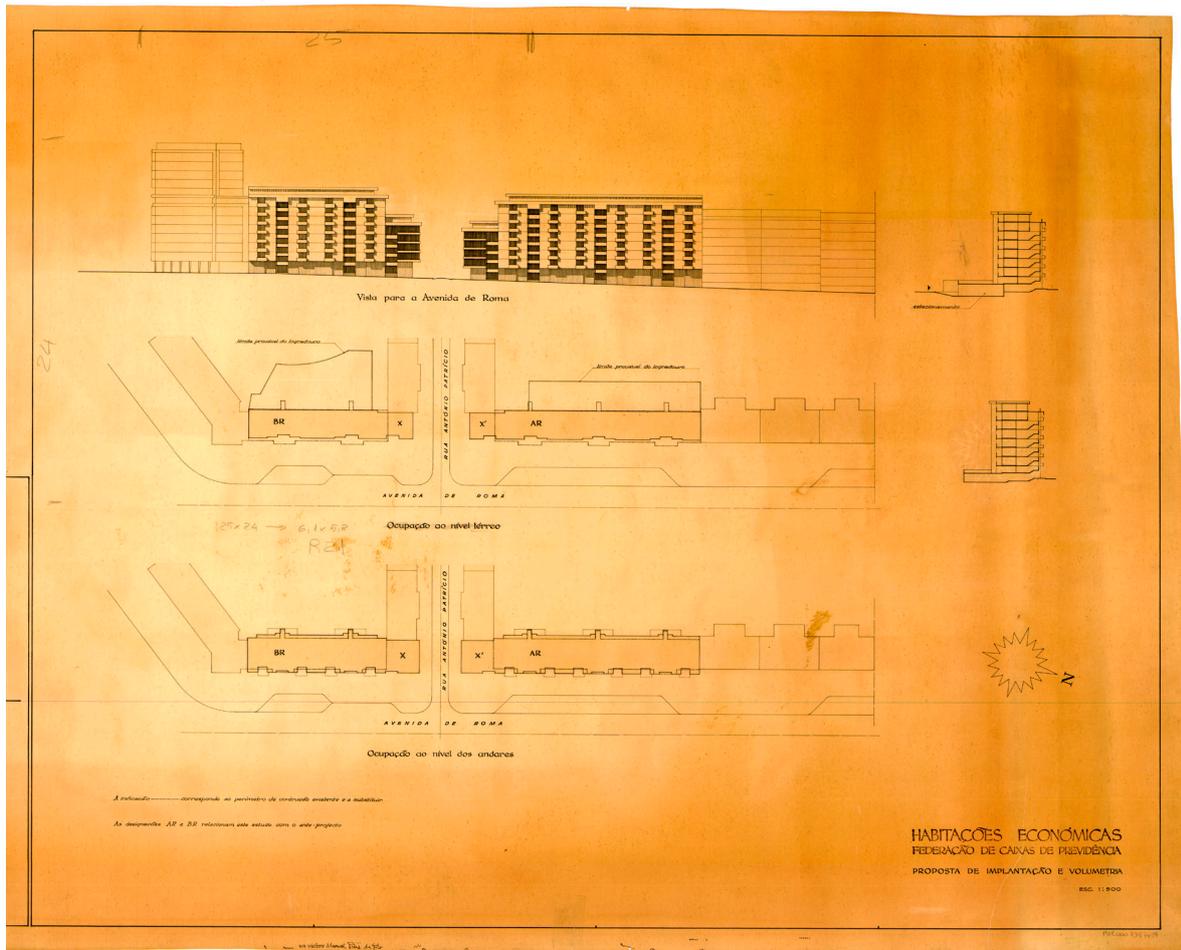


FIGURA 2. Anteprojecto: proposta de implantação e volumetria

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000309

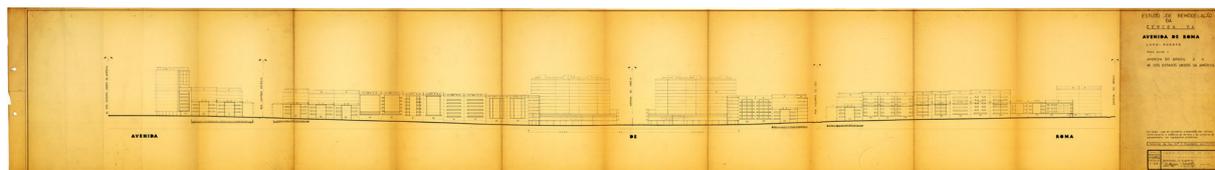


FIGURA 3. Estudo de remodelação da cércea da Avenida de Roma, lado poente, troço entre a Avenida do Brasil e a Av. dos Estados Unidos da América

Estudo elaborado pela Câmara Municipal de Lisboa, autor desconhecido

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 004753

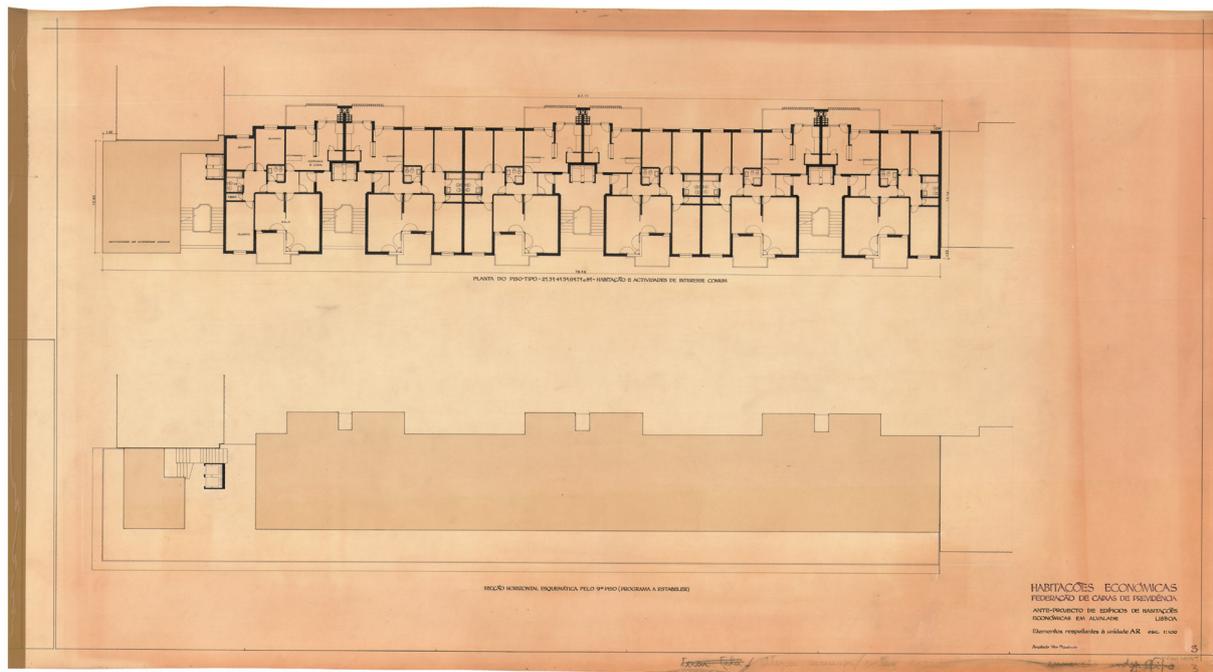


FIGURA 4. Anteprojecto: elementos respeitantes à unidade AR
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000311

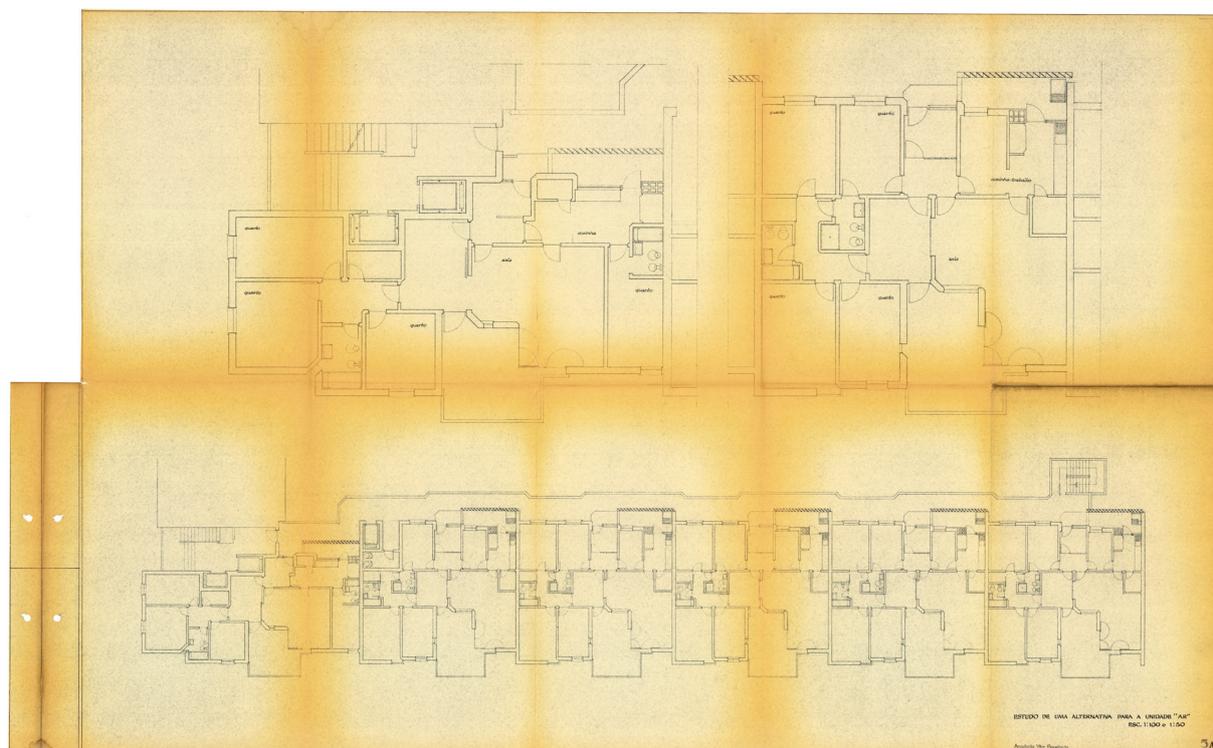


FIGURA 5. Anteprojecto: estudo de uma alternativa à unidade AR
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 04751

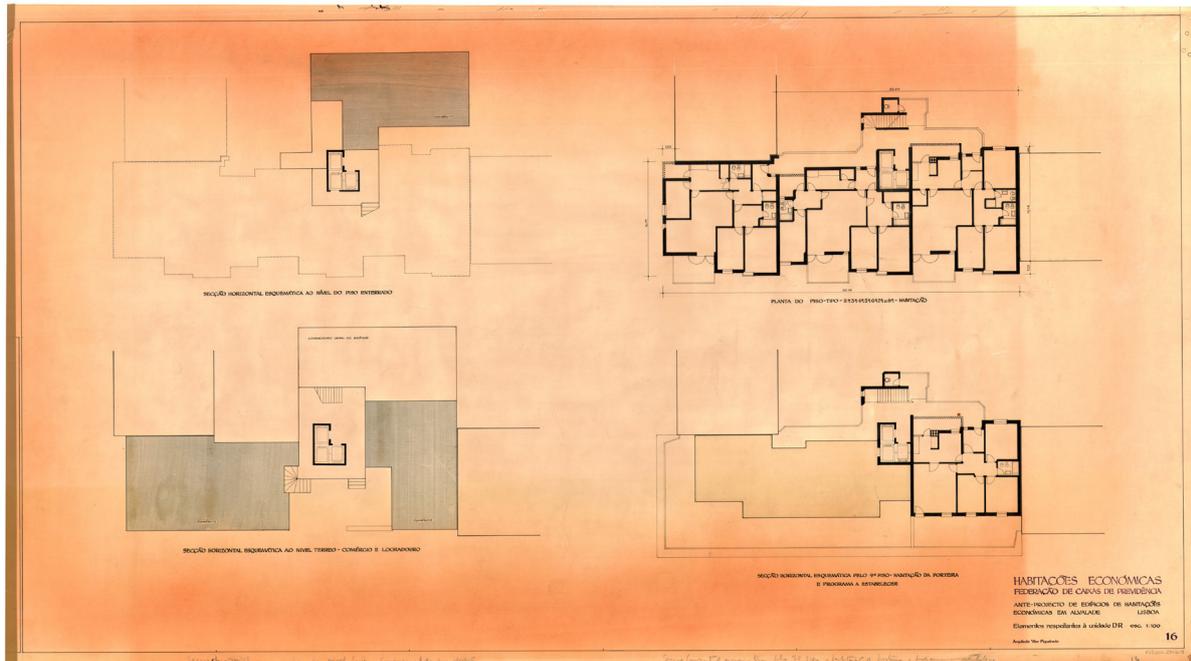


FIGURA 6. Anteprojecto: elementos respeitantes à unidade DR
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000327

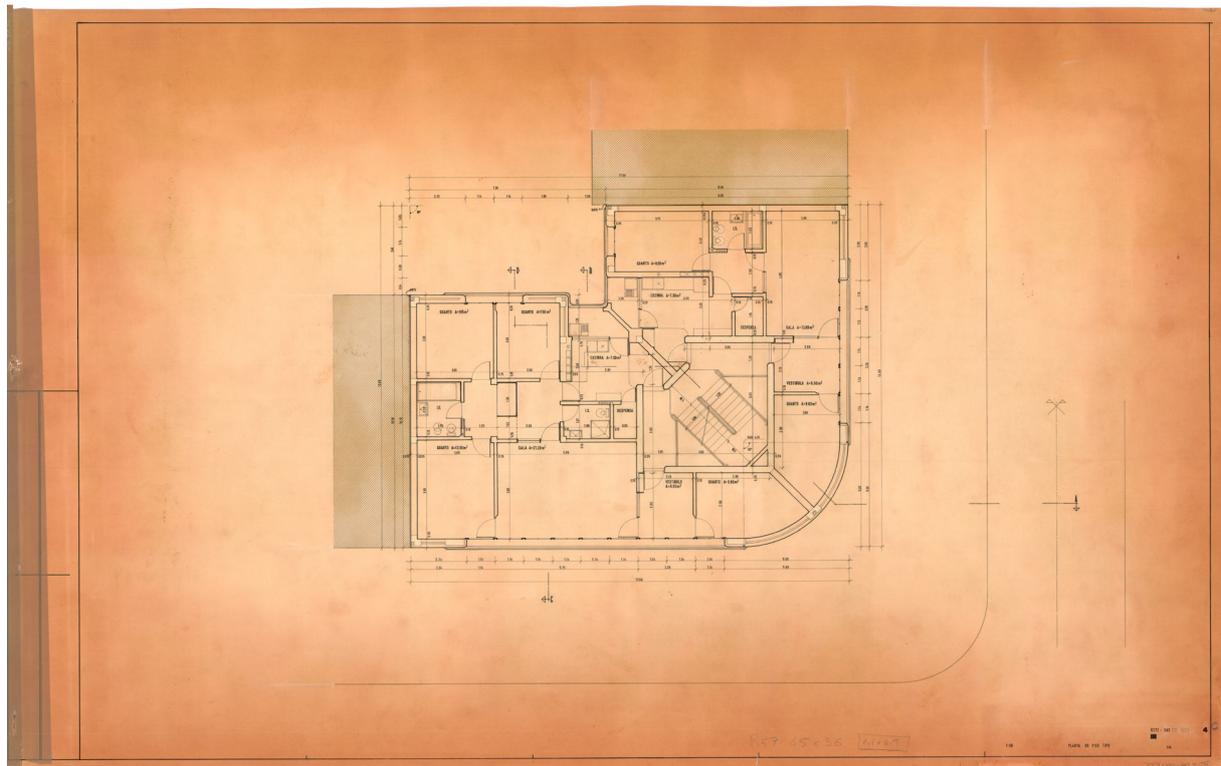
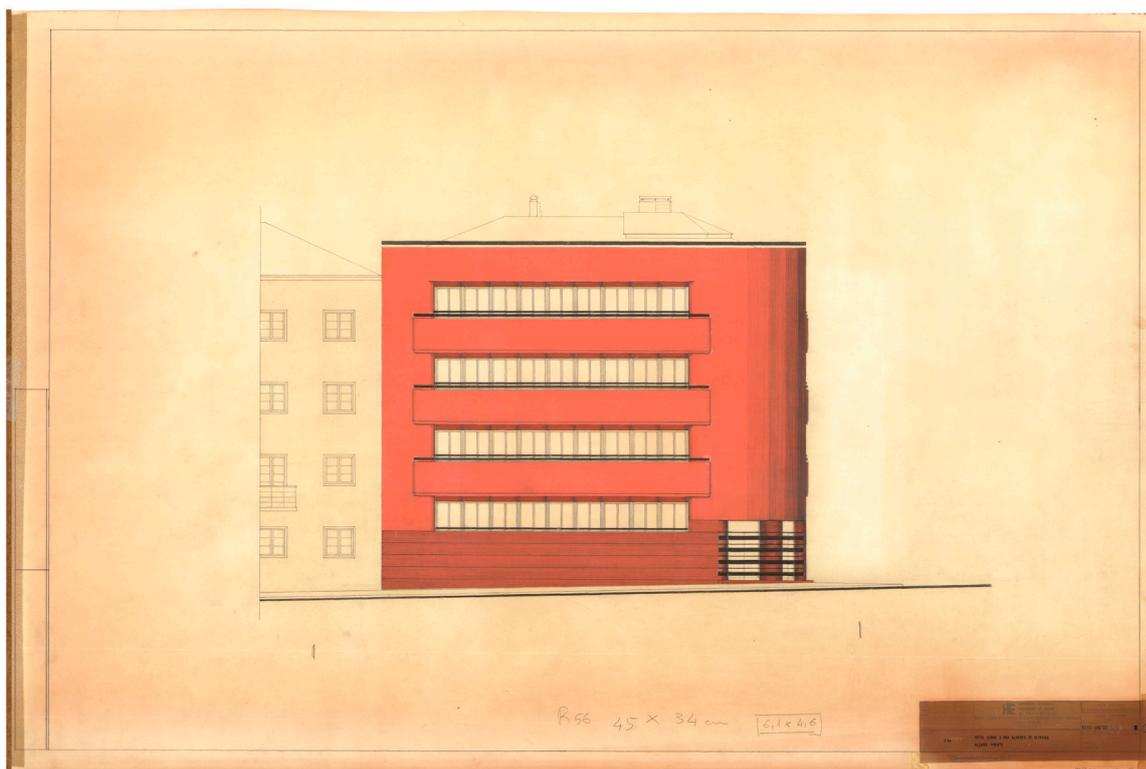
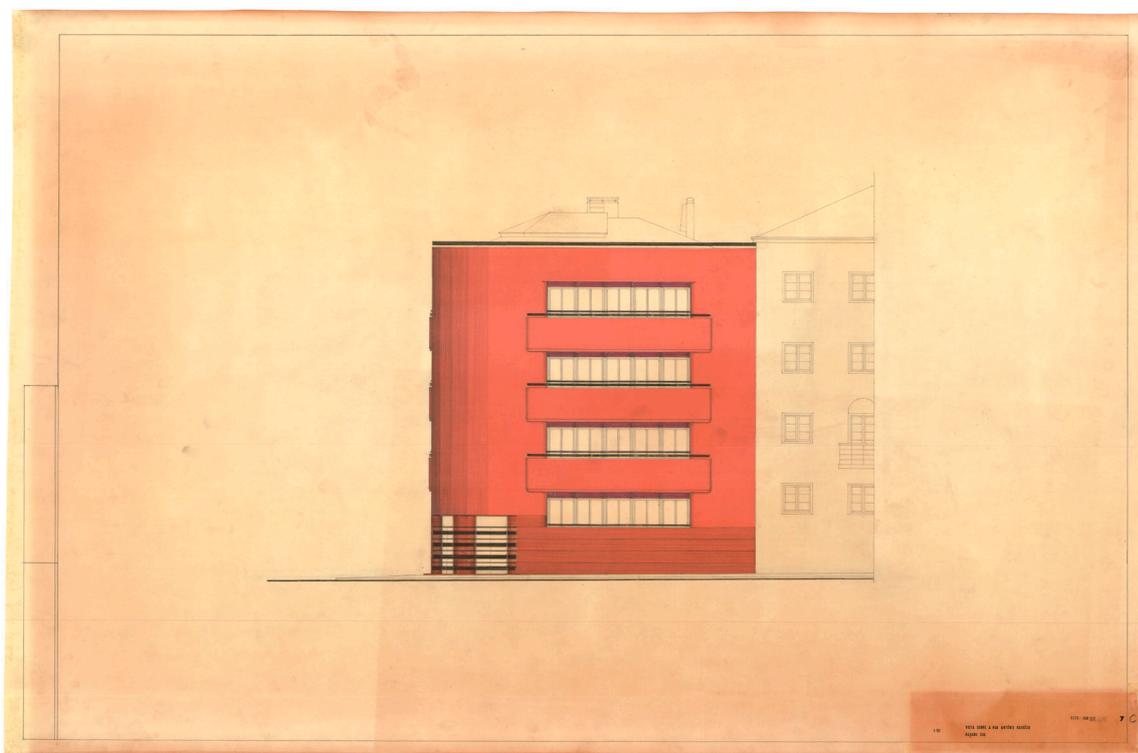


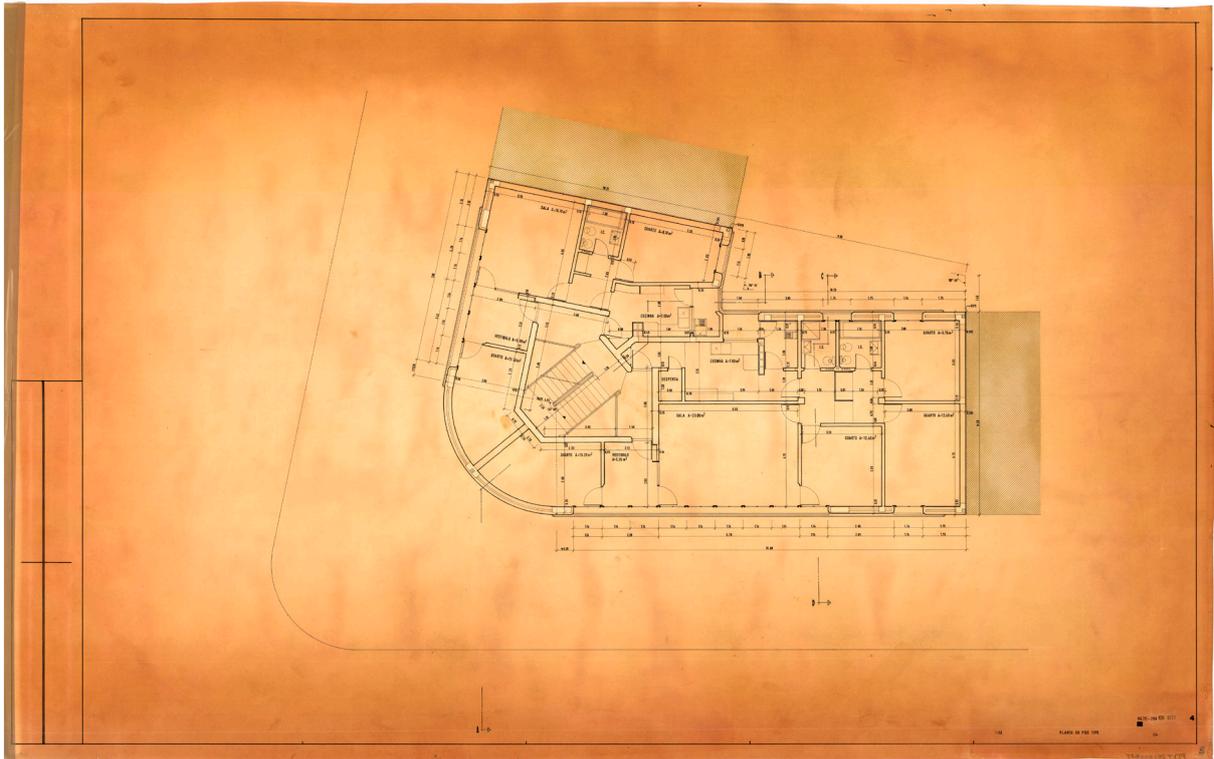
FIGURA 7. Projeto: gaveto nascente da Rua Alberto de Oliveira – Rua António Patricio CRE 126 C, planta do piso tipo
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000645



**FIGURA 8. Projeto: gaveto nascente da Rua Alberto de Oliveira – Rua António Patrício
CRE 126 C, vista sobre a Rua António Patrício, alçado poente**
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000649

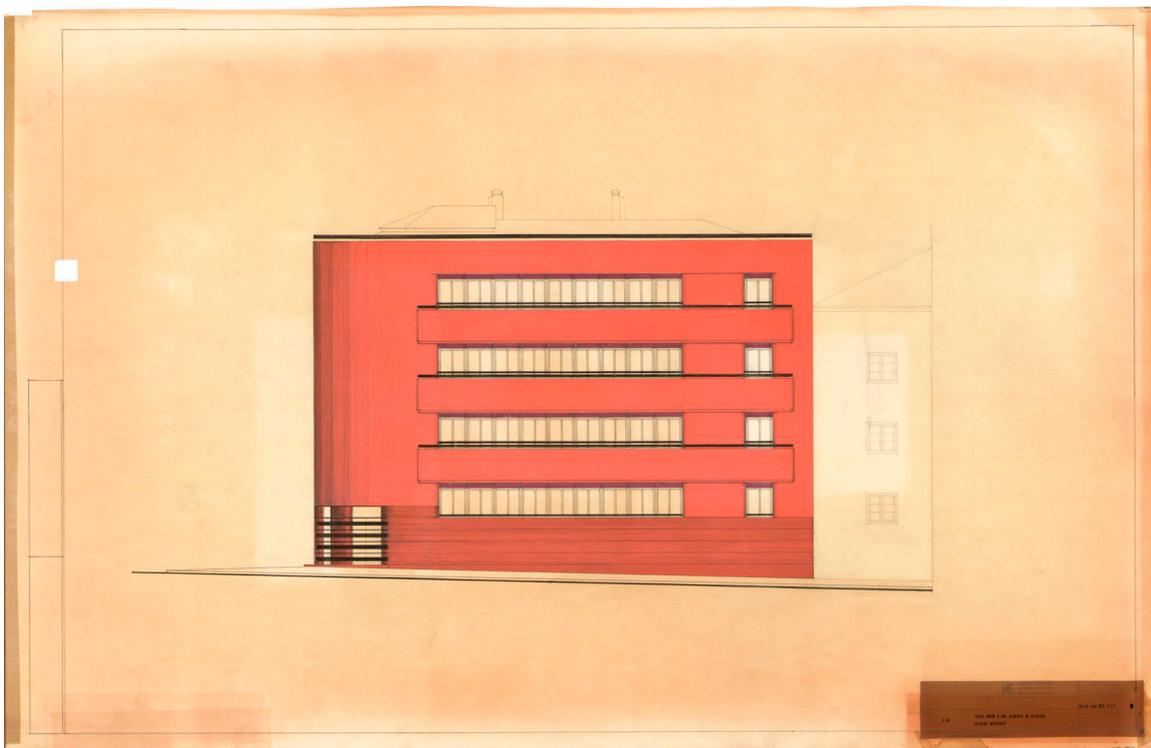


**FIGURA 9. Projeto: gaveto nascente da Rua Alberto de Oliveira – Rua António Patrício
CRE 126 C, vista sobre a Rua António Patrício, alçado sul**
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000648



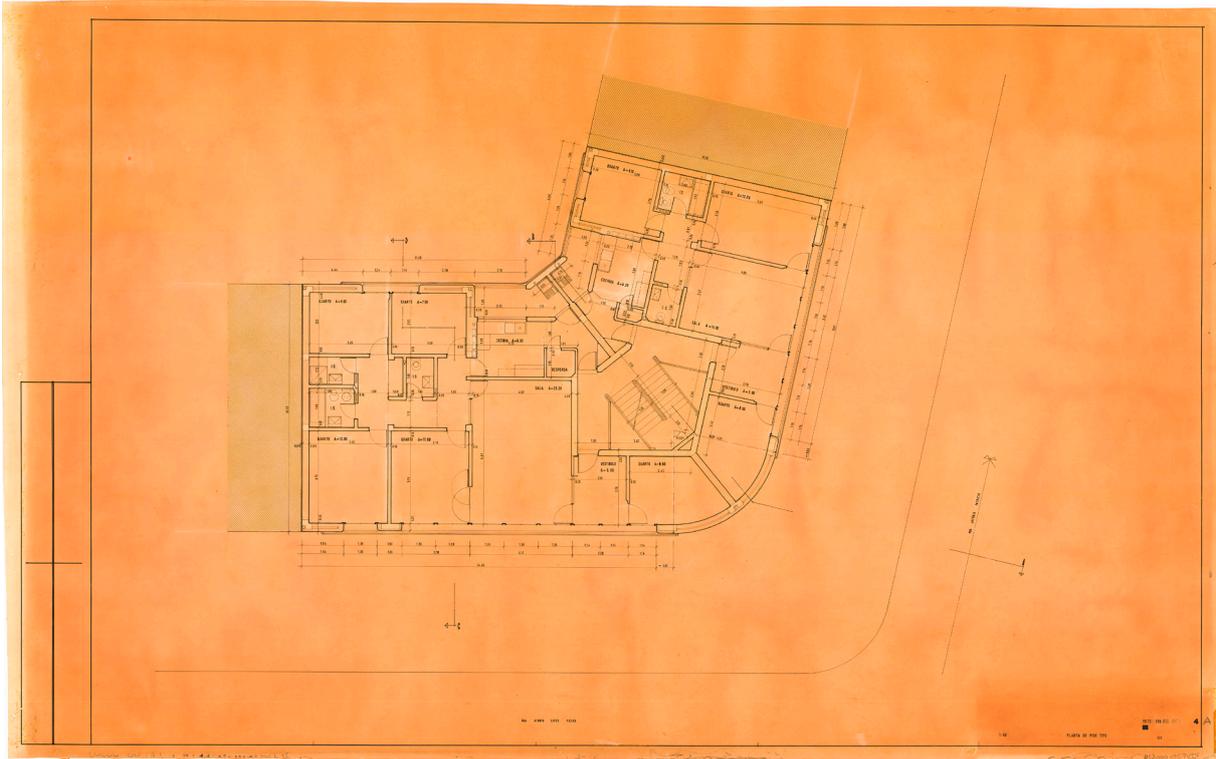
**FIGURA 10. Projeto: gaveto nascente da Rua Alberto de Oliveira – Rua António Patrício
CRE 126 B, planta do piso tipo**

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000635



**FIGURA 11. Projeto: gaveto nascente da Rua Alberto de Oliveira – Rua António Patrício
CRE 126 B, vista sobre a Rua Alberto de Oliveira, alçado nascente**

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000639



**FIGURA 12. Projeto: gaveto nascente da Rua Afonso Lopes Vieira – Rua António Patrício
CRE 126 A, planta do piso tipo**

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000625

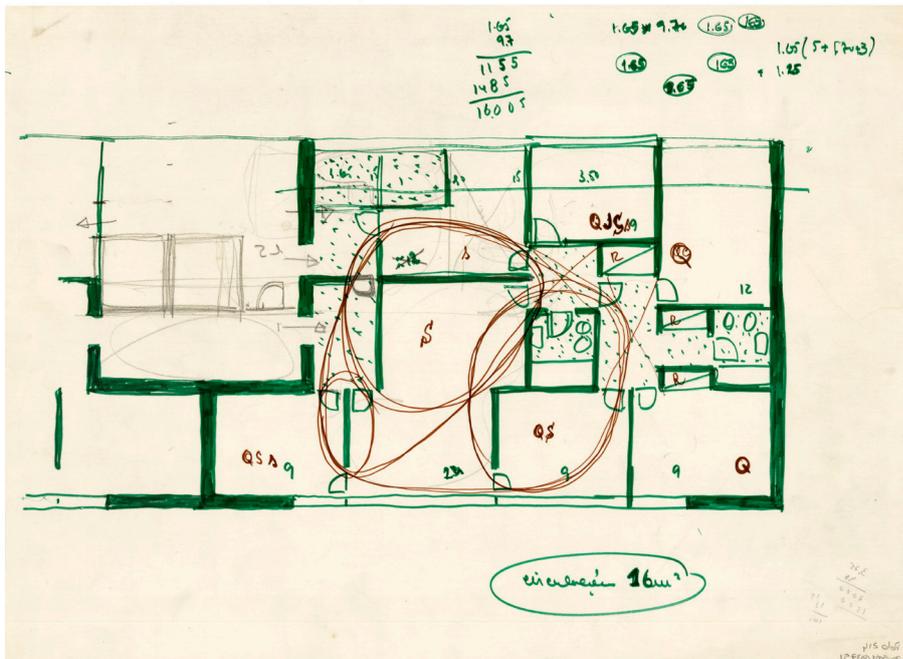


FIGURA 13. Esquicho

Vítor Figueiredo [?]

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003791

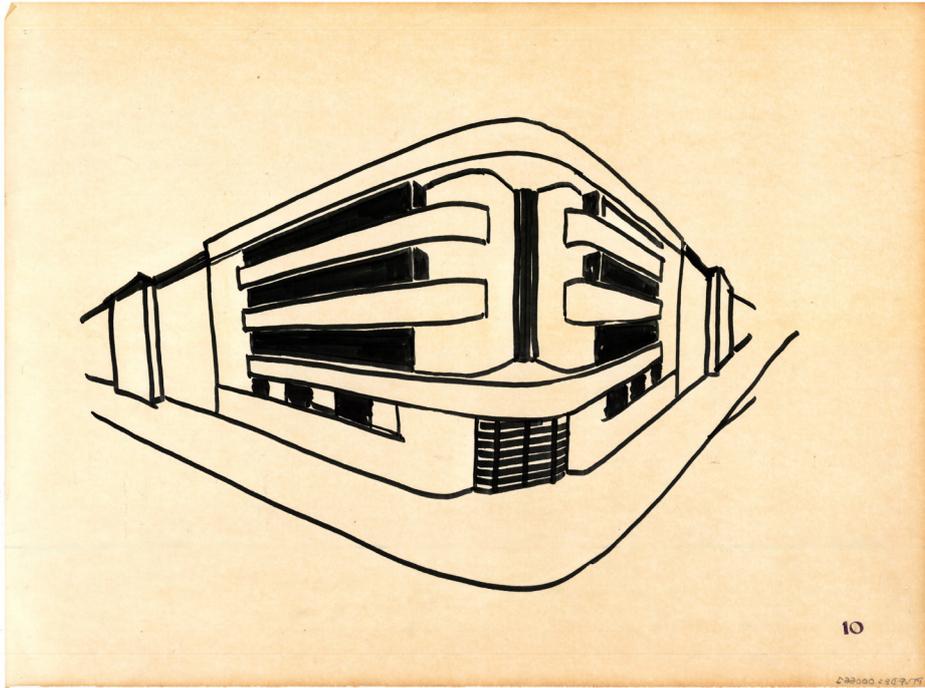


FIGURA 14. Esquiço

Vítor Figueiredo [?]

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000661

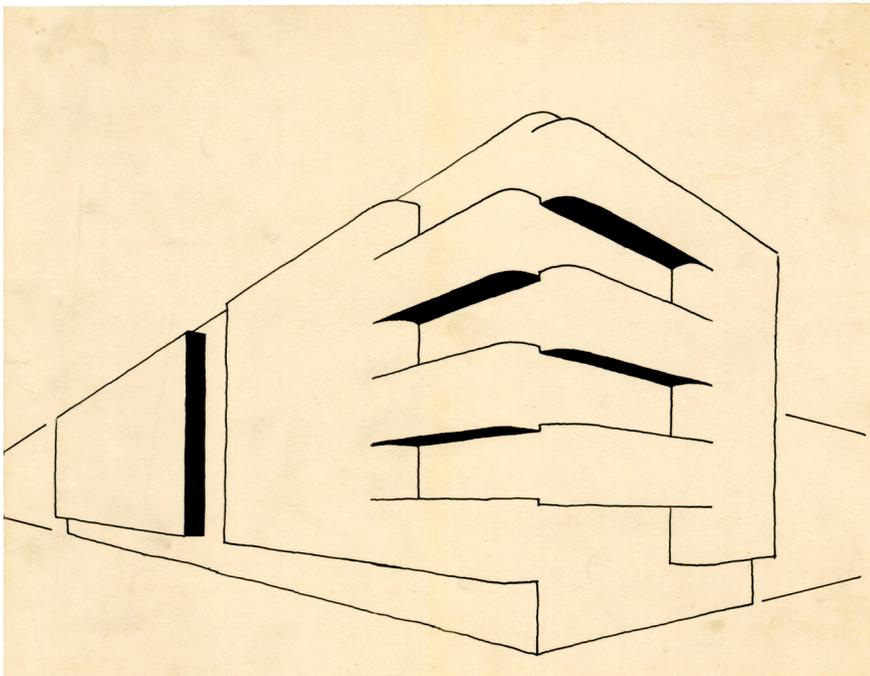


FIGURA 15. Esquiço

Vítor Figueiredo [?]

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, VF-DES 003826

1964

CONJUNTO HABITACIONAL EM TORRES NOVAS

Vítor Figueiredo

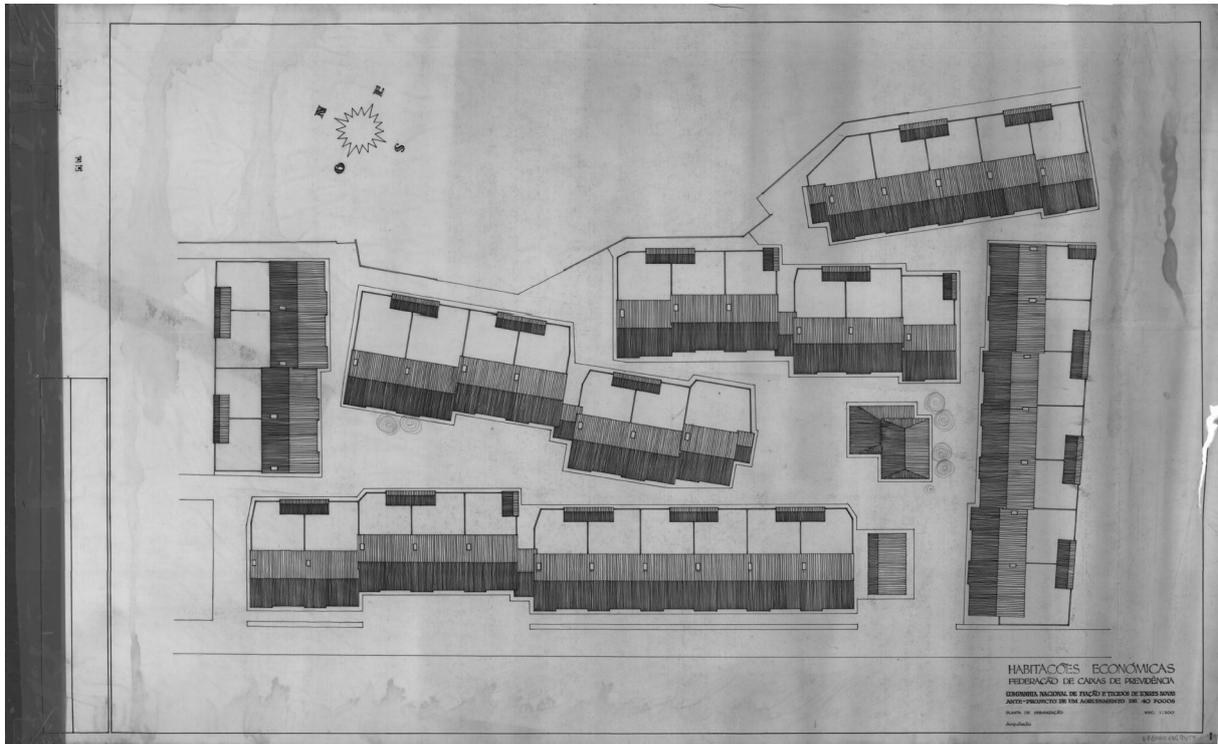


FIGURA 1. Anteprojecto: implantação do conjunto

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000377

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ANTEPROJETO (1)

Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00101

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO (2)

Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00102

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

(...) Razões ulteriores determinaram a elaboração (...) do novo ante-projecto que agora se apresenta e a que na realidade corresponde um estudo inteiramente novo, dados os novos condicionamentos e obrigações. Com efeito o aumento em 50% do número de fogos, obrigou a uma solução de dois tipos de habitação, sendo um deles desenvolvido em dois pisos, procurando-se desta forma salvaguardar certos espaços exteriores à custa de uma menor ocupação do solo. (...) (1)

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - Localização e integração urbanística

(...) o terreno proposto para a implantação do agrupamento é constituído por uma plataforma muito pouco acidentada, onde será possível distribuir as habitações em condições favoráveis e sem especiais encargos. Por essa razão evitou-se colocar construção ao longo da vertente exposta a Nascente, admitindo-se somente que alguns logradouros atinjam o início do declive que se estende nesse sentido.

2.2 - Caracterização quantitativa

O presente agrupamento é constituído por 60 fogos do tipo T3, sendo 16 desenvolvidos num único piso e 44 em dois pisos. O número potencial de habitantes andarás assim à volta dos 300 para uma área de terreno de aproximadamente 8.400 m², beneficiando entretanto de uma periferia totalmente livre.

2.3 - Acessos e circulações

O acesso ao terreno faz-se através da estrada que o margina e por caminhos espontâneos, dirigidos sobretudo no sentido das instalações fabris. Previram-se lanços de escadas e muros de suporte para realizar o ajustamento da plataforma à zona declivosa (...).

(...) considera-se que todos os fogos são facilmente acessíveis, ao mesmo tempo que se procura contrariar, mesmo nas presentes circunstâncias, uma circulação que convide à velocidade no interior do agrupamento, razão porque se dimensionou a rede interna por forma a evitar cruzamentos de veículos e estacionamento fora dos locais devidos. (...)

2.5 - Equipamento

Ainda em consequência de uma política mais definida no que respeita a circulações e estacionamento, deslocou-se

[em relação ao anteprojecto], por parecer mais vantajoso, a situação do telheiro destinado a reuniões, lugar de vendas, etc. que passou a ocupar uma posição frontal em relação à entrada e uma situação mais nobre e melhor enquadrada espacialmente. (...)

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - Forma de agrupamento e composição

Os 60 fogos projectados distribuem-se por uma série de bandas de dimensões e articulações desiguais, dispendo quatro delas de dois pequenos telheiros ligando-as entre si, duas a duas.

Os logradouros privativos dos fogos, sempre agrupados em bateria, disporão em todos os casos de acesso próprio pelo exterior. Os respectivos muros divisórios apresentam-se com a altura de 1,05 m, excepto quando constituem costas de arrecadação (...).

3.2 - Orientação

Procurou-se, dentro de um critério de mal menor e de acordo com a situação criada pela excessiva concentração de fogos, salvaguardar a respectiva orientação, sacrificando o menor número possível. O resultado a que se chegou no segundo anteprojecto e portanto neste projecto definitivo, assegura condições aceitáveis para a quase totalidade dos fogos, pois somente 7 voltam a zona de serviço a Norte-Noroeste enquanto que 9 voltam neste mesmo sentido a sua fachada principal. O problema poder-se-á pôr, segundo supomos, quando muito em relação aos primeiros 7, porquanto o nosso clima suporta perfeitamente uma orientação Norte-Sul como a do presente caso com as zonas de estar e trabalho voltadas para o último daqueles quadrantes. Quanto a nós, esta orientação tem até vantagens evidentes no Sul do país, em relação ao habitual Nascente-Poente.

4. FOGOS

4.1 - Caracterização quantitativa

T3/6. 57,9. 4,7. 6

T3/6B. 56,9. 5,6. 6

(n.º de camas, área útil líquida, área não encerrada, área dos locais acessórios)

Fogos	Área bruta	M ² /habitante (área útil)
T3/6	75,30	9,6
T3/6 B	74,40	9,4

Nota: O fogo assinalado como T3 é o que se desenvolve num único piso, sendo o T3B o de dois pisos.

4.2 - Organização interna

Tratando-se de habitações de programa reduzido (dentro das áreas compatíveis com a economia de custo procurada) julga-se ter assegurado, em qualquer um dos dois tipos projetados, as funções indispensáveis a uma vida familiar corrente, ainda que os dois esquemas propostos apresentem sensíveis diferenças. Enquanto que no de um só piso se define uma zona de quartos com instalações sanitárias anexas, na solução de altura os quartos distribuem-se pelos dois pisos, ficando as instalações sanitárias localizadas em rés-do-chão.

Em qualquer deles a saleta é encerrada e acessível do exterior, tendo a cozinha uma zona de serviço e uma zona de permanência (comer e trabalho), de certo modo, diferenciadas, a despeito da exiguidade das áreas em questão. A organização desta peça mereceu, aliás, especiais cuidados pois tem a maior importância na vida familiar.

O funcionamento da habitação, nestas bases, estará, segundo se pensa, assegurado pela possibilidade de se atingir a zona de serviço através do logradouro, evitando assim o atravessamento diário da saleta.

A criação de um espaço exterior sob o alpendre, prolongando a cozinha e comum também a ambos os tipos de fogo, vai por sua vez ao encontro de necessidades reconhecidas e tem especial interesse dada a total privacidade dos logradouros. (...)

6. CUSTOS

O custo das habitações propriamente ditas (...), atingiu um valor médio de 59 000\$00 para os tipos T3 e T3B. As medições e orçamentos elaborados abrangeram igualmente as delimitações dos lotes individuais e a construção de um anexo para arrecadação – que pode ou não ser executado – tendo-se obtido para estes trabalhos um valor por fogo de 3 300\$00. (...) (2)

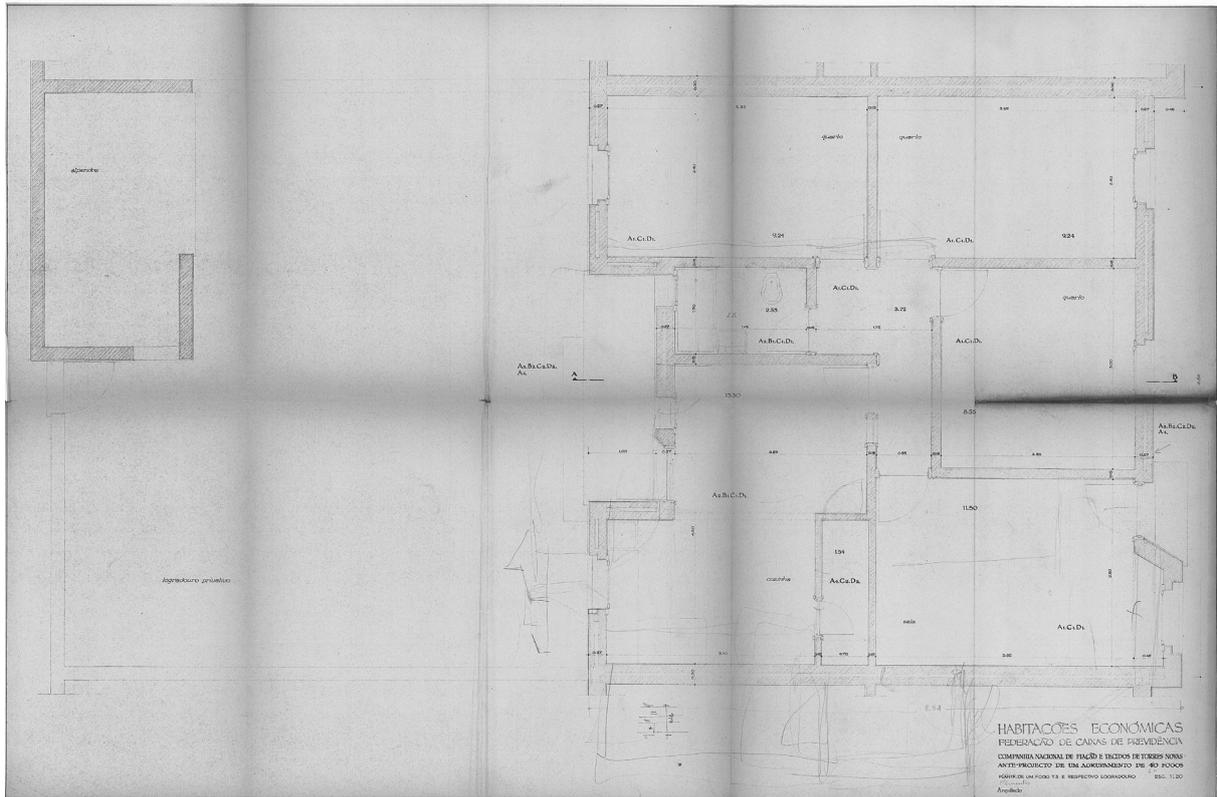


FIGURA 2. Anteprojeto: planta do fogo T3 e respetivo logradouro
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 04844

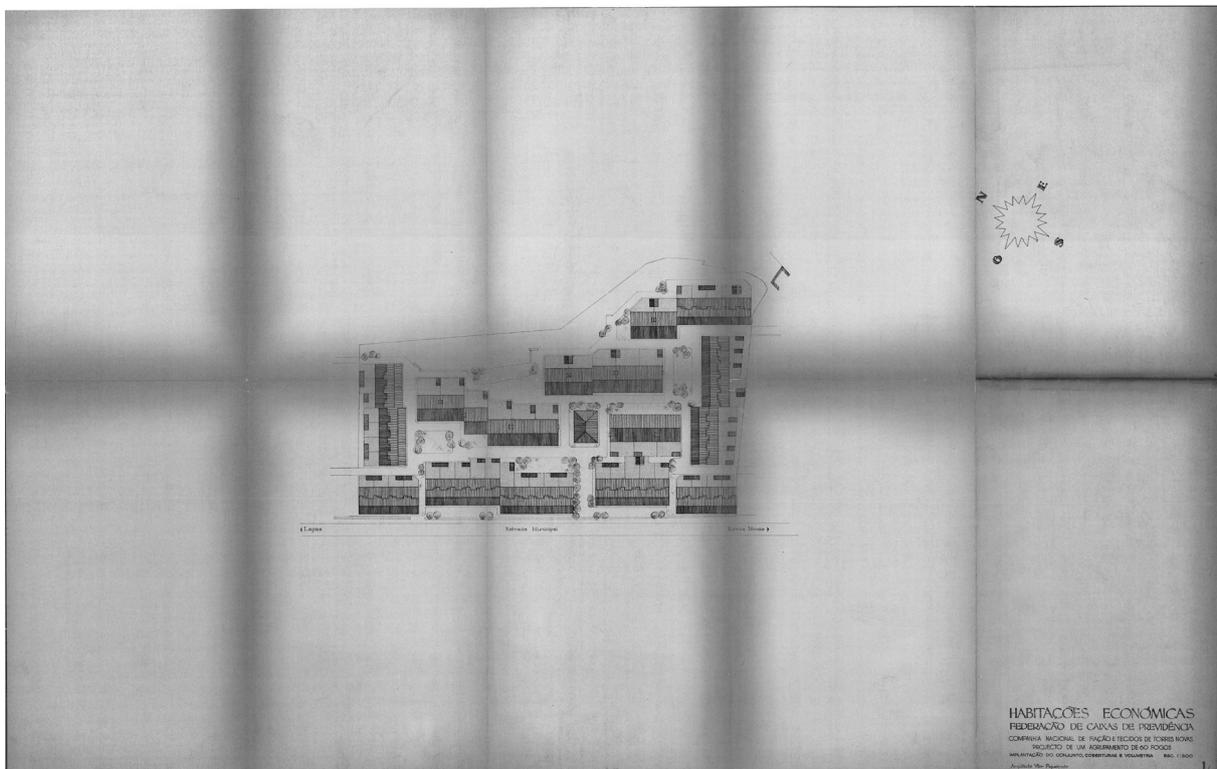


FIGURA 3. Projeto: implantação do conjunto
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 04850

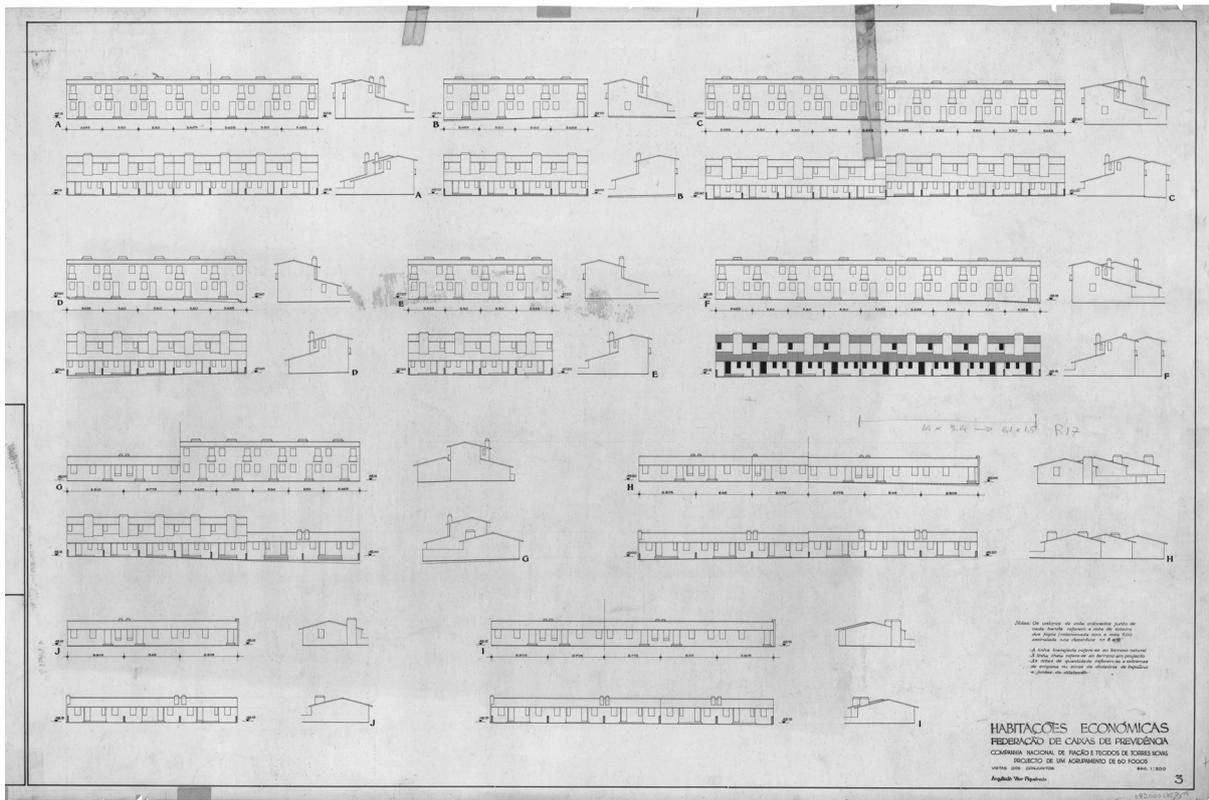


FIGURA 4. Projeto: vistas dos conjuntos

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000180



FIGURA 5. Projeto: vista lateral direita do fogo T3B
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000188

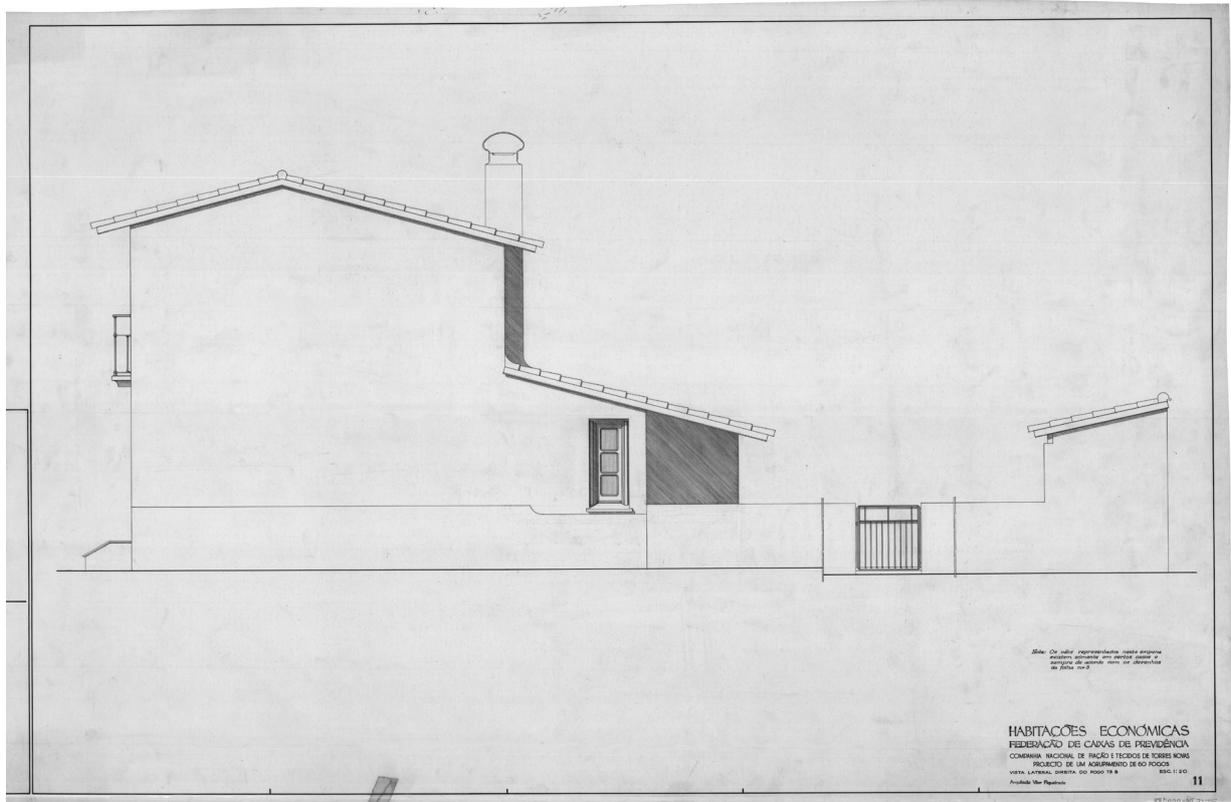


FIGURA 6. Projeto: vistas do fogo T3B
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000188



FIGURA 7. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 010066

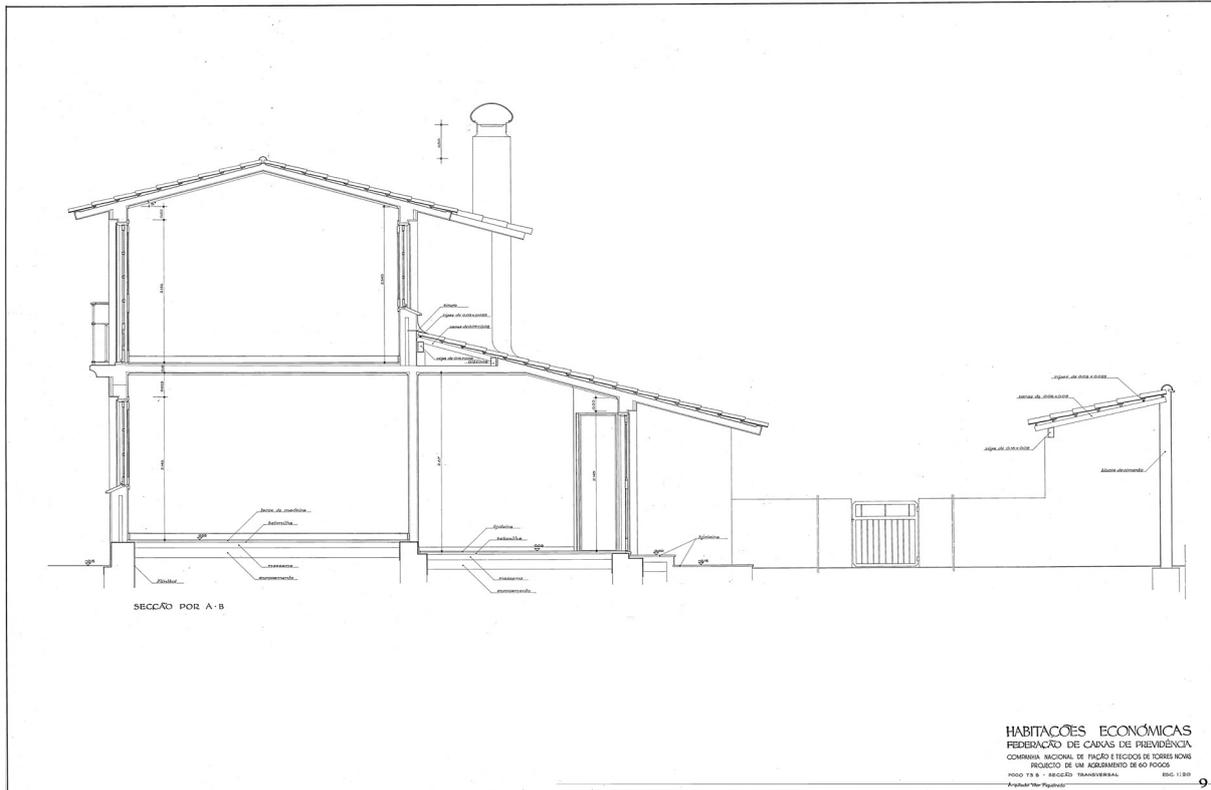


FIGURA 8. Projeto: fogo T3B – secção transversal

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000186

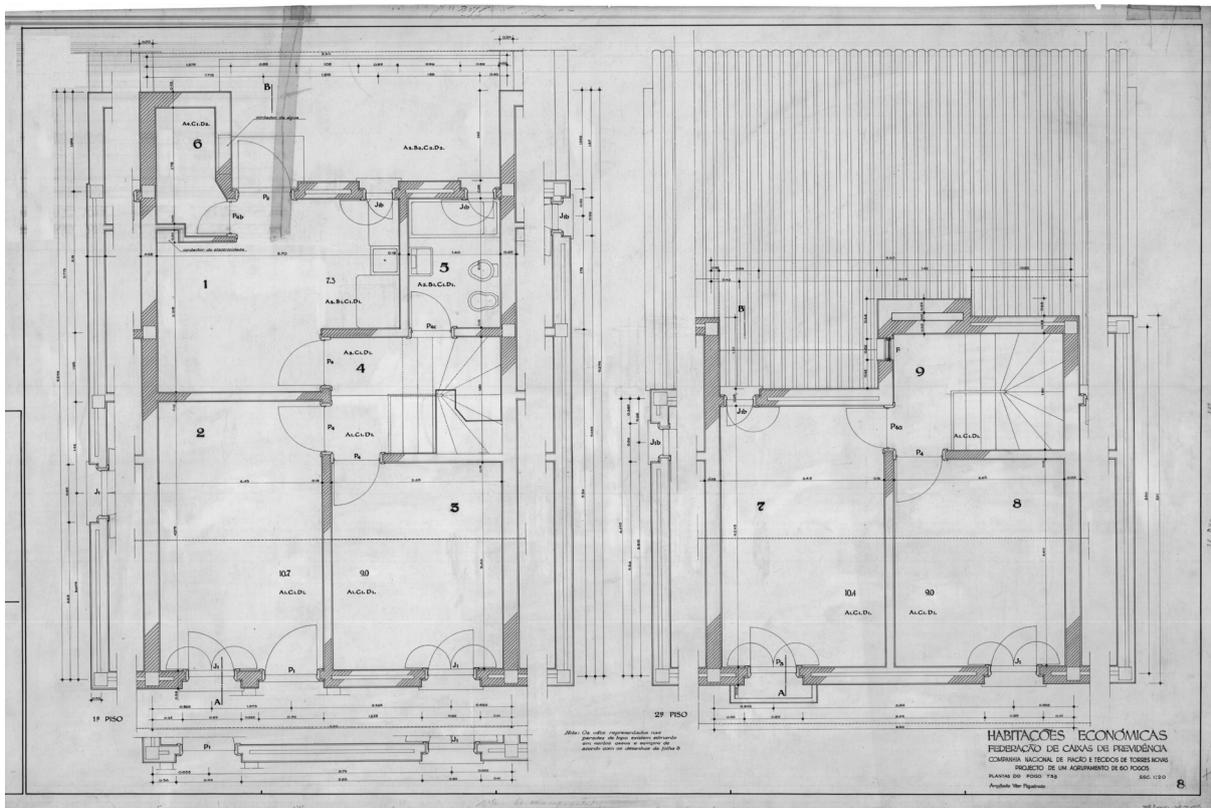


FIGURA 9. Projeto: planta do fogo T3B

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000186



FIGURA 10. Projeto: vistas dos conjuntos

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 010064

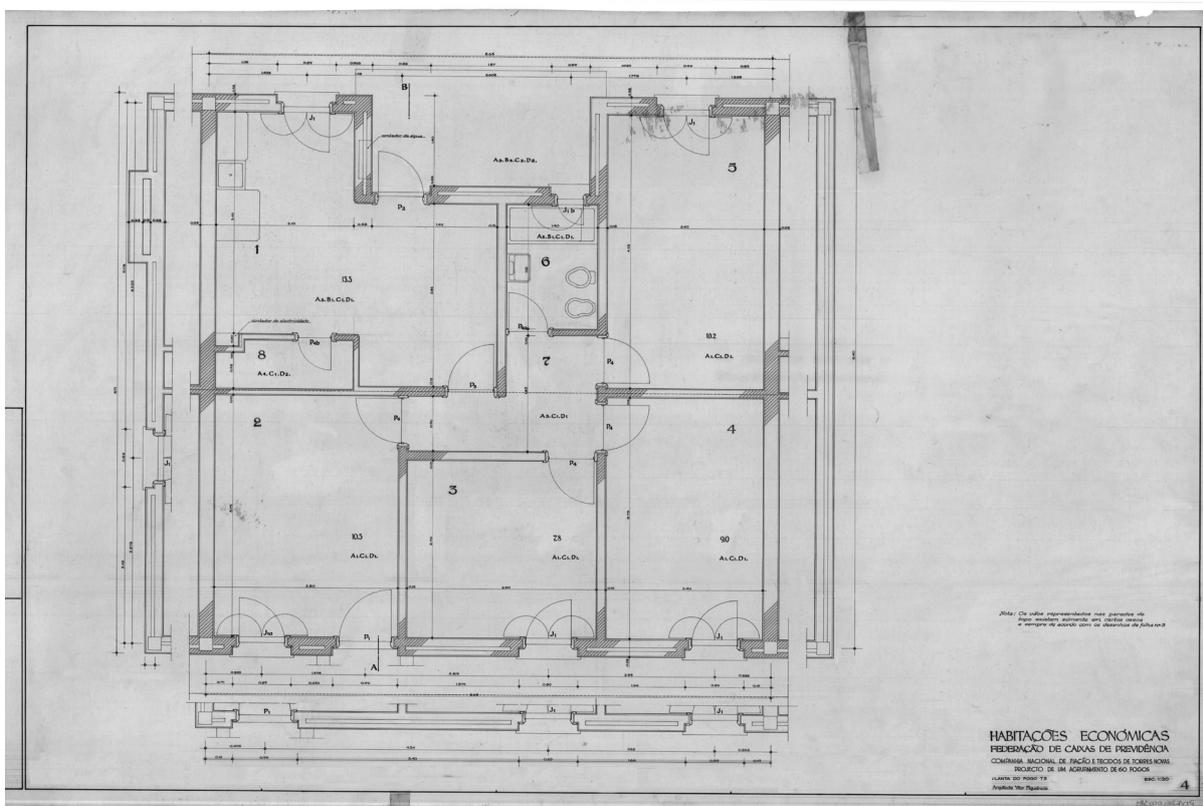


FIGURA 11. Projeto: planta do fogo T3

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000181

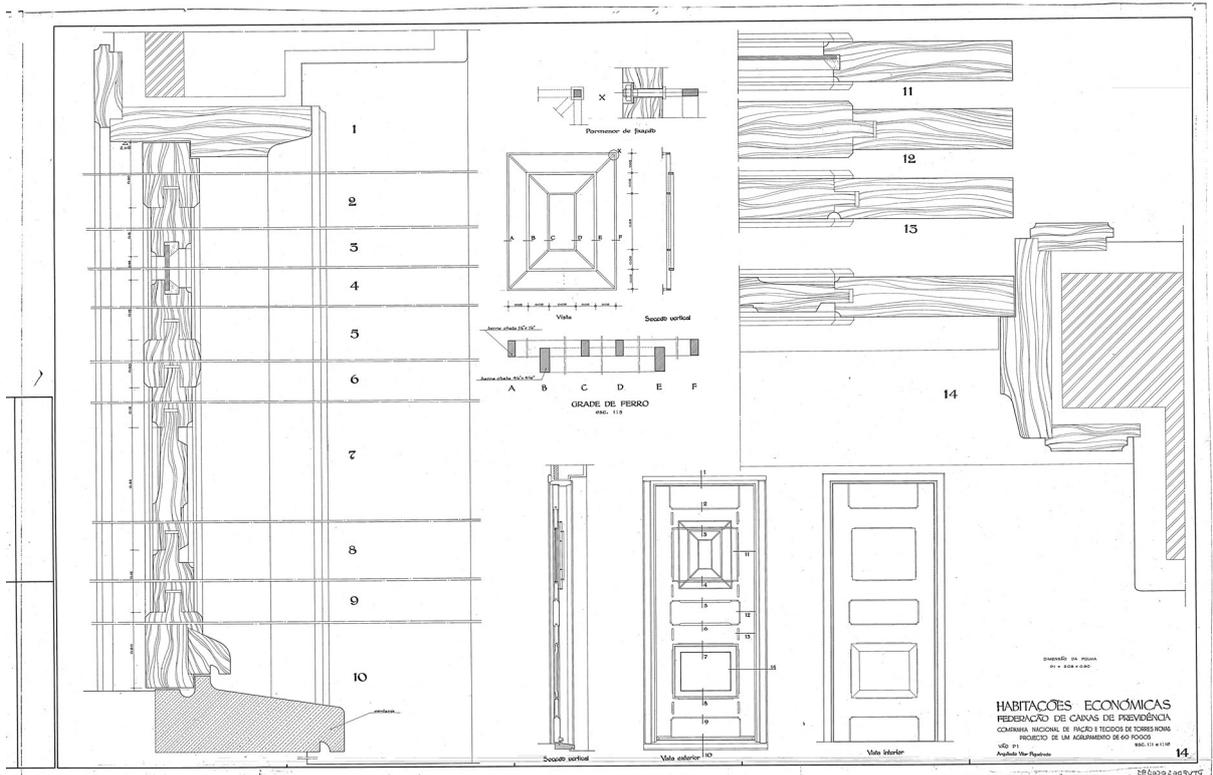


FIGURA 12. Projeto: vão P1
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000191

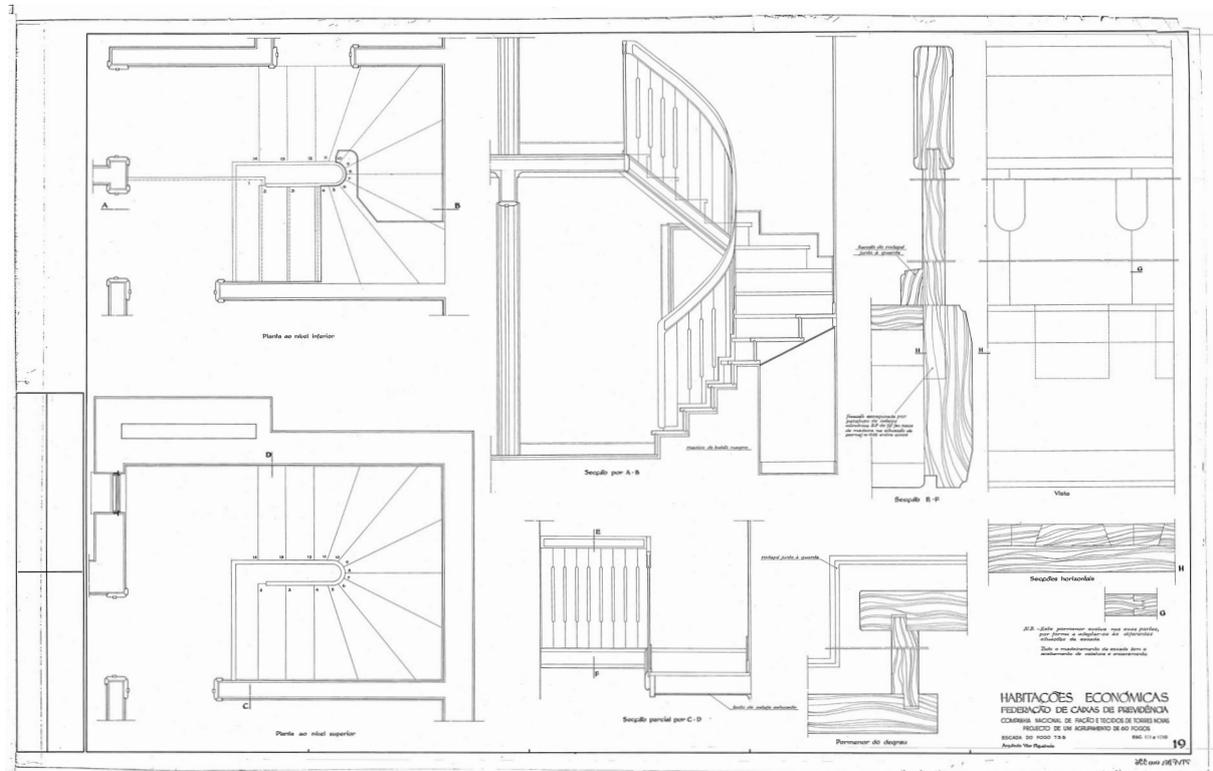


FIGURA 13. Projeto: escada do fogo T3B
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000196

1965

CONJUNTO HABITACIONAL EM ALCOBAÇA

Vítor Figueiredo

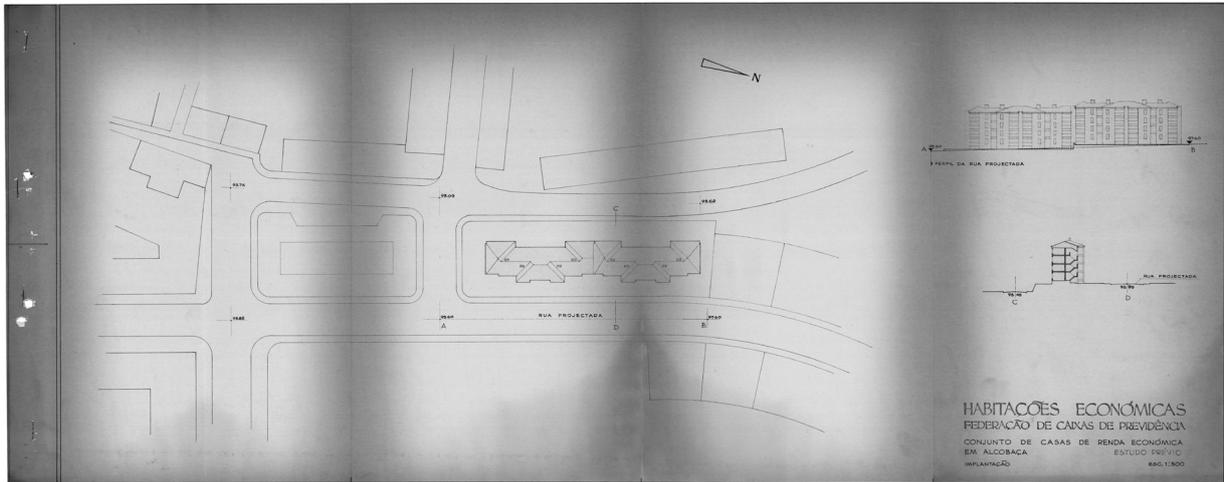


FIGURA 1. Estudo prévio: implantação

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 02316

1965

CONJUNTO HABITACIONAL EM MIRA D'AIRE

Vítor Figueiredo



FIGURA 1. Fotografia aérea
Google maps

1965

CONJUNTO HABITACIONAL EM FONTELAS

Vítor Figueiredo

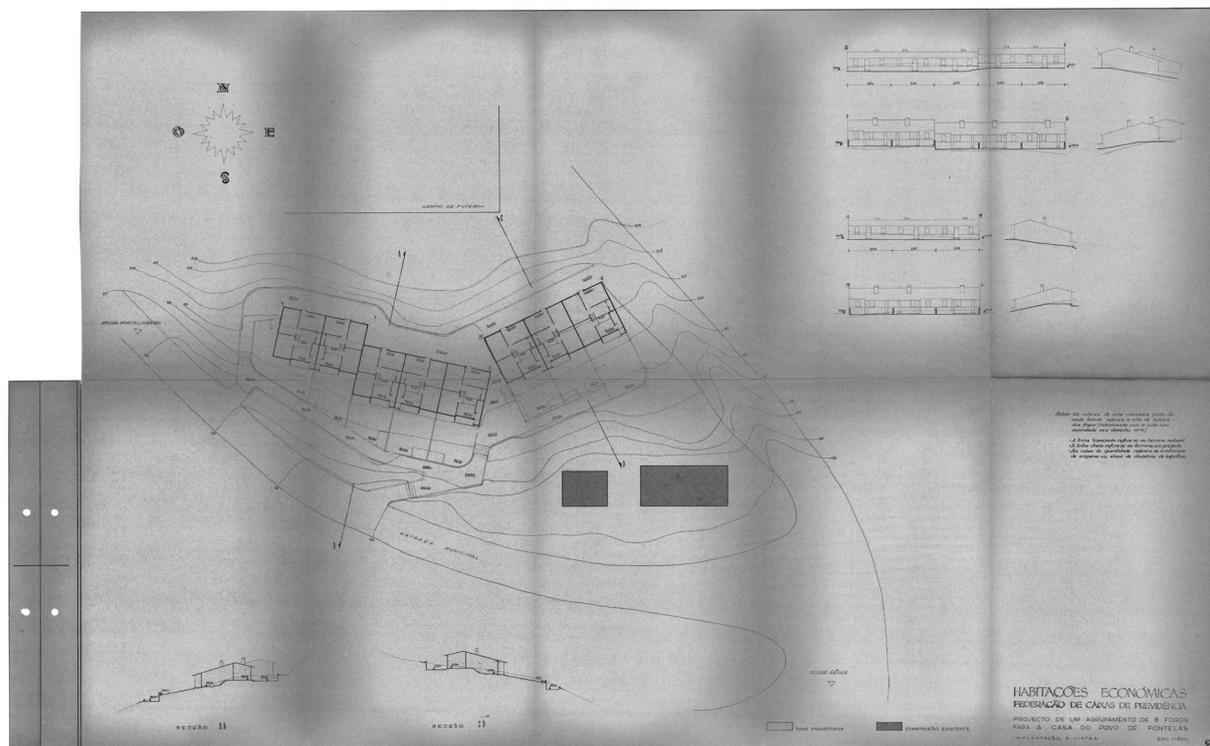


FIGURA 1. Projeto: implantação e vistas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 04758

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00087

1 – PROGRAMA E ANTECEDENTES

Consistindo este trabalho numa repetição de um projecto elaborado para uma região com características claramente diferentes das que se verificarão nesta aldeia do Norte do País a que se destina, logo se levanta o problema da validade de uma tal adaptação, estando naturalmente em causa hábitos de vida, processos de defesa contra o clima, formas, materiais, etc.

À primeira vista, a transposição para o terreno de Fontelas de um fogo concebido para o Ribatejo, parecerá duvidosa sob muitos aspectos, mas há talvez duas boas razões a seu favor.

Antes de mais, a altimetria dos dois terrenos que se pode considerar equivalente, visto ambos serem nitidamente declivosos. Em segundo lugar, o facto de se tratar de uma solução tão comprimida nas suas áreas, tão reduzida às funções essenciais que dificilmente conduzirá a propostas bastante diferenciadas para pretenderem responder a diferenciadas formas de vida e de fruição.

Outro tanto se poderia quase dizer no aspecto formal, porquanto a gramática usada é de tal modo simples e, na sua elementaridade, despida de pretensões que aceita quaisquer materiais tradicionais nas suas limitadas alternativas: tijolo ou pedra em paredes exteriores, tijoleiras ou madeira nos pavimentos e pouco mais.

O programa fornecido para este pequeno conjunto de 8 fogos, estabelece que sejam todos do tipo 3 quartos. Tal como em Santo Estêvão, consideram-se arrecadações nos logradouros privativos, condicionando-se a sua construção aos limites económicos que venham a fixar-se para o empreendimento. (...)

2 – ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 – Localização e integração urbanística

O terreno destinado ao agrupamento fica situado relativamente próximo da povoação de Fontelas e no seu prolongamento. A integração no conjunto está naturalmente conseguida, uma vez que praticamente beneficia do equipamento colectivo e dos acessos gerais existentes. Além do mais, o facto de o terreno estar praticamente desafectado e o reduzidíssimo número de fogos a realizar excluem preocupações graves em matéria de organização do conjunto.

2.2 – Caracterização quantitativa

Conforme já se disse em 1.1., o programa consiste em 8 fogos T3, todos idênticos, embora ocupando posições simétricas, uns em relação aos outros, considerando um eixo no sentido das entradas, por forma a assegurar maior economia de canalizações e esgotos. O número potencial de habitantes é de 45, não parecendo de interesse fornecer índices de ocupação, visto que a periferia do terreno ocupado é de forma geral livre.

2.3 – Acessos e circulações

Dispõe o terreno de acessos razoáveis, a que se acrescentou uma pequena rede de ligações internas, que inclui lanços de escada, rampas, taludes e muretes de suporte, inevitáveis dadas as dificuldades topográficas. O acesso auto foi limitado à via de acesso, reservando-se os restantes a peões. É fora de dúvida, porém, que todos os fogos são razoavelmente acessíveis, tendo em conta as dificuldades naturais do terreno.

2.4 – Implantação e espaços exteriores

A implantação dos 8 fogos sofreu grave pressão dos condicionamentos topográficos, procurando sempre o menor movimento de terras e a situação mais favorável em relação aos espaços contíguos. Esta tarefa não foi de nenhum modo fácil e as soluções a que se recorreu podem considerar-se quase sempre de compromisso, não se vendo porém outra alternativa.

No que diz respeito aos espaços exteriores, não há nada de importante a referir, por razões óbvias, dadas sobretudo a dimensão do agregado e as contingências de ordem topográfica.

2.5 – Equipamento

Não foi considerado.

2.6 – Ampliação ou reserva

Não foram considerados, parecendo para já afastada a necessidade de construir mais habitações no local.

3 – EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 – Forma de agrupamento e composição

Os 8 fogos projectados distribuem-se por 2 bandas de 5 e 3 fogos (...). Os logradouros privativos dos fogos, sempre agrupados em bateria, dispõem de acesso próprio pelo exterior.

3.1 – Orientação

A orientação conseguida para os fogos pode considerar-se aceitável, tendo a devida conta os grandes condicionamentos topográficos e a exiguidade do terreno. A fachada anterior nem sempre dispõe da melhor insolação, tendo-se optado por voltar ao quadrante mais favorecido as zonas de serviço e permanência.

4 – FOGOS

4.1 – Caracterização quantitativa

Notação UIA

T3/5. 43,5. 3,60. X

(número de camas, área útil líquida, área não encerrada, área de locais acessórios)

A área bruta é de 59,2m² e a relação m²/habitante, baseada na área útil, fornece o índice de 8,7.

4.2 – Organização interna

Tratando-se de repetição de fogos já utilizados num outro projecto, considera-se dispensável fazer novas referências a este aspecto.

1965

CONJUNTO HABITACIONAL EM FELGAR

Vitor Figueiredo



FIGURA 1. Fotografia aérea

Google maps

1965

CONJUNTO HABITACIONAL EM ALDEIA DE CIMA

Vitor Figueiredo

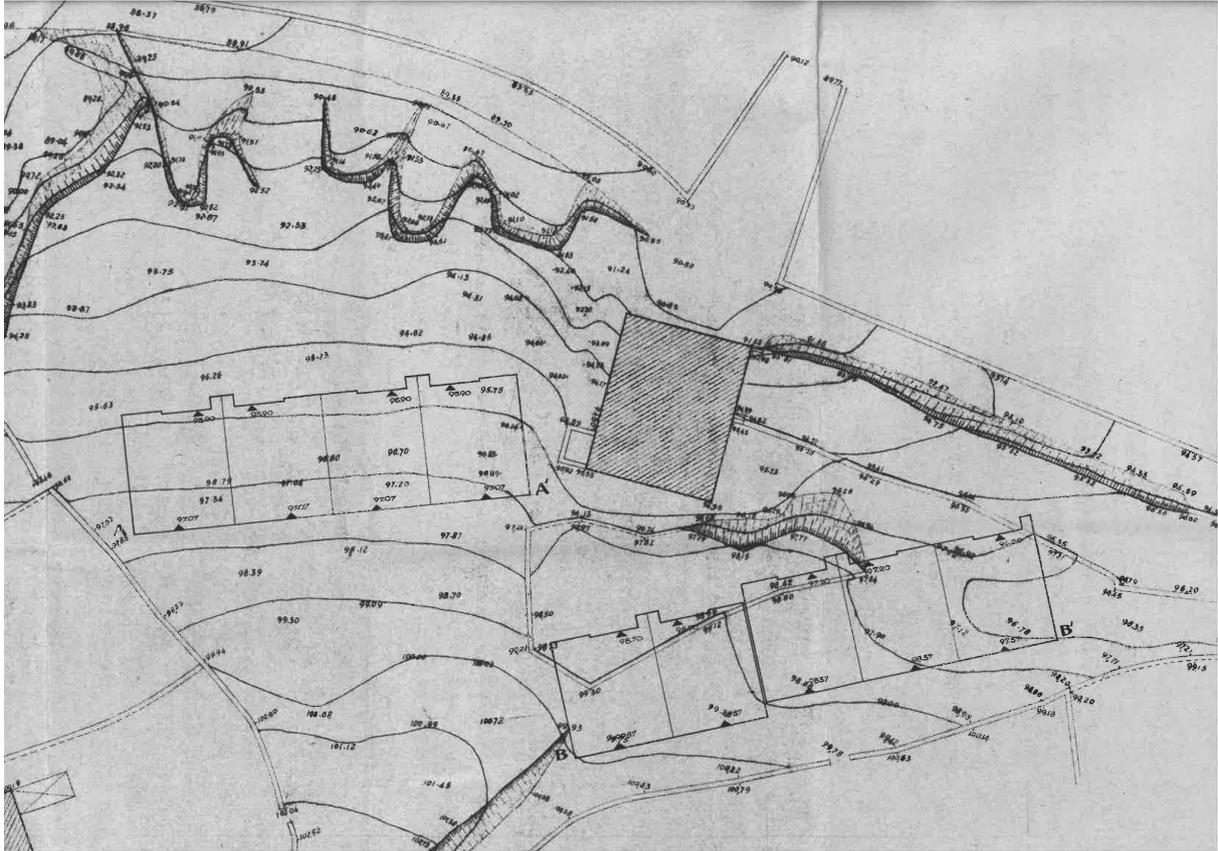


FIGURA 1. Projeto: implantação

Arquivo da Casa do Povo da Freguesia de Aldeias, Armamar

1966

CONJUNTO HABITACIONAL EM BEJA

Vítor Figueiredo

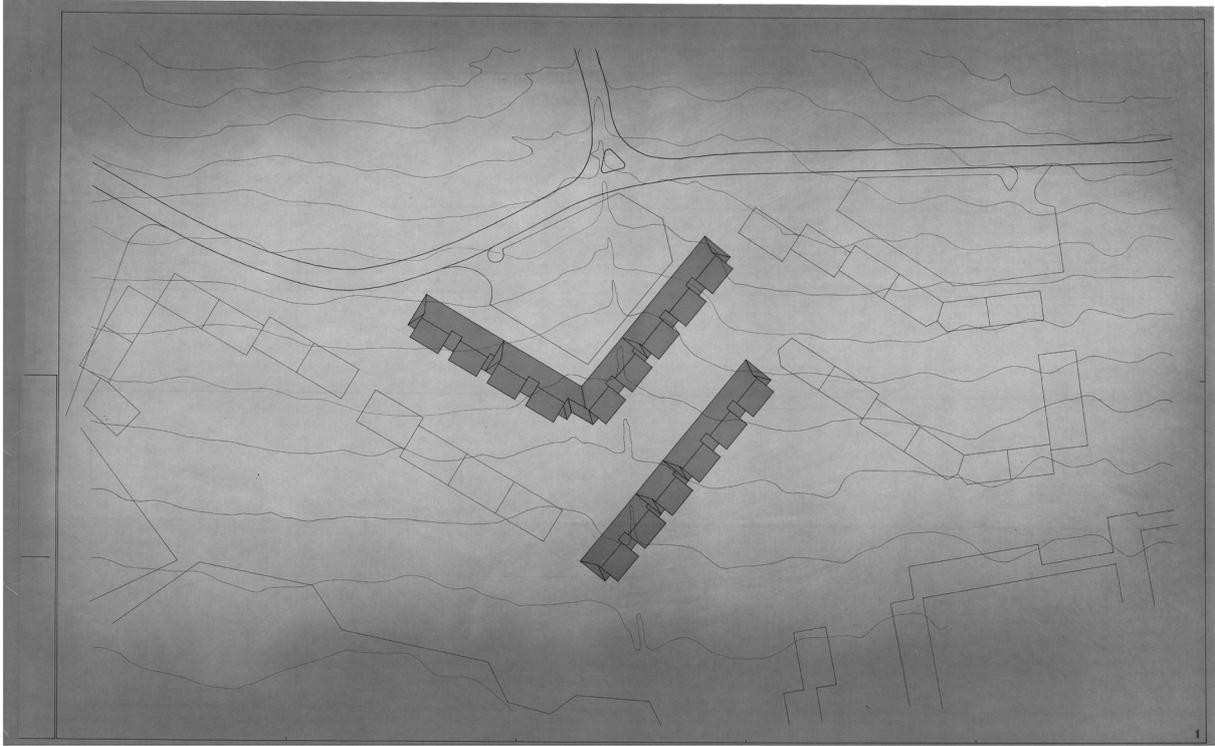


FIGURA 1. Estudo prévio: planta de implantação

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000256 (original com aplicação de mancha colorida)

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ESTUDO PRÉVIO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00025

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

O projecto agora elaborado para a célula G, integrada no plano habitacional em realização na cidade de Beja, resultou directamente do anteprojecto submetido à apreciação da entidade promotora e posteriormente aprovado sem especiais restrições.

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - Localização e integração urbanística

(...) não se trata aqui propriamente de um conjunto individualizado, mas de simples parcela integrada num agrupamento maior desenvolvido em "rua". A solução agora apresentada no projecto limitou-se a uma melhor definição dos espaços exteriores contíguos, tendo-se procurado a maior simplicidade de processos para conseguir a concordância dos edifícios com o terreno e a sua relação com o exterior próximo.

Igualmente a definição arquitectónica adquire nesta fase toda a sua agudeza, podendo afirmar-se que o projecto é, neste aspecto, bastante procurado, constituído o jogo formal proposto num evidente compromisso entre formas actuais e motivos integradores.

2.2 - Caracterização quantitativa

O agrupamento é constituído por 104 fogos, sendo 72 T3 e 32 T4, de acordo com as designações em vigor na CANIFA; dispostos os primeiros em edifícios de 4 pisos, os segundos num edifício misto de 3 e 4 pisos. Em piso térreo, parcialmente um pouco enterrado dispõem-se arrecadações individuais por fogo, os acessos verticais aos fogos e galerias de circulação exterior. (...)

2.3 - Orientação

O agrupamento contém fogos dispostos segundo duas orientações fundamentais: Nascente-Poente e Norte-Sul (...).

A concepção do fogo, sobretudo no que diz respeito à zona de maior permanência adaptou-se a esta contingência, por forma a não se diversificarem exageradamente as condições básicas. Assim, nas bandas orientadas a Norte-Sul, somente a cozinha se poderia considerar prejudicada pela sua orientação Norte, uma vez que todos os quartos e a sala beneficiam do quadrante oposto. No entanto, mediante a protecção prevista, crê-se ter melhorado as condições, quer no que respeita aos meses frios, quer aos períodos de calor intenso.

Na banda voltada a Nascente-Poente não existe o problema, tendo-se tido a preocupação de, somente neste caso, haver quartos com ambas as orientações.

De salientar a ventilação bifocal assegurada ao complexo estar-comer-receber – que neste nível de fruição deve ser muito utilizado como local de permanência.

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - Forma de agrupamento e composição

Os 104 fogos projectados distribuem-se por 3 bandas desiguais, com lotes de 3 ou 4 pisos. Duas das bandas têm um ponto de encontro, através do qual se articulam, o que de certo modo as reduz a uma só.

Verificam-se descolamentos em altura para melhor adaptação ao terreno, tendo-se procurado que os pavimentos dos lotes desfasados mantenham sempre correspondência para maior facilidade construtiva e, sobretudo, por exigências de ordem, digamos, gramatical, tendo em conta os elementos de definição arquitectónica a utilizar.

Os fogos, seguindo aliás a sugestão contida nos elementos de trabalho recebidos, agrupam-se 2 por patim de escada e 8 ou 6 por cada nó de acesso vertical, sendo cada esquerdo-direito formado por duas habitações iguais, salvaguardados os casos da variante G5. (...)

4. FOGOS

4.1 – Caracterização quantitativa

Notação UIA

T2/4 (a). 77,7. 10,3. 10,0

T3/5 (a). 91,6. 11,7. 10,0

(número de camas, área útil líquida, área não encerrada, área dos locais acessórios)

(a) na nomenclatura U.I.A. as designações obrigatórias dos fogos correspondentes aos projectados são respetivamente para o T3, T2/4 e para o T4, T3/5.

4.2 - Organização interna

Na sua concepção, os fogos projectados procuram, dentro dos condicionalismos que o programa estabelece, constituir uma proposta com sentido, dirigida a determinadas e previsíveis formas de vida familiar. O reduzido número de compartimentos e o seu dimensionamento prévio localizaram sobremaneira o âmbito da procura pelo que facilmente podem enumerar-se as principais características das soluções encontradas:

1º. Vestíbulo de entrada beneficiando especialmente do

seu encontro com a área distribuidora e de um ponto de luz e arejamento exteriores, chamado da varanda;

2º. Complexo estar-receber-comer organizado por forma a servir várias formas de fruição, dispondo de grande dimensão visual através do seu prolongamento semi-exterior, susceptível de envidraçamento e nessas condições constituindo importante dilatação do fogo. Possibilidades de utilização intensiva desta peça intermédia cujas funções de regularização do ambiente interno podem ser inestimáveis em local de climas extremos como o presente;

3º. Zona de serviço concentrada com local de estendal de roupa, considerando-se possível uma duplicação em cave;

4º. Quando existe quarto de serviço, assegurou-se-lhe independência necessária para funcionar como quarto de hóspedes ou de estudo, o mesmo acontecendo às instalações sanitárias que podem atingir-se livremente do exterior. (...)

5. CUSTOS

(...) O quantitativo global é de 31 274 000\$00 (...)

CONJUNTO HABITACIONAL EM BEJA

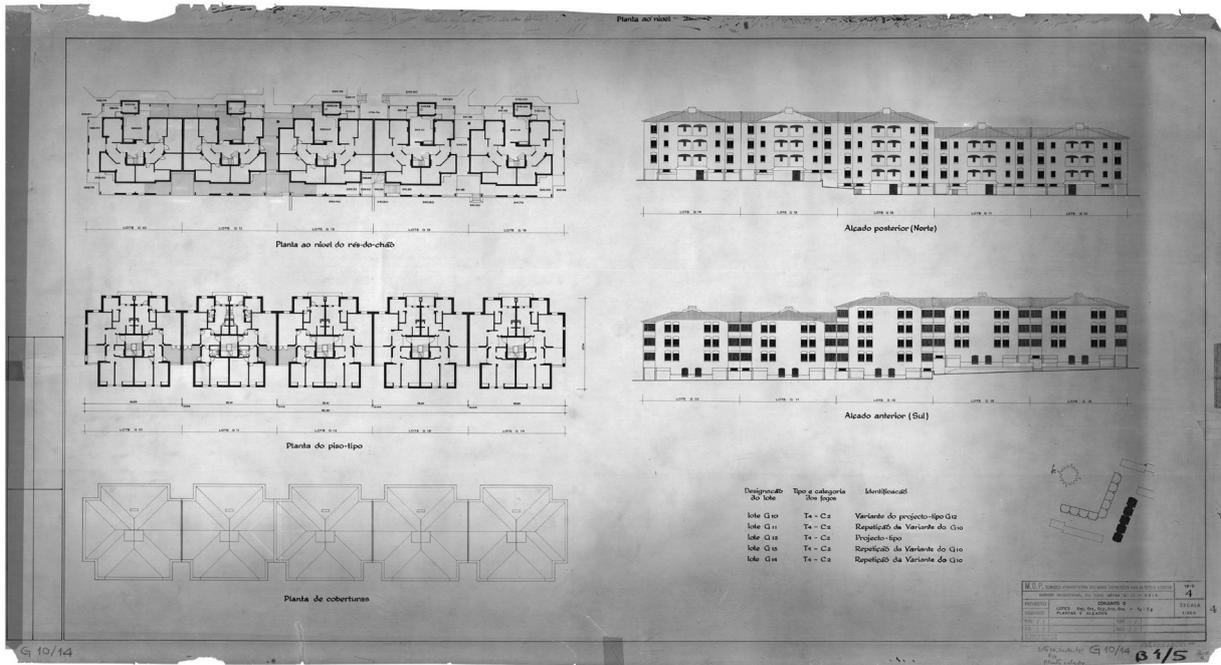


FIGURA 2. Projeto: lotes G10 a G14, T4 - C2, plantas e alçados
 Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000264

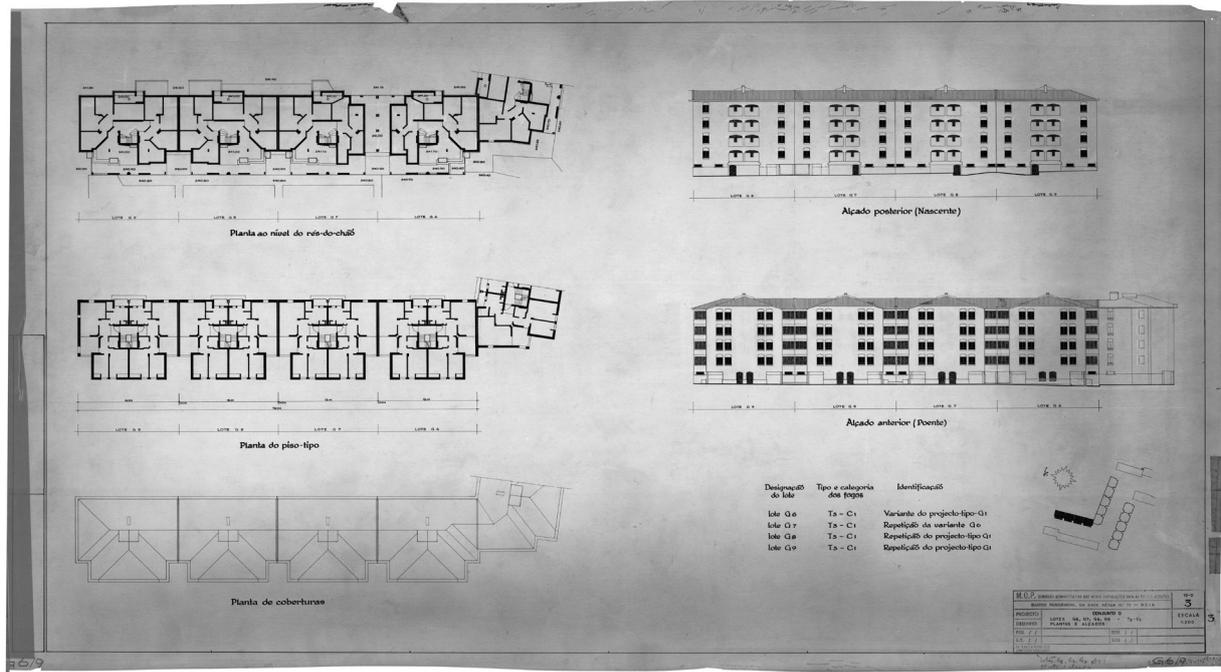


FIGURA 3. Projeto: lotes G6 a G9, T3 - C1, plantas e alçados
 Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000263

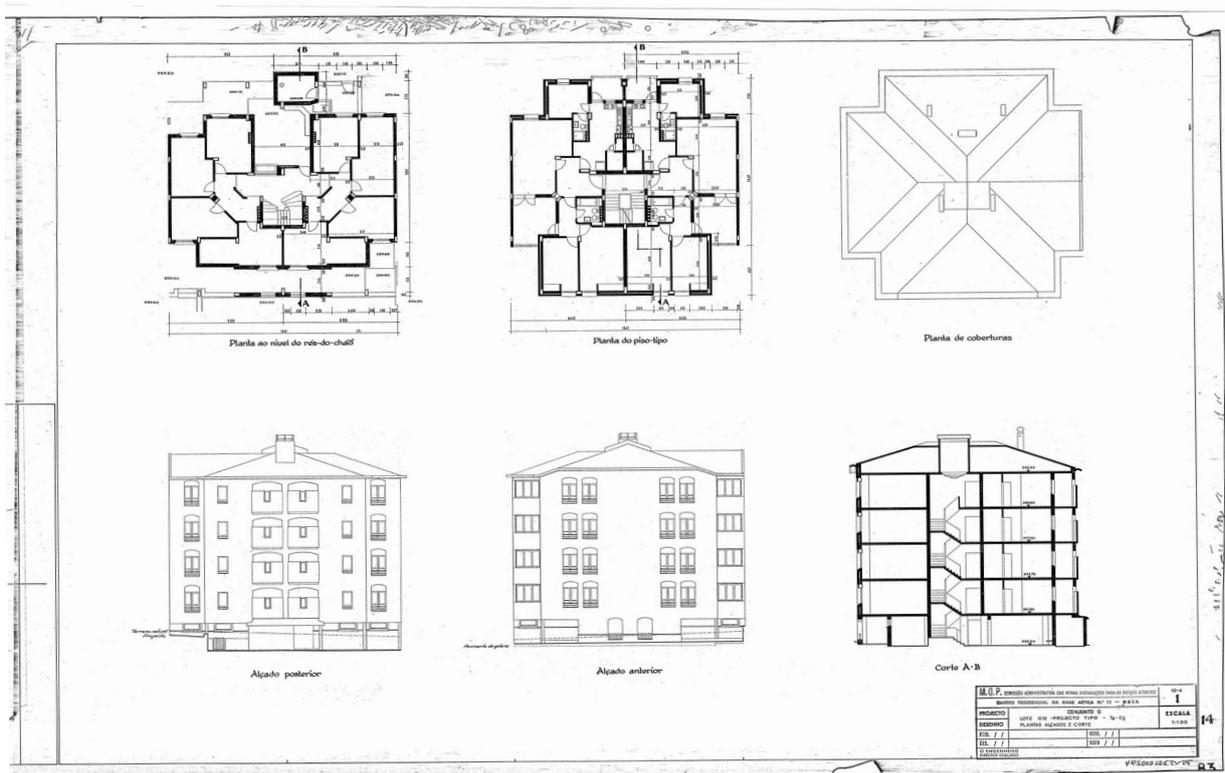


FIGURA 4. Projeto: lote G12, projecto tipo – T4 – C2, plantas, alçados e cortes
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000274

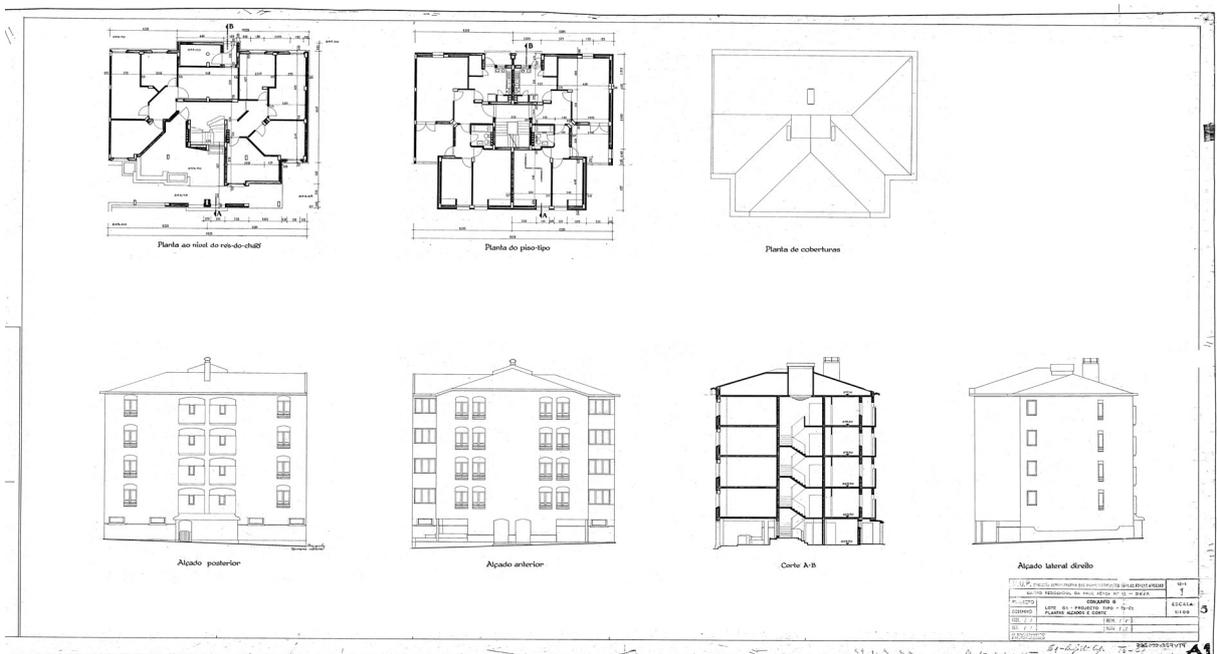


FIGURA 5. Projeto: lote G1, projecto tipo – T3 – C1, plantas, alçados e corte
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000265

CONJUNTO HABITACIONAL EM BEJA

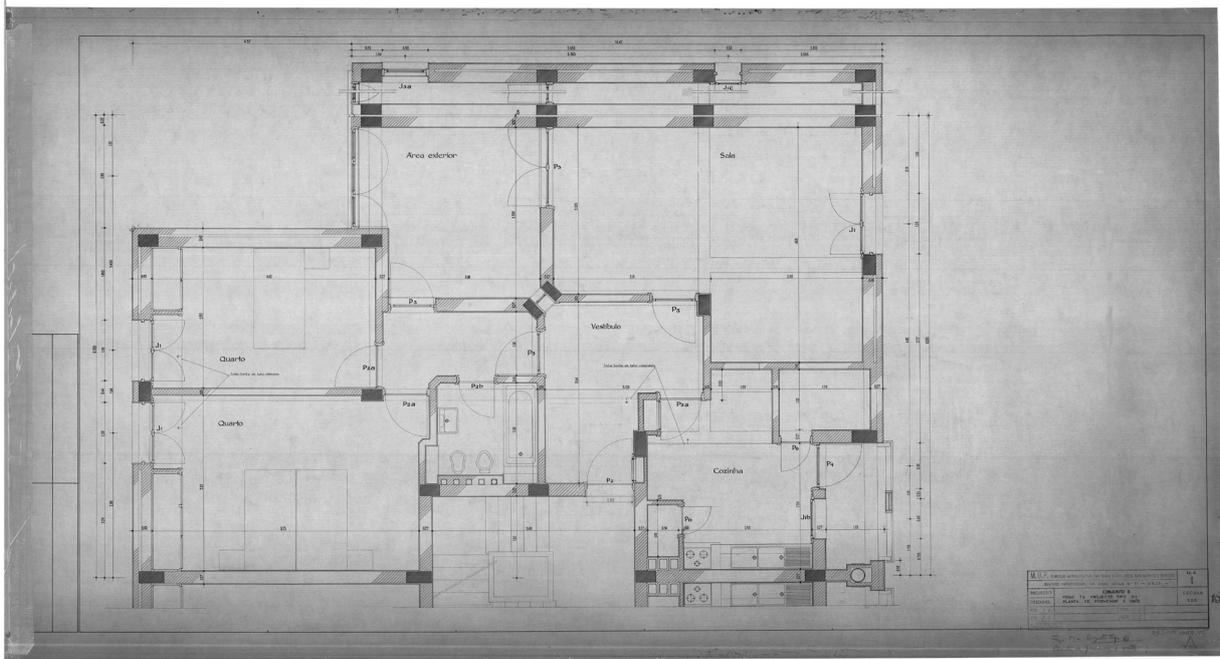


FIGURA 6. Projeto: fogo T3 – projecto tipo G1, planta de pormenor e vãos
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000279

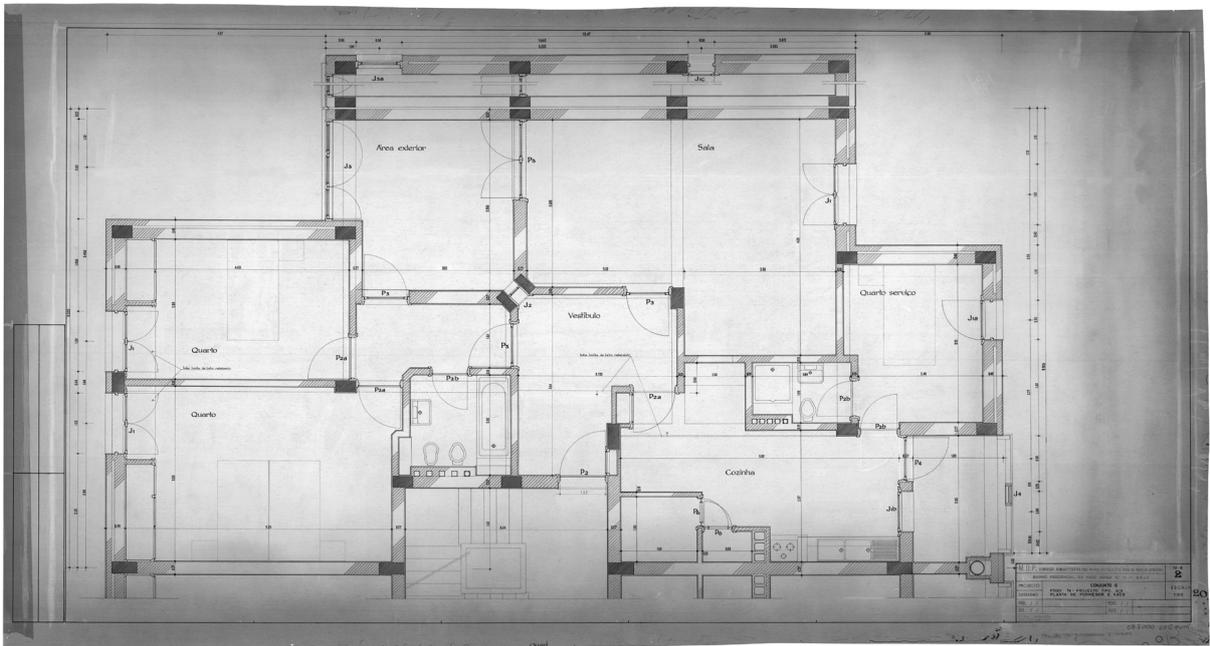


FIGURA 7. Projeto: fogo T4 – projecto tipo G12, planta de pormenor e vãos
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000280

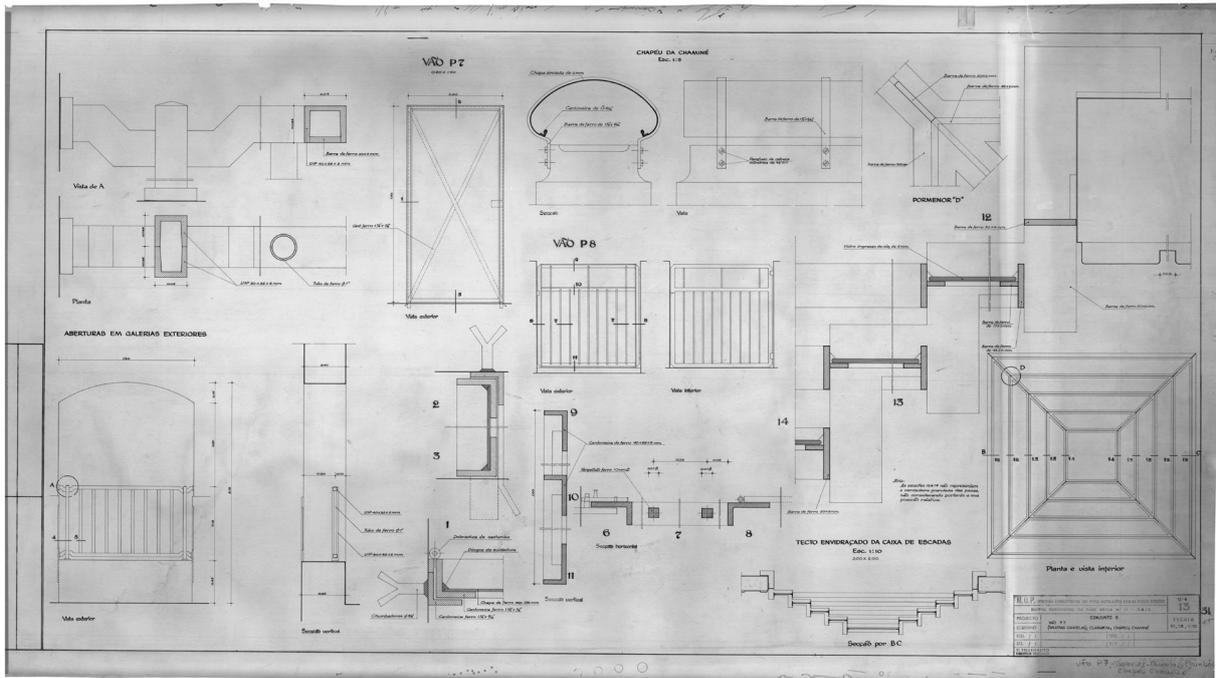


FIGURA 8. Projeto: vão P7 (galerias cancelas), clarabóia, chapéu e chaminé
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000291

CONJUNTO HABITACIONAL EM BEJA

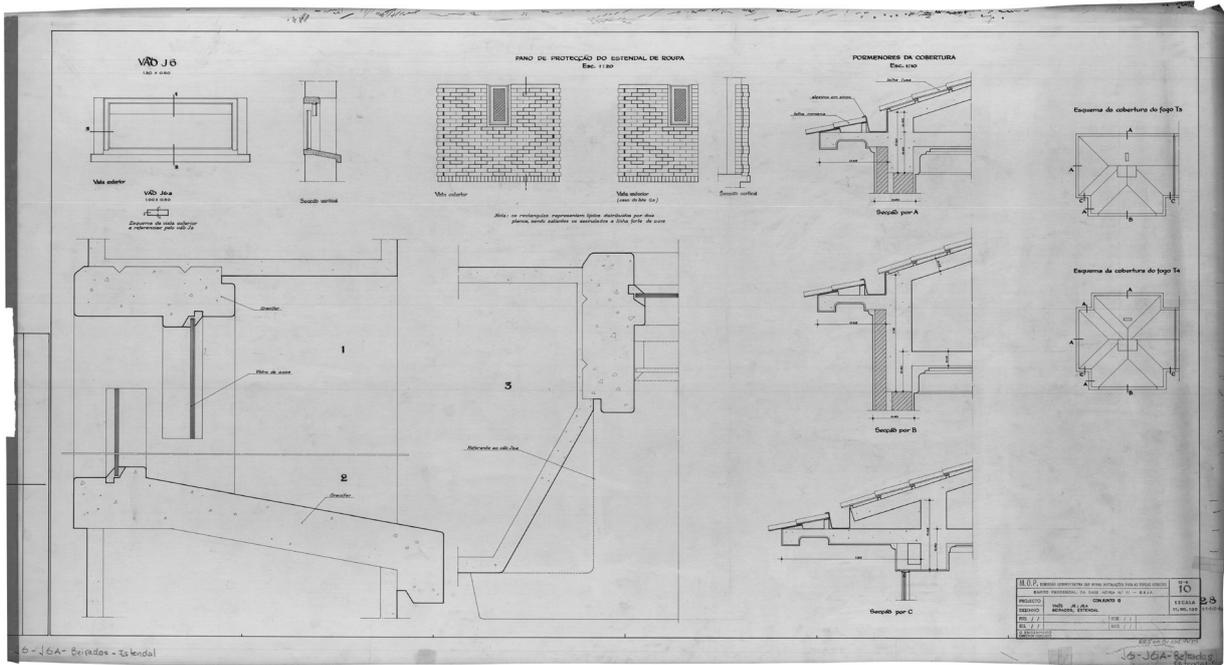


FIGURA 9. Projeto: vãos J6 e J6A,, beirados e estendal

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000288

1967

CONJUNTO HABITACIONAL EM MONSANTO ALCANENA

Vitor Figueiredo

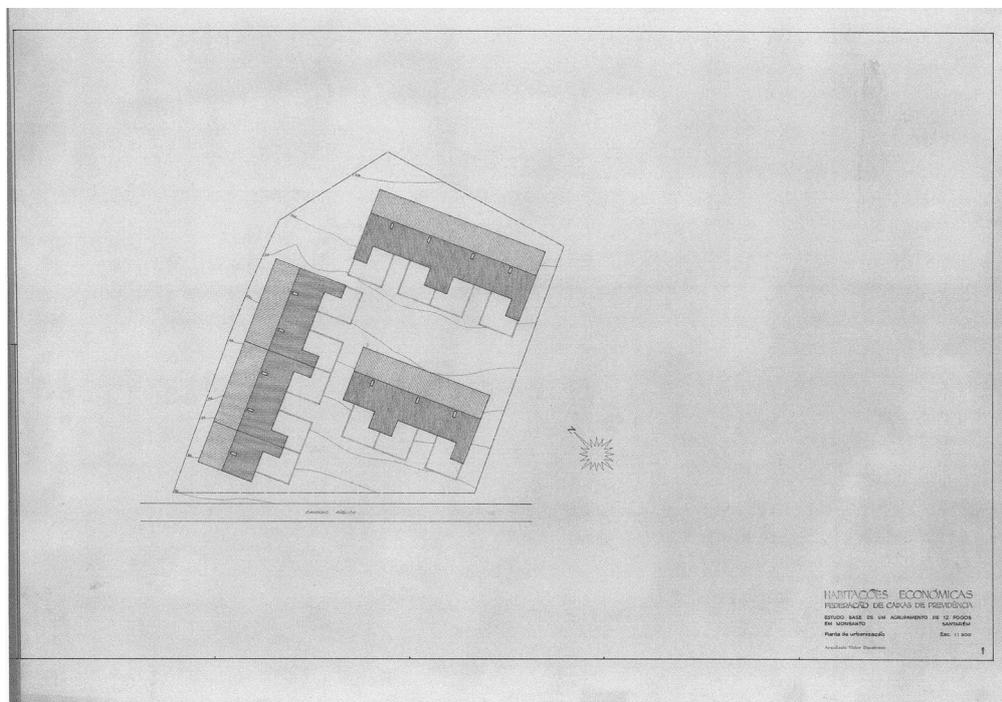


FIGURA 1. Estudo base: planta de urbanização

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000438

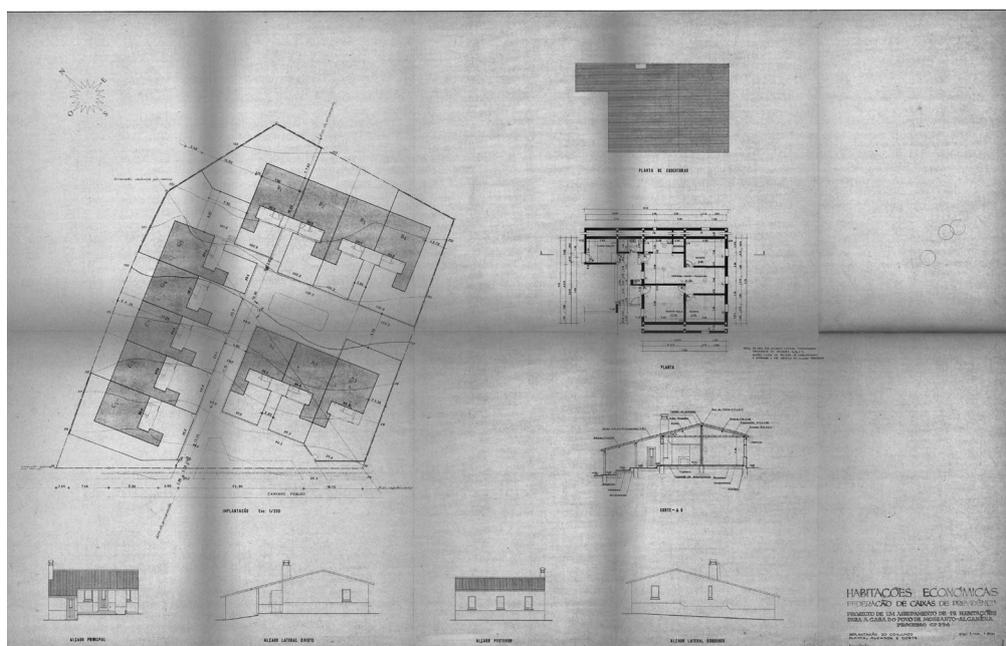


FIGURA 2. Projeto: implantação do conjunto, planta, alçados e corte

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03500

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ESTUDO PRÉVIO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00043

1 - PROGRAMA E ANTECEDENTES (...)

1.2 - O terreno, pertencente à Casa do Povo de Monsanto fica situado na freguesia do mesmo nome do concelho de Alcanena e a cerca de 200 metros do aglomerado populacional de Monsanto. Tem uma certa movimentação que a planta topográfica documenta e que obrigou, para uma implantação de certo modo densa, a escalonar algumas construções – o que como se sabe não é a solução mais económica embora fosse a única susceptível de permitir o grau de ocupação desejado.

1.3 - O programa (...) [é] constituído por 12 habitações todas do tipo T3.

2 - ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - (...) O agrupamento está implantado em terreno de escassa capacidade, articulando-se os 12 fogos em três bandas de 3, 4 e 5 unidades cada, todas dotadas de logradouros privativos. Estas bandas definem, pela sua posição, um espaço interior e protegem-no (protegendo também as suas zonas de maior permanência) dos ventos de NO que, segundo as informações colhidas, são muitos pronunciados e quase constantes no local.

A reduzida dimensão do agrupamento não favorece maiores descrições, querendo todavia assinalar-se que, ao juntarem-se as entradas de serviço e principal na mesma fachada, se sublinhou uma preocupação de economia pela redução de percurso e ligações exteriores.

O facto de não se considerar qualquer porta exterior na fachada oposta às entradas, determina que 5 pequenos lotes de terreno não tenham acesso através das casas, devendo definir-se posteriormente se a sua posse é individualizada.

2.2 - O agrupamento localiza-se junto de um caminho público que, por sua vez, liga a estrada nacional de Alcanena a Rio Maior. Este caminho, hoje em péssimo estado, necessitará de importantes benefícios e correcção de perfis, devendo acautelar-se este aspecto quando da edificação do bairro.

3 - HABITAÇÕES

3.1 - Os 12 fogos T3, organizados em pequenas bandas conforme já se referiu, dispõem fundamentalmente de 3 quartos (um com 12,3 m² e dois com 9 m²) e um conjunto de espaços interligados e de utilização bastante elástica, destinados a cobrir as funções de cozinha, refeições e trabalhos domésticos. O recanto de cozinhar, com equipamento rudimentar, dada a falta de água sob pressão, permite uma boa fruição do restante espaço.

Completam o programa uma pequena despensa interior, as instalações sanitárias com acesso do exterior, abrindo sobre um alpendre de serviço,

onde se situa uma pia de despejos e para onde abre também uma arrecadação exterior que desempenha um papel importante nos hábitos de vida desta região.

A falta de água corrente mais aconselha a solução dada a estas peças reunidas pelo alpendre, salientando-se que, na maioria esmagadora dos casos, a arrecadação exterior funcionará efectivamente como cozinha.

3.2 – Tratando-se de fogos de um só tipo, isolados num terreno livre, fornecem-se somente os seguintes elementos relativos às áreas útil e bruta do fogo:

Notação U.I.A.

T3/6 – 54.9. 6,2. X

(n.º de camas, área útil líquida, área não encerrada e área dos locais acessórios; a área da arrecadação exterior está considerada como área não encerrada)

<u>Área bruta:</u> fogo (c/ instalações sanitárias)	71,4
conjunto	79,6
<u>m² habitante</u>	9,2
(área útil)	

3.3 - A simplicidade do esquema de planta proposto, e da sua cobertura em duas águas, a regularização do perímetro exterior, o reduzido número de vãos e sua uniformização, assegurarão a economia da solução. É evidente que os materiais e acabamentos serão os habituais em agrupamentos de categoria modestos como o presente (...).

1967

CONJUNTO HABITACIONAL EM ALCANENA

Vítor Figueiredo

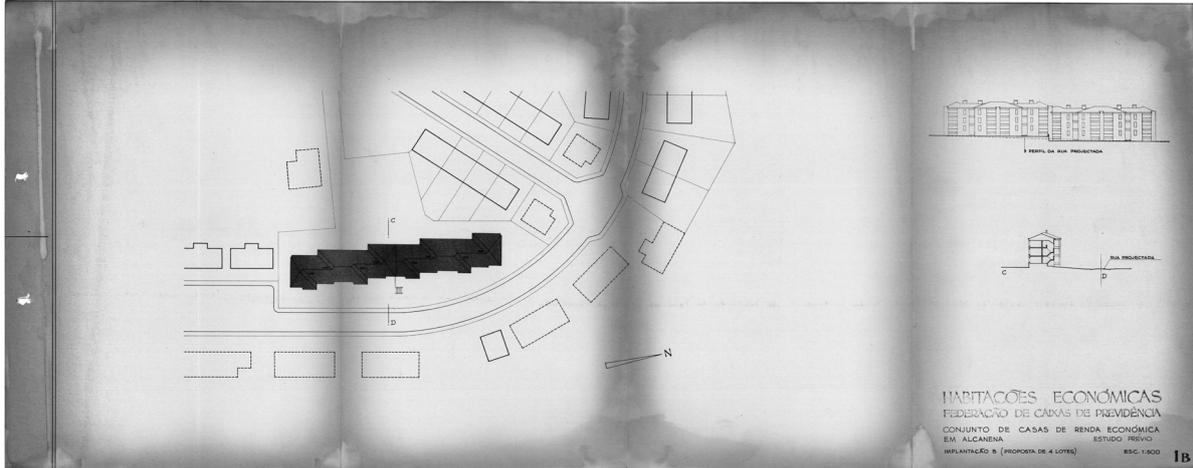


FIGURA 1. Estudo prévio: implantação

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03486

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00042

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

Consiste este trabalho na adaptação de um projecto elaborado para a da Célula C de Olivais sul e já construído nesta data.

Realizado um estudo prévio – que oportunamente se submeteu à apreciação da Câmara Municipal de Alcanena – foi decidido, em consequência de parecer omitido, a construção de um edifício de 3 pisos e 24 fogos. A respectiva situação, em zona urbanizada e marginando uma via já apontada no terreno, sublinha as características urbanas do projecto e parece não trazer preocupação à integração urbanística.

Verificou-se entretanto necessidade de alterar certos aspectos de pormenor que mereceram atenta revisão. (...)

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - Localização e integração urbanística

(...) O local destinado ao edifício situa-se em zona urbanizada, rodeada de construções e junto de um arruamento projectado. A construção permanecerá isolada no terreno, com os afastamentos observados na zona em questão, comportando-se a área sobrança como logradouro colectivo, uma vez que as circunstâncias não aconselhavam o parcelamento em logradouros privados.

A natureza do terreno obrigou a dividir o edifício em 2 corpos, separados por uma junta de dilatação e com diferentes cotas de soleira.

Tal condicionalismo, que se não considera negativo, parece até permitir uma melhor fusão com a construção envolvente, de porte mais reduzido, esperando-se que a simplicidade arquitectónica e a severidade proposta pela sua volumetria e pelos materiais aparentes concorrerá para facilitar a integração no local que lhe foi determinado nesta adaptação.

2.2 - Caracterização quantitativa

(...) o programa geral consiste em 24 fogos assim distribuídos por tipos:

T2 - 6

T3 - 12

T4 - 6

O número potencial de ocupantes é de 138 (...)

2.3 - Acessos e circulações

Não se levou muito longe o estudo de acessos ao edifício, considerando-se prematuro para uma zona ainda em organização no que respeita ao seu arranjo urbanístico, designadamente por se desconhecerem ainda as cotas do arruamento marginal.

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - Forma de agrupamento e composição

Os 24 fogos reúnem-se em grupos de 6 por escada e 2 por patim, encontrando-se distribuídos por 3 pisos, incluindo o térreo. (Recorde-se que o projecto original tinha 4 pisos). As unidades T3 juntam-se entre si e à volta do patim de acesso, verificando-se certas pequenas diferenças entre esquerdo e o direito em consequência da forma de articulação. As unidades T2 e T4 agrupam-se sempre em conjunção, ocupando, na totalidade, uma área rigorosamente idêntica à da unidade T3.

Os 6 fogos terminais do edifício apresentam alterações de pormenor no dispositivo destinado à queda do lixo e dispõem de uma abertura suplementar com grade de ferro na zona do estendal da roupa.

3.2 - Orientação

Procurando-se uma ocupação económica do terreno disponível, não haveria muitas alternativas, com base na repetição deste projecto. O número de 24 fogos, aparecendo como o limite viável, impõe a implantação proposta que aliás é favorável no que se refere à orientação dos fogos, uma vez que o edifício volta um dos seus topos ao quadrante Norte.

3.3 - Construção

Apesar de se tratar de um projecto de repetição, fizeram-se já numerosas e importantes alterações de pormenor com vista a melhorar a qualidade construtiva dos fogos. Assim, toda a pormenorização foi substituída - e de forma radical - nada subsistindo praticamente do projecto base, assinalando-se em especial novas portas e janelas, diferente equipamento de cozinha e diverso, rectificações no desenho das serralharias e algumas alterações nos acabamentos. No seu conjunto, considera-se que não representarão grandes encargos suplementares, considerando as reduzidas áreas que afectam.

Devido ao movimento próprio do terreno, o edifício - que se articula de forma diferente em relação ao projecto original - apresenta-se partido em 2 corpos independentes e com diferentes cotas de soleira, introduzindo-se-lhe na linha de quebra uma junta de dilatação.

4. FOGOS

4.1 - Organização interna

Tratando-se de uma repetição de fogos já utilizados num outro projecto, considera-se dispensável fazer referências especiais à respectiva organização interna.

1968

CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE

Vítor Figueiredo

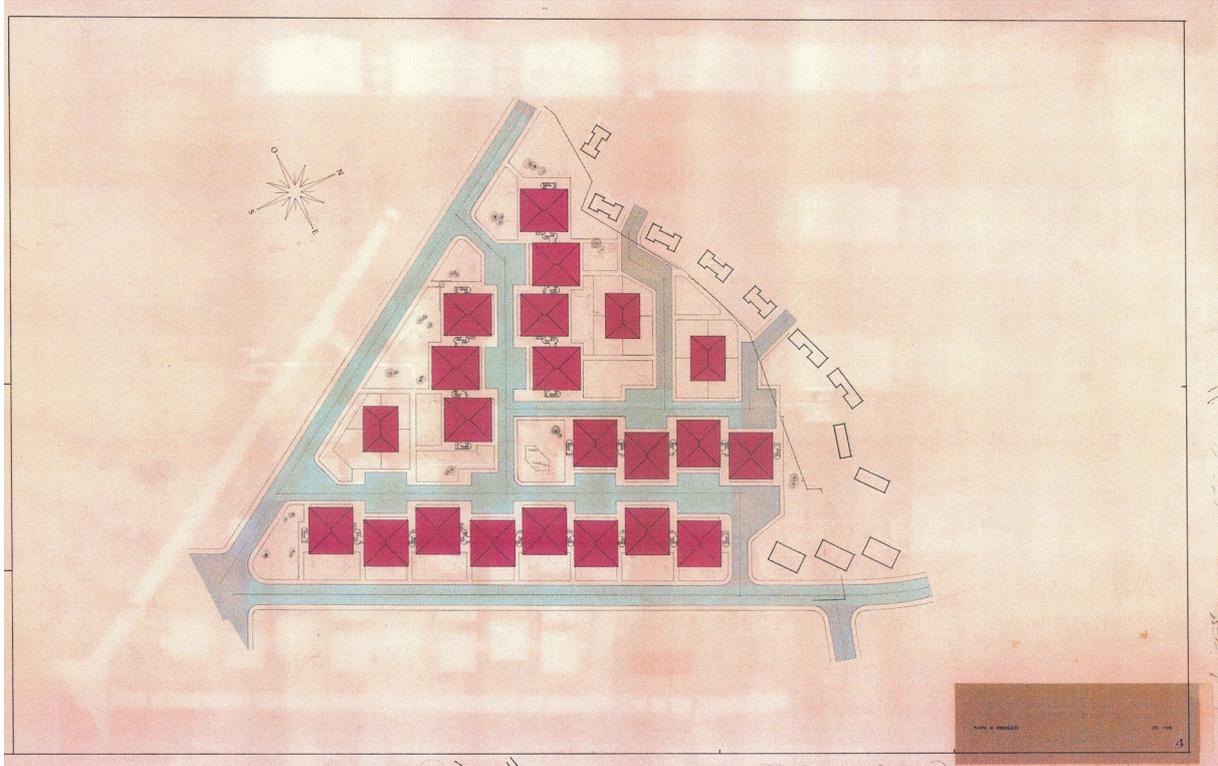


FIGURA 1. Projeto: planta de urbanização

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000703

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ESTUDO PRÉVIO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00048

1. ANTECEDENTES E PROGRAMA

O presente projecto diz respeito a um agrupamento de casas de renda económica a edificar na Vila de Peniche, em zona actualmente em franca valorização.

Trata-se de ocupar um amplo espaço de excelente terreno, marginado por vias (existentes ou projectadas) de evidente importância no plano de arruamentos do aglomerado urbano, por forma a conseguir uma densidade elevada, nunca inferior a 200 fogos segundo a preocupação da Câmara Municipal, dada a agudíssima falta de habitações verificada localmente e a dificuldade cada vez maior em conseguir-se terrenos para construções económicas.

Era pedido que as categorias I e II, fossem resolvidas respectivamente em 3 e 2 pisos, correspondendo a este último caso as habitações de 2 andares, independentes, ainda que agrupadas em banda.

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - Localização e organização urbanística

(...) No que se refere à integração urbanística é evidente que ela constitui preocupação dominante deste projecto.

Nas suas linhas gerais o problema consistiu na distribuição de um número de fogos, aproximadamente igual ao pedido, por uma área devoluta de configuração triangular, limitada por um arruamento existente e outro projectado e por uma faixa de habitações geminadas de um só piso, com alguns anos de construção, a que vieram agora juntar-se algumas edificações de 2 pisos.

A existência desta linha de construção baixa a Nordeste do terreno destinado à implantação do conjunto constituiu problema importante para a procura da solução geral. A natureza dessas construções, o seu estado de conservação e o mau tratamento dos espaços exteriores contíguos desaconselharam uma integração decidida que poderia comprometer francamente o bairro de casas de renda económica, tendo-se optado por uma forma de organização que, sem resultar segregadora para a parte existente, assegurasse autonomia na definição dos respectivos espaços.

Houve contudo, em relação às antigas construções, duas preocupações que importa referir: o estabelecimento entre ambas as zonas, de ligações frequentes de peões e de acesso mecânico e um critério de gradação na altura das construções, procurando-se que entre essa linha de construção baixa (1 piso) e as novas construções de 3 pisos se interpussem as habitações de categoria II (2 pisos).

Em relação aos arruamentos envolventes houve a preocupação de constituir fachadas contínuas, sem excluir uma certa transparência de interior que a própria solução arquitectónica favorece.

2.2 - Caracterização quantitativa

Categoria I — T2	114	
Categoria I — T3	114	
		228
Categoria II — T3	6	
Categoria II — T4	6	
		12
		Total — 240

2.3 - Acessos e circulações

Bem servido de comunicações, pelo menos nos termos do Plano, o terreno em questão apresenta-se facilmente acessível do exterior.

O critério seguido para as circulações auto, internas, fez-se com evidentes preocupações de economia, se tivermos em conta que o “T” que drena o agrupamento mais a “marginal” situada a Nordeste, servem 240 fogos, sem necessidade de mais “blocos” ou penetrações. O problema de estacionamento é igualmente resolvido de forma expedita e parece resolver com realismo prático as necessidades que, nesta matéria, possam vir a manifestar-se, a mais ou menos curto prazo.

No que se refere a acesso de peões, a malha é bastante estreita, mas poderá ser resolvida por processos evidentemente económicos no que respeita a pavimentações.

De uma forma geral e em relação a esta matéria de comunicações e circulações, pode dizer-se que todos os fogos são facilmente acessíveis, quer ao trânsito mecânico, quer ao de peões, contrariando-se contudo a viabilidade de trânsito rápido no interior do agrupamento pelo traçado imposto aos diversos arruamentos, a que constitui de certo modo excepção a já referida via marginal.

2.4 - Implantação e espaços exteriores

É muito caracterizada e deriva directamente do tipo de solução arquitectónica a implantação proposta. A forma de articulação dos blocos maciços de 12 fogos (Cat. I) impõe um determinado ritmo que encontra no outro projecto (Cat. II) a expressão que se pretendeu diferenciada das vulgares bandas contínuas, sem contudo perder o sentido económico da construção concentrada. (...)

Quanto aos espaços exteriores – eles também consequência visível da solução arquitectónica e da densidade de ocupação – foram estudados (...) tendo em vista salvaguardar o mais possível o mau tratamento futuro, que a experiência

nos faz reacear mais do que outros perigos de menor acuidade efectiva para quem "vive" estas soluções depois de materializadas no terreno.

2.5 - Equipamento

Não se prevê mais do que a organização de dois pequenos espaços de recreio e de desporto infantil, constituídos nomeadamente por parque de jogos e campos de basquetebol e patinagem. (...)

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - Formas de agrupamento e composição

Os fogos da categoria I agrupam-se segundo blocos maciços, de desenvolvimento radial e três pisos, cada um deles dispondo de 12 fogos T2, T3 ou T2-T3. Os acessos verticais, servindo cada unidade de quatro fogos, constituem a articulação destes blocos e asseguram simultaneamente a passagem de peões e o encurtamento dos percursos.

Os fogos da categoria II agrupam-se segundo blocos de 4 fogos cada, desenvolvidos em dois pisos e independentes no que respeita ao acesso exterior. Dispõem além disso de logradouro privativo e apresentam-se isolados.

3.2 - Construção

O custo dos fogos - que se pretende quanto possível reduzido, até porque o presente projecto pretende ser protótipo de uma extrema economia de construção - não dependeu exclusivamente da economia de áreas, estrutura e definição arquitectónica mas também de critérios bastante severos no que respeita aos acabamentos e equipamento a definir nas fases subsequentes. O custo médio de 1.150\$00 por m² para a Cat. I assegura um custo por fogo bastante competitivo. (...)

4. FOGOS

4.1 - Caracterização quantitativa

Notação UIA

Categoria I

T2/5. 48,7. 2,8. X

T3/6. 55,9. 2,8. X

Categoria II

T3/6. 59,1. 2,3. X

T4/8. 69,5. 2,3. X

(número de camas, área útil líquida, área não encerrada, área de locais acessórios)

Fogos		Área bruta	m ² /habitante (área útil)
CATEGORIA I	T2/5	65,2	9,7
	T3/6	74,2	9,3
CATEGORIA II	T3/6	79,8	12,3
	T4/8	91,2	11,4

4.2 - Organização interna

Tratando-se de habitações de programa reduzido, particularmente no que respeita à categoria I, julga-se ter assegurado em qualquer dos tipos projectados a decorrência das funções essenciais a uma vida familiar corrente.

Ambos os fogos da categoria I oferecem uma organização muito elástica, permitindo, como é evidente, melhor fruição à medida que a densidade de ocupação diminui. A existência de um espaço bem caracterizado e defendido, com evidentes possibilidades de ser mais um local de dormir, outorga uma outra dimensão à casa e permitirá em muitos casos a individualização da tão desejada saleta encerrada que a economia de custos nem sempre permite.

Nos fogos da categoria II o desenvolvimento em dois pisos assegura uma organização mais convencional, com zona íntima no piso elevado e serviços no piso térreo. A possibilidade de um local de dormir suplementar é também assegurado no fogo T4 desta categoria.



FIGURA 2. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 007321

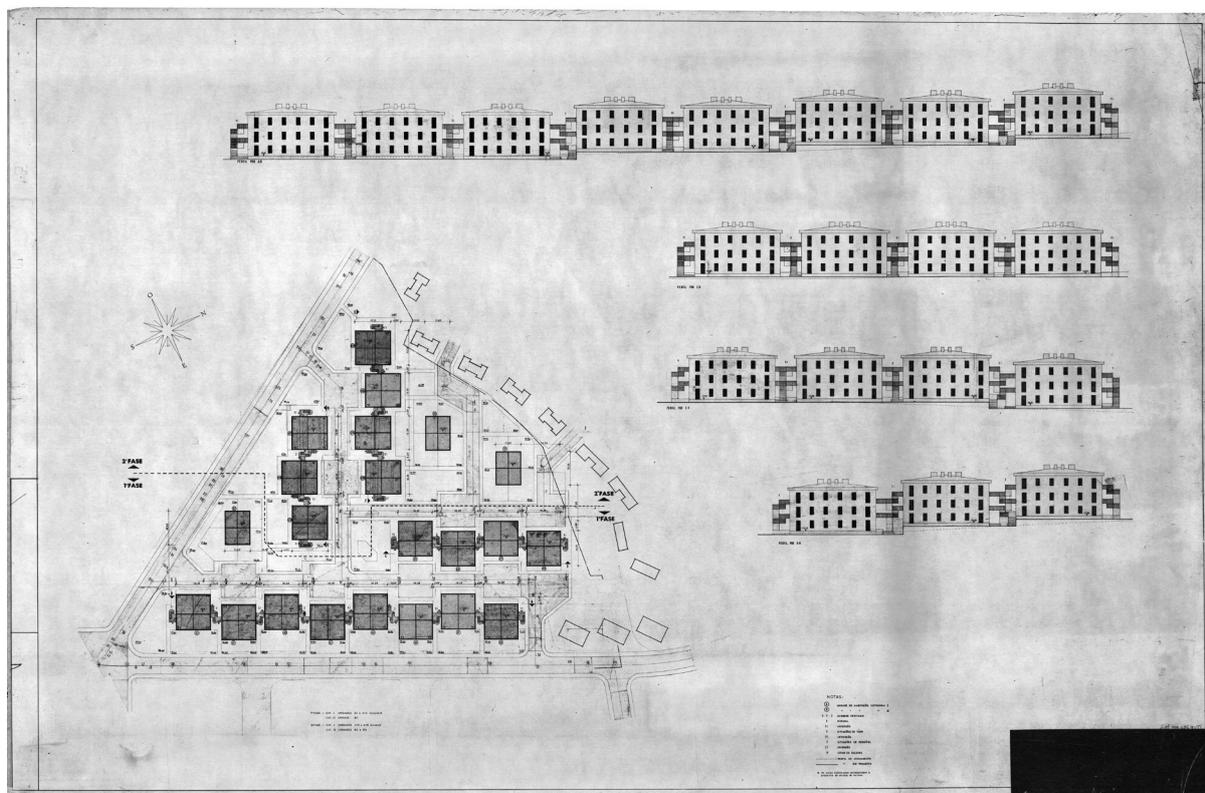


FIGURA 3. Projeto: planta de trabalho e perfis

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000702

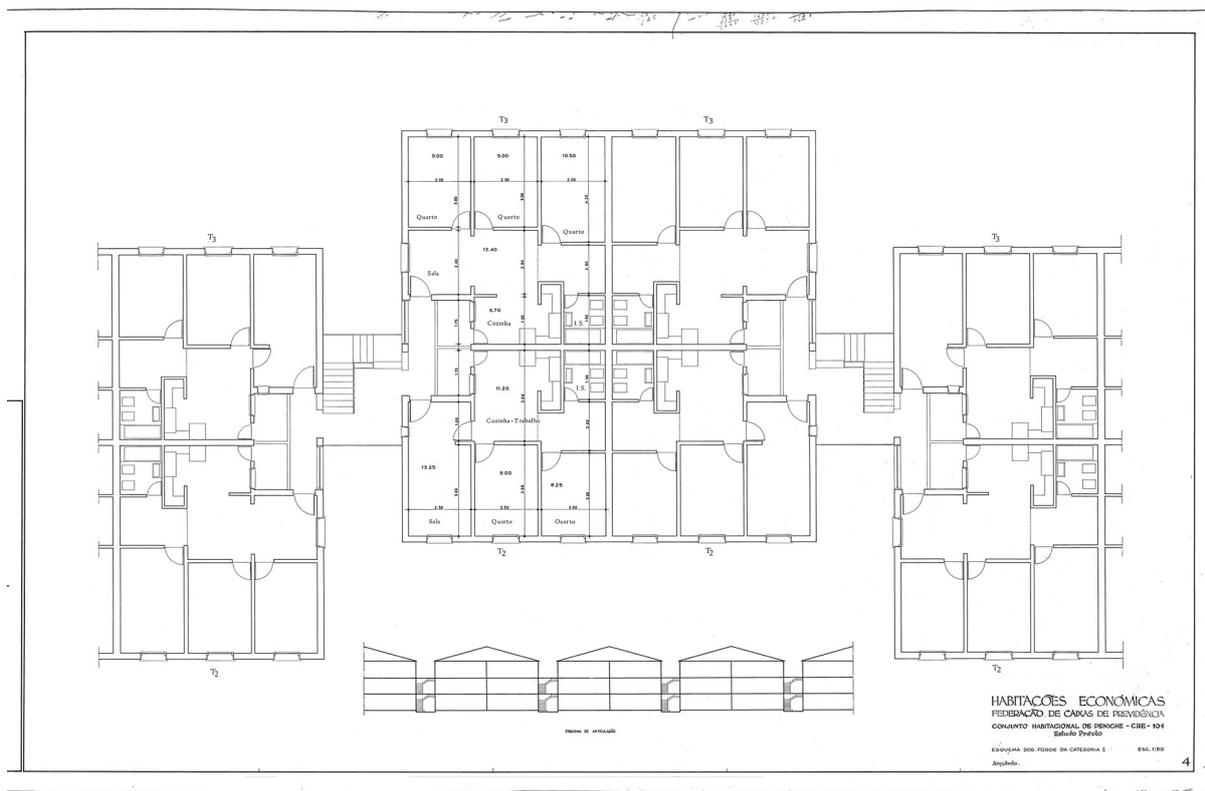


FIGURA 4. Estudo Prévio: esquema dos fogos de Categoria I

Espólio de Vítor Figueiredo, IHRU/SIPA PT VF-DES 000698

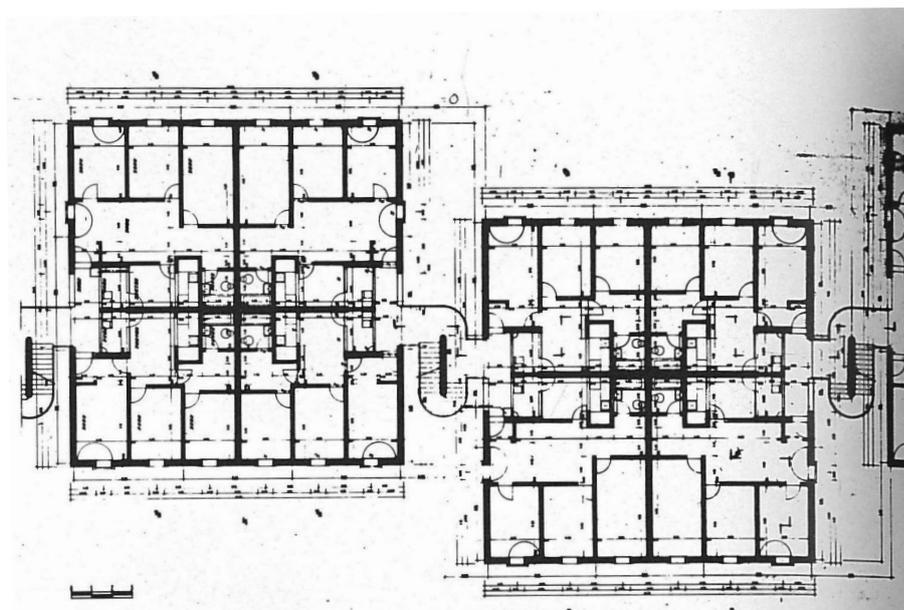


FIGURA 5. Projeto: esquema dos fogos de Categoria I

Revista *Arquitectura* n.º 135 (setembro/outubro de 1979), 44



FIGURA 6. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 007349

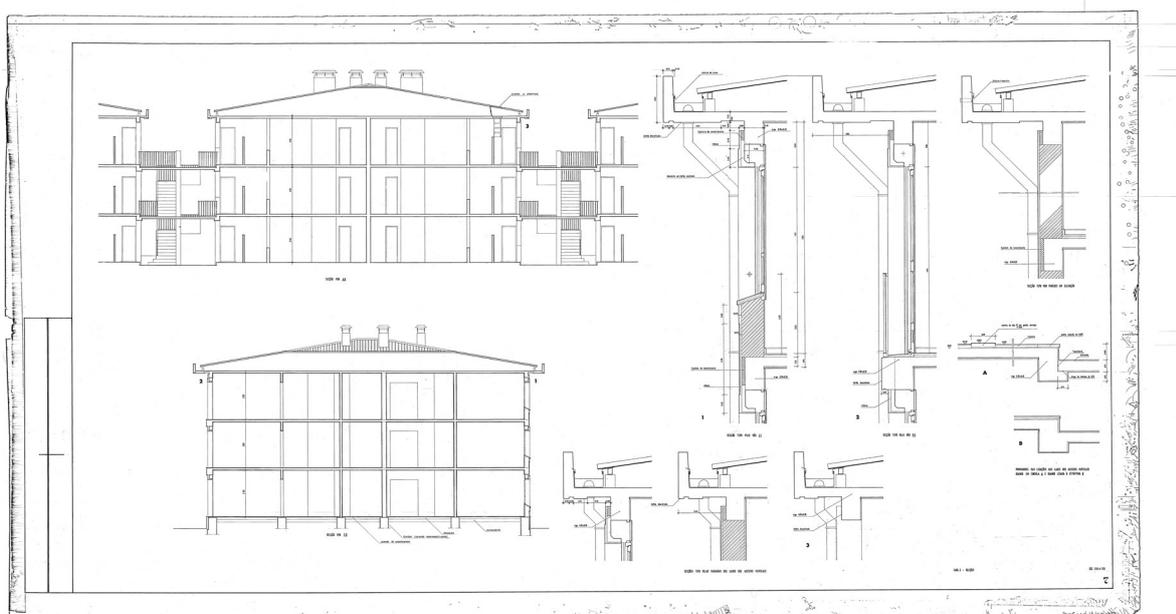


FIGURA 7. Projeto: categoria I, secções

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000705

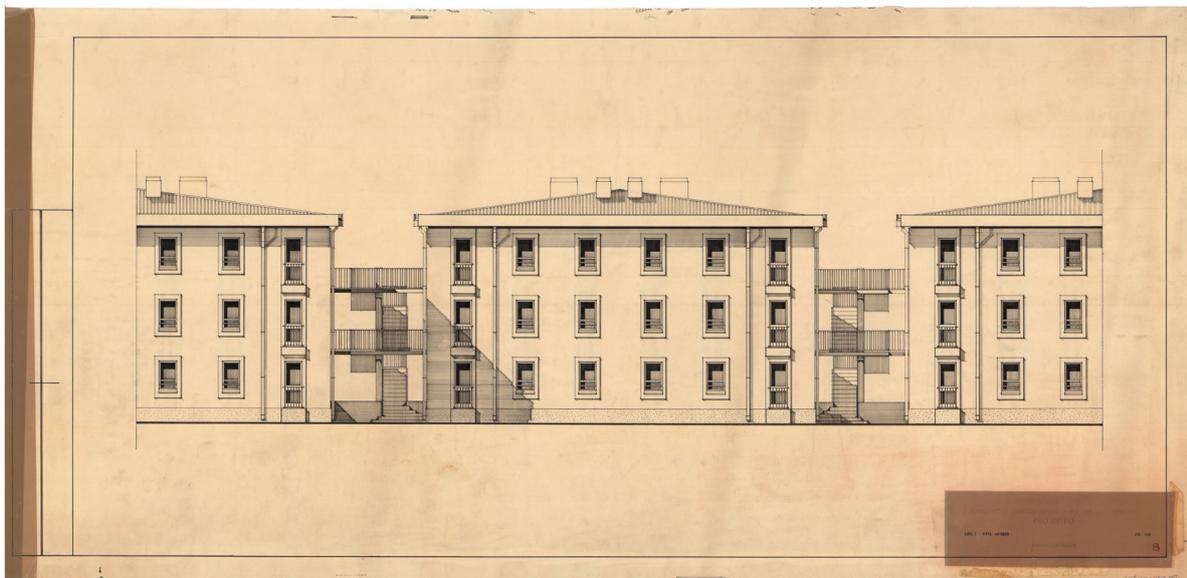


FIGURA 7. Projeto: categoria I, vista anterior
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000706

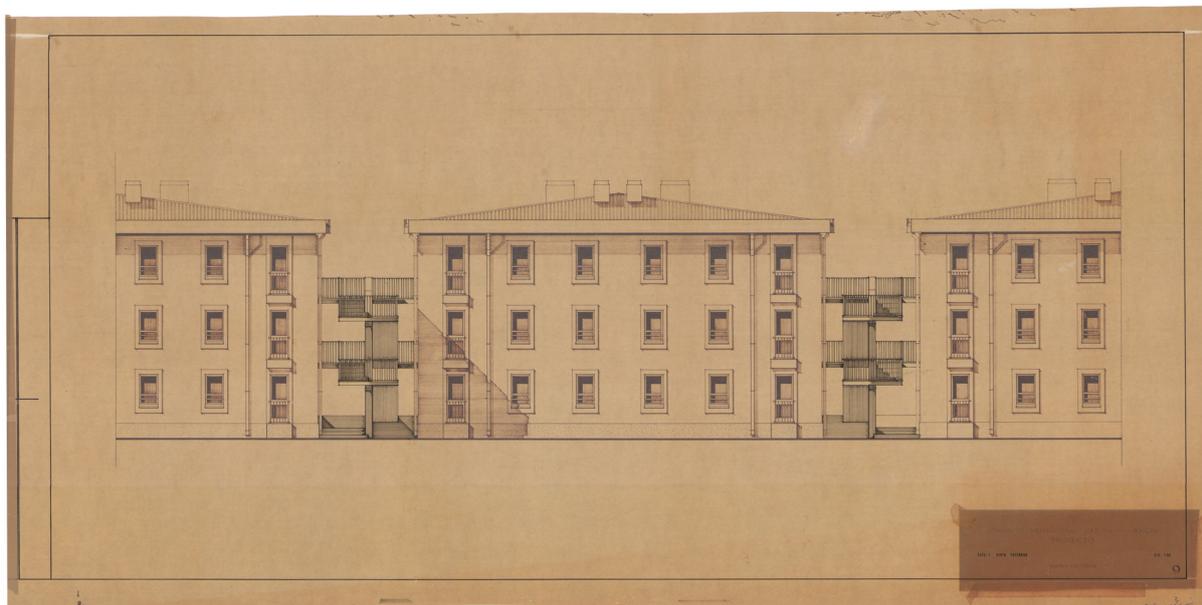


FIGURA 8. Projeto: categoria I, vista posterior
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000707

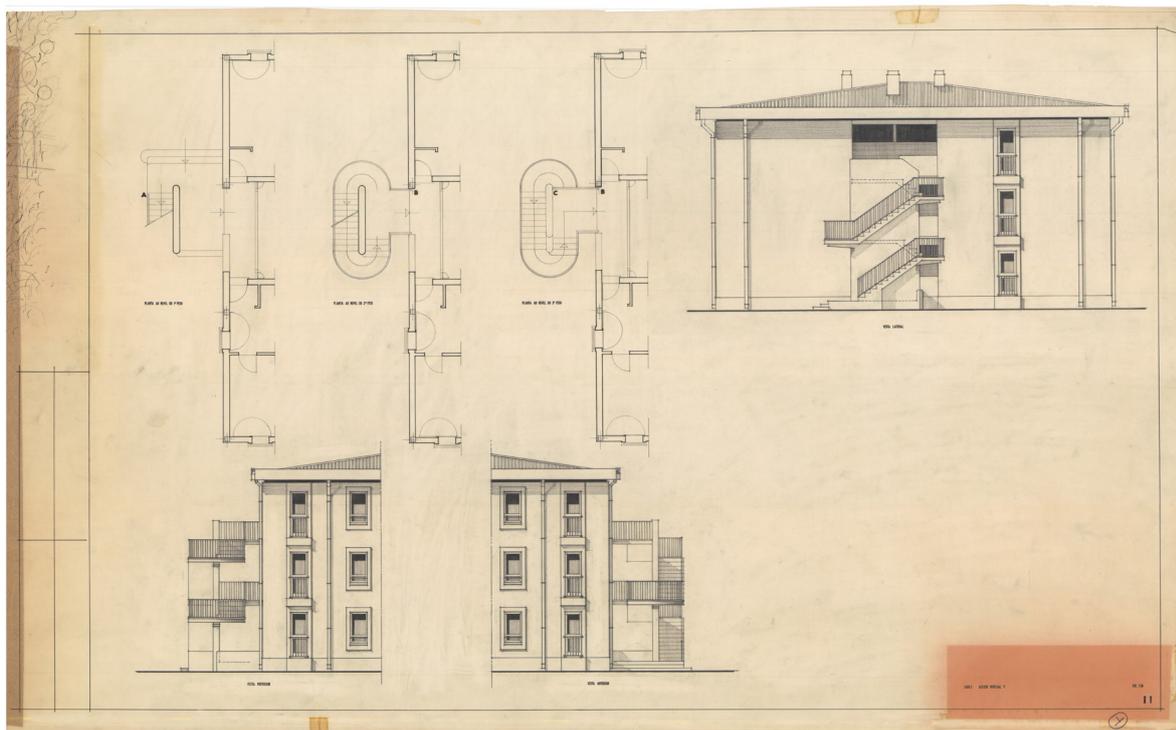


FIGURA 9. Projeto: categoria I, acesso vertical Y
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000709

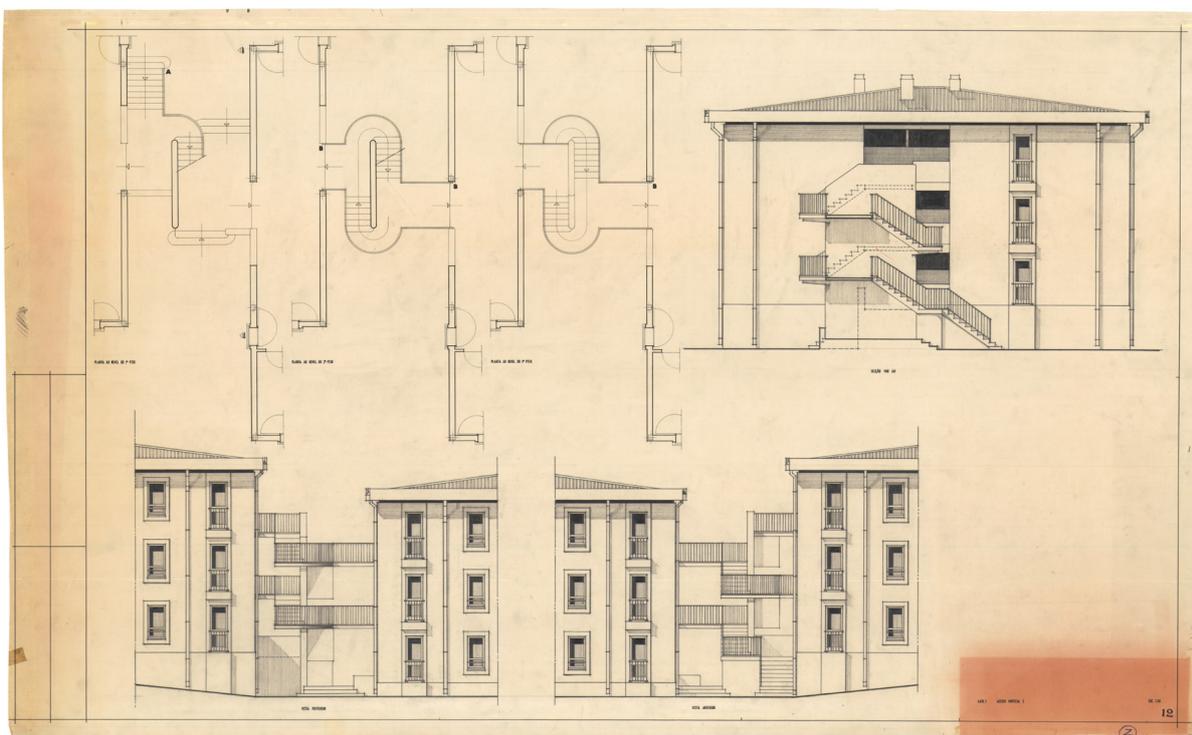


FIGURA 10. Projeto: categoria I, acesso vertical Z
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000710

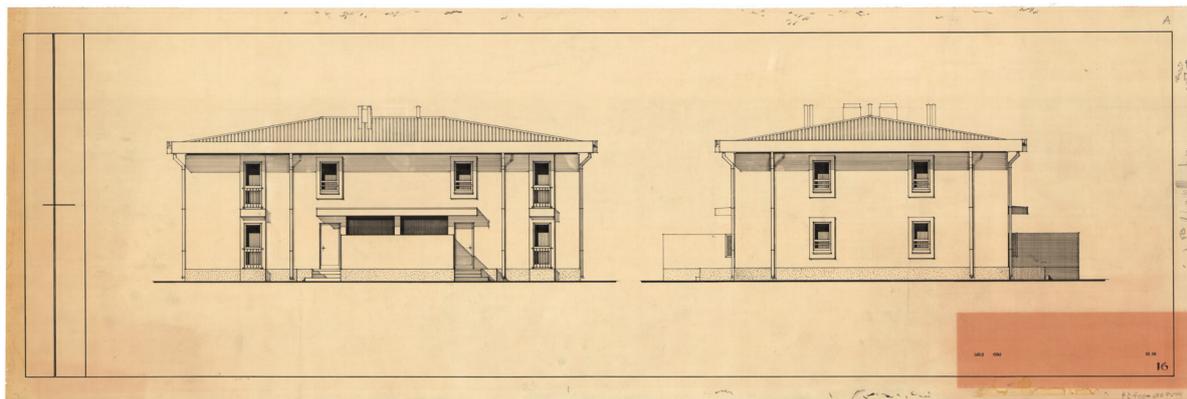


FIGURA 12. Projeto: categoria II, vistas
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000714

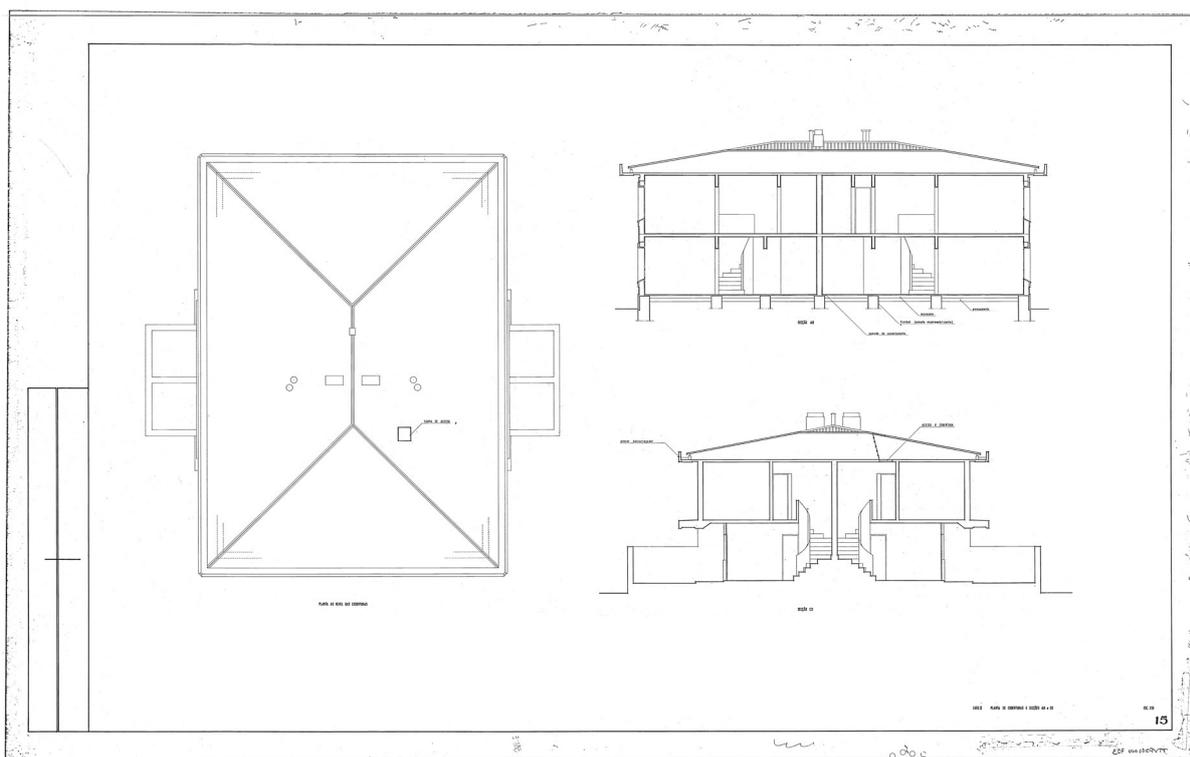


FIGURA 13. Projeto: categoria II, planta de cobertura e secções AB e CD
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000713

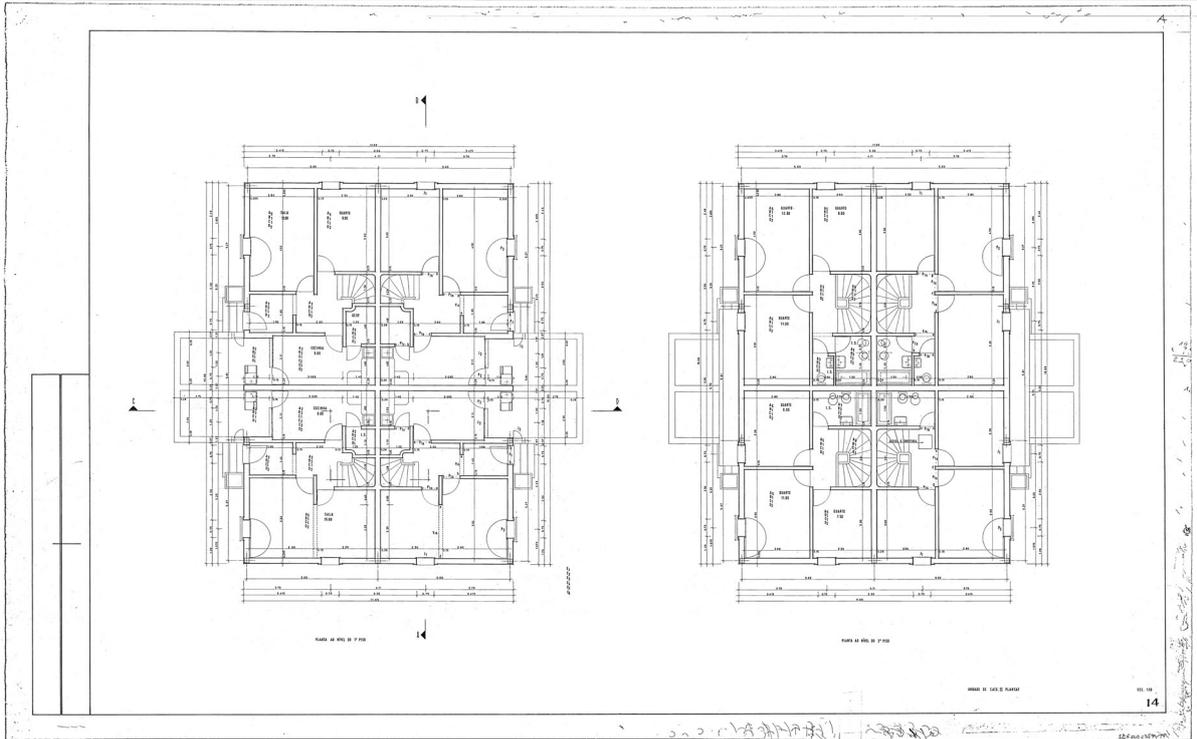


FIGURA 14. Projeto: categoria II, plantas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000712



FIGURA 15. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 007342

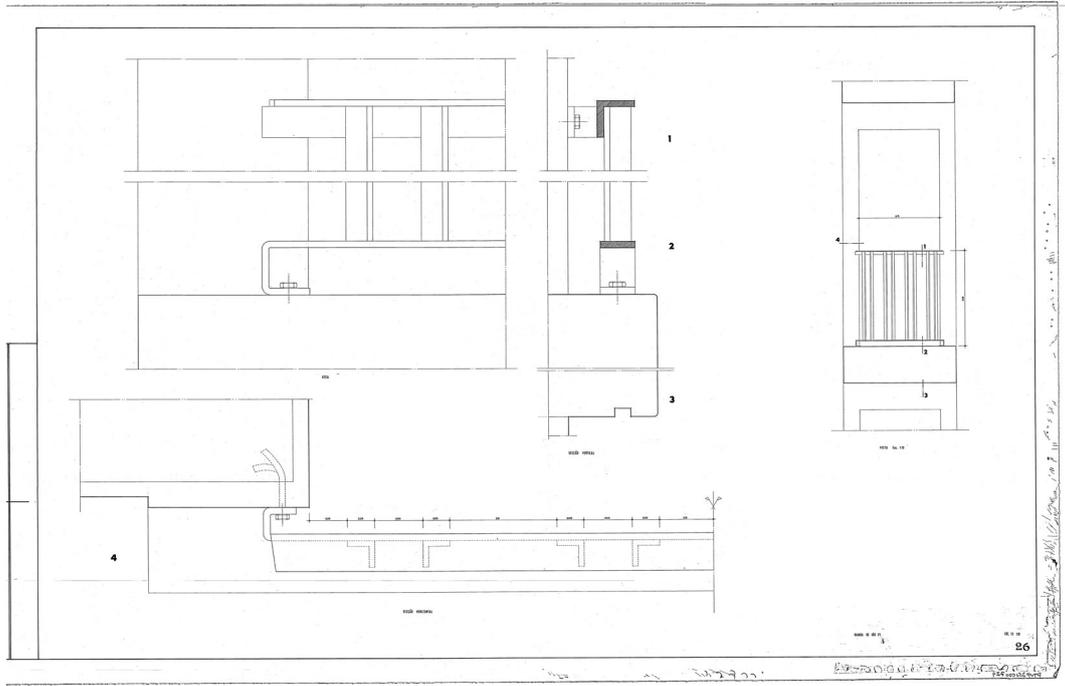


FIGURA 16. Projeto: guarda do vão P1

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 000724

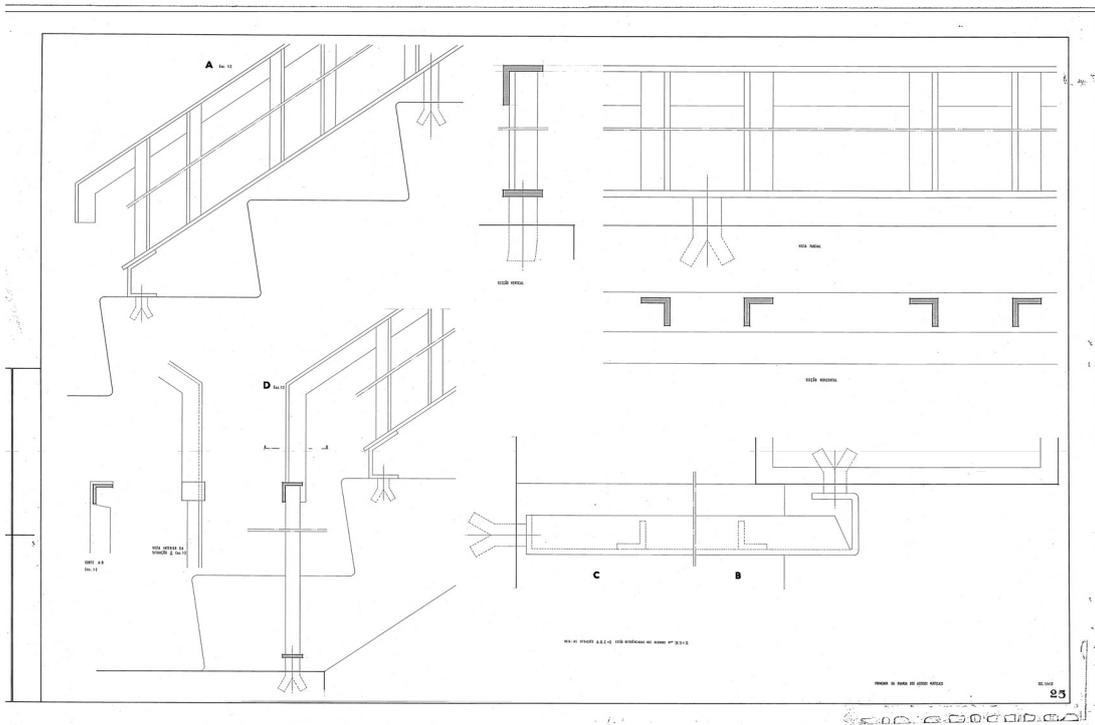


FIGURA 17. Projeto: pormenor da guarda dos acessos verticais

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 000723

1968

CONJUNTO HABITACIONAL EM ALMONDA

Vítor Figueiredo

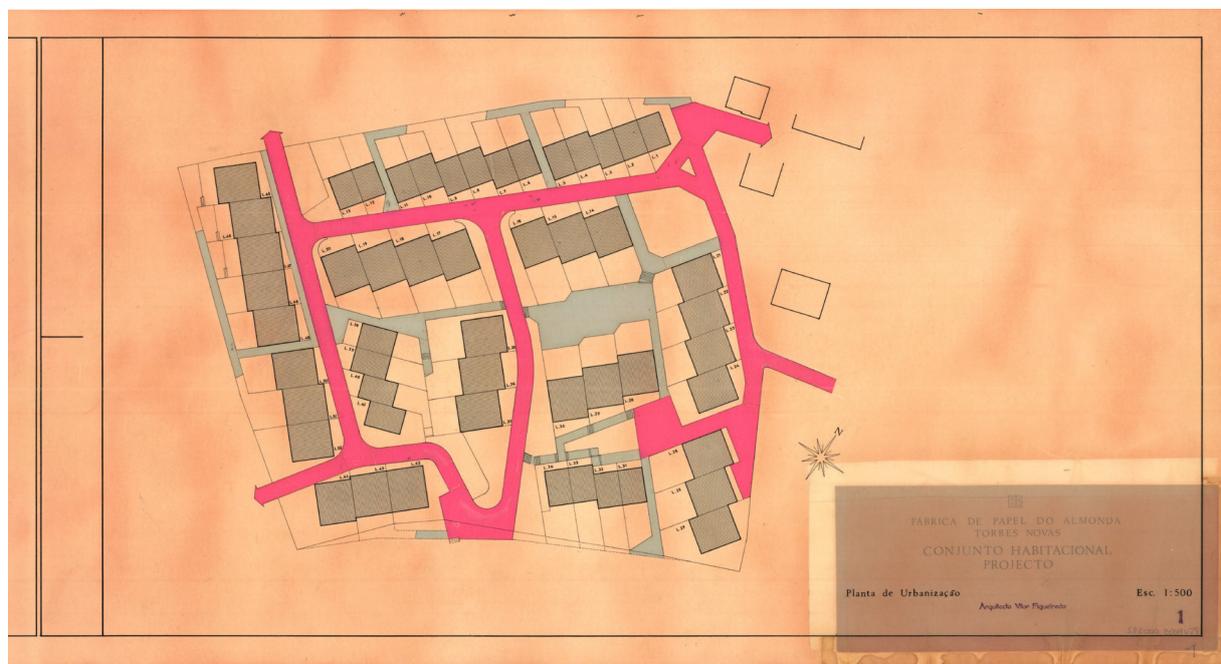


FIGURA 1. Projeto: planta de urbanização

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000382

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00015

I. PROGRAMA E ANTECEDENTES

1.1 - O projecto que agora se apresenta constitui importante alteração às fases de estudo anteriores em consequência de profundas alterações no programa e, inclusivamente, de novas condições de implantação, visto não estarem correctamente definidos os limites do terreno no levantamento topográfico de que se dispôs no início. (...)

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - Nas suas linhas gerais (muito embora em pormenor tudo se tenha alterado) manteve-se a forma de organização inicialmente adoptada, ou seja arruamentos servindo bandas contínuas de fogos, todos dispostos de logradouros colectivos. O conjunto situa-se em terreno contíguo a uma primeira fase existente e procura assegurar, por meio de ligações aos terrenos circundantes, a possibilidade de novas fases ou de realizações paralelas.

2.2 - O programa consiste em 52 fogos, sendo 31 T3 desenvolvidos num só piso e 21 T4 desenvolvidos em dois pisos. Todos eles se articulam segundo bandas contínuas contendo cada um destes fogos um único tipo.

2.3 - Dispõe o conjunto de acesso auto através da fase já construída, que no entanto necessita ser melhorado para corresponder às necessidades desta segunda parte. No interior, as ligações estão asseguradas para automóveis e peões na medida que consideramos justa para as dimensões do agrupamento habitacional. As ligações interiores, dada a topografia do terreno, incluem lanços de escadas, rampas e os taludes e muros de suporte necessários à sua resolução.

2.4 - A implantação dos 52 fogos sofreu grande pressão dos condicionamentos topográficos, procurando-se sempre o menor movimento de terras e a situação mais favorável em relação aos espaços exteriores contíguos e aos arruamentos de ligação.

2.5 - No que respeita a equipamento colectivo, reservou-se o espaço para uma construção de características a definir posteriormente junto da entrada do bairro, preconizando-se a sua utilização para reuniões, recreio ou pequeno comércio e local de venda para ambulantes.

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - São, conforme já se disse, bandas contínuas de fogos de um só tipo. As unidades (habitações) são independentes – não havendo assim paredes mearas ou coberturas em ligação - o que permitirá a construção individualizada que as circunstâncias impõem. Qualquer solução de compromisso entre proprietários para construção agrupada tem, contudo, todas as possibilidades e constituirá uma solução mais económica em paredes e cobertura.

3.2 - A orientação conseguida para os fogos pode considerar-se aceitável, dentro de um critério de mal menor. Procurou-se, mesmo assim, assegurar a insolação conveniente de todas as unidades e espera-se que a ventilação cruzada que a planta das habitações permite traga adequadas condições de salubridade a cada uma. (...)

3.3 – A caracterização quantitativa, segundo a notação UIA é a seguinte:

T3/5. 62,9. 3,0. X

T4/7. 62,8 2,9 X

(número de camas, área útil líquida, área não encerrada, área de locais acessórios)

A área bruta dos fogos é respectivamente:

T3 – 86,2

T4 – 90,10

3.4 - A caracterização arquitectónica dos fogos, sendo consequência inevitável da limitação dos orçamentos, considera-se, mesmo assim, conseguida com vista a um conjunto airoso e dignificante na sua simplicidade.

Dadas a grande ocupação e a presença preponderante das construções entende-se da maior conveniência um cumprimento correcto do projecto sem o que não poderá assegurar-se o resultado desejado.

Dentro da simplicidade de acabamentos prevista, deverá acautelar-se o cuidado da construção e a harmonia das cores a utilizar, quer em fachadas quer nos interiores, mas muito especialmente nas primeiras.

3.5 - O fogo T3, desenvolvido num só piso consta de 3 quartos, uma sala comum, zona de entrada e cozinha com local de trabalho como peças essenciais. Dispõe ainda de despensa, instalações sanitárias e pequeno arrumo, além da zona alpendrada sob construção, como prolongamento do serviço.

O fogo T4, desenvolvido em dois pisos, consta de sala (com zona de entrada e de acesso vertical), cozinha e quarto no piso térreo e, bem assim, de 3 quartos e instalações sanitárias no piso elevado. Dispõe ainda de despensa, sob a escada e zona alpendrada com características idênticas às do fogo T3. (...)

[4. CUSTOS]

Fogos tipo T3	
31 x 118.700\$00.....	3.679.700\$00
Fogos tipo T4	
21 x 120.700\$00.....	2.534.700\$00

Total: 6.214.400\$00

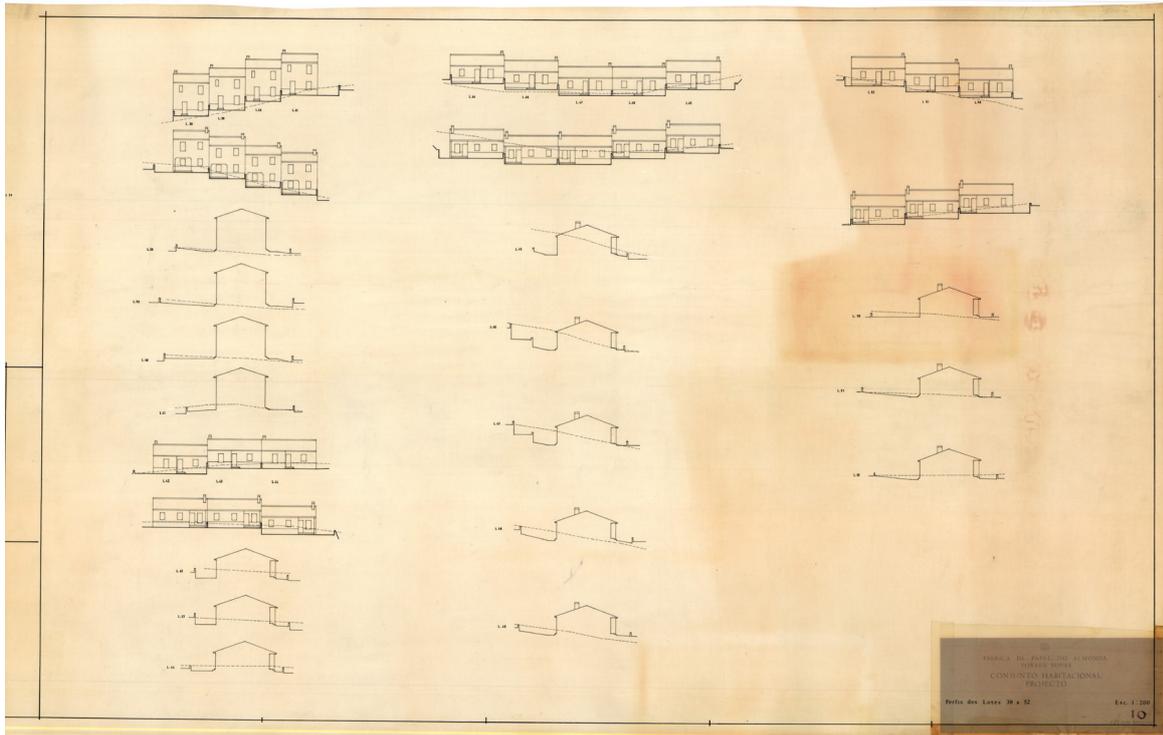


FIGURA 2. Projeto: Perfis dos lotes 38 a 52
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000391

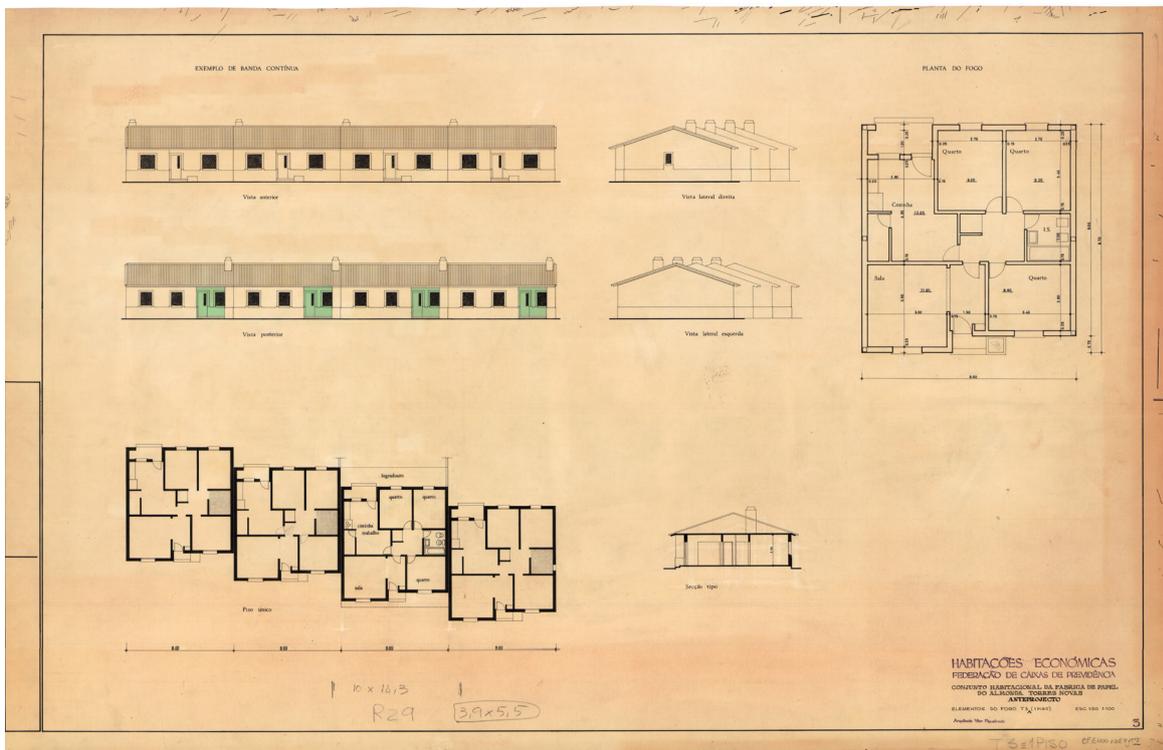


FIGURA 3. Anteprojeto: elementos do fogo T3 (1 piso)
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000379

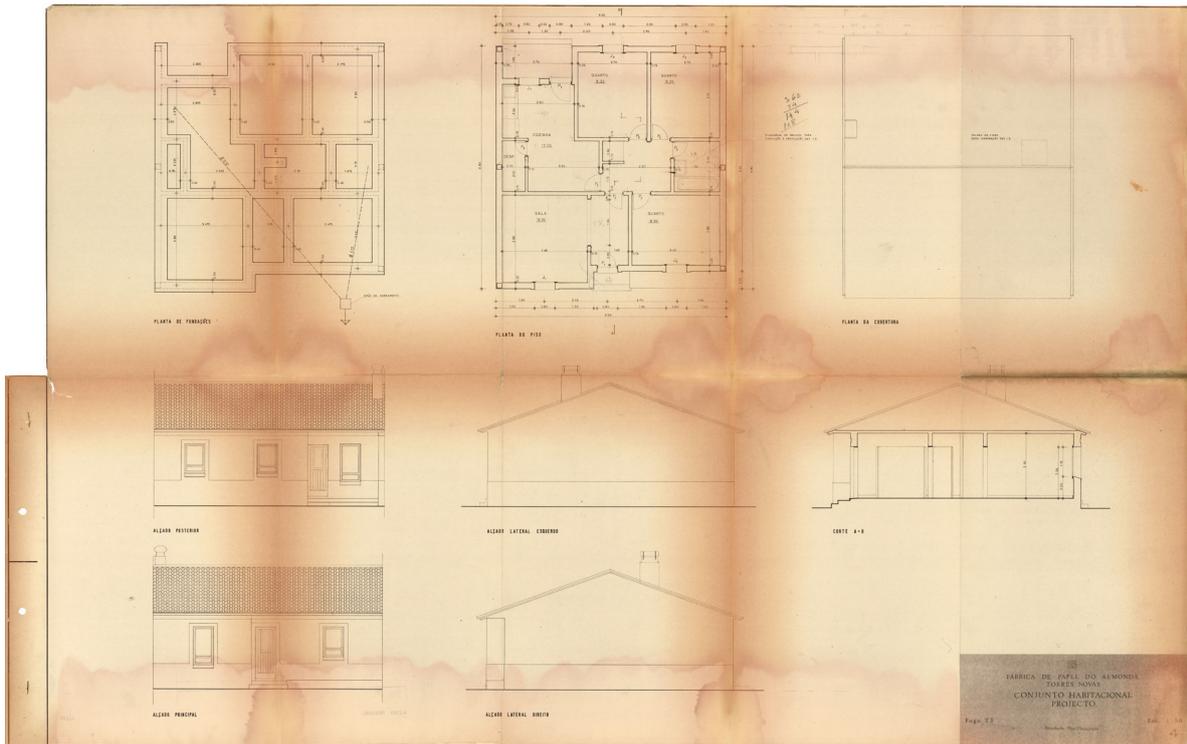


FIGURA 4. Projeto: fogo T3

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 02350

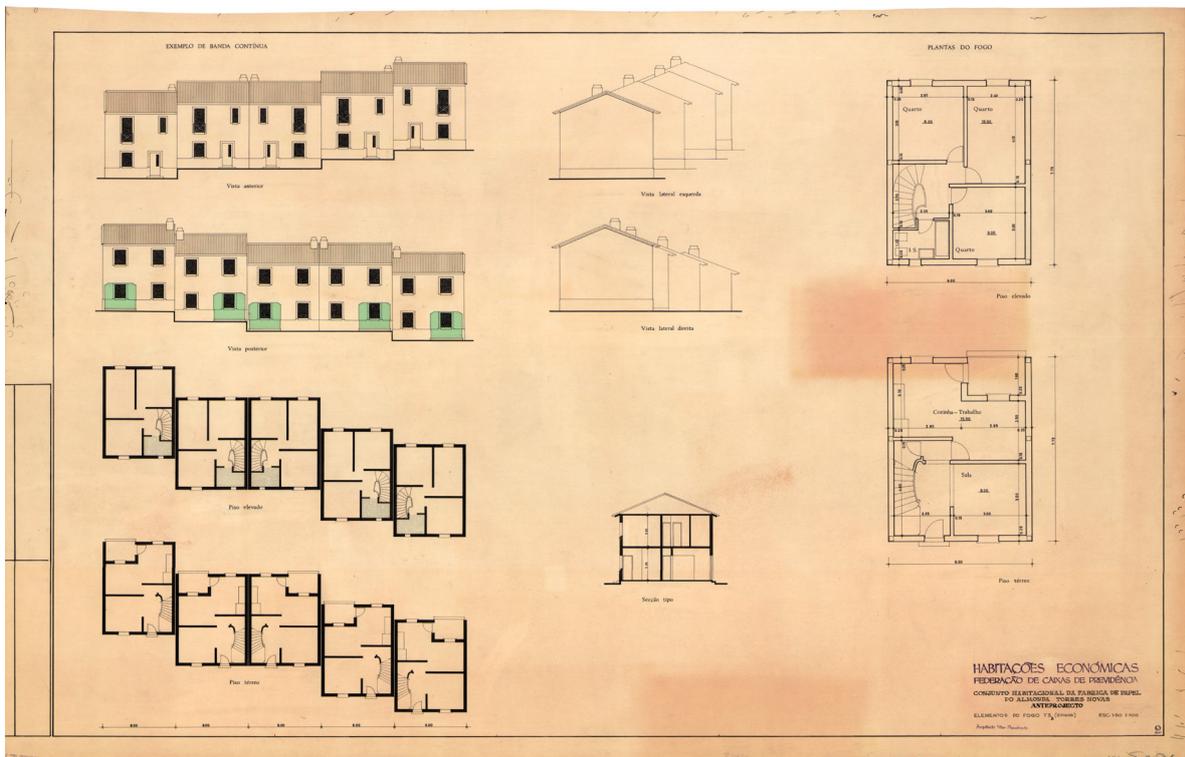


FIGURA 5. Anteprojeto: elementos do fogo T3 (2 pisos)

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000378

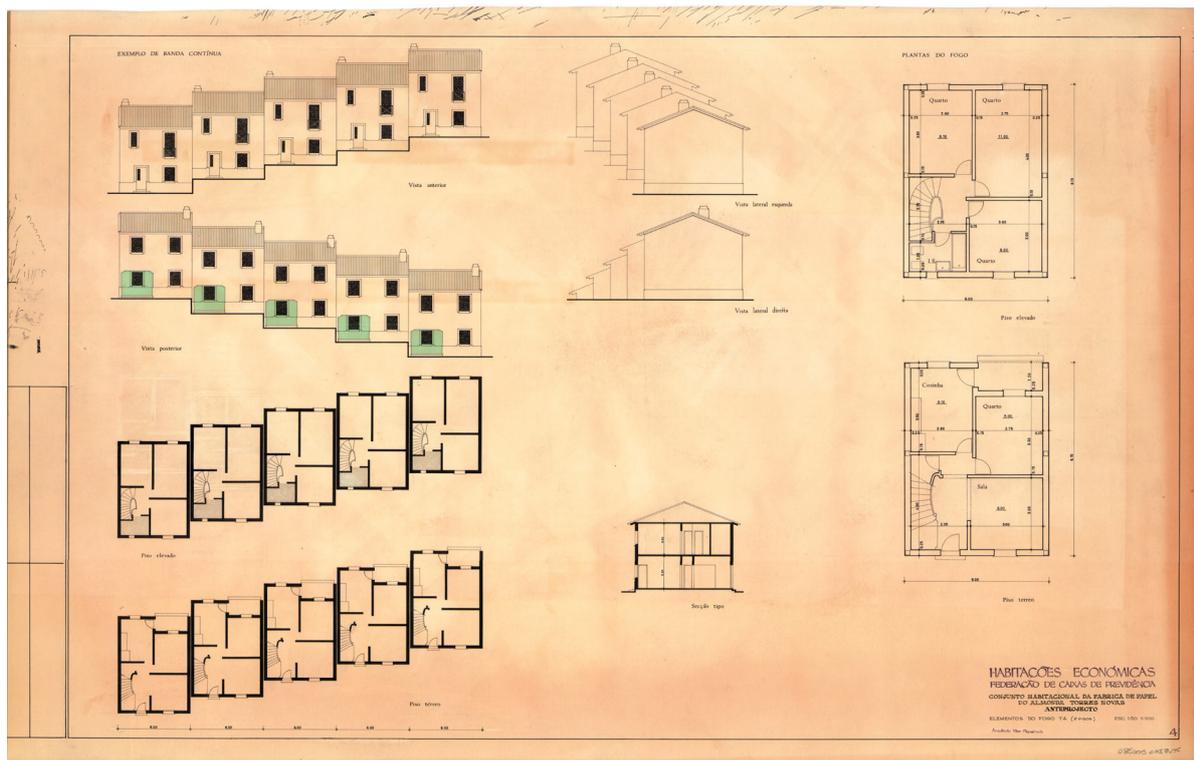


FIGURA 6. Anteprojeto: elementos do fogo T4 (2 pisos)

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000380

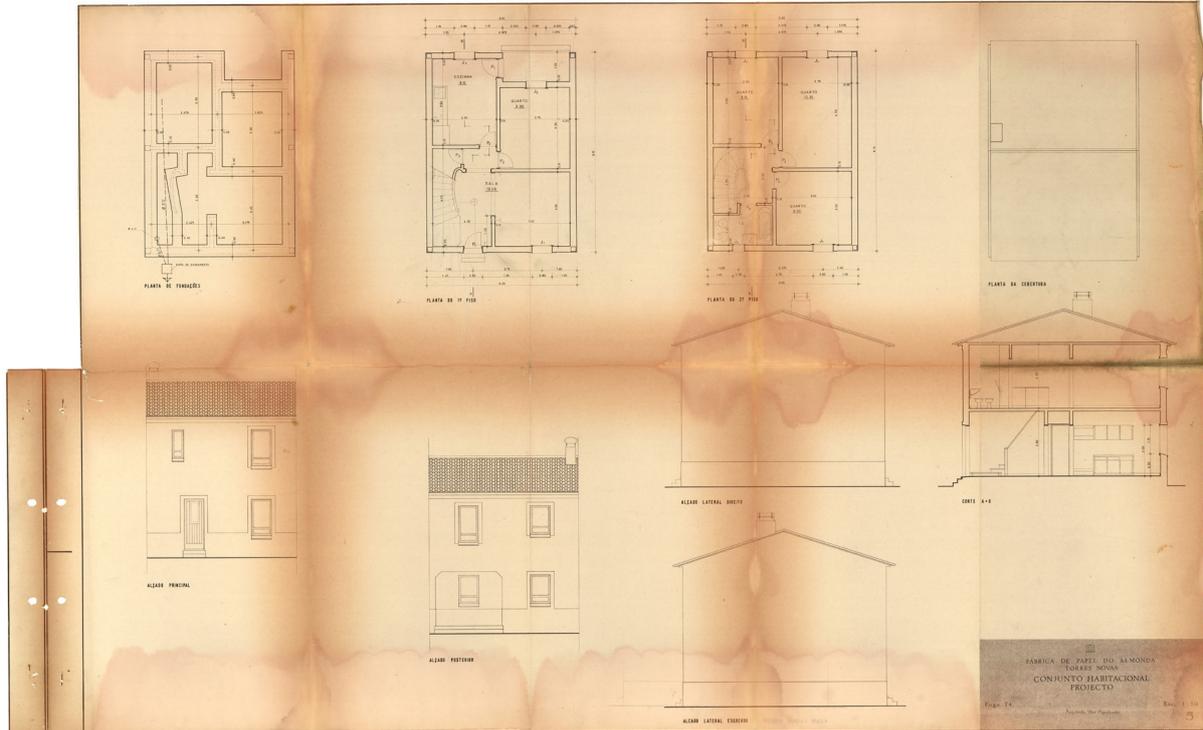


FIGURA 7. Projeto: fogo T4

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 02351

1968

CONJUNTO HABITACIONAL EM ESTARREJA

Vítor Figueiredo e Eduardo Trigo de Sousa

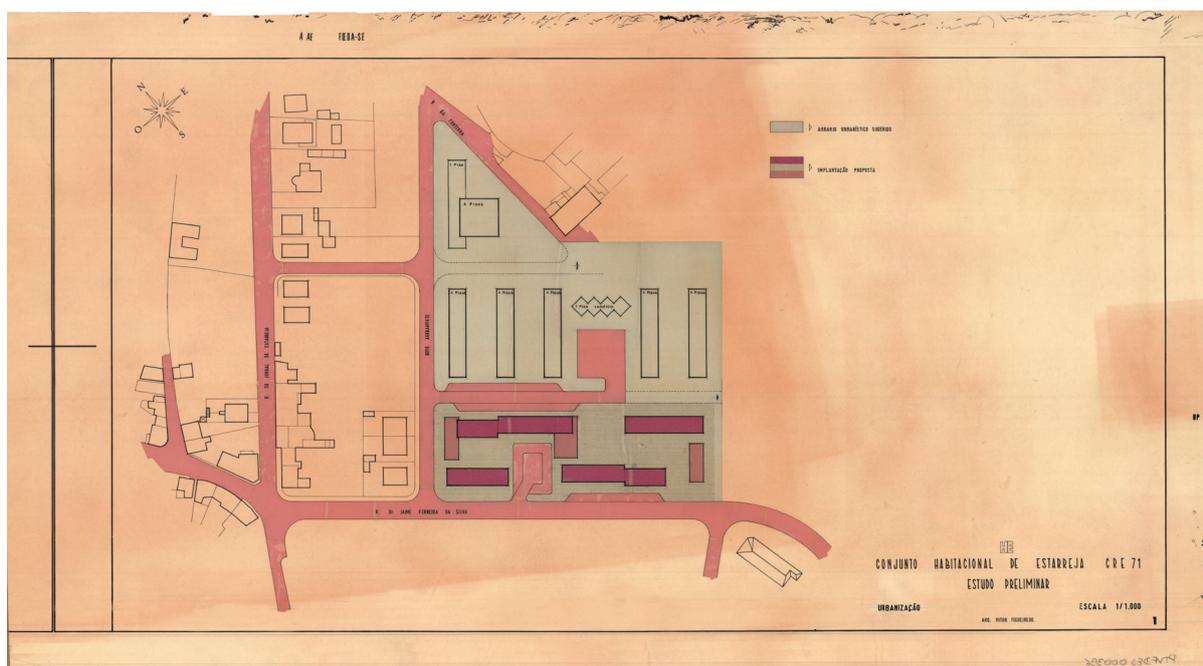


FIGURA 1. Estudo preliminar [1]: urbanização

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000396

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ESTUDO BASE

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00104

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

A presente fase de trabalho (...) foi elaborada a partir de uma terceira proposta de “estudo preliminar” (...).

Em qualquer dos três estudos realizados na fase preliminar, considerando a pretensão (...) da construção de um maior número de fogos se previu o desenvolvimento do conjunto em três e quatro pisos. A localização do conjunto e ainda problemas de adaptabilidade ao terreno determinaram a proposta de equipamento colectivo expresso por núcleos comerciais.

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - Localização e integração urbanística

Trata-se de um terreno situado em pleno centro da Vila, junto do mercado e da Câmara Municipal perfeitamente integrado na malha urbana existente.

2.2 - Caracterização quantitativa

O conjunto projectado apresenta um total de 74 fogos sendo 16 T2; 44 T3 e 14 T4 de categoria “económica mas tendo atenção a zona a que se destina”. [em fase posterior, este total altera-se para 76 fogos, sendo 16 T2, 46 T3 e 14 T4]

2.3 - Acessos e circulações

Os acessos encontram-se realizados – Rua Jaime Ferreira da Silva e o arruamento perpendicular – e foi admitido no estudo preliminar por imposição da D.G.U, a possibilidade de um arruamento a nascente enquadrando o conjunto, mas cuja viabilidade e interesse só um estudo urbanístico de conjunto poderá determinar. Foi prevista uma penetração assegurando estacionamento além do projectado à margem do arruamento principal.

2.4 - Implantação e espaços exteriores

Os objectivos procurados foram:

2.4.1 - Tratamento do agrupamento como “conjunto” e não como blocos isolados, mediante a inclusão de construção baixa (equipamento comercial) que assume assim um carácter fundamental.

2.4.2 - Criação de espaços entre as construções interessando não só os utentes do bairro como o público em geral.

Será de importância decisiva (...) [prever] além do equipamento comercial a construção e manutenção do recreio infantil.

2.4.3 - As condições altimétricas aconselharam uma organização em plataformas directamente relacionadas com a construção. Procurou-se uma solução de compromisso considerando os encargos decorrentes de uma proposta mais artificial mas certamente mais rica de sugestões. Seria do maior interesse e consideramos que possível, a aceitação por parte da Câmara, nesta fase dos trabalhos de um compromisso expresso de realização, definida quanto a intenções, custos e realização técnica do arranjo dos espaços exteriores.

2.5 - Equipamento

Foram previstos núcleos de comércio e um jardim infantil. (...)

3. EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO

3.1 - Forma de agrupamento e composição

Os quatro volumes do agrupamento são formados por células constituídas por dois fogos por piso com acesso vertical comum e com três e quatro pisos de habitação, aglutinadas em termos de banda contínua. Necessidades de adaptação ao terreno determinaram em algumas células a existência de arrecadações individuais no piso térreo.

3.2 - Acessos e circulações

A solução proposta, (...) é a de acesso vertical por escada e dois fogos por patamar.

Referiremos que a situação dos estendais e zonas exteriores dos fogos no módulo dos acessos é, independentemente de outras razões directamente ligadas à concepção do fogo, intencional no sentido de nos permitir na fase de projecto um tratamento diferenciado dos acessos verticais, particularmente no que se refere a iluminação e ventilação.

3.3 - Orientação

Os conjuntos apresentam-se orientados segundo o eixo noroeste-sudoeste. (...)

4. FOGOS (...)

4.1 - Caracterização quantitativa

Cumpriu-se o R.G.E.U. no que se refere a áreas mínimas dos compartimentos nos fogos T3 e T4 pelo que as referências quantitativas são as decorrentes se sem significado particular. O fogo T2 apresenta dois compartimentos de 12m² a que o referido regulamento não obriga sendo um deles a cozinha. (...)

4.2 - Organização Interna (...)

a) Localização do estendal em zona exterior do fogo garantindo um acesso ao fogo pela zona de serviço (...).

b) Concomitantemente a existência do acesso principal ao fogo pela zona de estar (sala).

c) A organização do espaço da cozinha em zona de trabalho e zona de permanência distinta da sala.

d) A zona de trabalho da cozinha (suja) numa situação de recato em relação ao acesso à zona nocturna. (...)

f) A varanda prevista será objecto de posterior opção, admitindo-se desde já a possibilidade de ser tratada como “Loggia”. (...)

6. CUSTOS

Respeitado que foi o R.G.E.U., apresentando as soluções dos fogos áreas mínimas de circulação e tendo presidido ao esquema estrutural todo o sentido de economia os custos decorrentes estarão necessariamente dentro dos limites que a Federação prevê em soluções idênticas.

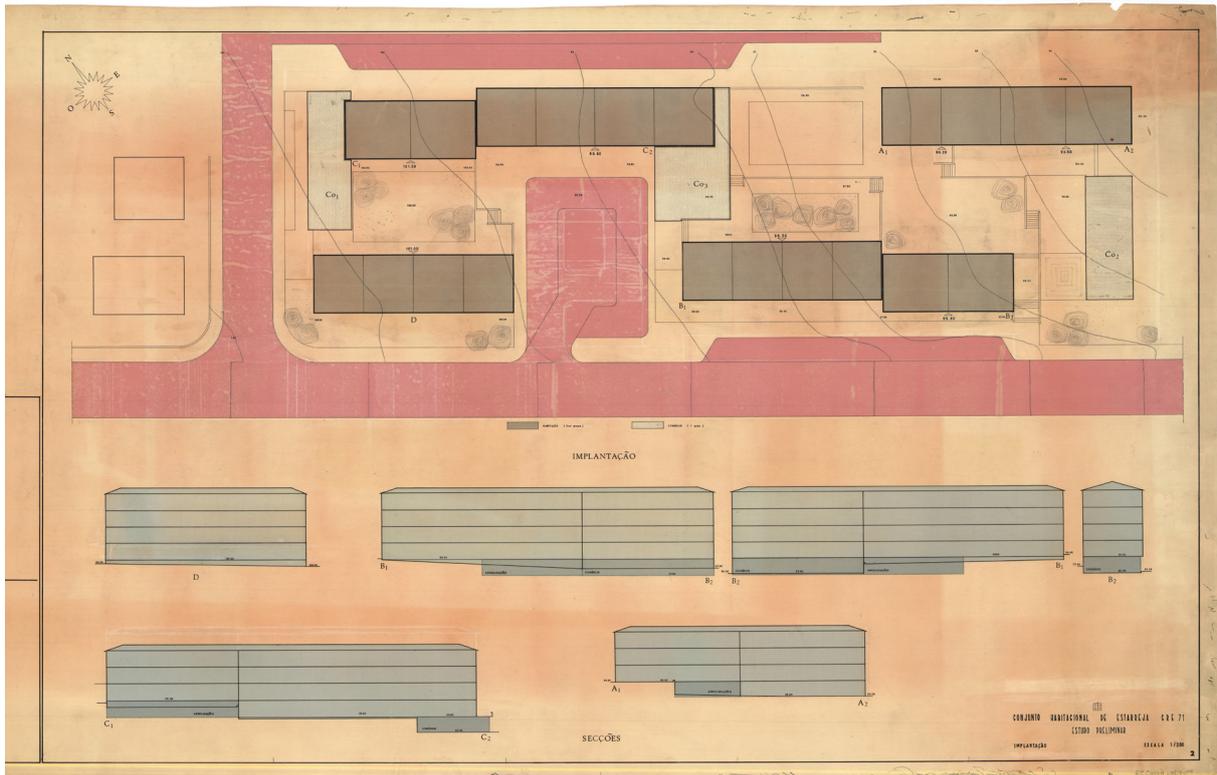


FIGURA 2. Estudo preliminar [1]: implantação

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000397



FIGURA 3. Estudo preliminar [2]: plantas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000401

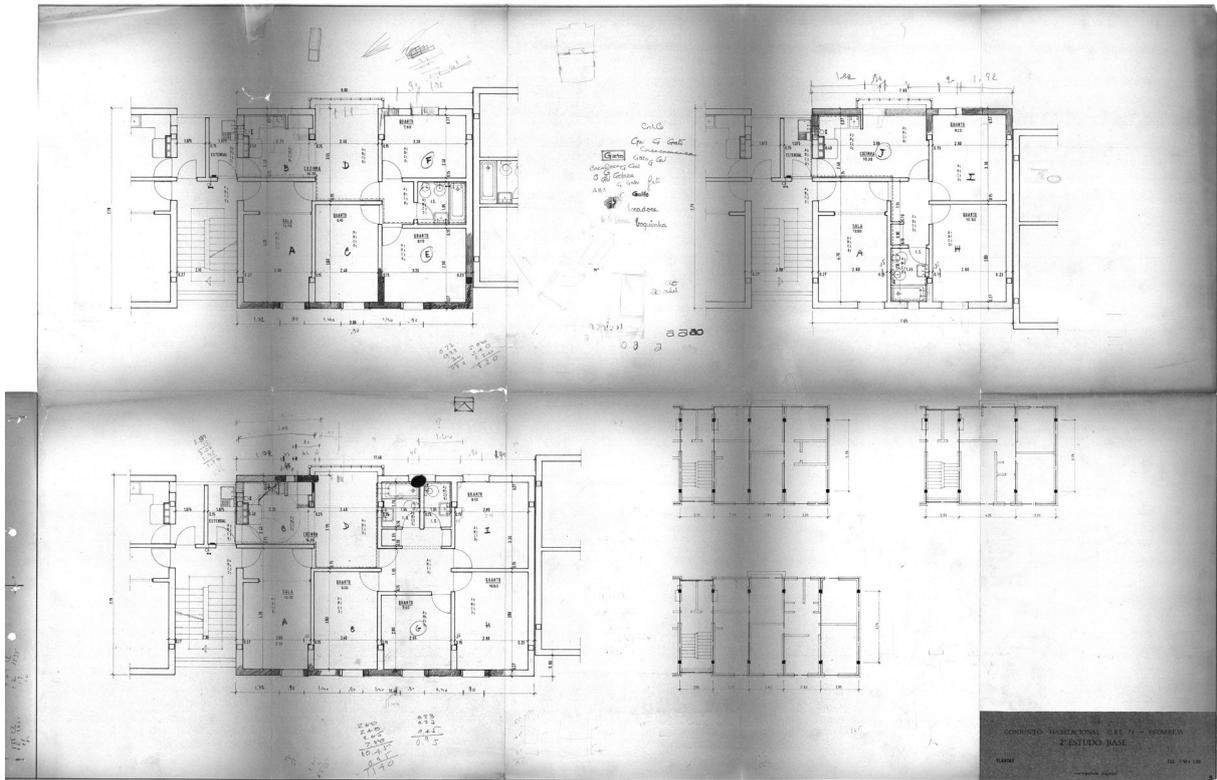


FIGURA 4. 2º estudo base: plantas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 04887

1969

CONJUNTO HABITACIONAL EM PATAIAS

Vitor Figueiredo

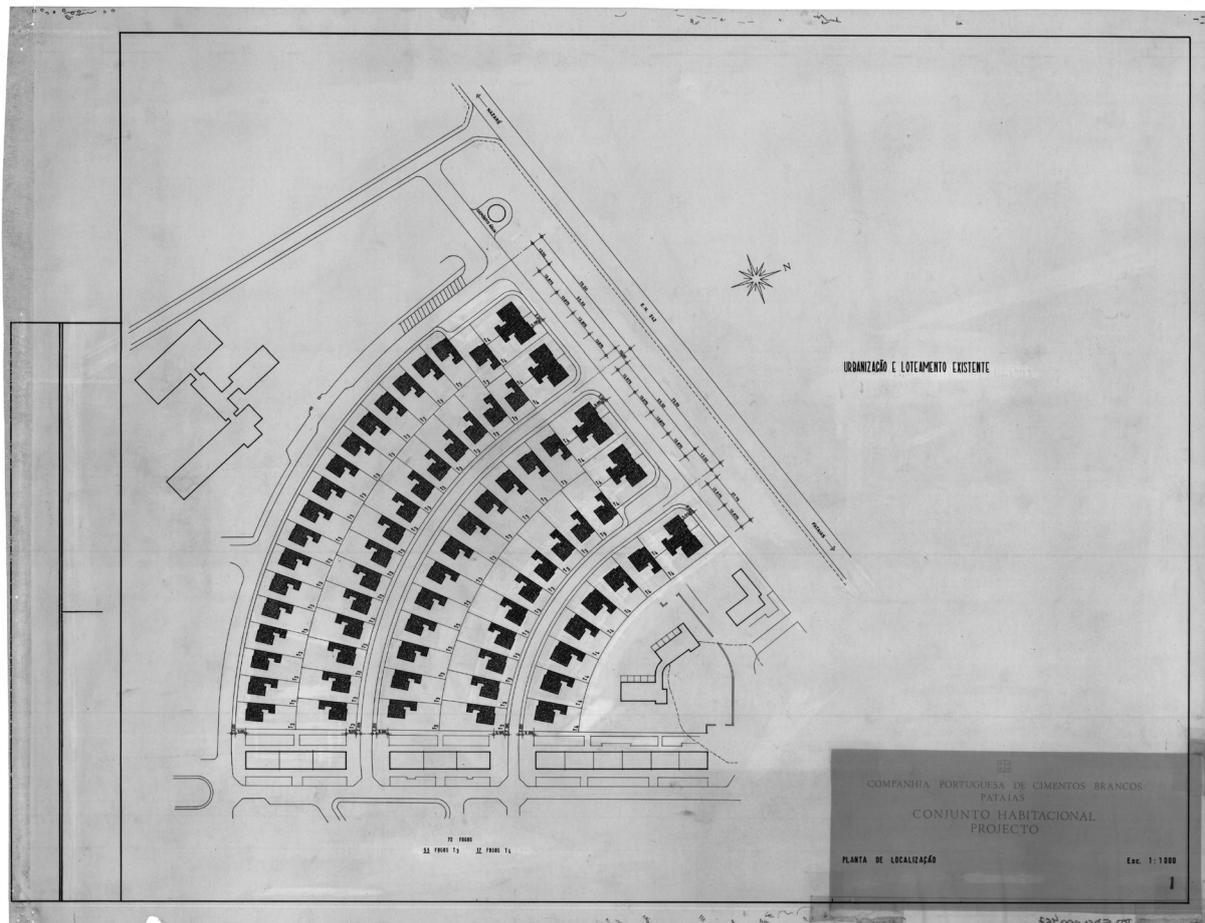


FIGURA 1. Projeto: planta de localização

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000467

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ANTEPROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00088

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

O presente anteprojecto refere-se a um agrupamento habitacional de 64 fogos (inicialmente 63) de acordo com o programa estabelecido pela Exm^a. Administração da Companhia Portuguesa de Cimentos Brancos, destinado a empregados da Empresa, a edificar ao abrigo da Lei n.º 2092.

O programa determinava que os fogos seriam do tipo T3 e T4 com uma percentagem acentuada do primeiro tipo (...).

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - Localização e integração urbanística

O terreno destinado ao agrupamento integra-se no plano de urbanização do “Bairro Operário do Pessoal das Indústrias da Região de Pataias” com localização marginal a E.N. 242 junto à unidade fabril da CIBRA. (...)

2.2 - Caracterização quantitativa

(...) o programa consistia em 63 fogos sendo 55 T3 e 8 T4, que se alterou para 56 T3 e 8 T4. Esta percentagem poderá na fase de projecto e até da construção sofrer alteração dado o tipo de urbanização, ou melhor, loteamento, que nos foi apresentado o permite.

O número potencial de habitantes é de 328 não tendo interesse fornecer índices de ocupação dado que os mesmos seriam parciais e portanto sem significado em relação ao Bairro.

2.3 - Acessos e circulações

Respeitaram-se as indicadas dado que a obra de terraplanagem das vias de acesso definidas, já foi iniciada.

2.4 - Implantação e espaços exteriores

Neste trabalho fomos colocados perante uma urbanização com a qual não nos identificamos, e que respeitamos, sem possibilidade de qualquer nova proposta, dado que, como referi no ponto anterior, já foram iniciados os trabalhos de terraplanagem referentes às vias de circulação.

Quanto à implantação dos fogos, limitamo-nos a pequenas alterações determinadas por três factores:

a) A necessidade evidente de todos os lotes terem acesso directo ao logradouro, determinou que os conjuntos de três fogos e um de cinco fogos, fossem desdobrados de forma a respeitar o condicionamento definido;

b) o terreno apresenta uma ondulação característica que não sendo considerada no traçado das vias de circulação definidas, obriga ou aconselha a uma compensação na implantação dos fogos. Assim, propomos o fogo como unidade independente, garantindo uma maleabilidade de implantação dos mesmos, na relação de cotas de soleira entre si e das mesmas com as vias;

c) para a fase, imediata e urgente de construção, que nos foi posta, sugeriu-se a utilização dos lotes com frente paralela à E.N..

Para estes, e dado que o terreno apresenta aqui condições favoráveis, propomos o agrupamento dos fogos, dois a dois. (...)

2.5 - Equipamento

O definido no plano geral, que nesta fase não nos é possível apresentar. (...)

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO (...)

3.2 - Orientação

A orientação conseguida para os fogos, pode considerar-se óptima, uma vez que as zonas de maior permanência diurna – cozinhas – e o espaço exterior de serviço é orientado sempre para Sul. (...)

4. FOGOS

4.1 - Caracterização quantitativa

56 T3; 8 T4

4.2 - Organização interna

Na sua concepção, os fogos projectados procuram, dentro dos condicionalismos que o programa estabelece, constituir uma proposta com sentido, dirigida a determinadas e previsíveis formas de vida familiar.

O reduzido número de compartimentos e o seu dimensionamento mínimo, localizaram e limitaram o âmbito da procura pelo que facilmente podemos enumerar as principais características da solução encontrada e dizemos solução, dado que o fogo T4 é efectivamente uma extrapolação do T3:

1º. Entrada principal para a sala, procurando nesta medida uma economia em relação a criação de um vestíbulo;

2º. Total independência dos compartimentos através de uma zona central de distribuição;

3º. Desenvolvimento, organização e tratamento intencional da zona de permanência diurna que se procurou responder-se a hábitos reais de vida e de fruição que quizesmos respeitar.

Assim em relação a um espaço exterior de serviço articulam-se duas cozinhas, sendo uma a cozinha de fora para fogo de lenha e uma arrecadação. Este programa que não é comum, responde contudo sem dúvida, às necessidades efectivas dum agregado familiar, isto obviamente respeitando hábitos e formas de fruição próprios da região. A sua não previsão e realização corresponderia sempre a uma habitação inadaptada e que teria como resposta por parte de cada utente, da construção anárquica, nos logradouros dos chamados “Comodos”.

Devemos ainda referir que as instalações sanitárias são dotadas de um acesso interior e de outro exterior, através da zona exterior coberta o que permitirá condições óptimas e fáceis de utilização das referidas instalações.

4º. A opção feita de dotar o fogo de uma sala independente da cozinha, já hoje, no conceito de habitação económica – particularmente quando não urbana – não poderá ser controversa à face da experiência existente.

5. CUSTOS

Em relação ao custo dos fogos optou-se por uma prospecção directa junto de construtores da região em lugar duma estimativa cujos valores, sempre teóricos, não possibilitariam tão facilmente a sequência de trabalho pretendida. (...)

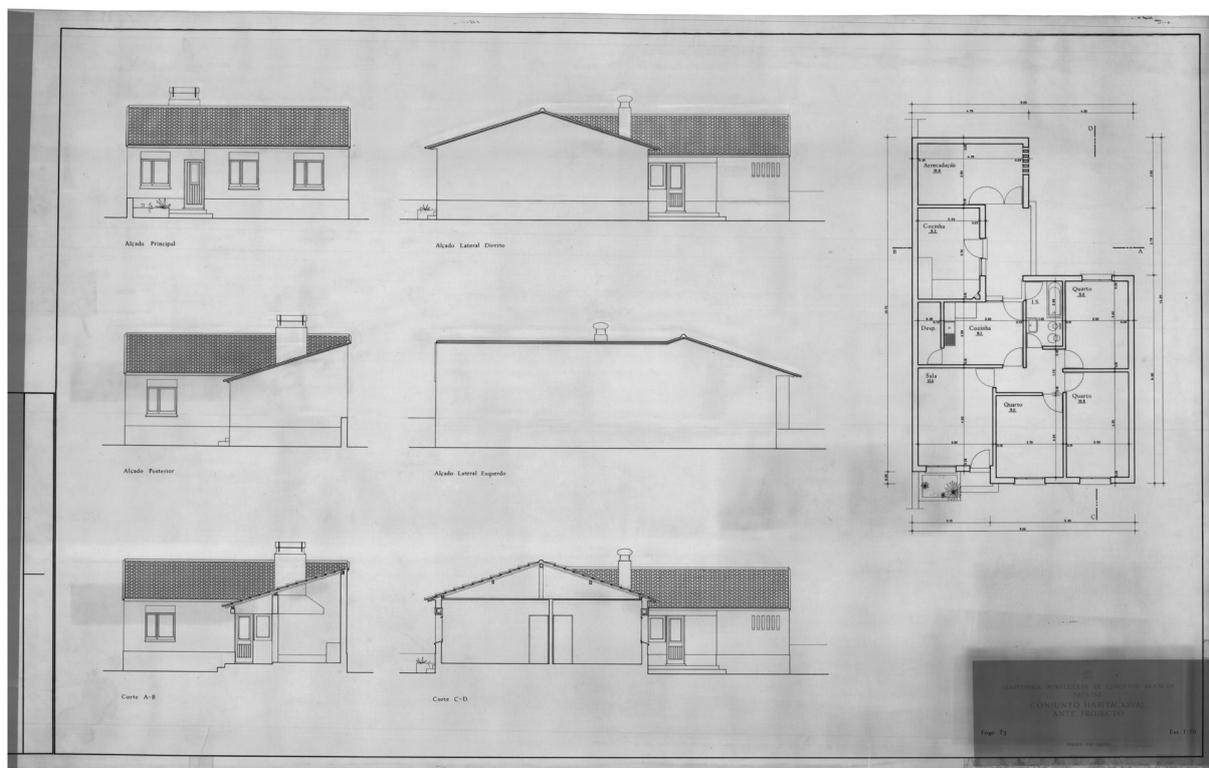


FIGURA 2. Anteprojecto [2]: fogo T3

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000466

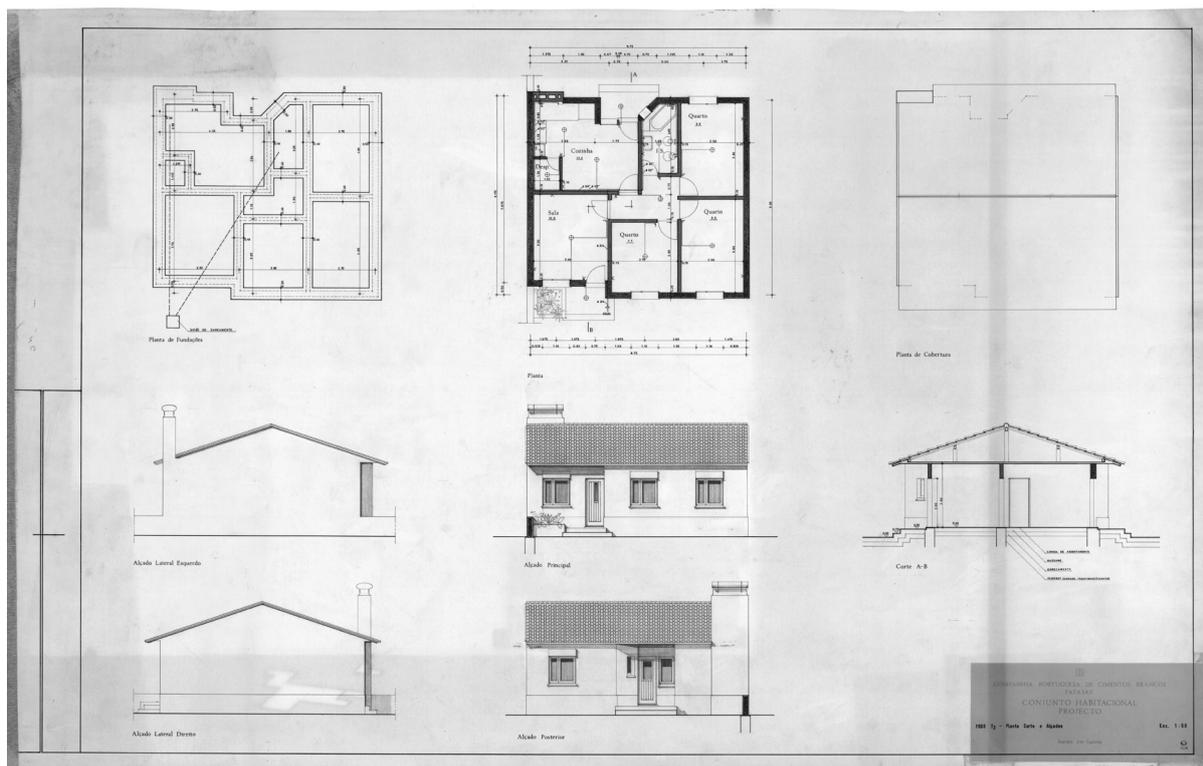


FIGURA 3. Projeto: fogo T3, planta, cortes e alçados

Espólio de Vítor Figueiredo IRHU/SIPA, PT VF-DES 000468 [original com aplicação de mancha colorida]

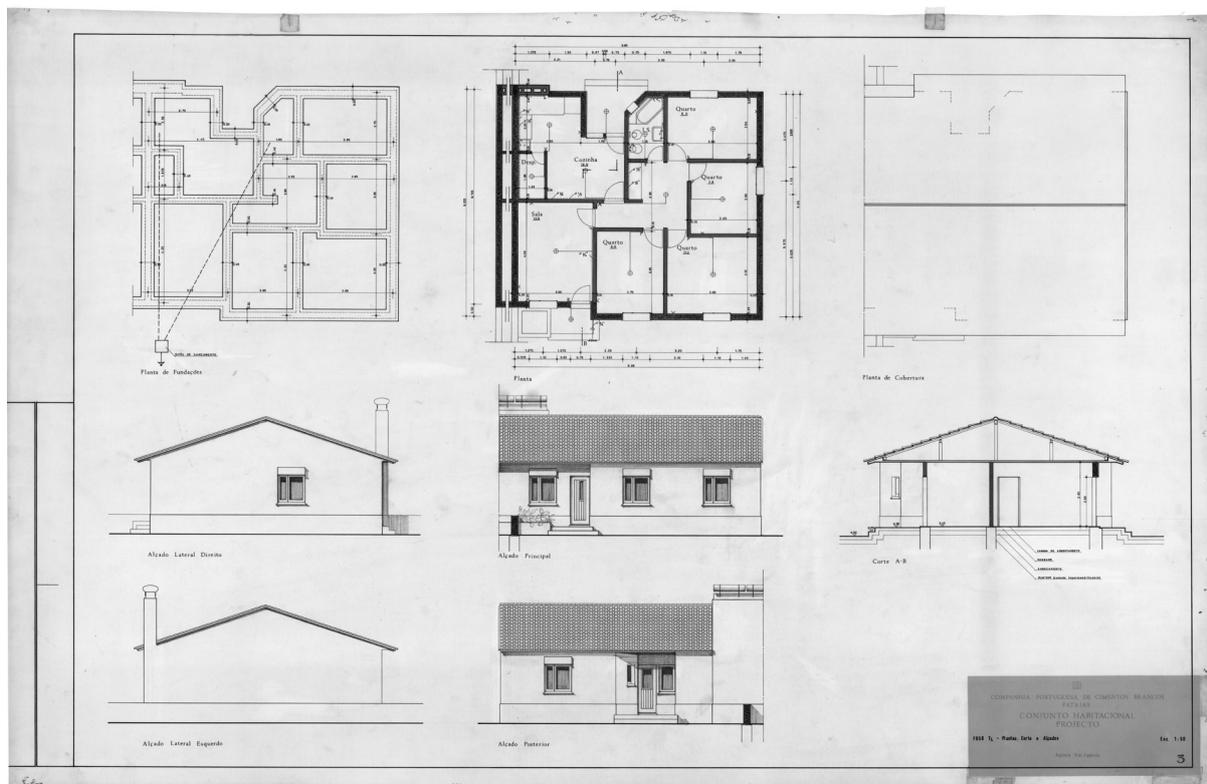


FIGURA 4. Projeto: fogo T4, planta, cortes e alçados

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000469 [original com aplicação de mancha colorida]

1969

CONJUNTO HABITACIONAL EM CHELAS PUC-ZONA I2

Vitor Figueiredo

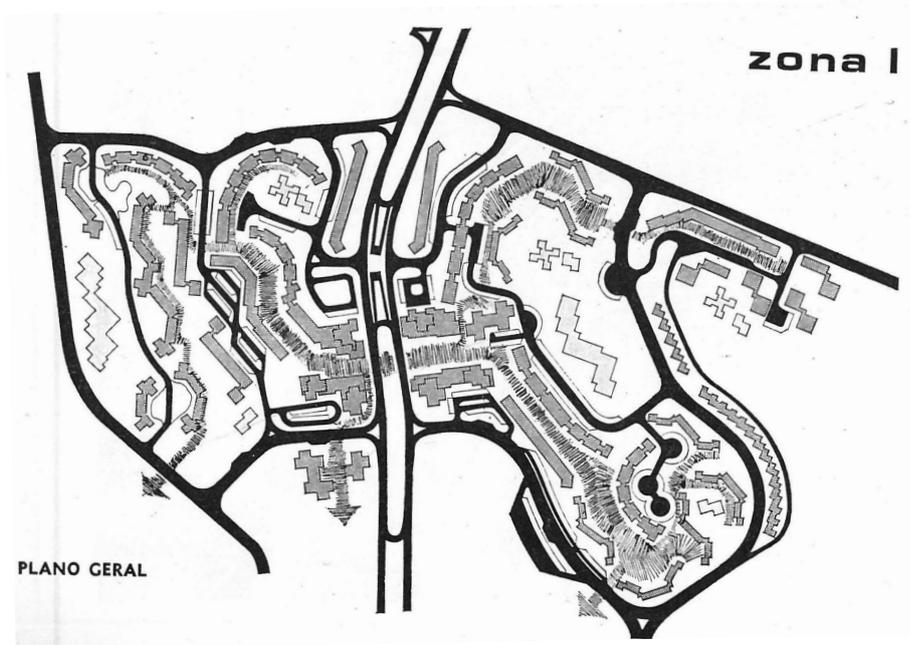


FIGURA 1. Projeto: implantação

Revista *Binário* 205/206 (Janeiro/ Fevereiro 1976), 16

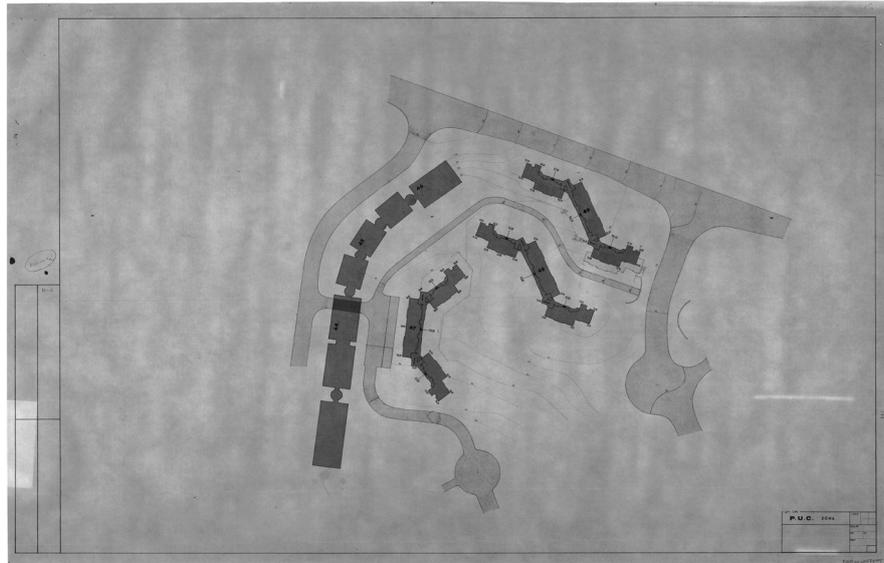


FIGURA 2. Projeto: implantação (setor 1)
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001005

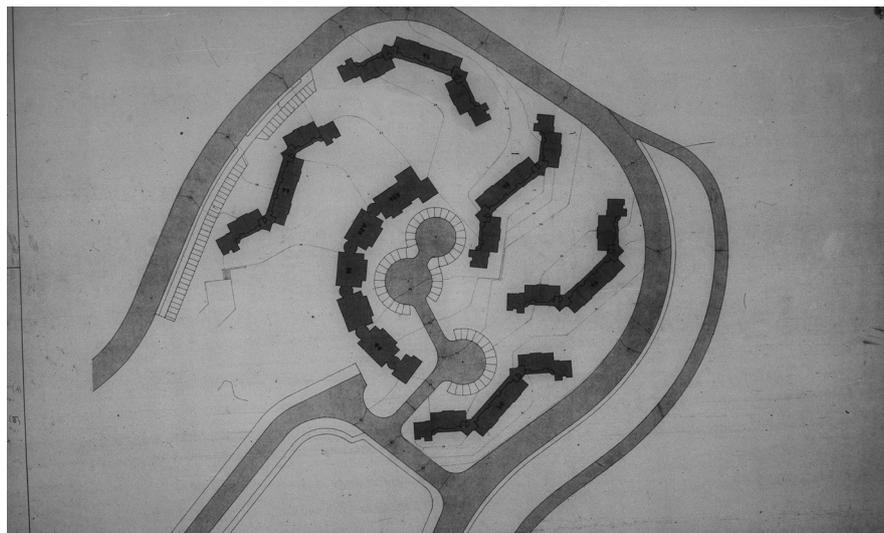


FIGURA 3. Projeto: implantação (setor 2)
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 120 2_2

1969

CONJUNTO HABITACIONAL EM MINDE

Vítor Figueiredo

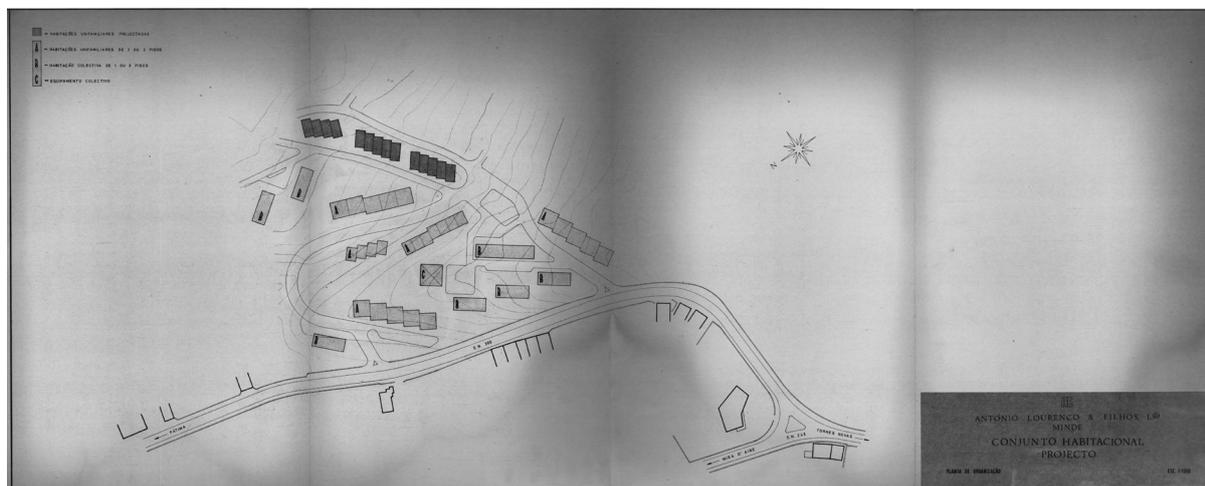


FIGURA 1. Projeto: implantação

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 04616

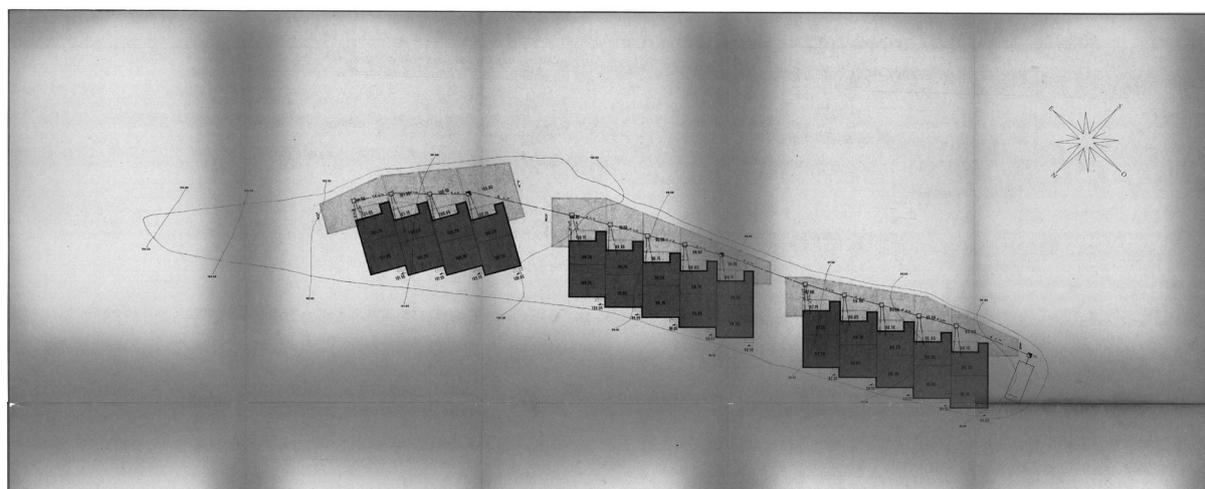


FIGURA 2. Projeto: planta de trabalho e perfis

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 04618

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00084

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

1.1 o presente projecto refere-se a um agrupamento habitacional de 14 tipo T3 de acordo com o programa estabelecido pela Exm^a. Administração da firma ANTÔNIO LOURENÇO & FILHOS destinado a empregados da empresa e a edificar ao abrigo da Lei 2092. (...)

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 – Localização e integração urbanística

O terreno destinado ao agrupamento situa-se nos limites da Vila de Minde numa encosta à margem da E.N. n.º 360.

Não estando definido qualquer plano parcial de urbanização para a zona foi pedido pela Câmara Municipal uma sugestão de arranjo da área envolvente cuja única validade é a de demonstrar a possibilidade de integração do conjunto projectado em qualquer estudo que posteriormente e em bases concretas venha a ser realizado,

2.2 – Caracterização quantitativa

Refere-se o projecto a 14 fogos tipo T3.

2.3 – Acessos e circulações

O acesso auto deverá ser considerado na fase presente a partir da Estrada Nacional.

2.4 – Implantação e espaços exteriores

A implantação foi ditada pela forma do terreno não apresentando qualquer definição de espaços exteriores de interesse particular para além da criação de pequenos alargamentos entre as construções de significado restrito.

2.5 – Equipamento e reserva

A dimensão do agrupamento e do terreno a ele destinado não permitiram qualquer resposta.

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 – Forma de agrupamento e composição

Os fogos foram agrupados em banda contínua que se fragmentou. Esta forma de agrupamento foi ditada pela forma do terreno

3.2 – Orientação

Procurou-se uma boa orientação para as zonas de maior permanência diurna. (...)

4. FOGOS

4.1 – Caracterização quantitativa

14 fogos T3

4.2 – Organização interna

Na sua concepção os fogos projectados procuram, dentro dos condicionismos definidos, constituir uma proposta com sentido, dirigida a previsíveis formas de vida familiar.

O número de compartimentos e o seu dimensionamento mínimo limitaram e localizaram o âmbito da procura pelo que facilmente podemos enumerar as principais características da solução:

1º. – Entrada principal para a sala procurando nesta medida uma economia em relação à criação de um vestíbulo.

2º. – Total independência dos compartimentos através de uma zona central de distribuição.

3º. – Relativo desafogo da área da cozinha considerando os usos múltiplos a que esta dependência deverá responder.

4º. – Desenvolvimento do fogo em dois pisos garantindo contudo ao primeiro piso uma possibilidade de resposta muito vasta como zona de permanência diurna por integrar um quarto – que pode funcionar como dependência de apoio – e as instalações sanitárias.

1969

CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE

Vítor Figueiredo e Eduardo Trigo de Sousa

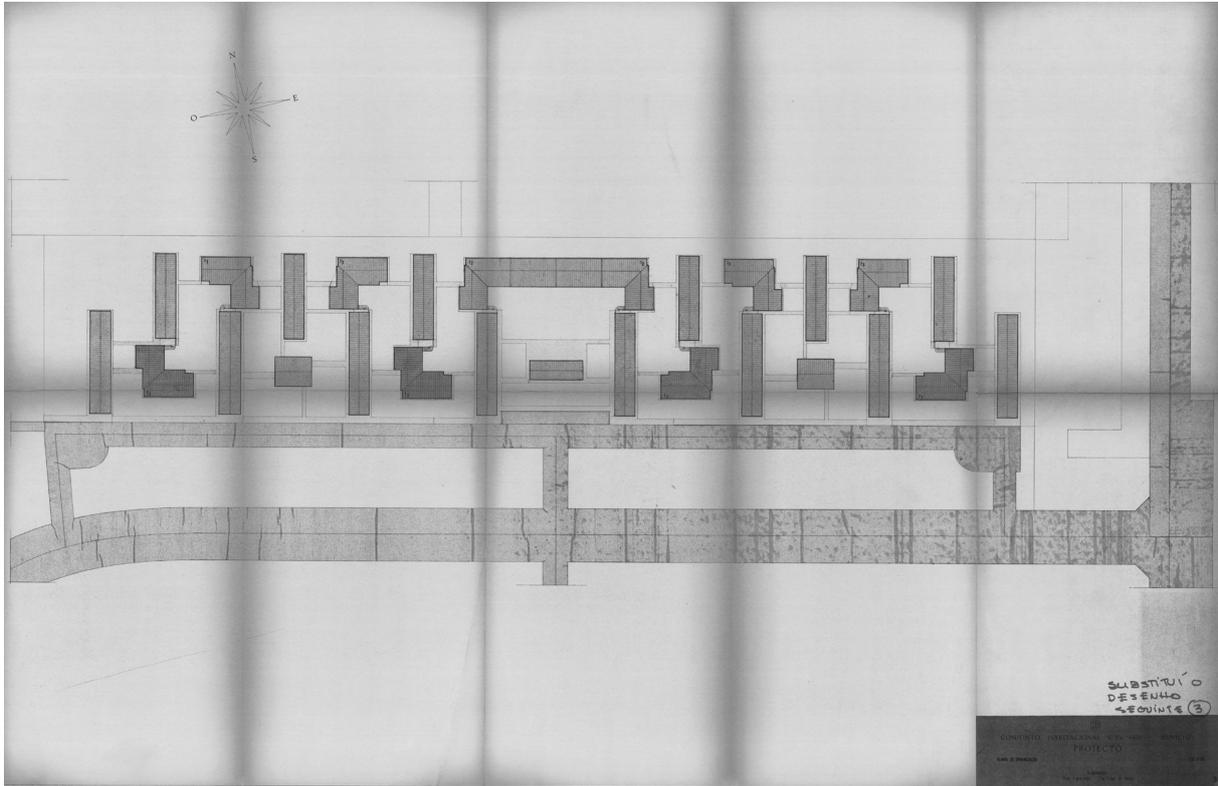


FIGURA 1. Projeto: planta de urbanização

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03528

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00044

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

O projecto elaborado responde ao programa para a construção de um número de fogos inicialmente estimado em 96, a integrar no agrupamento já existente de 96 fogos para pescadores, situado em Peniche ao sul da Estrada Nacional n.º 114.

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO**2.1 – Organização urbanística**

Foi principal preocupação do estudo feito, aceitando como dado irremediável os 14 blocos existentes, o conseguir que o todo – conjunto do agora projectado com o já existente – apresentasse um mínimo de carácter urbano suficientemente rico e diferenciado.

Havia que fugir a qualquer forma de repetição dos blocos já existentes que levaria inevitavelmente a um conjunto indiferenciado e uniforme de ruas paralelas, sem nenhuma possibilidade de fruição dos espaços exteriores.

Optou-se pela inclusão, nos vazios da malha existente, de blocos em forma de L que permitem, em conjunto com os blocos existentes, a criação de pracetas de dimensões conformes a uma utilização colectiva dos espaços exteriores com um mínimo de privacidade.

Foi fundamental a uma dinamização do conjunto que os blocos tivessem 3 pisos (mais um do que os existentes) conseguindo-se assim, simultaneamente, que uma ocupação do tipo urbano, relativa elevada, não destruísse a possibilidade de prolongar para o exterior a vida dos habitantes, como é seu hábito, segundo verificação por nós feita no local na fase actual de construção.

Outra opção fundamental foi a de considerar que os blocos não aparecessem como uma simples sobreposição ao conjunto existente, mas antes formassem com ele um todo, através de repetição, ao longo das fachadas opostas às pracetas, da linguagem já existente, contrapondo-o dinamicamente a uma outra linguagem nas fachadas que se viram para as pracetas contendo-as – a proposta é uma “solução de galeria”. Estas surgem como um esvaziamento da construção, contida por um muro fachada, numa dualidade em que se propõe uma outra poética de habitar, mais rica de intimismo, em oposição a uma certa frieza de linguagem nas fachadas opostas às pracetas.

Julga-se ter conseguido uma solução em que, tanto a nova como a construção já existente, se integram numa única intenção arquitectónica, como se de duas fases de um mesmo projecto se tratasse. Isto nos pareceu suficientemente importante para, inclusive, nos levar a sacrificar a expressão arquitectónica dos novos blocos, isoladamente, a favor de uma unidade poético-funcional.

2.2 – Caracterização quantitativa

As unidades agora projectadas constituem um conjunto de 102 fogos sendo 24 T2 e 78 T3. Este número, excedendo o inicialmente previsto foi determinado pela solução adoptada, que na sua unidade não admite variação de número nem existência de fases.

2.3 – Acessos e circulações

O conjunto é servido por estradas que se encontram profundamente e rudimentarmente efectivadas.

Foi definida, entretanto, uma malha interior de acessos destinada a peões e acesso auto de emergência, subordinada a um evidente critério de economia. (...)

2.5 – Equipamento

Foram previstos dois núcleos de comércio, que consideramos terem perfeita viabilidade económica, pois passarão a servir uma totalidade de 198 fogos que pela sua localização em relação à Vila, os requerem e justificam.

Igualmente se previu na grande peça central um núcleo de apoio sócio-cultural.

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO**3.1 – Formas de agrupamento e composição**

Utilizámos 8 blocos iguais (ou simétricos) com 3 T3 em cada um dos seus três pisos, e um bloco com 2 T3 e 8 T2 por piso servidos por galerias ligadas por um nó de acesso vertical que encosta parcialmente aos edifícios existentes, com eles estabelecendo ligação visual necessária ao partido geral adoptado e já exposto.

3.2 – Orientação

A necessidade de aproveitar a máxima capacidade do terreno em termos considerados válidos e já expostos, determinou um relativo desrespeito por normas vulgarmente aceites de boa orientação dos fogos.

É evidente contudo que se procurou boas condições de insolação para os espaços exteriores agora definidos. (...)

4. FOGOS**4.1 – Diferenciação**

Os fogos obedecem a dois tipos distintos T2 e T3

4.2 – Organização interna

Referiremos unicamente o aspecto que consideramos particularmente significativo na concepção dos fogos: a existência para além dos quartos, sala, arrumos e instalações sanitárias de um espaço polifuncional articulado com a área especificamente destinada a cozinha.

Nos fogos T2 este espaço tem maior área, propondo uma elasticidade de funcionamento que vai ao ponto de permitir uma habitabilidade quase semelhante a um T3.

5. CUSTOS

Os fogos respeitam quanto a áreas o estabelecido no R.G.E.U

Para uma estimativa de custo dispomos neste caso particular de um preço por metro quadrado de 1 150\$00 que é perfeitamente realista, pois resulta da aplicação de preços unitários actuais a um projecto idêntico quanto a materiais, acabamentos, sistema construtivo e número de pisos.

Aplicando este preço por metro quadrado (afectando a área de acessos do factor 0,5) obtemos por fogo:

T2= 82 000\$00

T3= 89 000\$00



FIGURA 2. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 007292

CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE

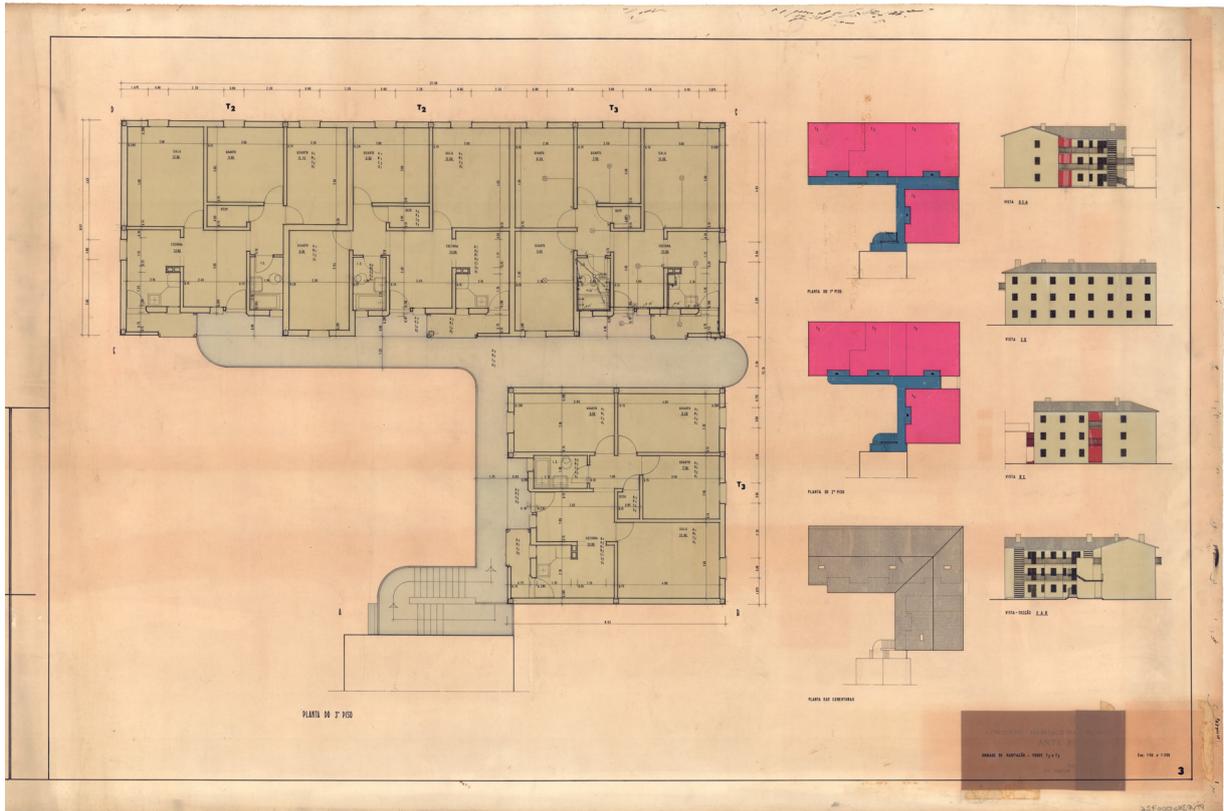


FIGURA 3. Anteprojeto: unidade de habitação – T2 e T3, plantas, cortes e alçados

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000726

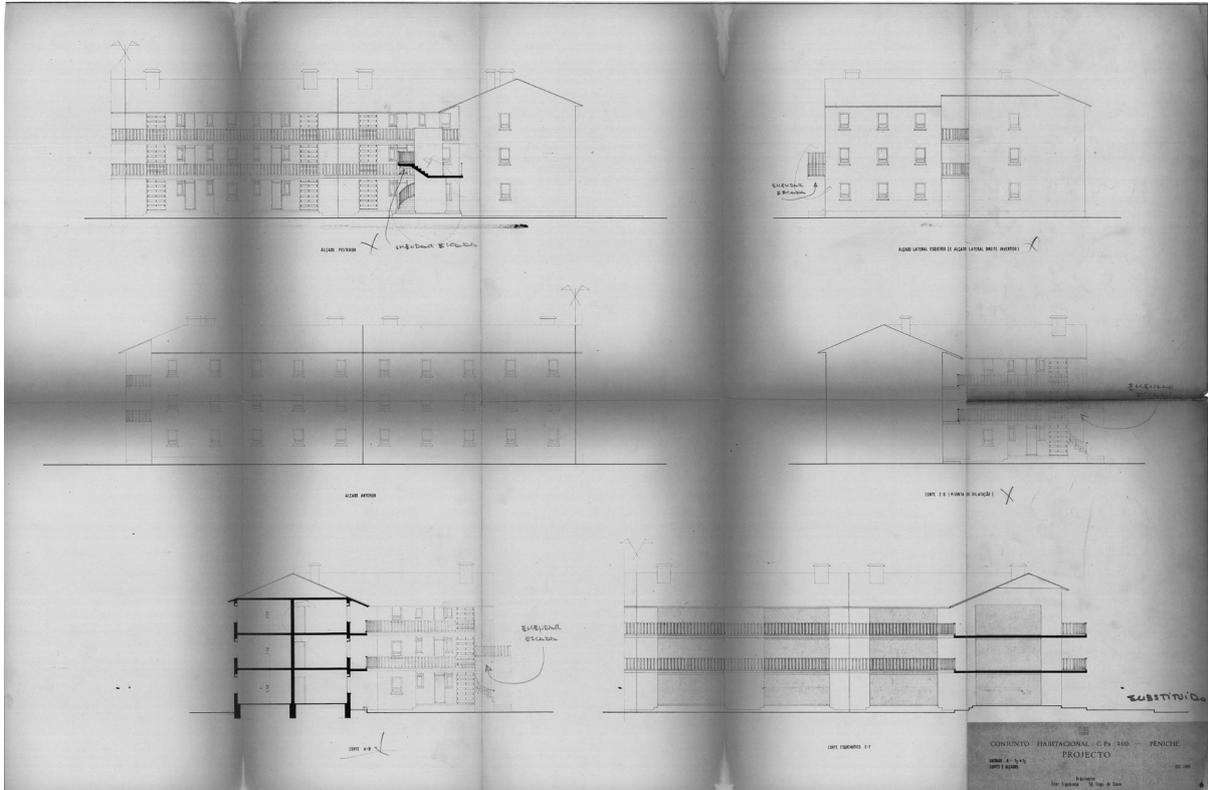


FIGURA 4. Projeto: unidade A – T2 e T3, plantas, cortes e alçados

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03534

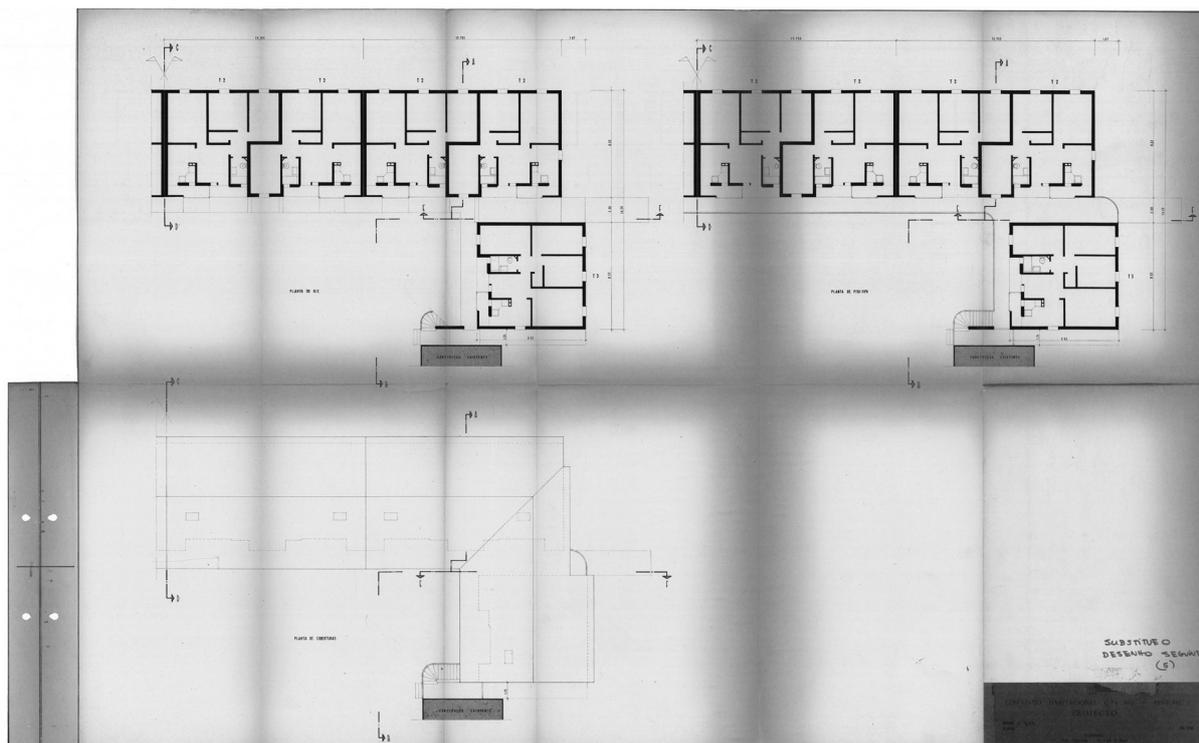


FIGURA 5. Projeto: unidade A – T2 e T3, plantas
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03532

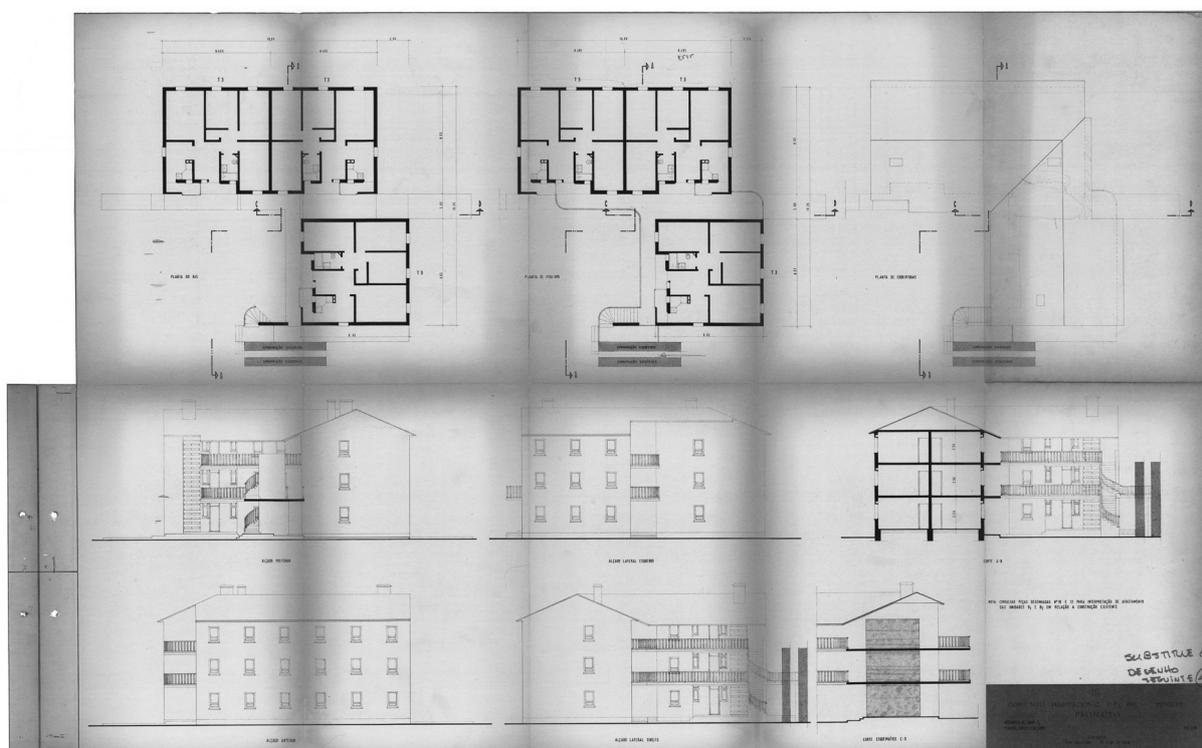


FIGURA 6. Projeto: unidades B1 – B2, fogos T3, plantas, cortes e alçados
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03530

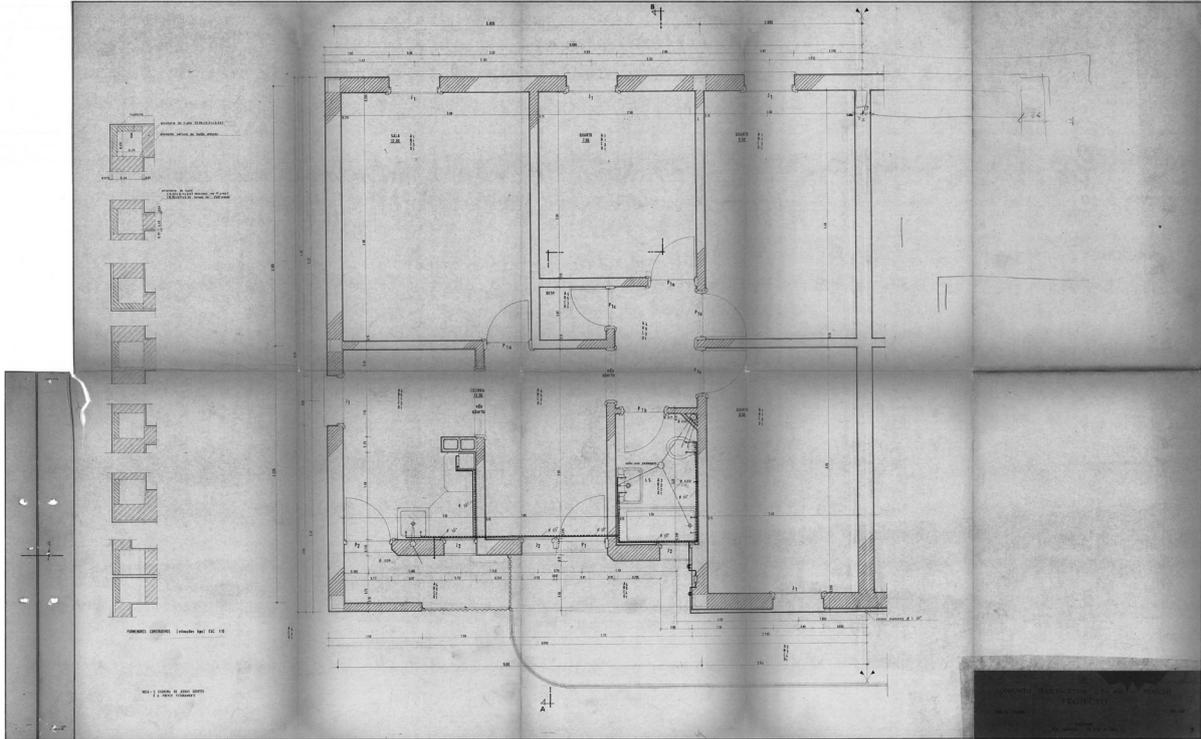


FIGURA 7. Projeto: fogo T3, planta
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03535



FIGURA 8. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 007294



FIGURA 9. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 007299

CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE

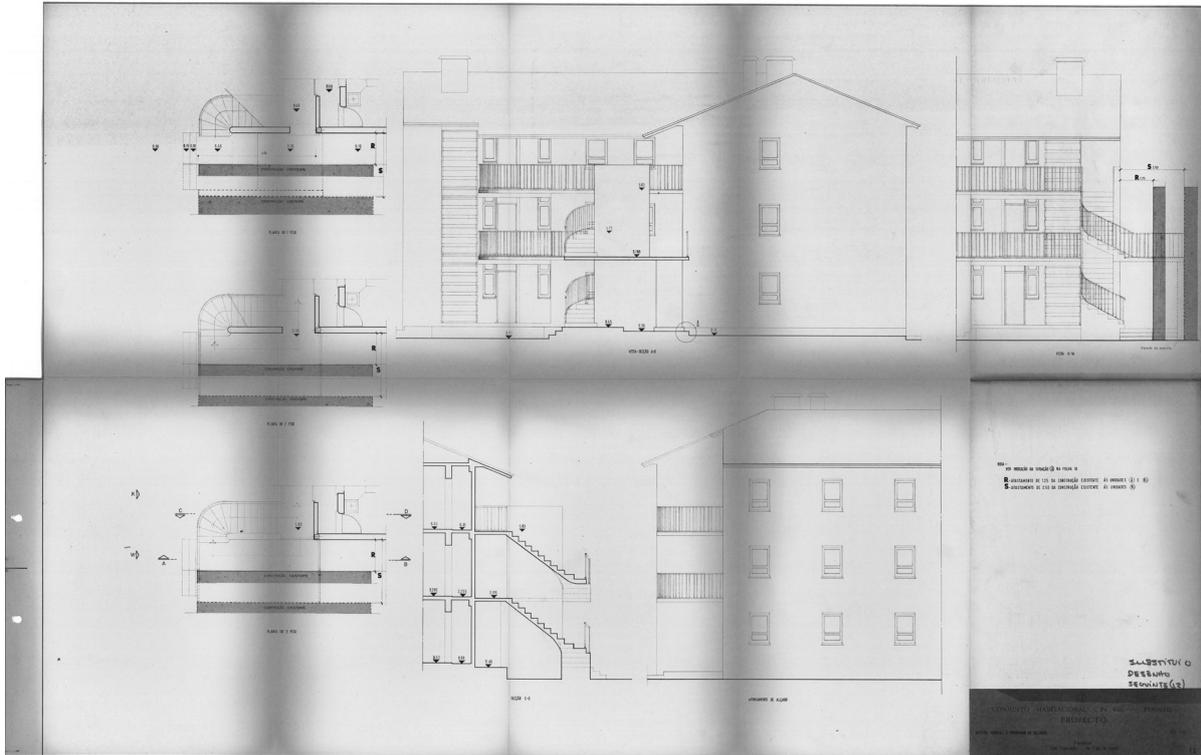


FIGURA 10. Projeto: acesso vertical e pormenor de alçados

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03542

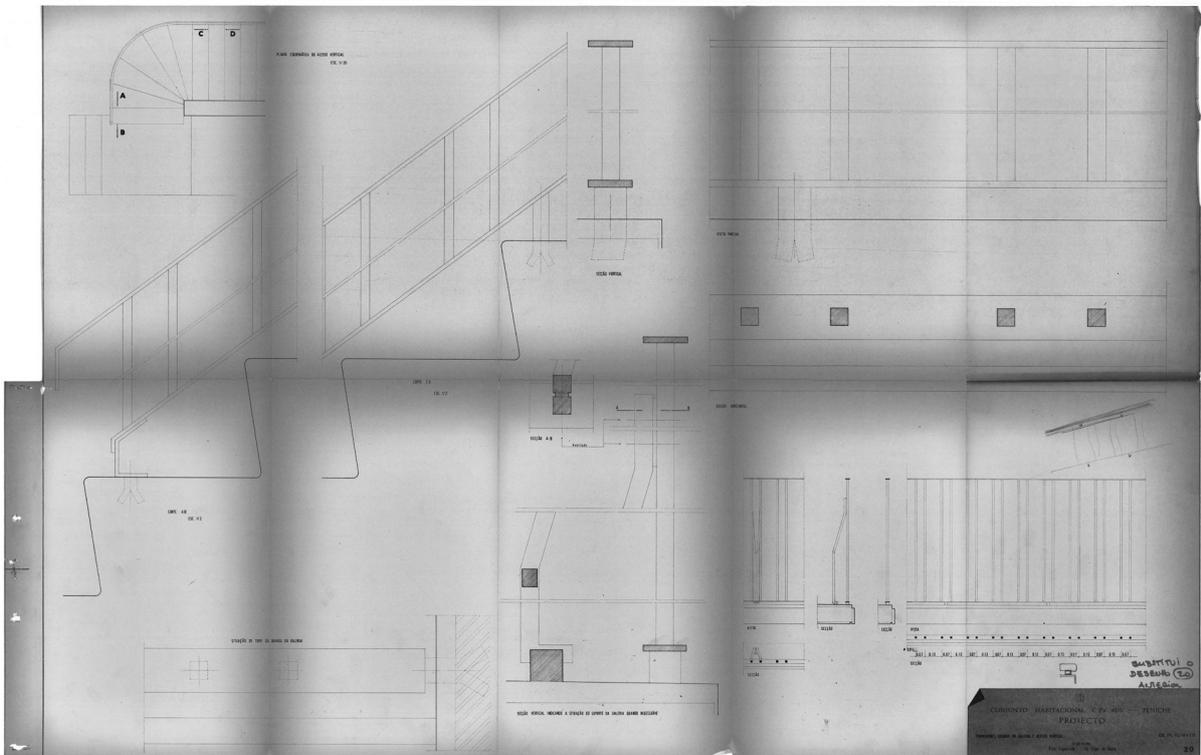


FIGURA 11. Projeto: pormenores – guarda da galeria e acesso vertical

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03559

1969

CONJUNTO HABITACIONAL EM CONSTÂNCIA

Vítor Figueiredo e Luís Noronha da Costa

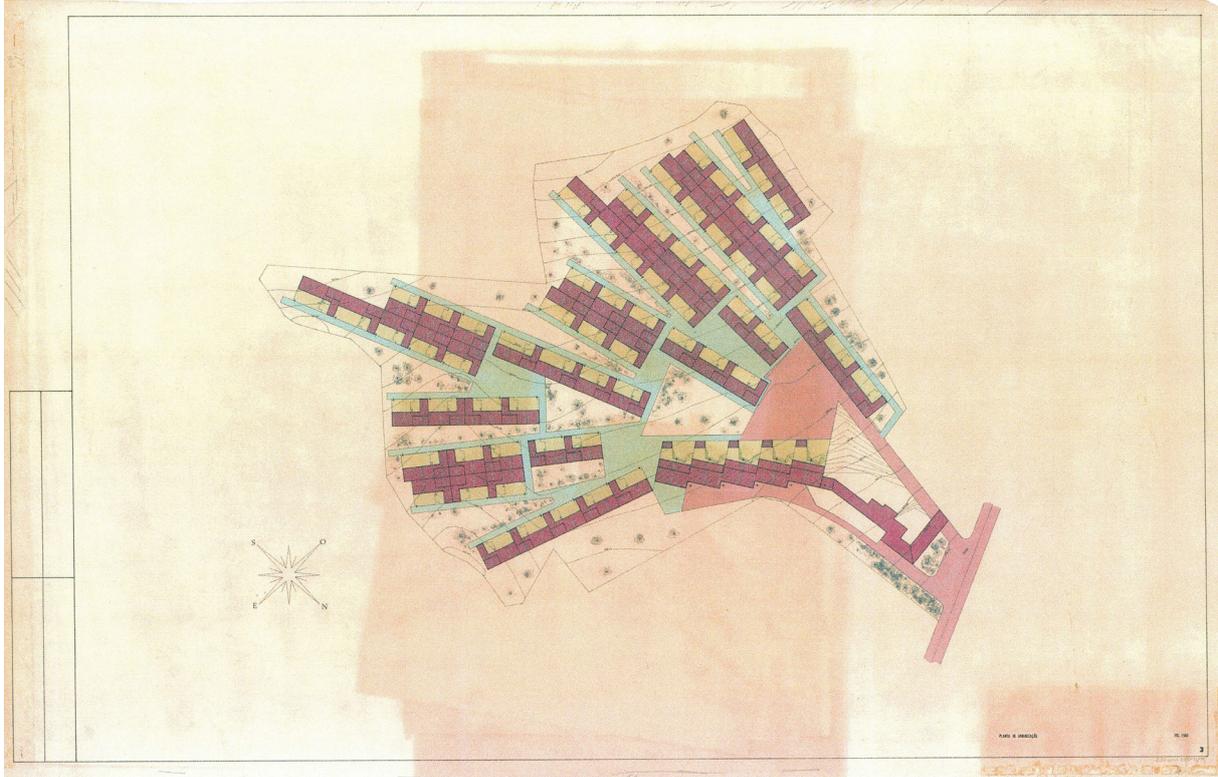


FIGURA 1. Anteprojeto: planta de implantação

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000563

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ANTEPROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00021

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

O anteprojecto elaborado responde ao programa acordado através de diferentes contactos com a Administração da Firma CAIMA PULP C^a. Ld^a., para a construção de um conjunto habitacional a edificar num terreno sito no Couto das Areias – Constância e destinado a empregados e assalariados da unidade fabril anexa. (...)

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - Localização e integração urbanística

O terreno proposto situa-se à margem da estrada nacional nº 118 em Couto das Areias junto à unidade fabril. Apresenta-se como um clival com declive relativamente suave para norte e não integrado em qualquer aglomerado.

2.2. Caracterização quantitativa e tipologia

O equipamento é constituído por 70 fogos dos seguintes tipos e nas quantidades adiante indicadas:

— Categoria I	
T3A – com cozinha de lenha	40
T3B – sem cozinha de lenha	13
T4 – sem cozinha de lenha	12
	65
— Categoria II	
T3 – com garagem privativa	5
	70

2.3 - Acessos

O acesso ao terreno faz-se através da estrada nacional nº. 118 com a qual confina numa pequena extensão. Daí partirá a penetração auto prevista que se desdobrará prolongando-se um tramo até uma zona que poderemos chamar de convergência e directamente ligada às instalações complementares previstas, e outro tramo destinado a servir com a independência recomendável o núcleo de habitações da CAT.II dotadas de garagem privativa.

Uma rede de ligações internas reservada ao trânsito de peões assegurará o acesso às habitações e a drenagem convergente requerida pela solução de implantação proposta. Servirá ainda de acesso auto, unicamente com carácter de emergência.

2.4 - Implantação e espaços exteriores

A solução proposta de implantação ou arranjo urbanístico define-se pela criação de linhas de força em “leque”, convergentes para uma “zona-largo-pateo” dotadas das instalações complementares procurando evitar-se a expressão acumulativa que quase todos os aglomerados deste tipo possuem.

Os espaços exteriores definidos beneficiam e serão revitalizados no seu intimismo pela presença das oliveiras existentes, mantidas no mais elevado número possível.

2.5 - Equipamento

Foi previsto um núcleo de instalações complementares cujo programa será definido para a fase de projecto.

A localização do conjunto, distante de qualquer aglomeração urbana determinará um programa, que desde já prevê instalações escolares, de comércio e de carácter sócio-cultural.

2.6 - Ampliação de reserva

A possibilidade de ampliação do conjunto está dependente da aquisição de terrenos confinns.

A solução proposta assegura e solicita até uma possível continuidade.

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - Formas de agrupamento e composição

Poderá considerar-se a forma de agrupamento como de “banda contínua” que devido à sua expressão nos permitiu conciliar uma concentração relativamente elevada com uma grande clareza de leitura do conjunto.

Estas bandas constituídas por fogos de CAT. I são contudo agitadas formalmente pela necessidade de uma correcta adaptação dos fogos ao terreno. Como consequência obteve-se uma desejada e controlada individualização das habitações, acentuada expressivamente pelo volume correspondente a um segundo piso parcial.

Os cinco fogos da CAT. II tem localização de forma definida no conjunto, determinada pela necessidade de acesso auto, mas sem expressão de segregação.

3.2 - Orientação

A necessidade de aproveitamento do terreno em termos considerados válidos e já expostos determinou um sacrifício mínimo na orientação de alguns fogos. Na sua quase totalidade as habitações e correspondentes espaços exteriores privativos beneficiam de óptima insolação. (...)

4. FOGOS

4.1 - Diferenciação

Os fogos obedecem aos tipos distintos definidos em 2.2

4.2 - Organização interna

4.2.1 - Fogos de CAT. I

Estes fogos articulam-se em relação a um espaço exterior privado que se define como logradouro na área correspondente à zona de trabalho e permanência da habitação.

Procurou-se, uma como que digamos, nobilitação do “logradouro-traseiras” pela contiguidade existente entre a área definida para essa função – pela diferença de cota e dependências afins da habitação – e a restante área por onde se faz também o acesso principal à habitação [que] será naturalmente tratada como “jardim da frente”.

A organização interna do fogo caracteriza-se pelo desenvolvimento dado à zona de trabalho e permanência, constituída por uma cozinha formal e cozinha de lenha - resposta a hábitos efectivos detectados – ou área idêntica re-

servada a zona de trabalho – nos fogos T3B – e sua relação com o exterior. A existência da arrecadação, de um alpendre coberto, de acesso exterior às instalações sanitárias e a um dos quartos asseguram a resposta correcta e até incentivada a uma fruição “exterior-interior”.

A este núcleo centro, fundamental do fogo, ligam-se no piso térreo, mais dois ou três quartos, conforme se trata de T3 ou T4, e uma sala, dependência normalmente furtada à vida do dia a dia.

A localização num segundo piso parcial, de um quarto e de uma área que poderá eventualmente responder a múltiplas funções asseguram à habitação uma outra dimensão e até uma identidade relativa com os fogos de CAT. II, por programas desenvolvidos em dois pisos.

4.2.2 - Fogos de CAT. II

Estes fogos procuram responder objectivamente a hábitos ou aspirações de formas de habitar de agregados familiares diferenciados pelo vencimento e função do trabalhador.

Uma organização interna do fogo, que se poderá considerar convencional, com o seu vestíbulo, sala de estar e jantar, quartos, I.S. e garagem desenvolvida em dois pisos, foi enriquecida por uma valorização destes espaços e muito particularmente dos que podemos chamar “afuncionais”.

A criação de uma área designada nas peças desenhadas por “trabalho-estar” é a proposta que assegura ao fogo uma fruição possível para o dia a dia possibilitando o exercício de funções múltiplas.

5 – CUSTOS

Os custos definidos, como ordem de grandeza no programa acordado foram:

Categoria I

T3A 120.000\$00

T3B 110.000\$00

T4 125.000\$00

Categoria II

T3 140.000\$00 (sem garagem)

Verificou-se nesta fase do trabalho que não nos será possível não exceder em projecto um custo médio de 125.000\$00 e de 135.000\$00 para, respetivamente, os fogos T3 e T4 de CAT. I. Os fogos de CAT. II - que incluem a garagem – sofrerão um aumento mais sensível podendo ser o seu custo estimado em 180.000\$00.

Salientamos contudo, a pequena incidência deste aumento no custo total do empreendimento, dado que se refere a 5 unidades num total de 70.

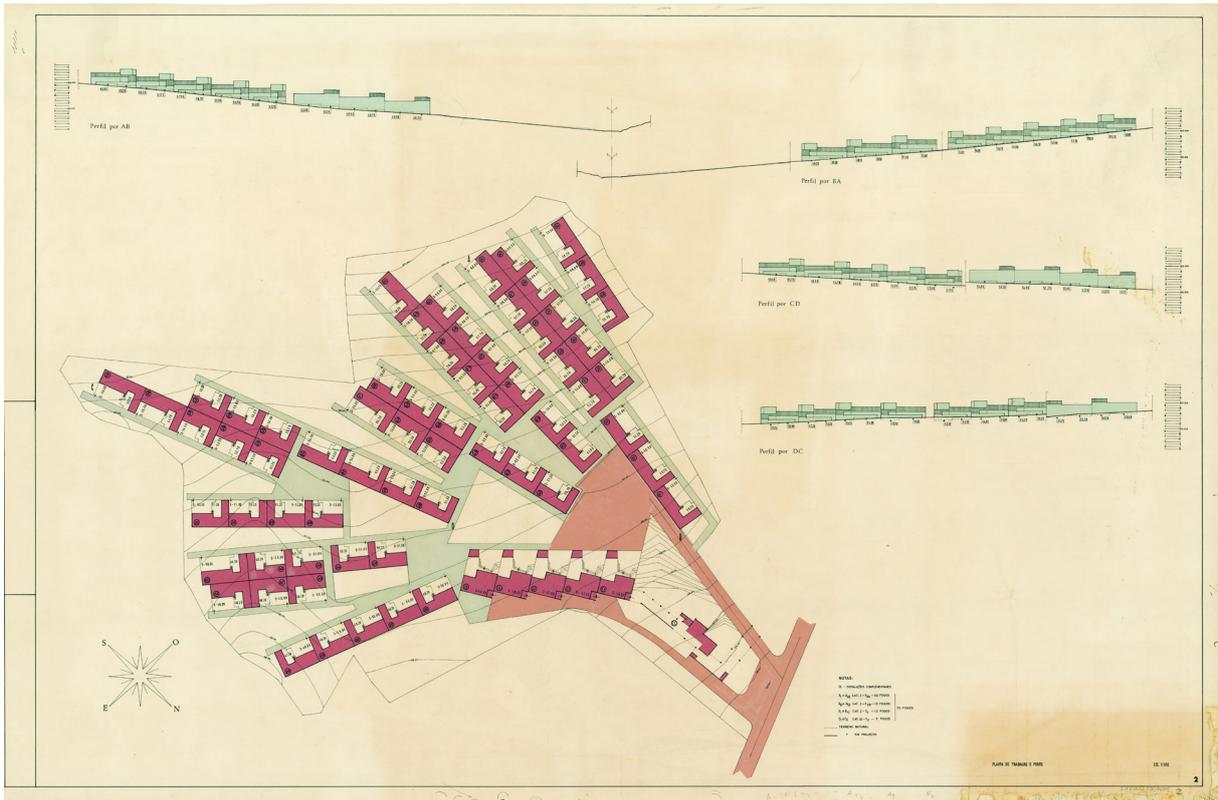


FIGURA 2. Anteprojeto: planta de trabalho e perfis
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000562

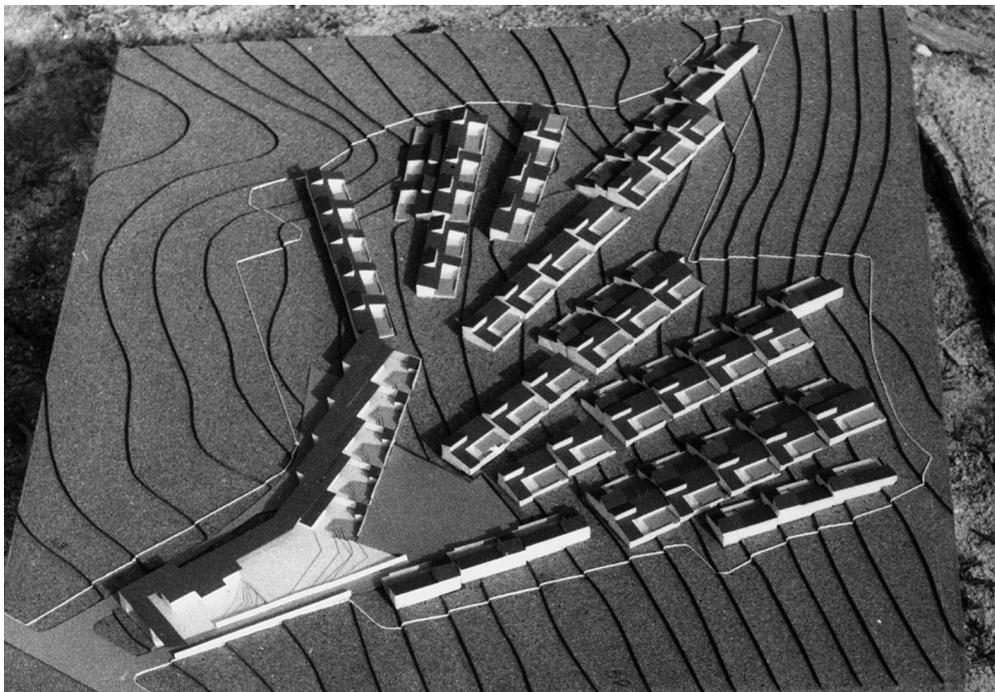


FIGURA 3. Anteprojeto: fotografia da maquete do conjunto
Autor desconhecido, s.d.
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 009000

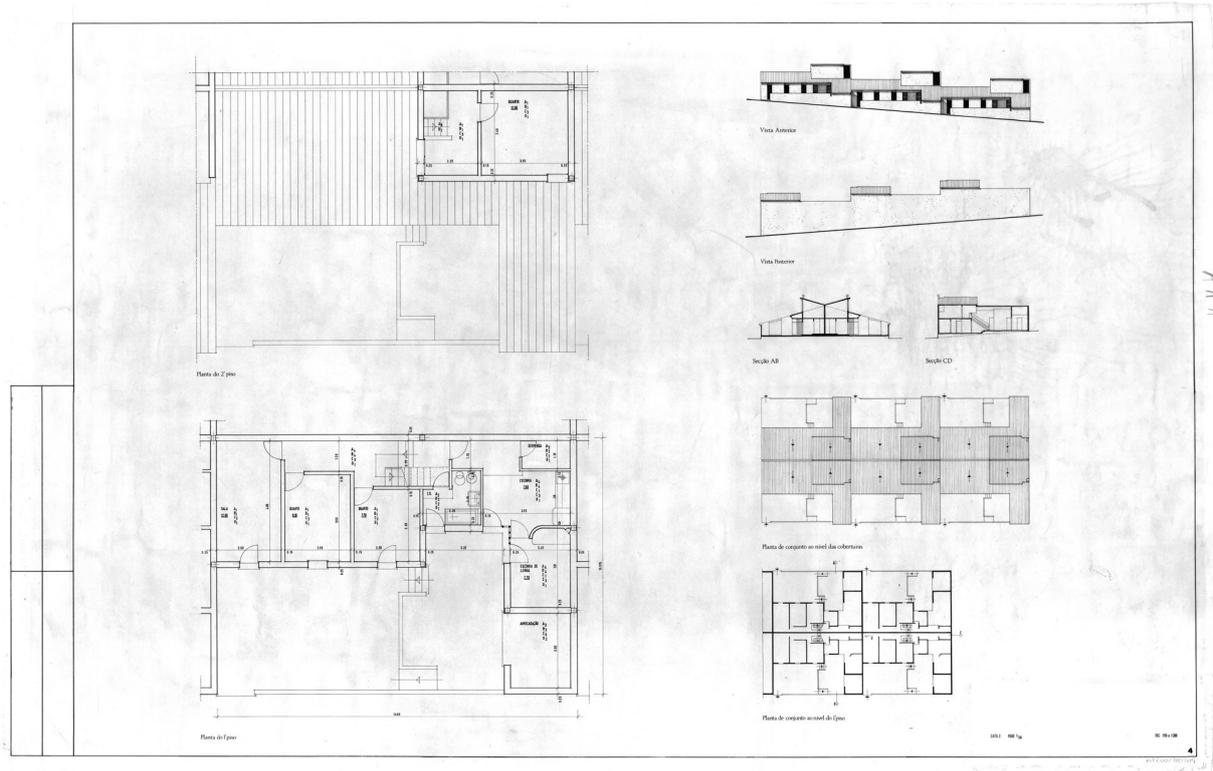


FIGURA 4. Anteprojeto: categoria I, fogo T3A, planta, alçado e corte
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000564

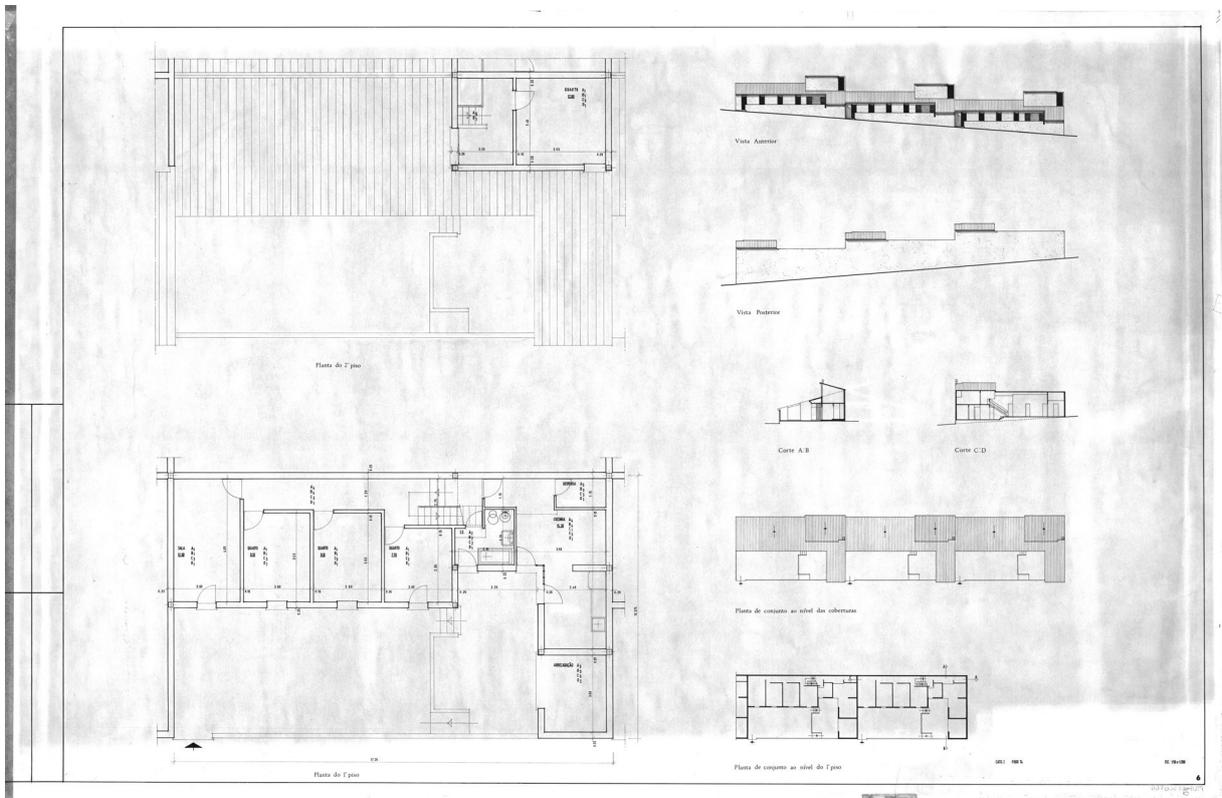


FIGURA 5. Anteprojeto: categoria I, fogo T4, planta, alçado e corte
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000566

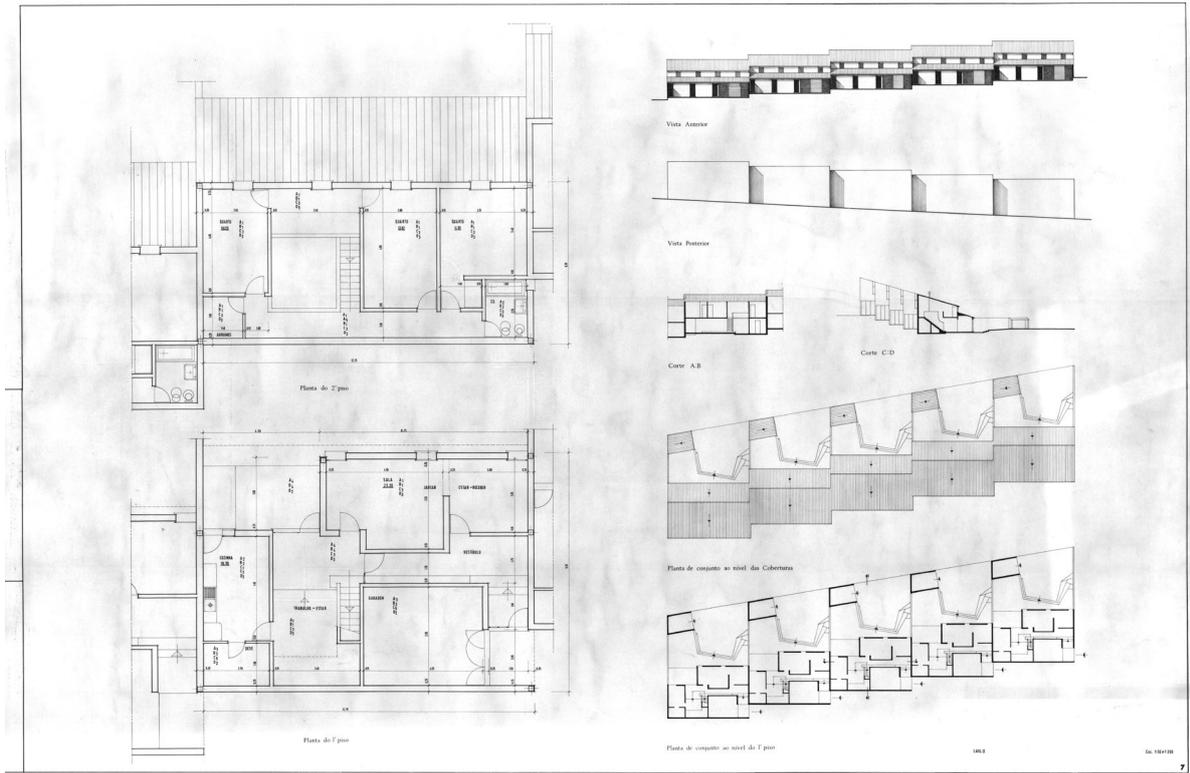


FIGURA 6. Anteprojeto: categoria II, fogo T4, planta, alçado e corte
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000567

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ANTEPROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00109

1. PROGRAMA

O presente projecto refere-se a um agrupamento habitacional de 33 fogos tipo T3 destinados a empregados da firma JOSÉ TOMÁS HENRIQUES SUCRS., LD.^a e a edificar ao abrigo da Lei nº. 2092.

Numa primeira fase esta empresa assegurará a construção de 12 fogos (...) [lotes 22 a 33] e numa fase seguinte serão edificados os restantes fogos em termos de empréstimos individuais.

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - Localização

O terreno destinado ao agrupamento situa-se numa encosta ao longo da E.N. 236, entre os quilómetros 42,100 e 42,400.

2.2 - Caracterização quantitativa

Refere-se o projecto a 33 fogos tipo T3.

2.3 - Acessos, circulação e estacionamento

O acesso auto prevê-se a partir da estrada do Km 42,400 segue em direcção a Safrujo e será feito através de uma penetração terminada em raquete. Essa mesma penetração dá acesso auto directo a 15 fogos. Para os outros 18 fogos prevê-se acesso por caminhos de peões praticáveis por autos nos casos de necessidade.

Previram-se igualmente possibilidades de estacionamento em quantidade suficiente.

2.4 - Implantação e espaços exteriores

Os fogos de tipo moradia unifamiliar em dois pisos, encontram-se sempre agrupados em núcleos de três.

A implantação destes núcleos obedece a duas disposições – uma banda interrompida de 7 núcleos num total de 21 fogos, seguindo aproximadamente as linhas de nível e 4 núcleos num total de 12 fogos, dispostos em leque que com essa banda definem um espaço livre principal. A implantação em geral foi conseguida preservando os principais núcleos arborizados e deles tirando partido na criação dos espaços exteriores.

2.5 - Equipamento e fases

Foi previsto um núcleo de comércio articulado com o conjunto de percursos auto e de peões.

Quanto a fases de construção há total elasticidade, pois apenas é necessário que a construção se faça simultaneamente para cada um dos onze núcleos de 3 fogos. Há no entanto grande vantagem em que tanto quanto possível a construção se faça no sentido decrescente da numeração dos lotes.

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - Forma de agrupamento e composição

Conforme já foi referido os fogos encontram-se sempre agrupados em núcleos de três. Cada um destes núcleos com os seus três fogos e respectivos pátios-logradouro formam uma unidade em que se tirou partido da continuidade de um dos telhados conseguido através do recuo de fogo para fogo, simultâneo com uma pequena subida de cota, condicente com a topografia do terreno.

3.2 - Orientação

Toda a habitação em todos os fogos está orientada não só ao quadrante Sul como à panorâmica sobre a ribeira de Pêra. (...)

4. FOGOS. SUA ORGANIZAÇÃO INTERNA

O fogo encontra-se dividido por dois pisos, não ocupando o piso superior toda a área do rés-do-chão.

O piso superior, com acesso por escada interior, é composto por três quartos de áreas ligeiramente superiores aos mínimos regulamentares.

No piso térreo, uma vez atingido o pátio-logradouro, a entrada pode fazer-se quer pela cozinha, quer por uma zona de prolongamento da sala que funciona como vestíbulo o que permite que o percurso de entrada não devasse as zonas de estar.

A cozinha encontra-se dimensionada de forma a permitir uma utilização de estar e refeições quotidianas.

No piso térreo prevê-se ainda instalações sanitárias e despensa.

Junto à cozinha, no pátio, criou-se um alpendre de funções múltiplas: lavagem, arrecadação, estendal coberto, etc..

Como variante a definir posteriormente, admite-se na zona de escadas uma porta de acesso, caso haja interesse em definir, no loteamento, um logradouro privativo de cada fogo, nas traseiras.

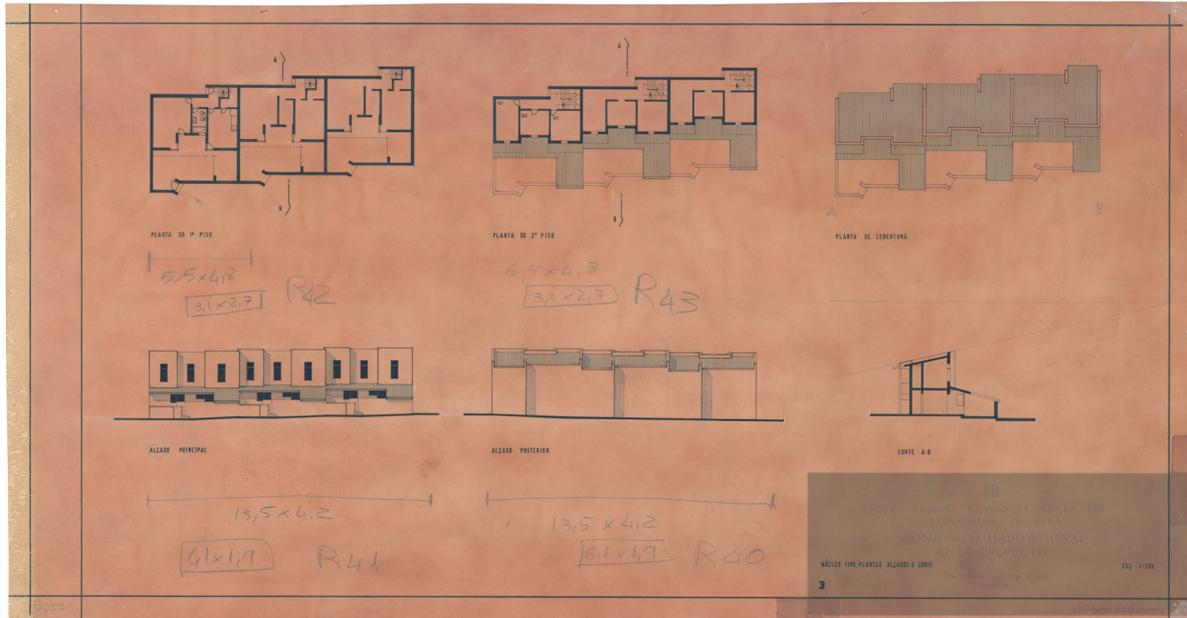


FIGURA 2. Anteprojeto: Núcleo tipo – plantas, alçados e cortes

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000496

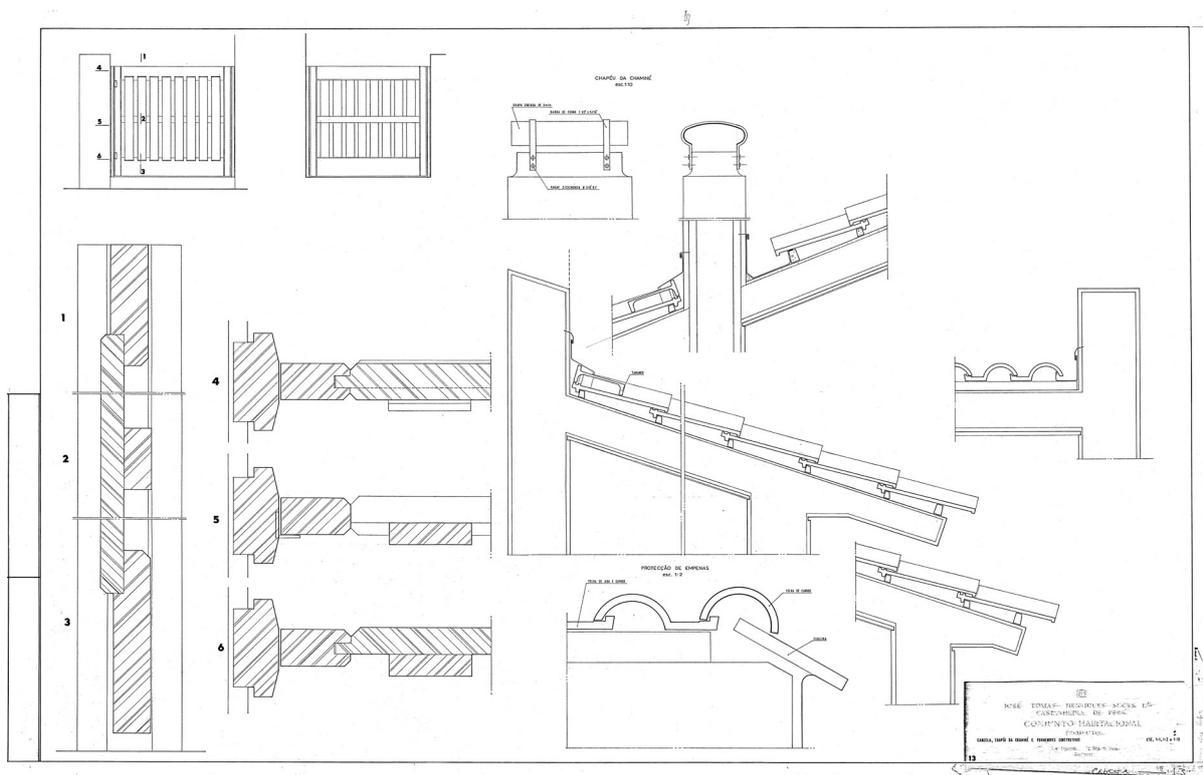


FIGURA 3. Projeto: cancela, chapéu da chaminé e pormenores construtivos

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000510

1972

CONJUNTO HABITACIONAL NA COSTA DA CAPARICA

Vitor Figueiredo

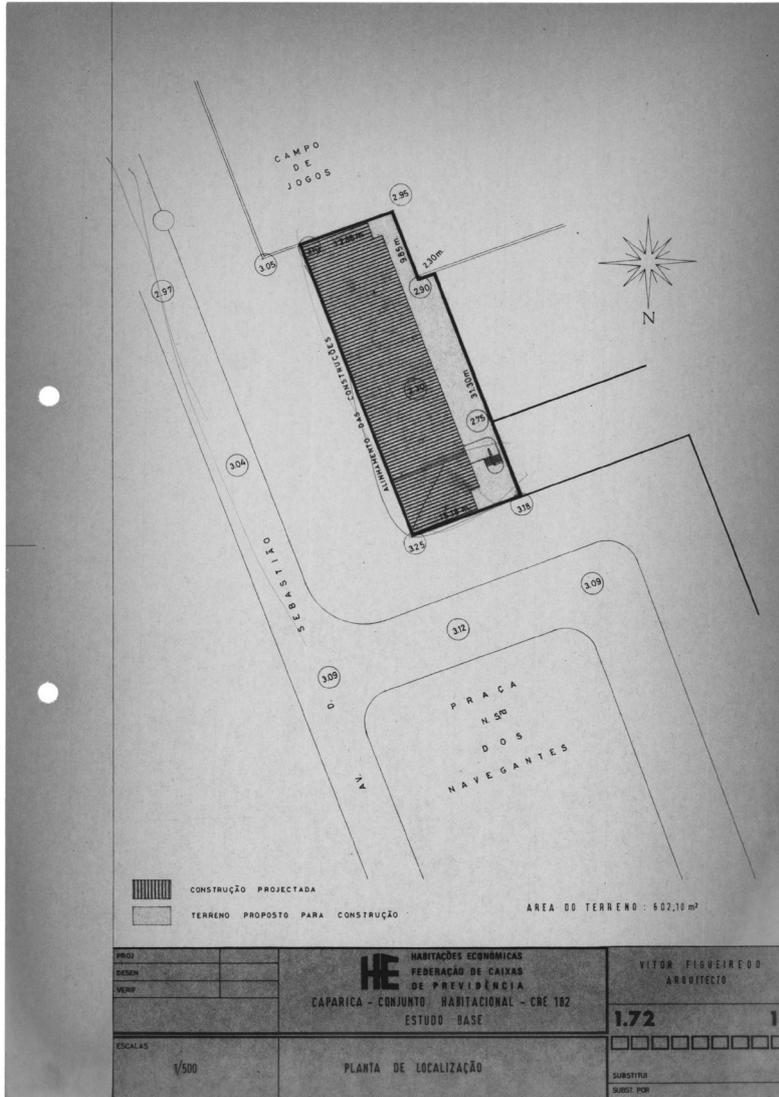


FIGURA 1. Estudo base: implantação

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 04157

1972

CONJUNTO HABITACIONAL NA NAZARÉ

Vítor Figueiredo e Eduardo Trigo de Sousa

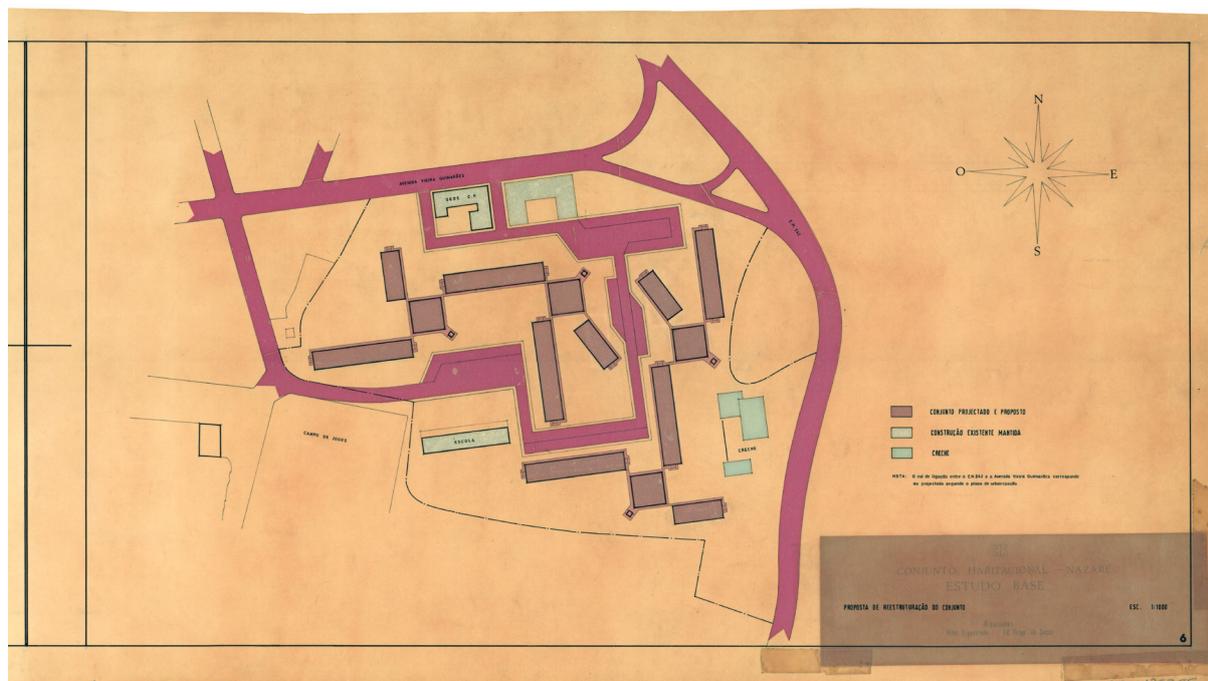


FIGURA 1. Estudo base: Proposta de reestruturação do conjunto

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000600

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ANTEPROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00019

1. PROGRAMA

O anteprojecto elaborado corresponde a 141 fogos a construir na proximidade e em relação com um bairro já existente de moradias geminadas num só piso. Igualmente se propõe a localização de uma Creche já prevista e se sugere uma hipótese de recuperação do bairro existente (de qualidade actualmente duvidosa e de elevado grau de obsolescência) no sentido de criar com a nova proposta um todo de características urbanas condicentes com a actual feição e prospectiva evolução da Vila da Nazaré, em que um possível aumento de 80 fogos se realizaria concomitante[mente com] (...) uma melhoria do espaço habitável e de significação simbólica de uma zona que pela sua localização necessita ser tratada de forma particular.

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO**2.1 - Organização urbanística e linhas gerais do partido arquitectónico**

2.1.1 - Foi preocupação inicial que presidiu a todo o estudo e consequentemente à proposta apresentada, a ideia de que a solução que desse resposta ao problema de criar X fogos teria que simultaneamente dar resposta a um problema de ordem urbanística: caracterizar uma tipologia urbana de habitação não só em função de um modo presente e futuro de habitar – que não se compadece mais com soluções despersonalizantes e massificantes como tem sido habitual em problemas semelhantes (veja-se o bairro existente) – como ainda em função da inserção numa vila que segundo o censo de 1960 possuía mais mil habitantes que a sua sede distrital (cidade) e para a qual se prevê uma vincada vocação urbana e turística.

O facto (...) de a localização disponível se inserir justamente num dos principais acessos à vila e à praia, surgindo forçosamente como uma das primeiras imagens memorizáveis a quem chega, veio dar ao atrás exposto uma premissa que não era possível ignorar.

2.1.2 - Por outro lado, o facto de na Estrada Nacional o troço marginando o terreno ser justamente considerado como panorâmico, impediu uma atitude passiva que primariamente se resolveria por um partido totalmente agarrado ao terreno e que portanto se limitaria a ignorar um problema, deixando-o entregue a si mesmo. Pelo contrário pareceu-nos justo valorizar o próprio carácter panorâmico – que aqui é fundamentalmente dinâmico pois se trata de uma visão que se oferece em movimento a quem chega ou a quem parte – criando primeiros planos que ao observador em movimento vão oferecendo (negando agora um troço que logo se desvenha) uma paisagem viva que se propõe a descobrir sucessivamente, que se convida a ser convidada,

que pede que se desça à praia para totalmente a possuir, em vez de uma paisagem inerte, aguarelística diríamos, que de uma só vez se conhece e devassa, que num momento se possui, que num momento se esquece, sem segredos que apeteça explorar.

2.1.3 - De tudo o [que foi] exposto resulta a justificação do partido adoptado, rico em diferenciação altimétrica não só pela utilização de três tipos de edifícios como pela própria inserção desses edifícios no terreno, jogando a sua feição topo-gráfica em reforço dessa mesma variação. Não julgamos no entanto que seja essa a sua única justificação pois a solução proposta pretende responder não a um mas a vários problemas e, se corresponde a critérios de urbanismo que empenham toda a povoação, responde igualmente a preocupações de urbanismo a nível local e de expressividade arquitectónica em que para além de criar um número de fogos coerente com o terreno disponível se acreditou que está ultrapassada definitivamente a prática neo-realista de fazer corresponder à habitação social uma caracterização miserabilística. Com efeito pretendeu-se que o espaço projectado - espaço edificação e espaço inter-edificação - possuísse aquela dignidade sóbria e variada que permite que o habitar não seja apenas uma resposta a uma necessidade primária mas também uma resposta poético-social de promoção e dignificação.

De tudo isto resulta que a proposta de uma sucessão de bandas de 4 pisos, articuladas por edifícios mais altos, de 7 pisos, sugestão de torres que centralizam acessos e comércio, não corresponde a uma solução gratuita, fruto de um capricho de arquitecto, mas a uma intenção perfeitamente nítida e consciente de tomar um partido significativo e responsável que não se compadece com alternativas fáceis e medrosas do tipo “talvez se as torres fossem mais baixas, evitando os elevadores”, ou quejandas.

Temos perfeita consciência de que a proposta que apresentamos sai fora de uma tipologia consagrada mas estamos seguros de que correr o risco de discordâncias conservadoras se justifica plenamente pela importância que o conjunto terá na significação urbana da povoação. Igualmente estamos conscientes que a inclusão de elevadores imposta pelo número de pisos das torres acarreta uma oneração extra que no entanto acreditamos ser razoável dividida pelo número total de fogos, para além do facto de ser essencial para o partido que defendemos.

2.1.4 - Na solução adoptada é evidente a perda de significado da tradicional dicotomia urbanismo-arquitectura. No entanto por razões meramente de método de exposição passamos a uma breve descrição que abordará os dois aspectos.

Do ponto de vista urbanístico – à escala já do local – o presente anteprojecto corresponde a uma ocupação livre do terreno, regrada porém por uma ortogonalidade em plano, reforçada como leitura pela desobediência de um dos pe-

quenos blocos de três pisos. Pretende-se com esta liberdade de ocupação do terreno corresponder não só à sua topografia específica, com ela dialogando, mas ainda obter adentro da economia de meios necessária uma variação de espaço externo que se quer significativa como percurso pontuado de momentos de adensação que através de uma identificabilidade evita o duplo perigo que correm as soluções desta dimensão resolvidas com grande economia de meios: por um lado surgirem como objecto isolado, forma fechada que não dialoga, por outro surgirem como pura repetitividade, forma aberta a tal ponto que, massificada, não se identifica. Esta noção de edifício-percurso, em forma aberta a que o jogo de adensação rarefacção desse próprio valor percurso confere a dose de forma fechada suficiente à sua definição no tempo e no espaço, situa-se não apenas ao nível da planimetria mas igualmente em altimetria, pela possibilidade que a solução de galeria adoptada tem, em conjunto com o sistema de es-cadas, de levar esse percurso a todos os níveis, sugerindo caminhos privilegiados adentro dos possíveis.

À margem deste percurso que se quis dinâmico (lúdico diríamos, na expectativa de o ver habitado) propôs-se a localização da Creche, em situação que consideramos fundamental – e mais nitidamente se compreende no estudo de recuperação do total, pelo seu paralelismo com a situação da Escola e da Casa dos Pescadores – reservando-lhe simultaneamente uma quietude, à margem até dos percursos motorizados, e um suficiente espaço livre – que quereríamos fosse verde.

Do ponto de vista arquitectónico – à escala ainda do bloco – o presente anteprojecto corresponde a uma medição sobre a solução galeria (tradicional já em habitação social) e as suas possibilidades de dinamização. Valorizando mais uma vez a noção de percurso, quis-se que as galerias e as escadas fossem simultaneamente o modo de caracterizar e unificar uma arquitectura que, pelo seu preço, perigosamente era tentada pela banalidade, e de criar uma sociabilidade não devassante do pudor familiar mas também não exacerbante de individualismos egoístas. A adensação das ligações verticais junto das torres, cujo andar térreo, semi-transparente, propomos parcialmente ocupado por unidades comércio-artesanato, contribui de modo fundamental para esse tipo de sociabilidade desejada, tanto mais quanto o género de comércio e artesanato a instalar seja (como todas as probabilidades o indicam) de tipo quotidiano.

2.2 - Caracterização quantitativa

O conjunto agora projectado corresponde a 141 fogos, sendo 93 T3 e 48 T2.

Se for admitida a proposta de reestruturação apresentada este número corresponde a uma primeira fase. Na segunda fase teríamos, em substituição dos 60 fogos a demolir, 93 fogos T3 e 48 fogos T2 igualmente, o que representaria um ganho de 81 fogos.

2.3 - Acessos, circulações e estacionamento
(...) [aproveitaram-se] ao máximo os arruamentos existentes tendo havido ainda a preocupação de que os novos arruamentos se integrassem já na hipótese de remodelação.

Nesta etapa de trabalho não se indicam ainda circulações de peões que terão de ser estudadas em concomitância com uma proposta de arranjo dos terrenos circundantes.

Quanto a estacionamento tanto numa primeira fase como na hipótese da segunda eles estão dimensionados em número que julgamos suficiente, dadas as características sócio-profissionais dos futuros utentes, admitindo no entanto, caso necessário, uma possibilidade de aumento.

2.4 - Equipamento

Estão previstos, como aliás já foi referido, além da Creche cuja localização propomos e da Escola e Casa dos Pescadores já existentes, dois núcleos de comércio-artesanato nos andares térreos das duas torres. Além disso em dois dos blocos em banda, aproveitando o declive do terreno prevemos espaços que gostaríamos de ver utilizados comunitariamente segundo posterior definição.

Na proposta de remodelação surgem idênticamente mais dois núcleos de comércio-artesanato sem prejuízo de outros aproveitamentos que a topografia do terreno possa vir a permitir. (...)

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - Formas de agrupamento e composição

Utilizamos (...) três tipos de blocos: 2 torres de 7 pisos (sendo 6 de habitação com 4 T2 por piso), 3 bandas de 4 pisos (todas de habitação com 6 T3 por piso) e 2 bandas de 3 pisos (todas de habitação com 3 T3 por piso).

O sistema distributivo é um sistema de galerias interligadas por escadas e 2 núcleos de elevadores que se pensa sirvam apenas a partir do 4º. piso inclusive.

3.2 - Orientação

Em relação às torres minorou-se o mais possível os problemas de exposição a Norte dos fogos a tal obrigados. Em relação às bandas, apenas duas, uma grande e uma pequena, apresentam orientação discutível. No entanto, julgamos que a orientação quartos a Sul, galeria a Norte, sendo este Norte protegido tanto pela restante construção como pela própria topografia do terreno é perfeitamente aceitável. (...)

4. FOGOS

4.1 – Diferenciação

Os fogos obedecem a dois tipos distintos T2 e T3.

4.2 - Organização interna

Consideramos que a peça desenhada à escala 1/50 é suficientemente clara quanto à versatilidade conseguida para qualquer dos fogos, adentro do R.G.E.U. e sem qualquer violência para com os futuros utentes. Estamos convictos que qualquer das soluções, especialmente a dos fogos T3, se coaduna perfeitamente com o tipo de vida, hábitos e gostos da classe sócio-profissional a que se destinam.

5. CUSTOS

Tendo sido respeitados os mínimos exigidos pela legislação em vigor, procurou-se através da solução compacta dos fogos, que as áreas brutas fossem tão baixas quanto uma razoável habitabilidade o permite. Para além disso evitou-se não só qualquer tipo de solução que encarecesse especialmente a construção como o recorrer a grandes movimentos de terras, para implantação.

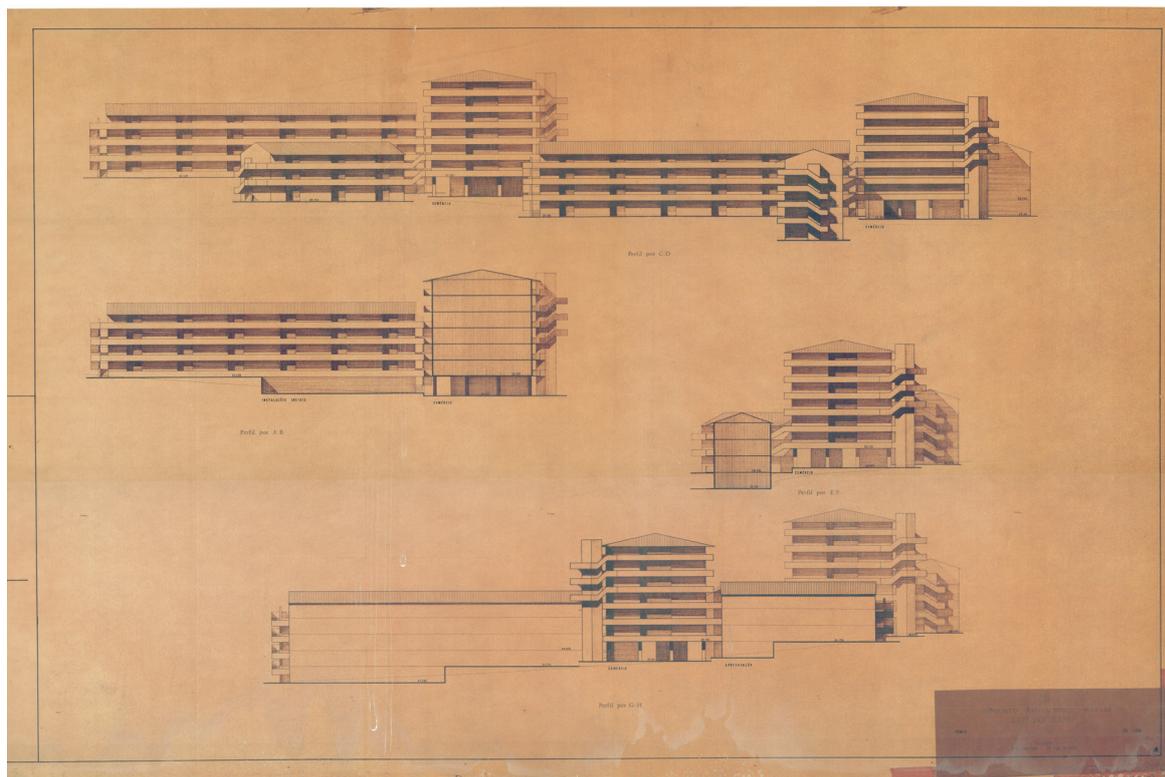


FIGURA 2. Estudo base: perfis

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000599

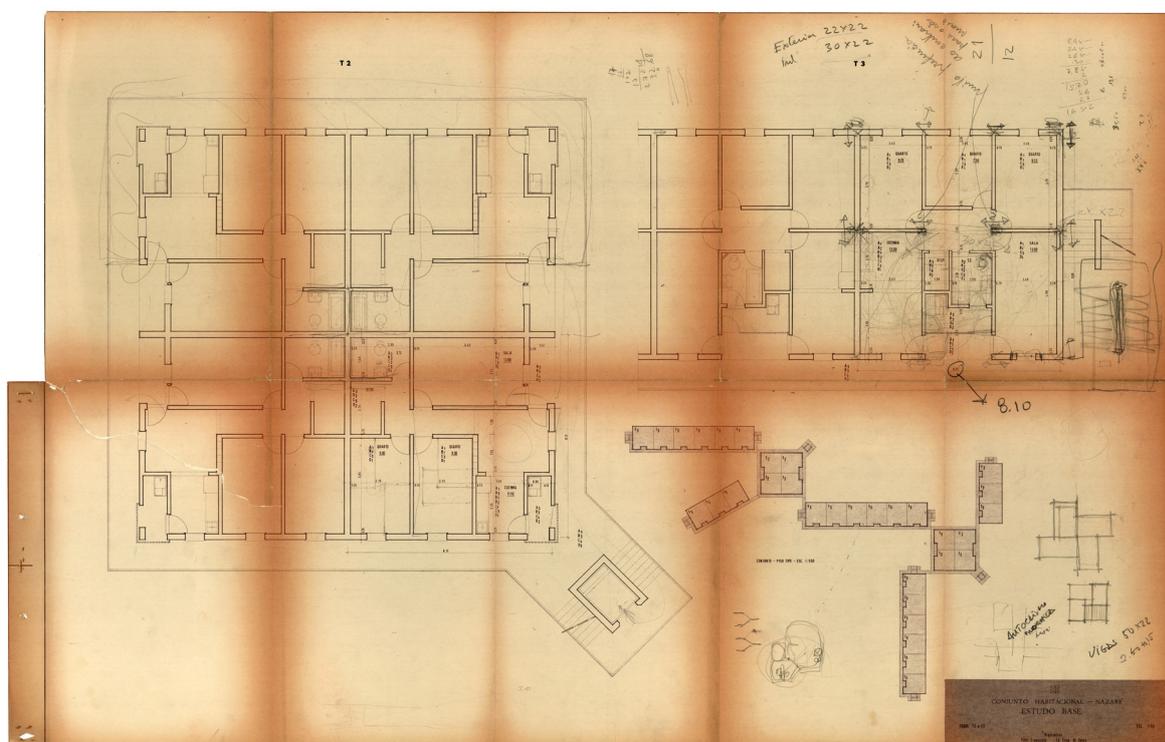


FIGURA 3. Estudo base: fogos T2, T3

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 02439

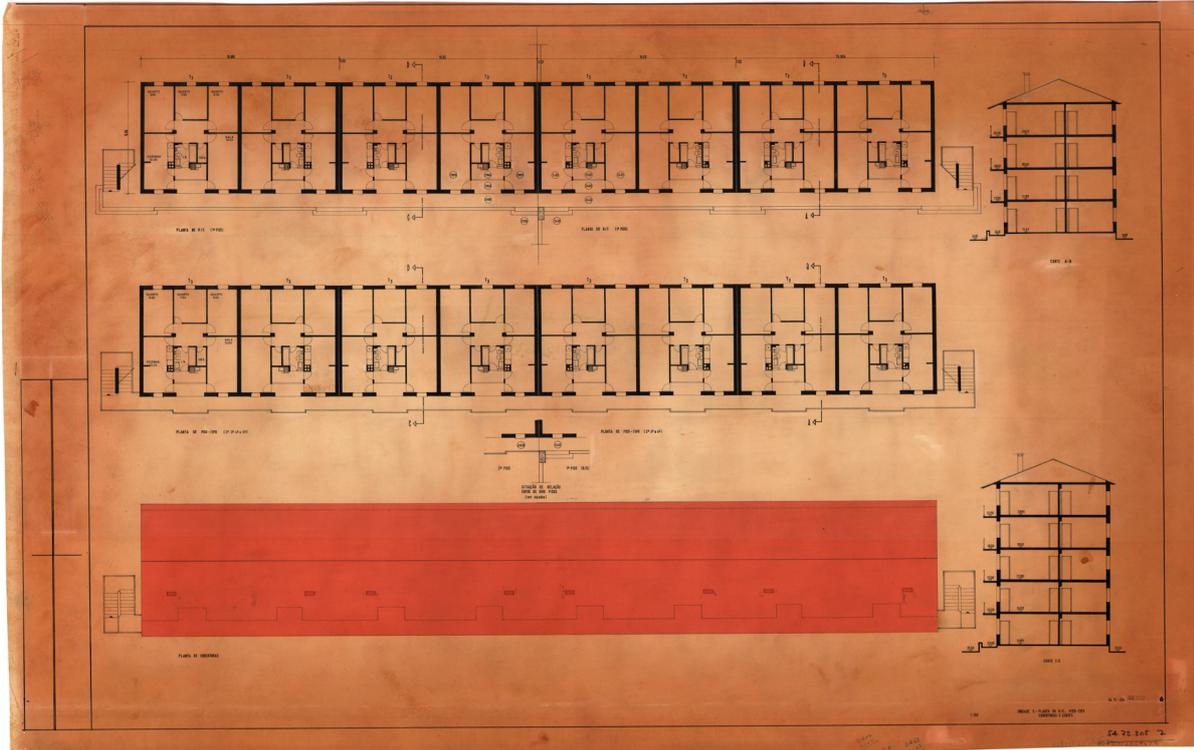


FIGURA 4. Projeto: unidade C, planta do R/C, piso tipo, cobertura e corte
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000606

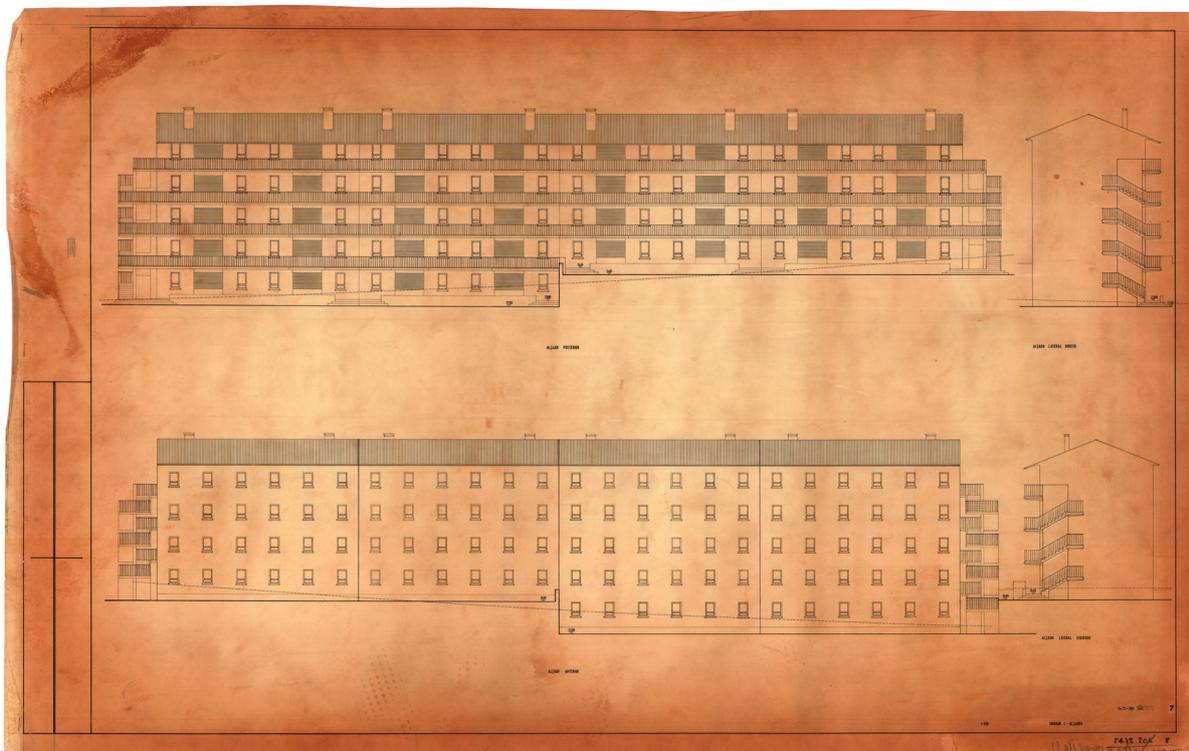


FIGURA 5. Projeto: unidade C, alçados
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000607



FIGURA 6. Projeto: unidades A, B e C, 4 pisos, corte tipo
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000611

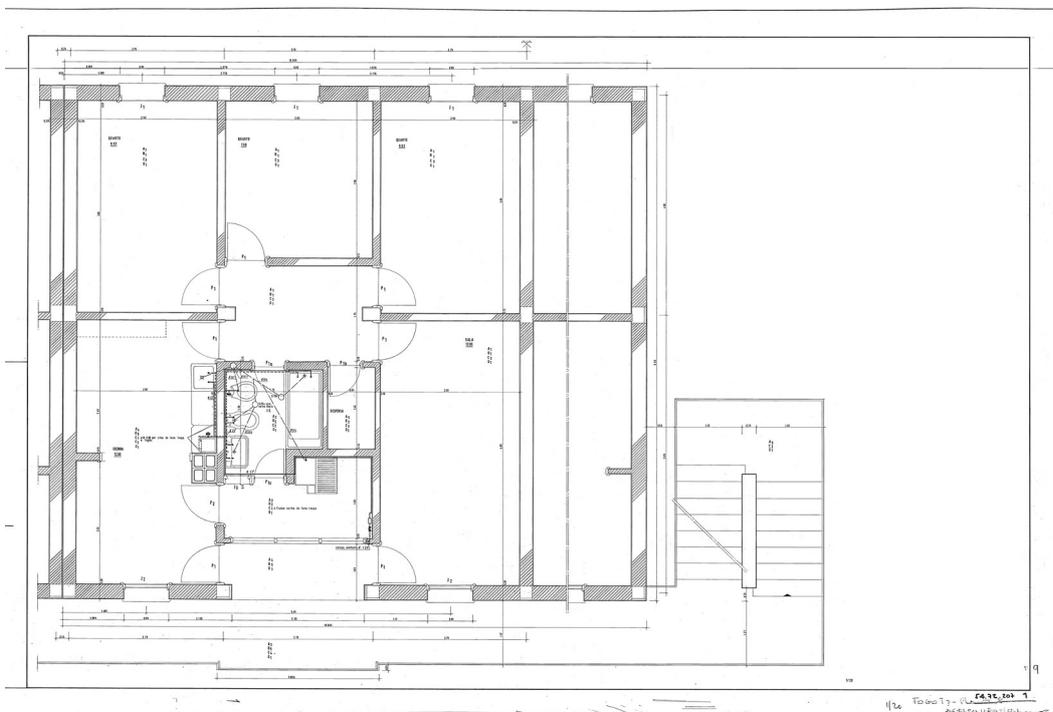


FIGURA 7. Projeto: fogo T3, planta e acesso vertical
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000609

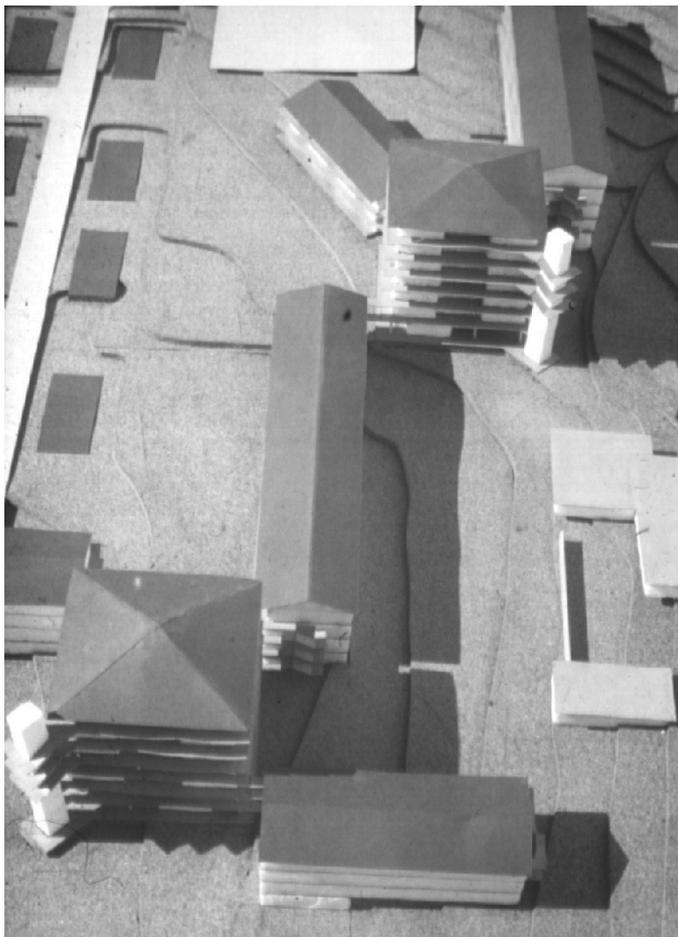


FIGURA 8. Anteprojeto: fotografia da maquete do conjunto

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)

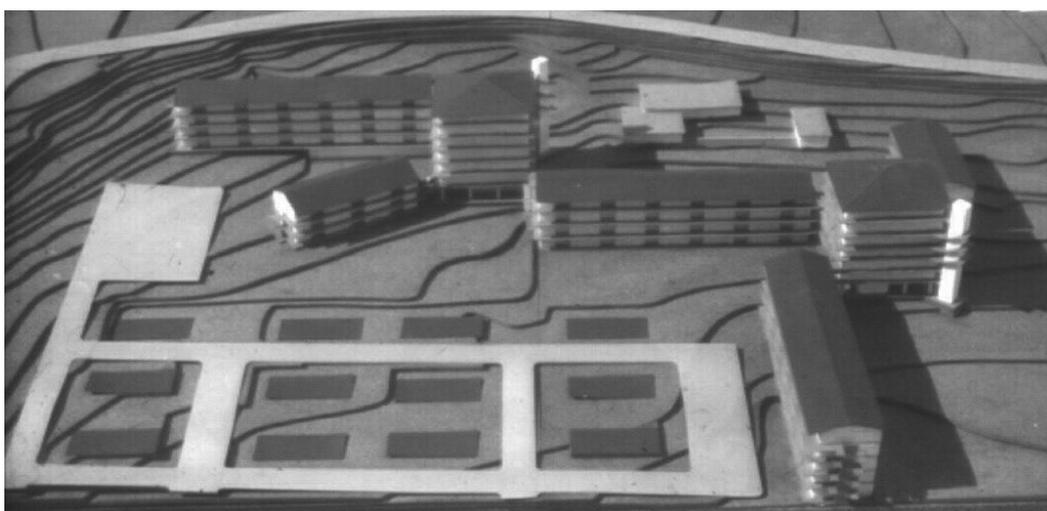


FIGURA 9. Anteprojeto: fotografia da maquete do conjunto

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)

1972

CONJUNTO HABITACIONAL EM PENICHE

Vítor Figueiredo e Eduardo Trigo de Sousa

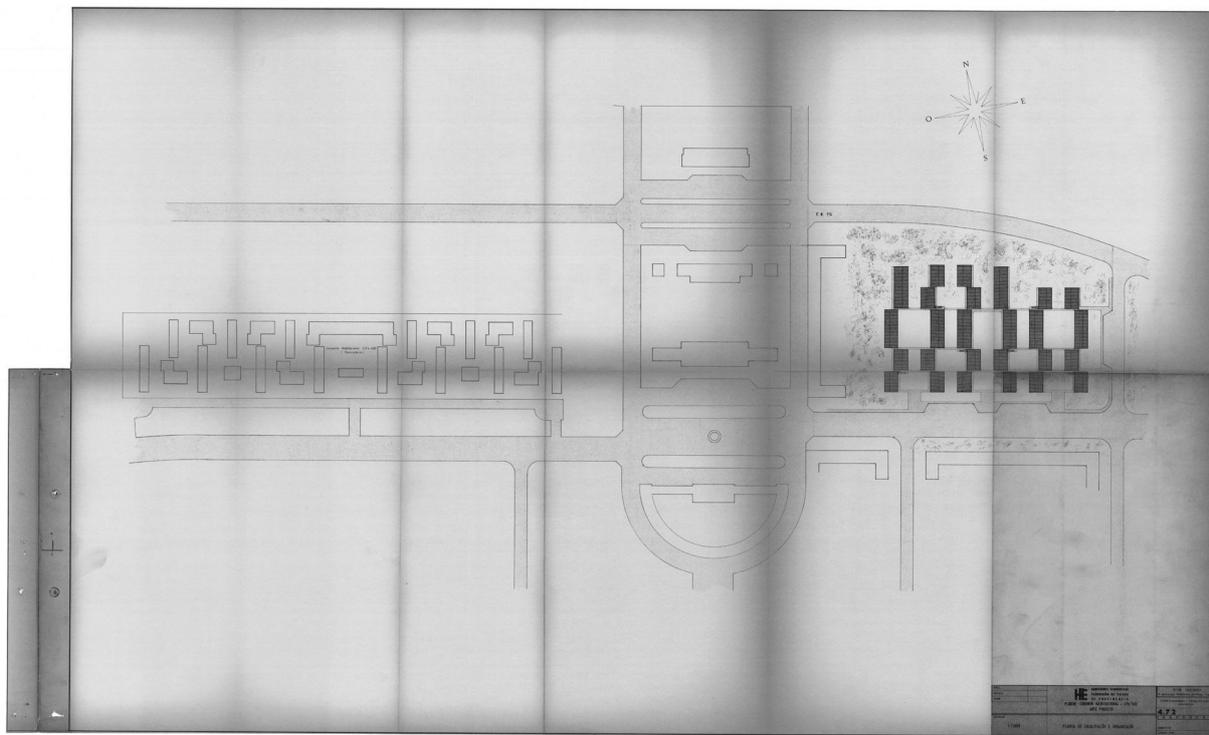


FIGURA 1. Anteprojecto: planta de localização e urbanização

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03562

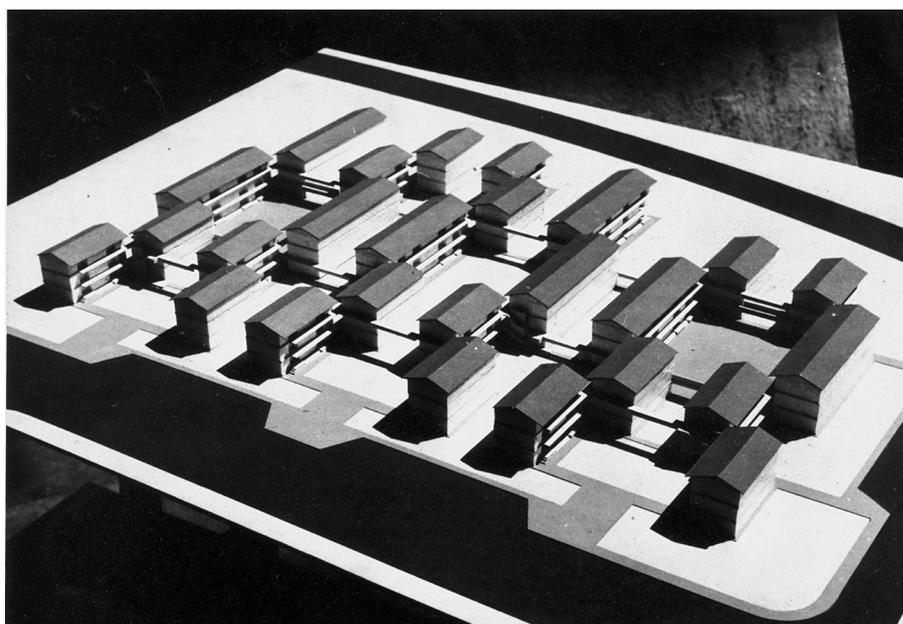


FIGURA 2. Anteprojecto: fotografia da maquete do conjunto

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 007598

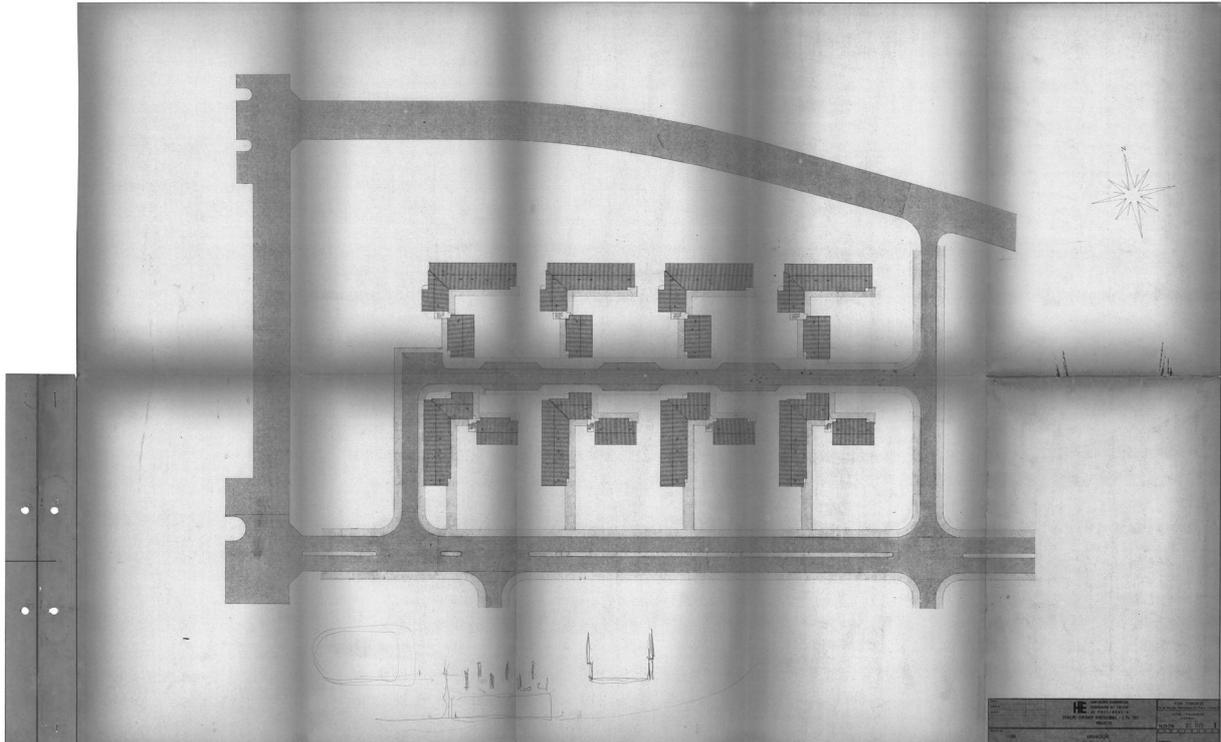


FIGURA 3. Projeto: planta de urbanização
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03574

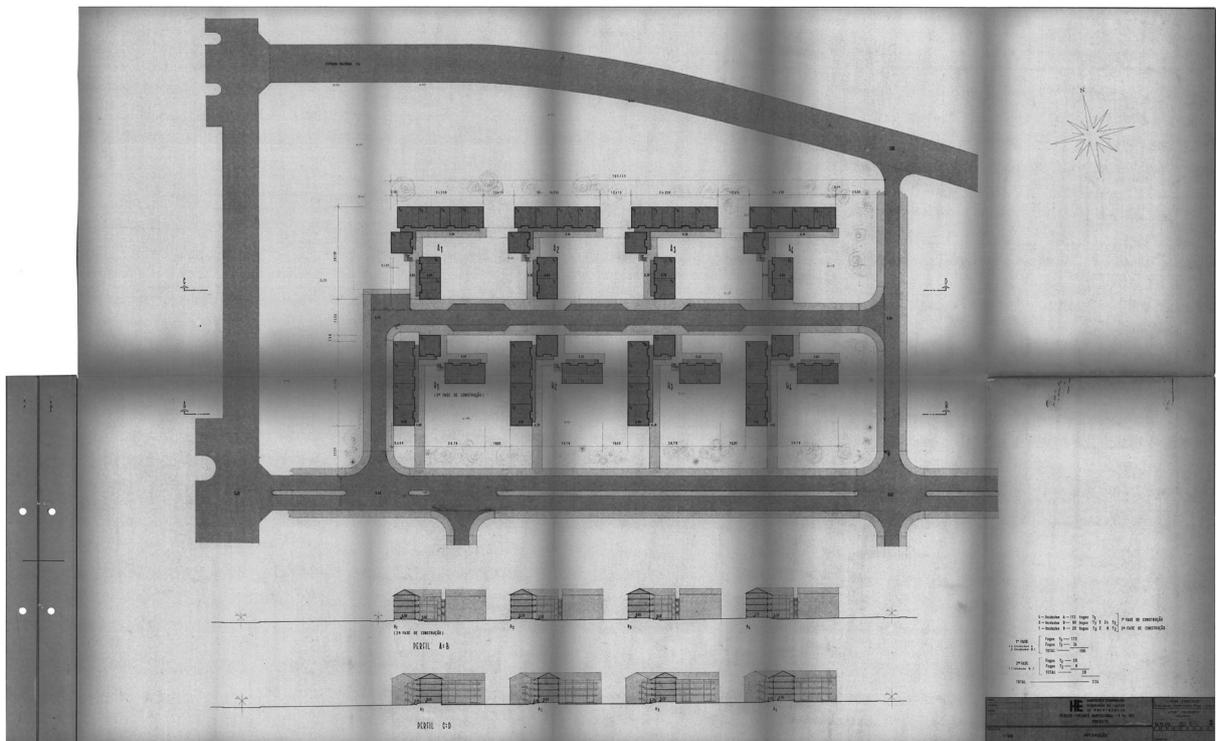


FIGURA 4. Projeto: planta de implantação e perfis
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 03575

1973

CONJUNTO HABITACIONAL DE PORTO DE CAVALEIROS

Vítor Figueiredo e Eduardo Trigo de Sousa

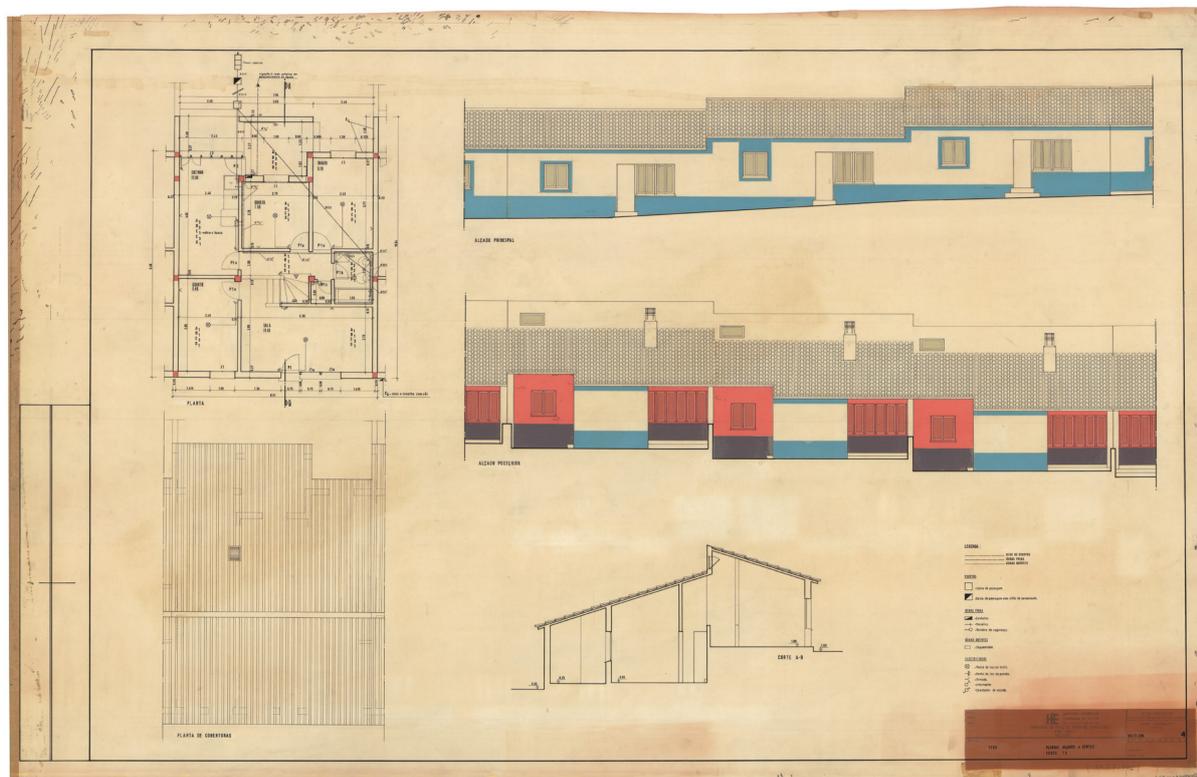


FIGURA 1. Projeto: fogo T3 – plantas, alçados e cortes

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000826

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00020

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

O estudo elaborado corresponde a um programa de 30 fogos dos tipos T3 e T4 a construir pela Companhia de Papel de Porto de Cavaleiros, S.A.R.L. ao abrigo da Lei nº. 2092 e destinado a seus funcionários. Inclui ainda uma pequena unidade de comércio e a proposta de localização de uma futura escola.

A sua construção será realizada em duas fases, sendo a primeira de 15 fogos e eventualmente da unidade comercial.

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

2.1 - Localização e integração urbanística

O terreno destinado ao agrupamento situa-se junto das instalações fabris da Empresa e é um pinhal em encosta a Sudeste. É uma situação perfeitamente rural, não havendo portanto nenhum lugar para qualquer integração urbanística.

2.2 - Caracterização quantitativa

Refere-se o estudo a 30 habitações, sendo 21 do tipo T3 e 9 do tipo T4.

2.3 - Acessos e circulações

O acesso ao aglomerado será feito por um caminho já existente – serventia – que terá de ser arranjado de forma a permitir o acesso auto pelo menos com carácter eventual.

No aglomerado pròpriamente dito foi prevista uma penetração com expressão para circulação auto no limite do terreno a Norte e até junto à unidade comercial. Os restantes caminhos são de peões permitindo eventual acesso auto até junto de cada fogo.

2.4 - Implantação e espaços exteriores

A implantação foi ditada pela topografia do terreno tendendo para um aproveitamento de melhores condições de implantação possíveis num terreno particularmente difícil, dado o seu declive acentuado. A expressão obtida com a solução de duas bandas descontínuas poderá parecer numa primeira leitura que contradiz o atrás expresso quanto a uma procura de boa implantação; tal não sucede, pois tendo-se procurado duas linhas ideais de implantação, apenas um número da ordem de 10 % dos fogos apresenta uma implantação mais difícil, nomeadamente quanto a logradouros e seu acesso.

Fazemos notar que a implantação finalmente adoptada foi testada por outras hipóteses francamente mais naturalistas com as quais não se obtiveram melhores condições de implantação quanto a custos, antes pelo contrário. Não se pretende com o exposto mais do que situar a solução proposta num nível de correcção cuja aceitabilidade não é obviamente discutível, onde não queremos dizer tratar-se da única, sequer melhor solução.

2.5 - Equipamento

Está prevista uma unidade comercial cujo programa será eventualmente a definir para a fase de projecto de obra e a construir na primeira fase. Foi prevista a localização de uma escola. (...)

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO

3.1 - Forma de agrupamento

Os fogos foram agrupados em duas bandas descontínuas constituída cada uma por cinco núcleos de três fogos, tentando acompanhar em altimetria a topografia do terreno.

3.2 - Orientação

Os logradouros e zonas de maior permanência diurna encontram-se orientados a SUL-NASCENTE.

4. FOGOS

4.1 - Caracterização quantitativa

Os fogos são do tipo T3 e T4

4.2 - Organização interna

Os fogos são desenvolvidos com diferenças de meios-pisos – para uma melhor adaptação ao terreno – e referimos que houve a preocupação de não entender a habitual separação de zona diurna e zona nocturna com uma rigidez que se nos afigura impeditiva de uma certa elasticidade de fruição.

5. CUSTOS

Consideramos possível respeitar em termos de orçamento os valores de programa, isto é, 120 000\$00 para o fogo T3 e 132 000\$00 para o fogo T4 sem incluir divisórias, tratamento dos logradouros e telheiro.

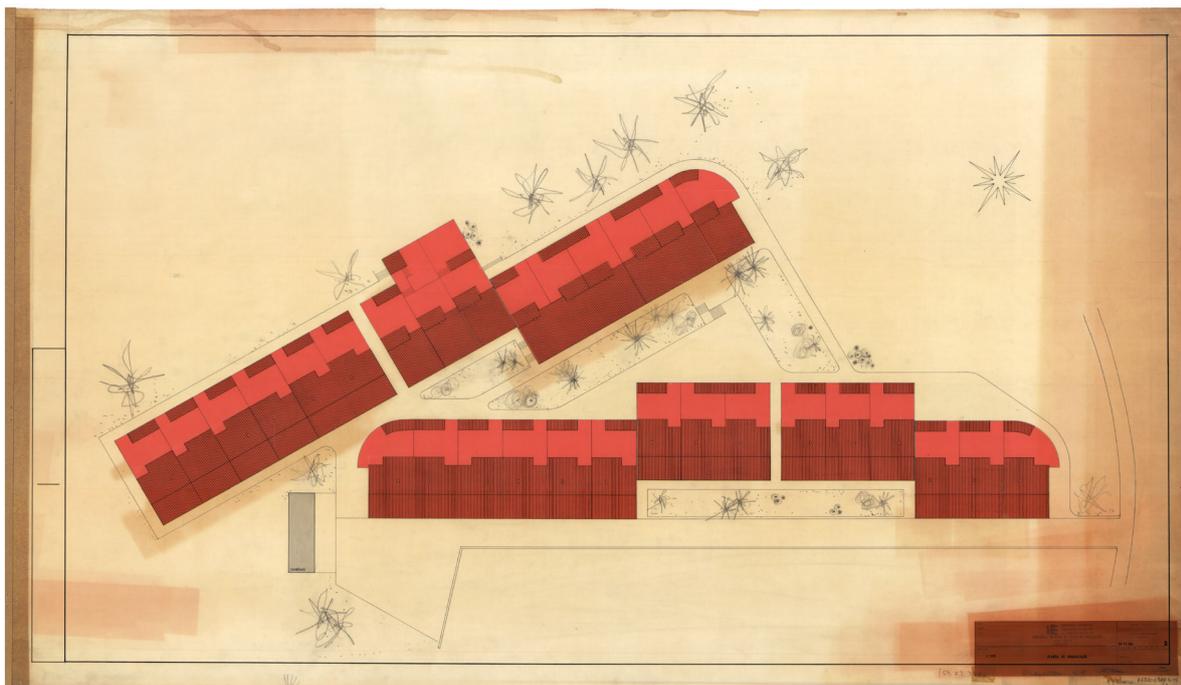


FIGURA 2. Projecto: planta de urbanização
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000824

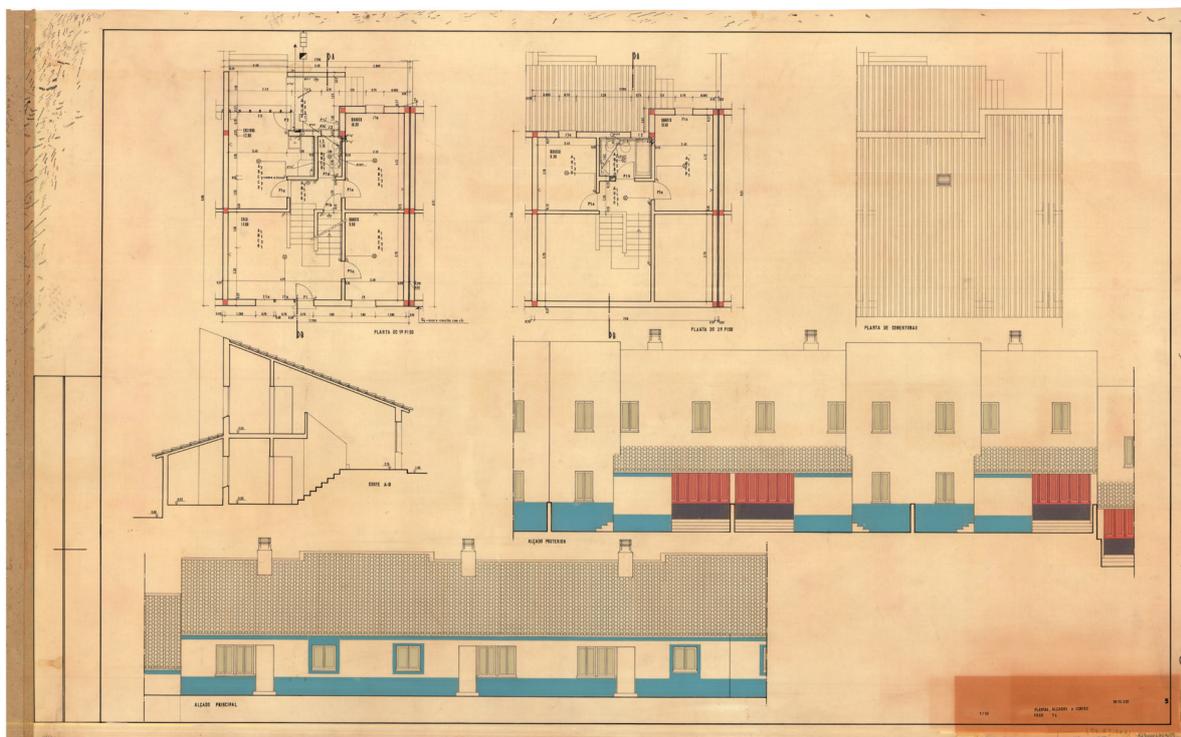


FIGURA 3. Projecto: fogo T4 – plantas, alçados e cortes
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000827

s.d.

CONJUNTO HABITACIONAL DE SÃO BENTO CARREIRINHA, AÇORES

Vitor Figueiredo

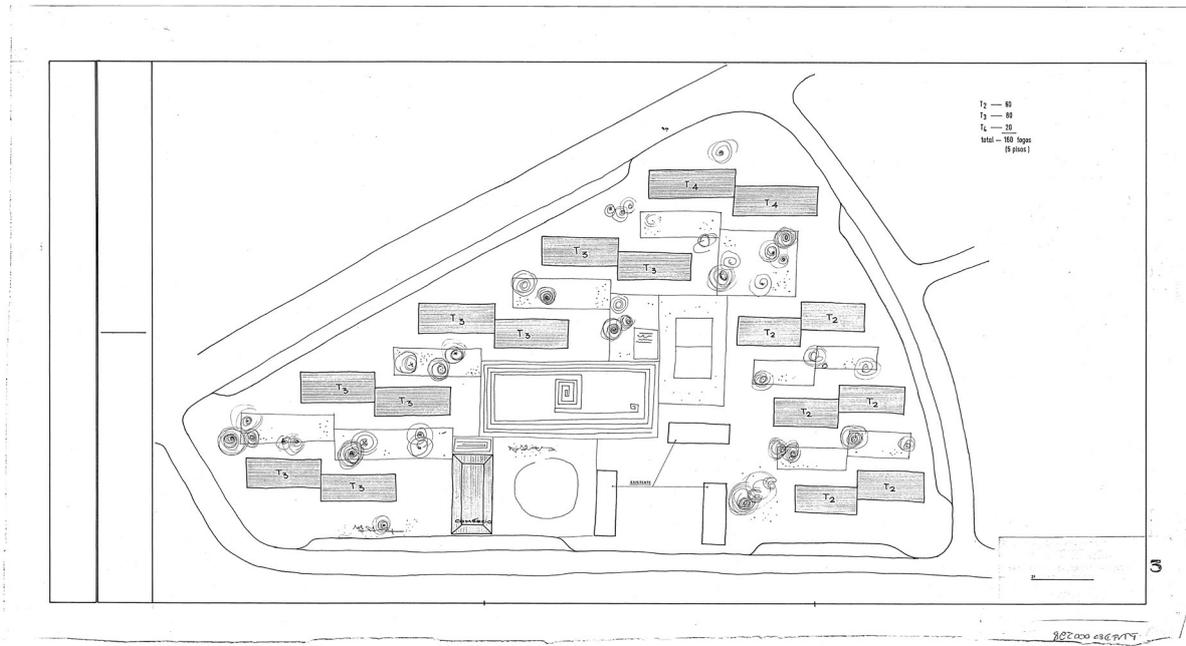


FIGURA 1. Estudo prévio: planta de implantação

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 000598

1973

CONJUNTO HABITACIONAL DE CHELAS. PUC - ZONA N2

Vítor Figueiredo, Eduardo Trigo de Sousa e Jorge Gil

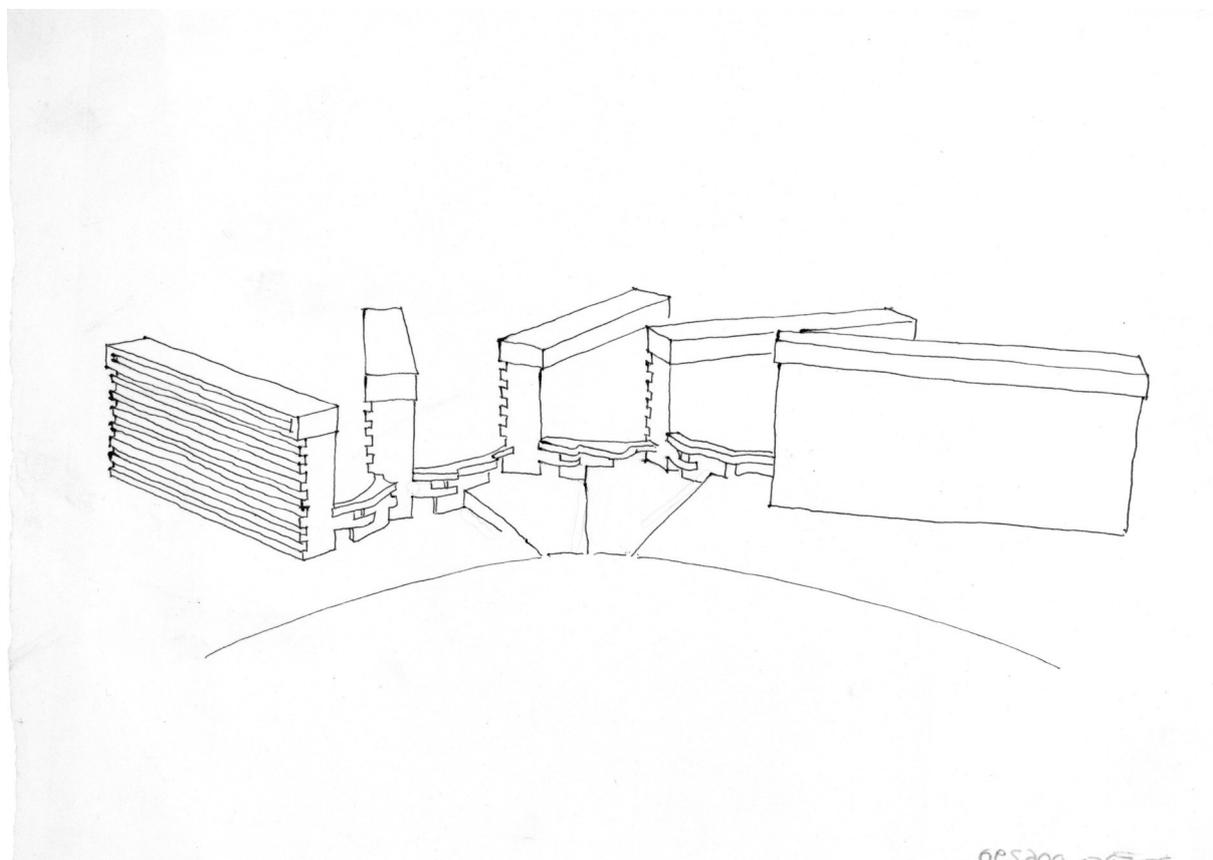


FIGURA 1. Esquízo

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 006290

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ESTUDO-BASE (1)

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 000067

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ANTEPROJETO (2)

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 000068

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

O presente trabalho integra-se num mais vasto que, abrangendo adentro do Plano de Urbanização de Chelas a zona N2, foi atribuído a um conjunto de várias equipas.

Assim, a solução apresentada é decorrente de um prévio trabalho comum dessas mesmas equipas, em colaboração com técnicos do Gabinete Técnico da Habitação, e das consequentes imagens e intenções acordadas a partir do plano de urbanização original.

O programa específico para a nossa equipa era a concretização de 330 fogos de Categoria I.

2. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO (...)

2.1 - Localização e integração urbanística

O conjunto apresentado localiza-se num dos extremos da zona N2, marginalmente ao sistema de duas vias que estrutura e contém toda a restante edificação prevista para esta zona, sobre uma encosta irregularmente acidentada e de exageradas pendentes orientadas a Sul-Poente e Sul. É constituído por dois núcleos intimamente relacionados entre si – o principal formado por edifícios de habitação e um pequeno apoio social e comercial e o segundo constituído por um complexo comercial de programa ainda a definir e que consequentemente surge nesta fase apenas com valor de proposta.

No que se refere ao núcleo habitacional a solução apresentada integra-se no todo urbanístico mas assumindo a sua situação de marginalidade sem no entanto a exacerbar ao ponto de criar como que um “ghetto”.

Assim, se por um lado se optou por uma solução que tende nitidamente para ser um objecto, contido e justificado em si mesmo, valendo como um todo, um micro-complexo que se basta espacial e visualmente, por outro lado cuidou-se que esse mesmo objecto estivesse em relação com o total da zona, especialmente com as edificações mais próximas.

Deste modo, se pela própria forma do “objecto” se pretendeu criar uma situação de termo a toda a zona, não só de um ponto de vista formal como na relação com a curva da estrada, de modo a tirar partido da sua situação de marginalidade, criando como que um abandonar tangencialmente o sistema de vias, igualmente se pretendeu, pelo paralelismo às estradas dos blocos extremos evitar uma interrupção de continuidade entre esta ponta-objecto e todo o resto da zona.

Foi preocupação que presidiu a todo o estudo, e consequentemente à proposta apresentada, a necessidade de que a solução aos dados do problema, incluindo a difícil topografia, teria que simultaneamente ser capaz de caracterizar uma tipologia urbana de habitação, não só em função de um modo presente e futuro de habitar – já nunca mais compadecido com soluções massificantes – como ainda em função da especial situação no todo, sendo a imagem que a zona oferece a quem chega, sendo ainda um dos pontos de maior definição do “sky-line” total.

Premente se tornou assim a necessidade já há muito sentida de considerar definitivamente ultrapassada a prática neo-realista de fazer corresponder à habitação social de categorias baixas uma caracterização miserabilística, antes procurar que o espaço projectado – espaço construído e, em íntima relação, espaço inter-construção – possuísse a dignidade que permite que a arquitectura não seja apenas a resposta a uma necessidade primária mas também uma proposta poética de habitar.

Das opções expostas e ainda dos dados numéricos aplicados à topografia específica do terreno disponível, resultou a solução proposta de um conjunto em leque de cinco edifícios de galeria, em banda, articulados entre si por um sistema transversal de galerias que ligam e possibilitam a comunicação entre os topos mais próximos, regrando e definitivamente possuindo um terreno que a tal se parecia negar.

Não corresponde pois, esta solução, a uma entre muitas, caprichosa ou aleatoriamente escolhida, mas a uma intenção nítida e consciente de tomar um partido significativo e responsável que não se compadece com alternativas fáceis de naturalismo topográfico ou intromissão ruralista nas relações interior-exterior.

Quanto ao núcleo comercial, (...) ele prevê-se intimamente relacionado por um lado com o restante da urbanização, através de uma galeria aérea para peões que ele integra, a qual passando sobre a rua comercial se vai ligar a outra zona habitacional, por outro lado com o nosso núcleo habitacional em relação ao qual funciona como charneira de ligação espacial e de percursos com o todo urbanístico.

Estes dois núcleos, habitacional e comercial, se bem que intimamente relacionados apresentarão como é evidente características muito diferentes não só pela dissemelhança de programas como pela distinta sujeição económica. (1)

2.2 - Caracterização quantitativa

De alterações em relação ao estudo-prévio (...) resultou que na actual fase o conjunto projectado se compõe de 317 fogos de Categoria I, sendo 269 T3A e 48 T3.

2.3 - Acessos e circulações

O acesso automóvel ao conjunto, não sofreu grandes alterações nesta fase (...).

Entendeu-se ser de conservar a inexistência de qualquer parque automóvel ao longo da demarcação da zona limite do conjunto (confinando com o passeio público que serve a via envolvente), já que tal disposição vem reforçar o valor de atravessamento da referida zona.

A relação entre o espaço que recebe o núcleo habitacional e o que define o acesso auto, adquire igualmente uma situação de maior clareza, o que se acorda com as intenções regradas que assistem a todo o conjunto.

O parque radial, distribuído em íntima relação com o grupo de blocos e respectivas galerias de ligação, ocupa uma zona que se pretende de não permanência. O seu pavimento de textura diversa daquele que constitui o da via secundária, confere a este lugar e como valor cromático, um sentido de antecâmara. A disposição das balizagens que delimitam o estacionamento, atribuem-lhe um valor de “gaiola” estática, imagem que vem reforçar a disposição movimentada do conjunto. Assim, o que sobrevive como presença é a ordem dinâmica de tudo aquilo que está para aquém e para além dela. Deste modo sem despromover, romanticamente, a relação de dependência entre o habitar e o circular, leva-se à proximidade dos blocos o elemento medianeiro dessa relação (o automóvel) para aí mesmo o encerrar nos limites em que a sua eficácia cessa.

Ainda nesta fase de anteprojecto e como reforço do estacionamento, acrescentou-se mais um parque automóvel situado na vizinhança do bloco que encerra a zona N2 de Chelas. Igualmente se dotaram de mais alguns lugares, os parques distribuídos ao longo da via secundária de acesso auto. (...) (2)

2.4 - Implantação e espaços exteriores

A implantação processa-se não por um adaptar servil à topografia mas por um assumir desta, disciplinando-a com uma forma regrada, ganhando assim uma expressividade intencional na relação construção terreno.

Os espaços definidos entre edifícios e sua caracterização encontram-se em íntima ligação com o partido arquitectónico adoptado, não podendo assim de modo algum ser objecto de tratamento que não respeite as intenções definidas.

Queremos para esses espaços uma afabilidade, um tratamento que seja um rememorar dos pequenos jardins urbanos de Lisboa que nada têm a ver com espaços relvados onde arbustos, tufos, inertes, estratégica e sãbiamente foram dispostos.

O tratamento será então, árvores de grande e médio porte, canteiros, caminhos de saibro e “acontecimentos” como o banco, o lago, o candeeiro, o largo para jogar ao berlinde, ao peão, à cabra-cega. (...) (1)

2.5 - Equipamento

(...) dos dois núcleos de equipamento apresentados no estudo prévio, apenas o apoio polivalente prossegue para além de simples sugestão.

Este apoio é fundamental para o conjunto e será objecto de projecto próprio.

3. EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO (...)

3.1 - Forma de agrupamento e composição; acessos e circulações; orientação

(...) O conjunto é constituído por 5 edifícios, todos eles bandas com galerias e agrupados em 3 tipos – tipo A (2 edifícios, os extremos) de 9 pisos com 7 fogos por piso; tipo B (2 edifícios) de 9 pisos com 7 fogos por piso e mais um piso parcial de 4 fogos, este último em relação com a topografia do terreno e tipo C (1 edifício) na situação de eixo com 9 pisos e 6 fogos por piso e mais um piso parcial de 3 fogos. (...) em relação ao estudo prévio, todo o conjunto perdeu um piso e dois dos três blocos centrais ganharam na sua totalidade 1 fogo por piso.

Os sistemas de galerias de acesso, longitudinais aos edifícios articulam-se com um sistema de galerias transversais que permite uma circulação total de todo o conjunto, aos níveis mais baixos. Nos nós de articulação destes dois sistemas situam-se não só as escadas principais e as quedas de lixo (...) como ainda os elevadores (...).

Os topos mais afastados dos edifícios possuem igualmente uma escada secundária que (...) se encontra nitidamente relacionada com a geometria do fogo T3.

O acesso aos edifícios pode assim fazer-se em qualquer dos topos sendo ainda possível em alguns casos admitir pisos elevados sem utilização de comunicações verticais, graças ao sistema de galerias transversais e mercê do seu escalonamento em altimetria.

A cor geral de toda a edificação é o branco. (...)

A orientação dos fogos varia de edifício para edifício ocupando as galerias sempre o lado mais a Sul ou Nascente. (...)

4. FOGOS (...)

4.1 - Organização interna

(...) Pensado como organismo dinâmico, o conjunto não privilegia sectores particulares de si mesmo, mas antes se oferece como uma totalidade a Habitar.

Tal ordem de intenções remeteu para a organização interna do fogo, a resolução de um espaço que, sem despromover a intimidade que lhe é necessária, logo apontasse para o micromundo que o prolonga para além do reduto fechado das suas paredes.

O aparecimento de um espaço central percorrendo a largura total do fogo, assinala de um modo sentido, a presença limite das fachadas que o encerram. Simultaneamente, empresta à habitabilidade do fogo o valor disponível dum espaço aparentemente supérfluo e de utilização múltipla (o que logo descongestiona o acanhamento dos quartos para além dele apropriáveis).

Pareceu ser de manter a situação independente do quarto mais avançado sobre a galeria, já que se acredita nas vantagens de um espaço-abrigo alheado das funções mais imediatas do habitar.

Assim, num conjunto orgânico onde as solicitações não morrem em si mesmas, mas antes celebram entre si um interminável jogo de prioridades lúdicas e existenciais, o fogo constitui-se como fragmento celular dum Habitar que se quer total.

4.2 -Equipamento, materiais e acabamentos

Um severo critério de menor custo norteia a proposta de equipamento e acabamentos dos fogos. (...) (2)

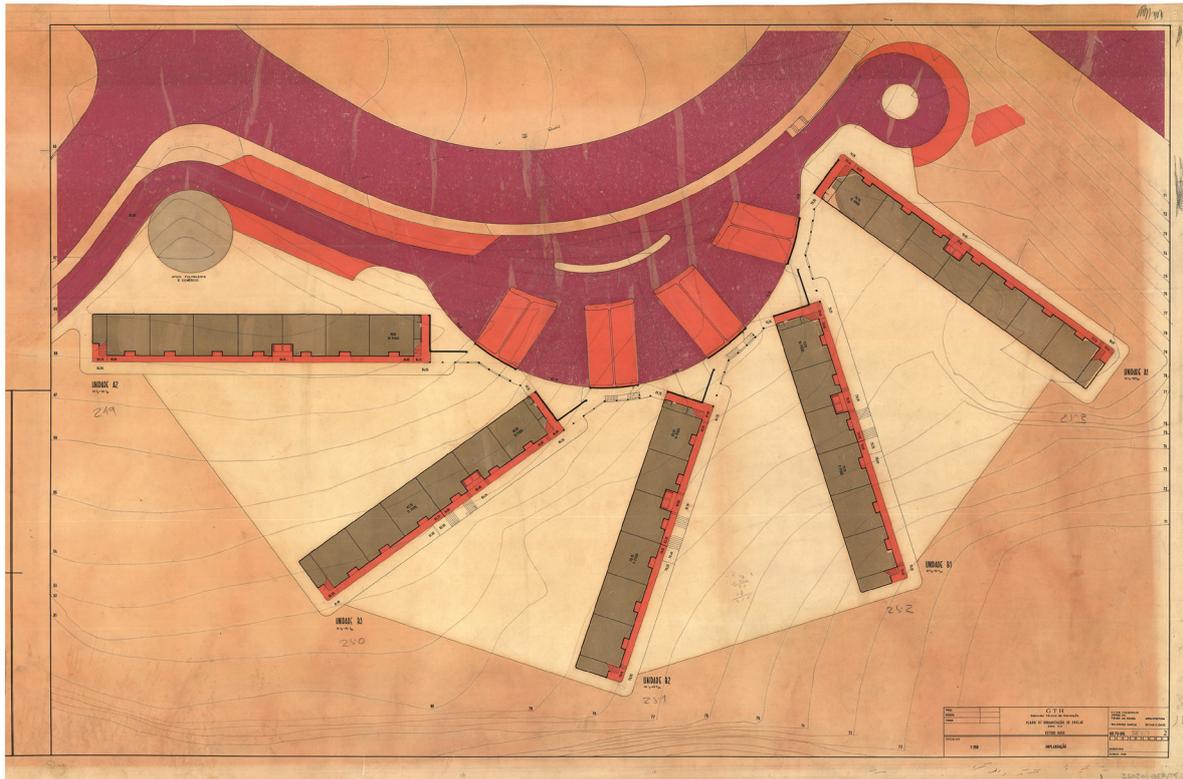


FIGURA 2. Estudo base: implantação

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001025



FIGURA 5. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)

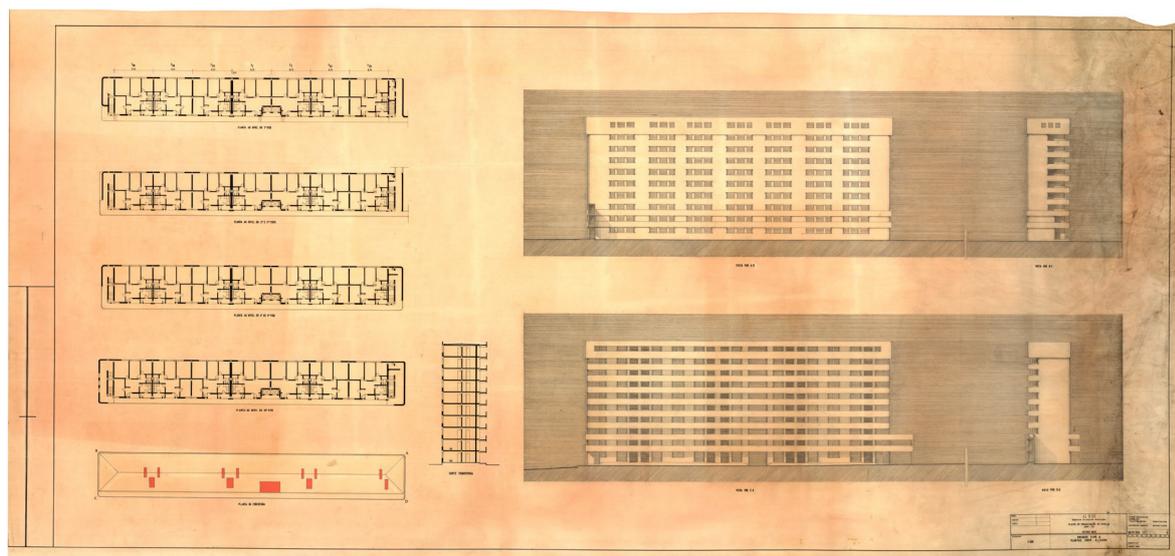


FIGURA 6. Estudo base: Unidade tipo A, plantas, corte e alçados

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001018

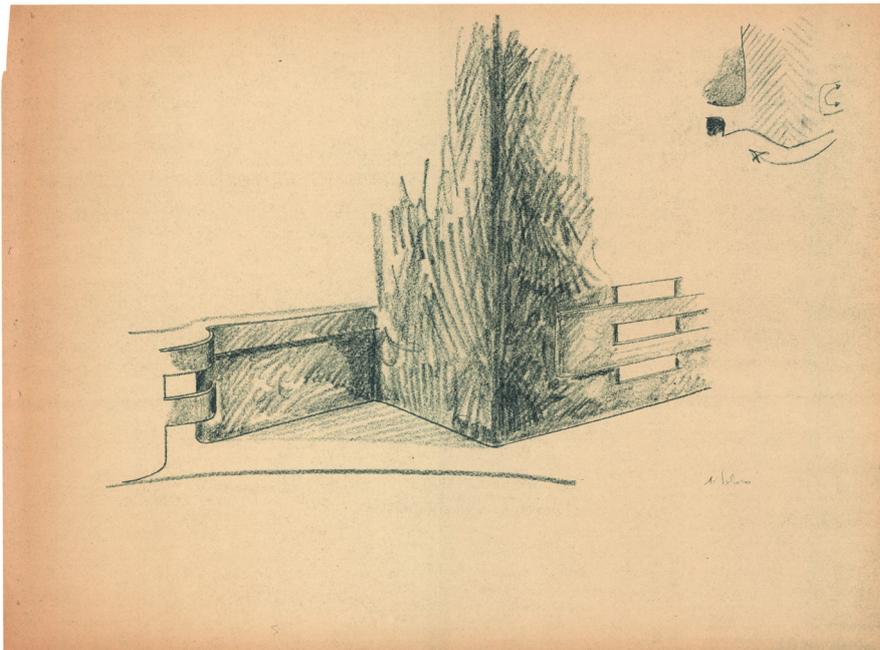


FIGURA 7. Esquiço

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 006282

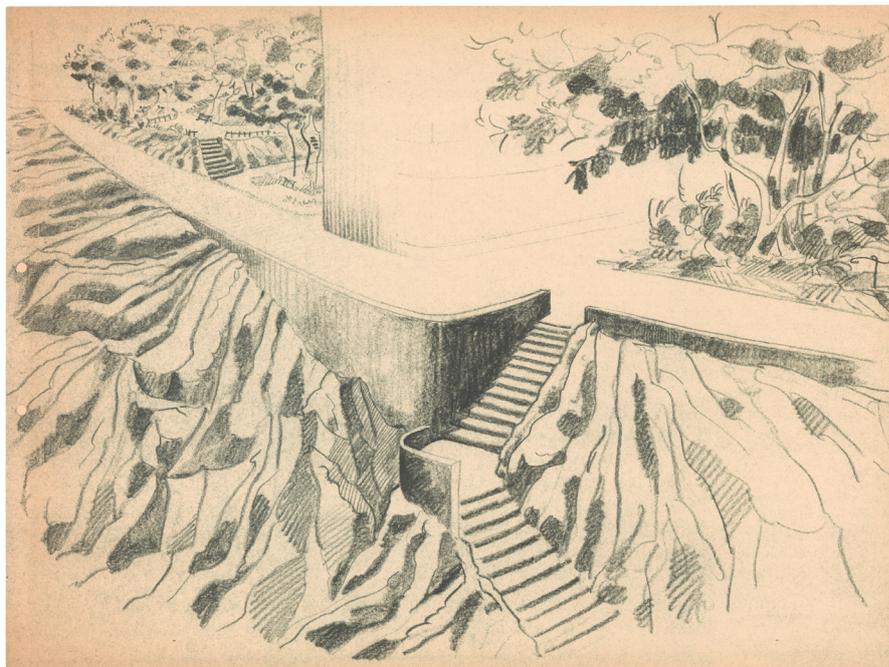


FIGURA 8. Esquiço

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 006275

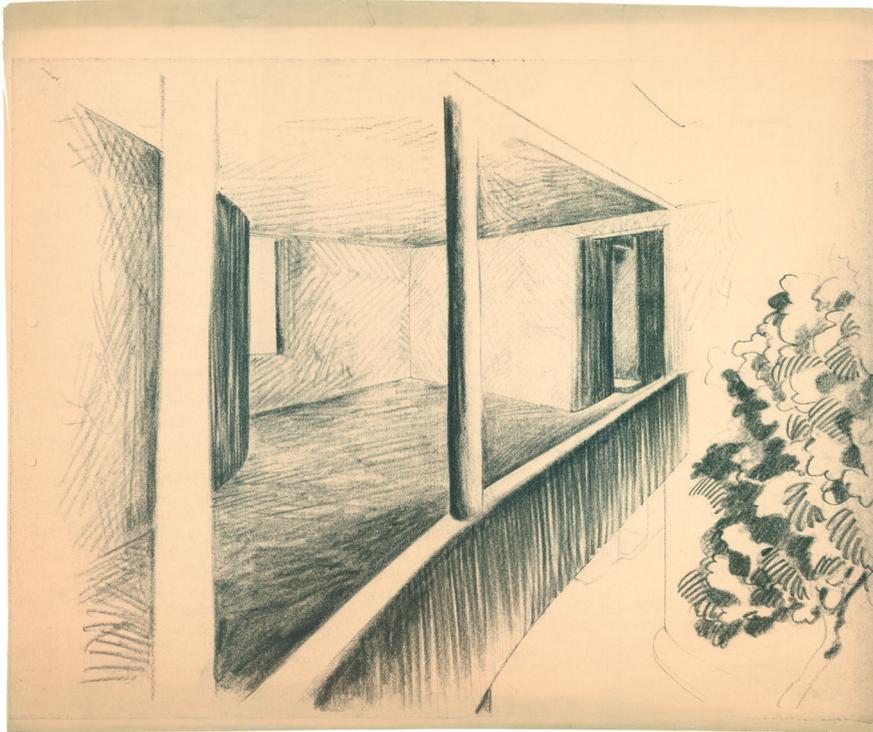


FIGURA 9. Esquiço

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 006279

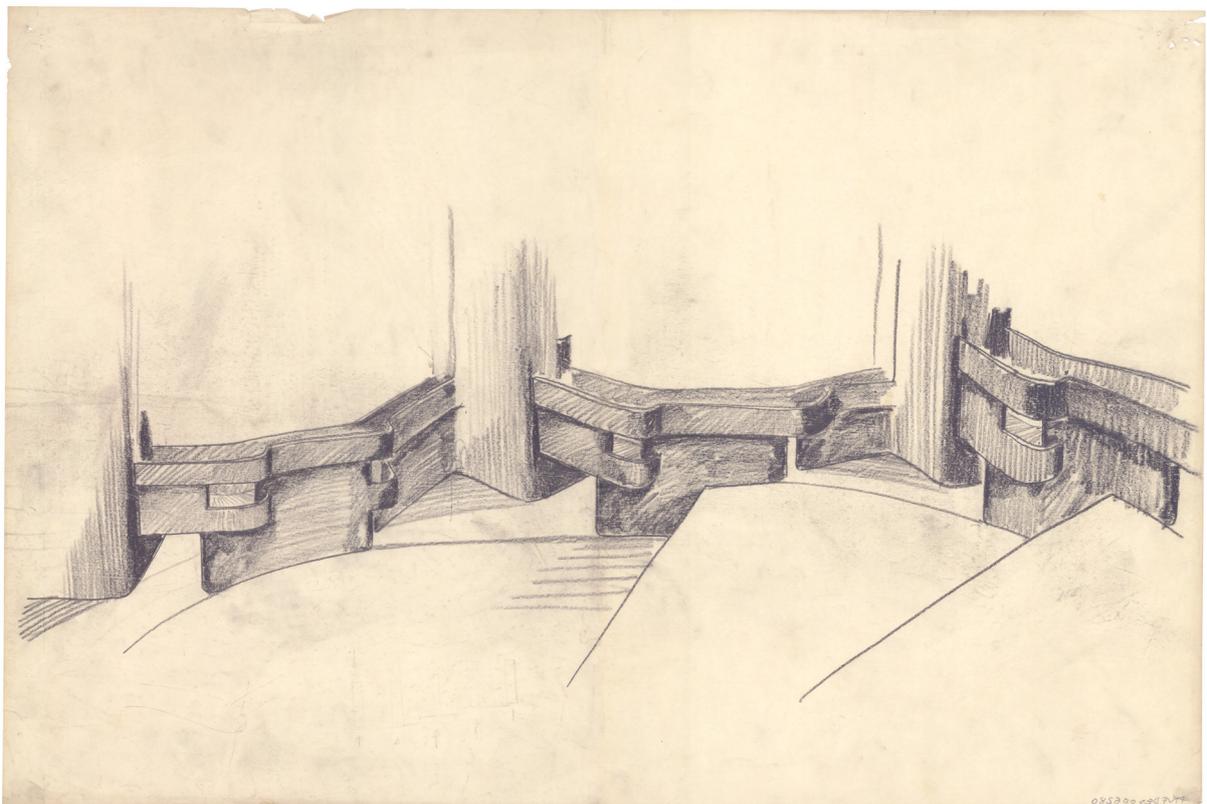


FIGURA 10. Esquiço

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 006280

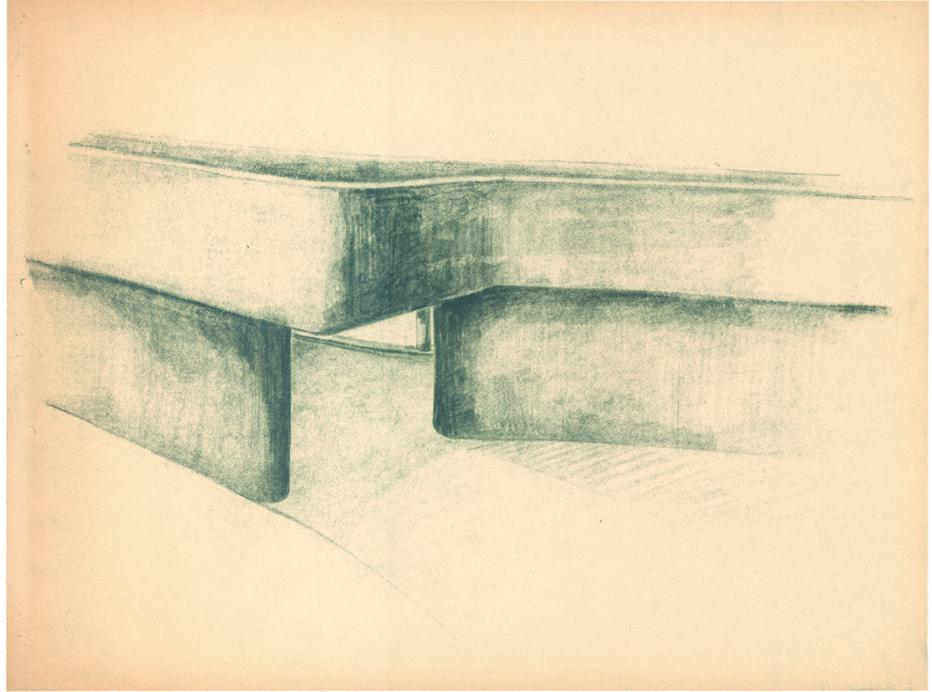


FIGURA 11. Esquiço

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 006286

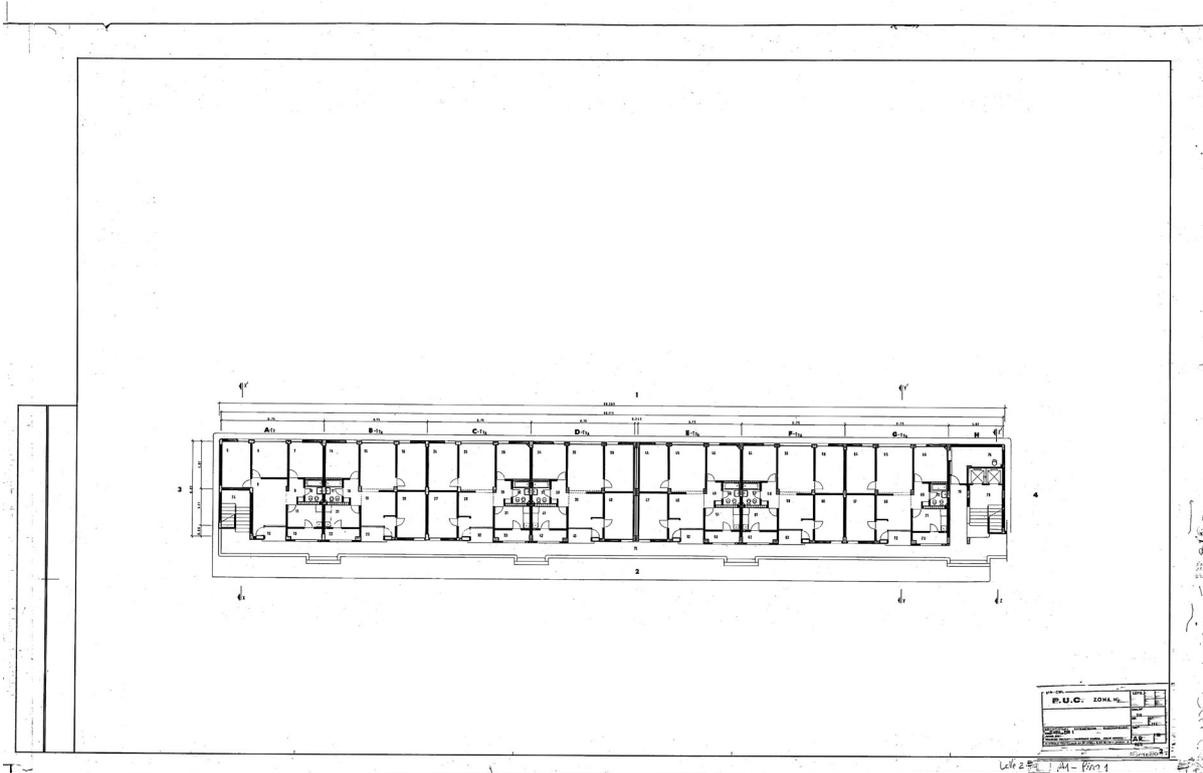


FIGURA 12. Projeto: lote 249, planta piso 1
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001037

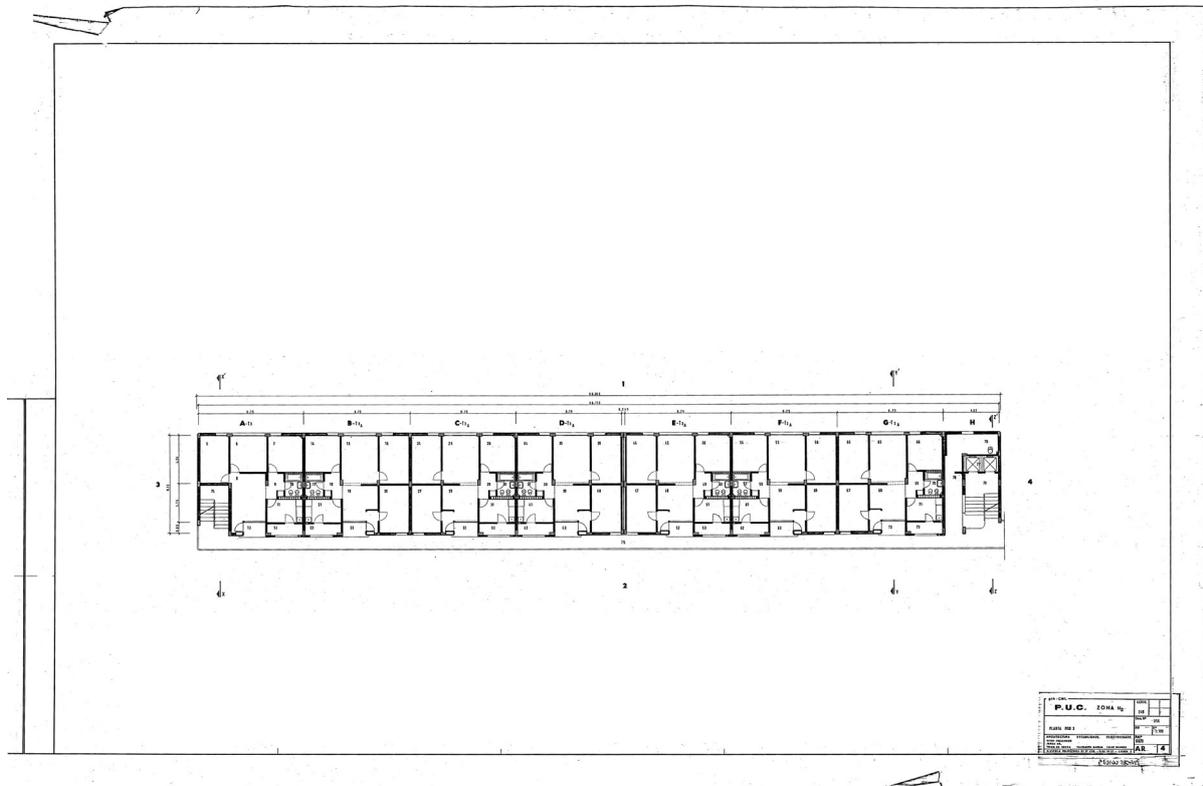


FIGURA 13. Projeto: lote 249, planta piso 3
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001039

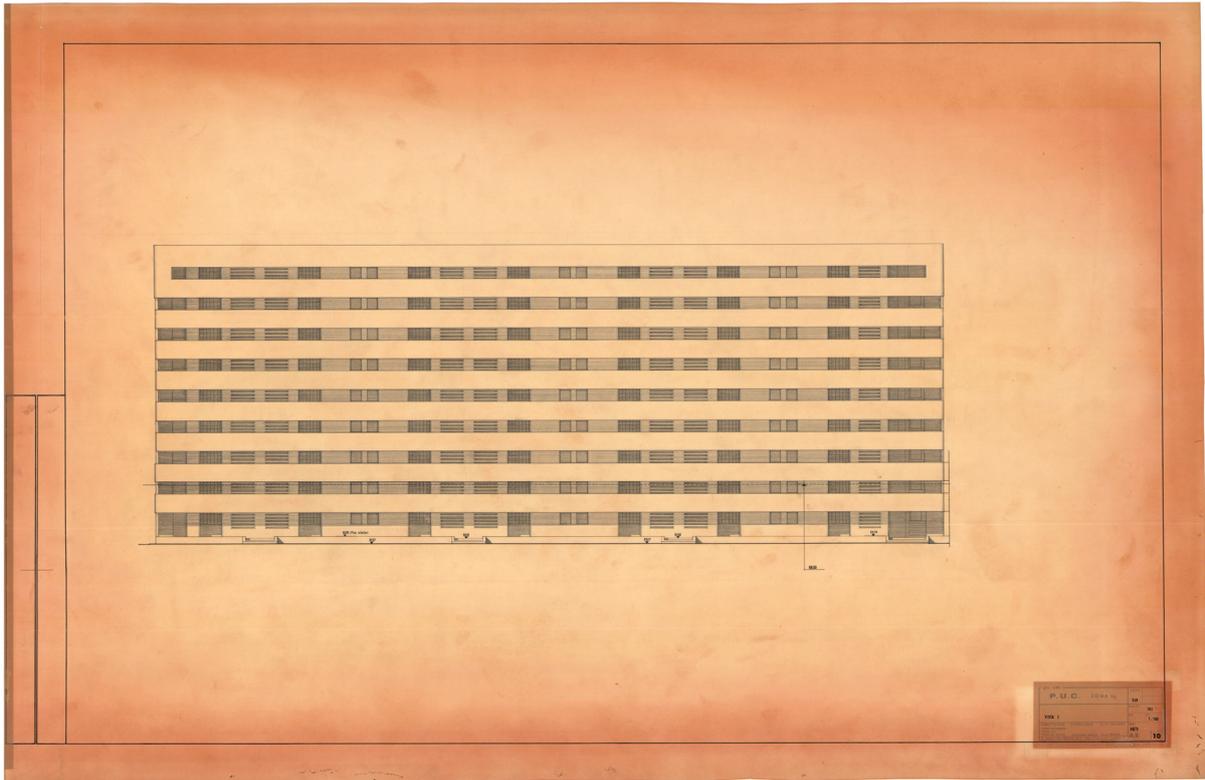


FIGURA 14. Projeto: lote 249, vista 2

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001045



FIGURA 15. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 00030, (1/2), Slide 25

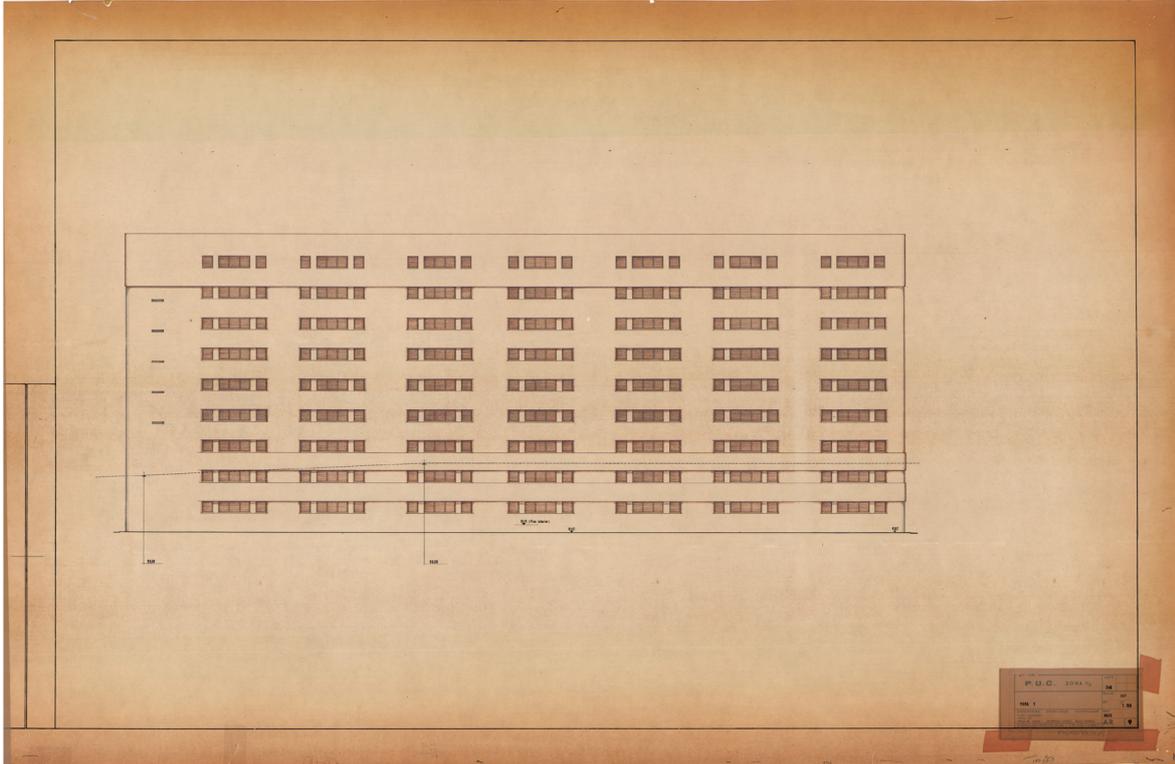


FIGURA 16. Projeto: lote 249, vista 1

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001044



FIGURA 17. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 0030, (1/2), Slide 26

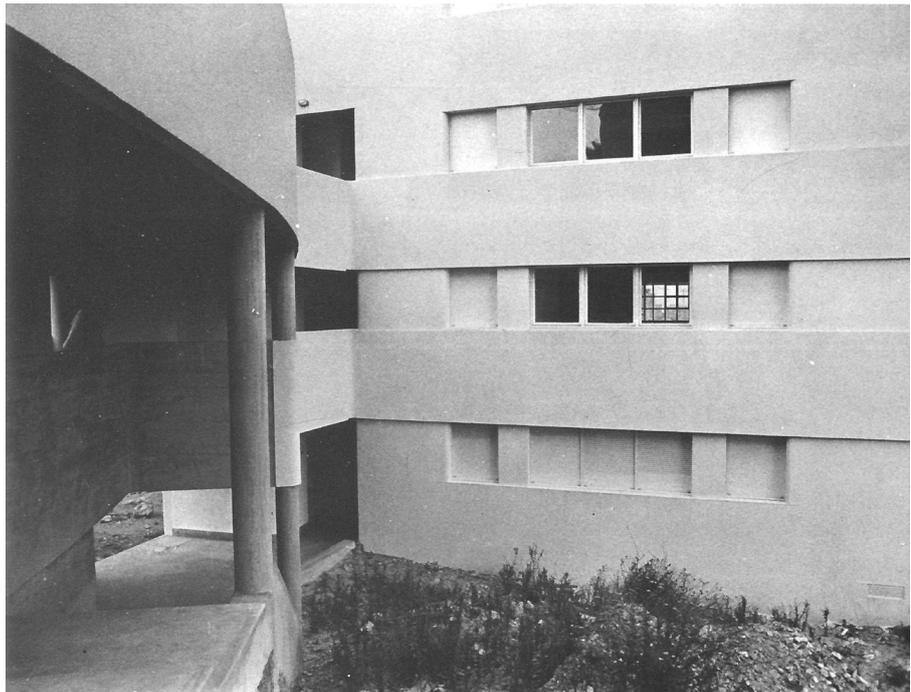


FIGURA 18. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Revista Arquitectura n.º 135 (setembro/outubro de 1979), 51



FIGURA 19. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 006145



FIGURA 20. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 006136

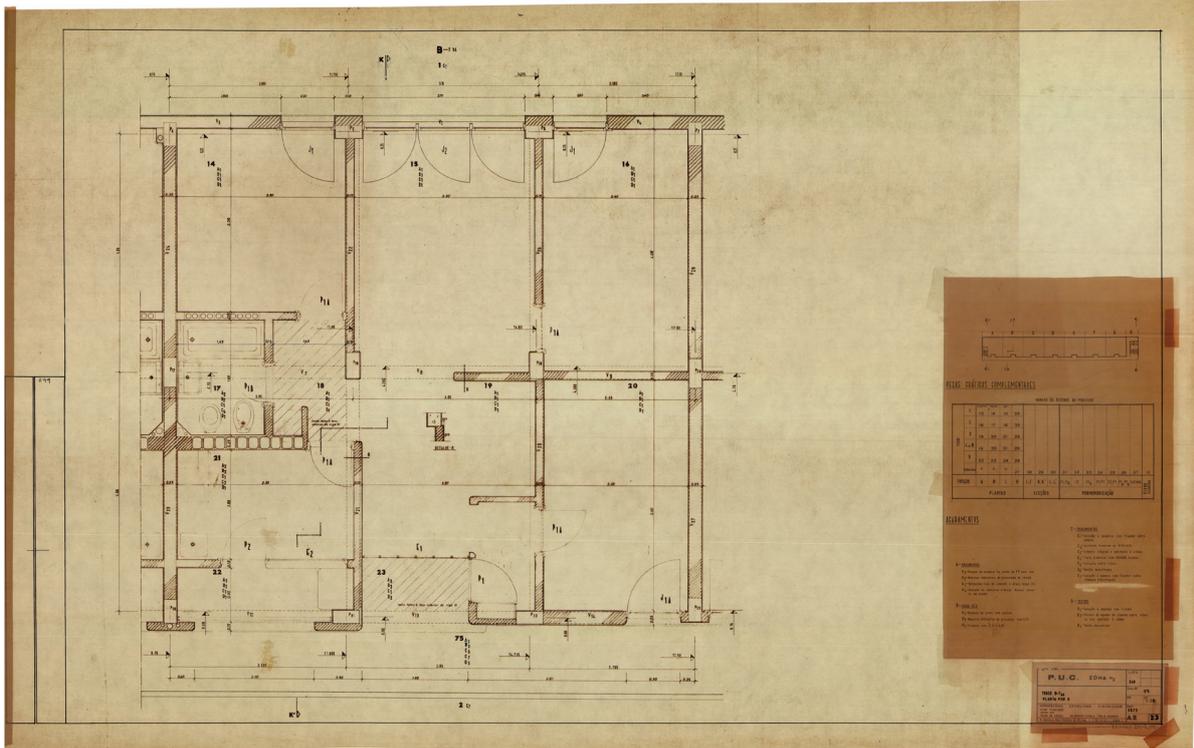


FIGURA 21. Projeto: lote 249, troço B – T3A, planta piso 9
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001055

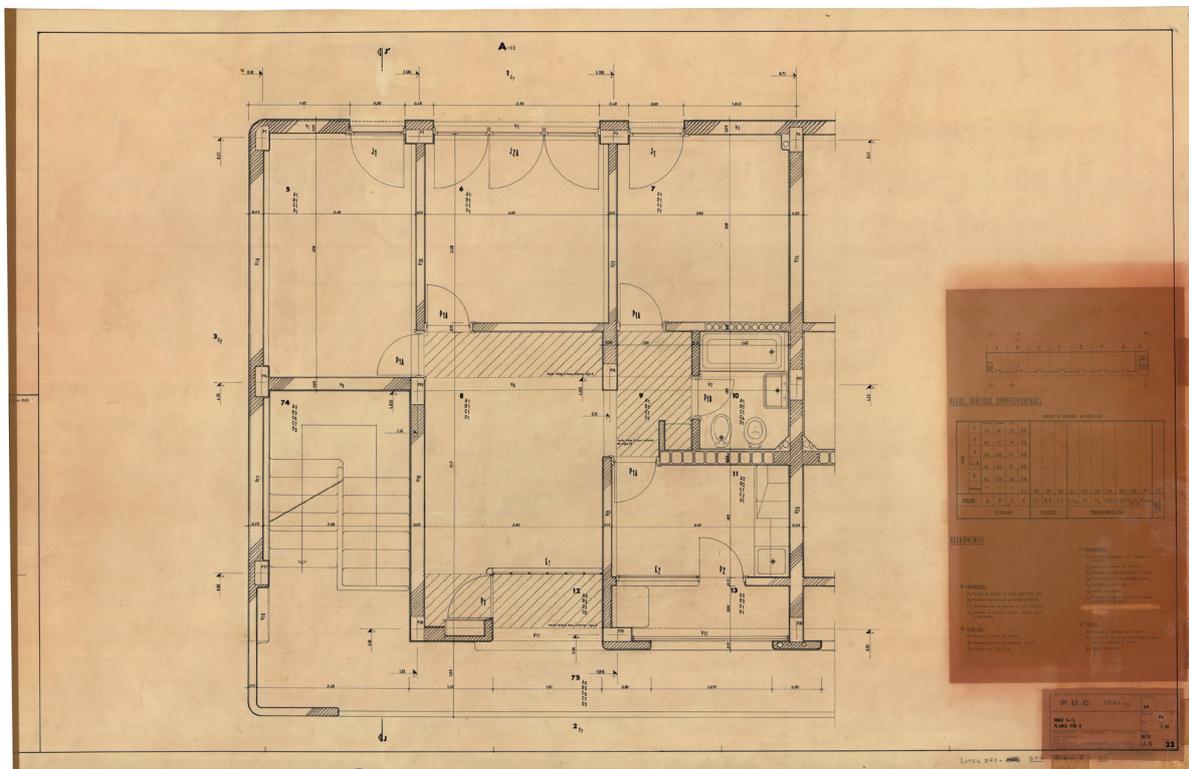


FIGURA 22. Projeto: lote 249, troço A – T3, planta piso 9
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001054

1974

CONJUNTO HABITACIONAL DO ALTO DO ZAMBUJAL

Vítor Figueiredo, Duarte Cabral de Mello, Eduardo Trigo de Sousa, Jorge Gil

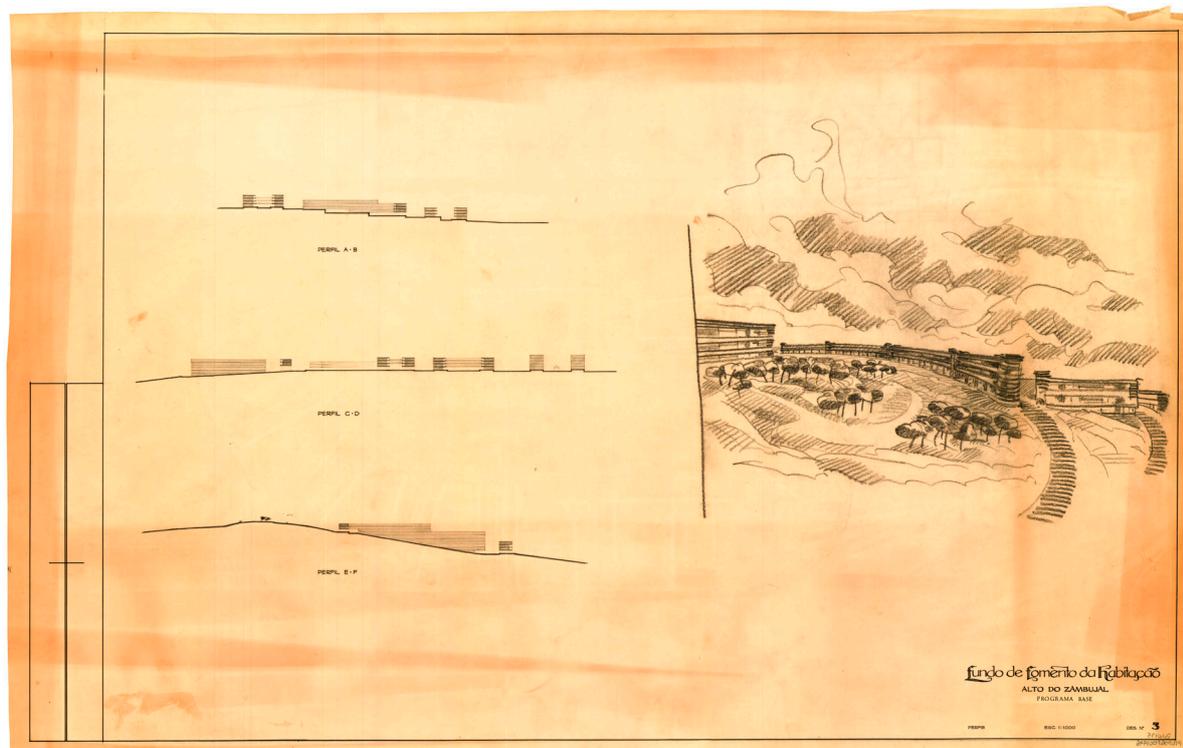


FIGURA 1. Programa base: perfis e esboços

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001946

**TEXTO QUE ACOMPANHA A APRESENTAÇÃO DO PROJETO
AO FFH**

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00164

ALTO DO ZAMBUJAL, segundo:
Cabral de Mello
Fernando Pessoa (Não-Ele-Mesmo)
Jorge Gil
Trigo de Sousa
Vítor Figueiredo

Ah, os piratas! [os piratas!]
A ânsia do ilegal unido ao feroz,
A ânsia das coisas absolutamente cruéis e abomináveis,
Que rói como um cio abstrato os nossos corpos franzinos,
Os nossos nervos femininos e delicados,
E põe grandes febres loucas nos nossos olhares vazios!

[Excerto de Ode marítima de Álvaro de Campos]

Raiva, espuma, a imensidão que não cabe no meu lenço,
A cadela a uivar de noite,
O tanque da quinta a passear à roda da minha insónia,
O bosque como foi à tarde, quando lá passeamos, a rosa,
A madeixa indiferente, o musgo, os pinheiros,
Toda a raiva de não conter isto tudo, de não deter isto
tudo,
Ó fome abstrata das coisas, cio impotente dos momentos,
Orgia intelectual de sentir a vida!

Obter tudo por suficiência divina
As vésperas, os consentimentos, os avisos,
As cousas belas da vida
O talento, a virtude, a impunidade,
A tendência para acompanhar os outros a casa
A situação de passageiro,
A conveniência em embarcar já para ter lugar,
E falta sempre uma coisa, um copo, uma brisa, uma frase,
E a vida dói quanto mais se goza e quanto mais se inventa.

[Excerto de Passagem das horas de Álvaro de Campos]

Véspera de viagem, campanha
Não me sobreaviseis estridentemente!

Quero gozar o repouso da gare da alma que tenho
Antes de ver avançar para mim a chegada de ferro
Do comboio definitivo,
Antes de sentir a partida verdadeira nas goelas do estômago,
Antes de pôr no estribo um pé
Que nunca aprendeu a não ter emoção sempre que teve
que partir.

[Excerto de Marinetti Acadêmico de Álvaro de Campos]

Passa, lento vapor, passa e não fiques ...
Passa de mim, passa da minha vista,
Vai-te de dentro do meu coração,
Perde-te no Longe, no Longe, bruma de Deus,
Perde-te, segue o teu destino e deixa-me ...
Eu quem sou para que chore e interrogue [?]
Eu quem sou para que te fale e te ame [?]
Eu quem sou para que me perturbe ver-te [?]
Larga do cais, cresce o sol, ergue-se ouro,
Luzem os telhados dos edifícios do cais,
Todo o lado de cá da cidade brilha ...
Parte, deixa-me, torna-te
Primeiro o navio a meio do rio, destacado e nítido,
Depois o navio a caminho da barra, pequeno e preto
Depois ponto vago no horizonte (ó minha angústia!),
Ponto cada vez mais vago no horizonte ...
Nada depois, e só eu e a minha tristeza,
E a grande cidade agora cheia de sol
E a hora real e nua como um cais já sem navios,
E o giro lento do guindaste que, como um compasso que
gira,
Traça um semicírculo de não sei que emoção
No silêncio comovido da minh'alma ...

[Excerto de Ode marítima de Álvaro de Campos]

O amor é que é essencial.
O sexo é só um acidente.
Pode ser igual ou diferente.
O homem não é um animal:
É uma carne inteligente,
Embora às vezes doente.

[O amor é que é essencial, Fernando Pessoa]

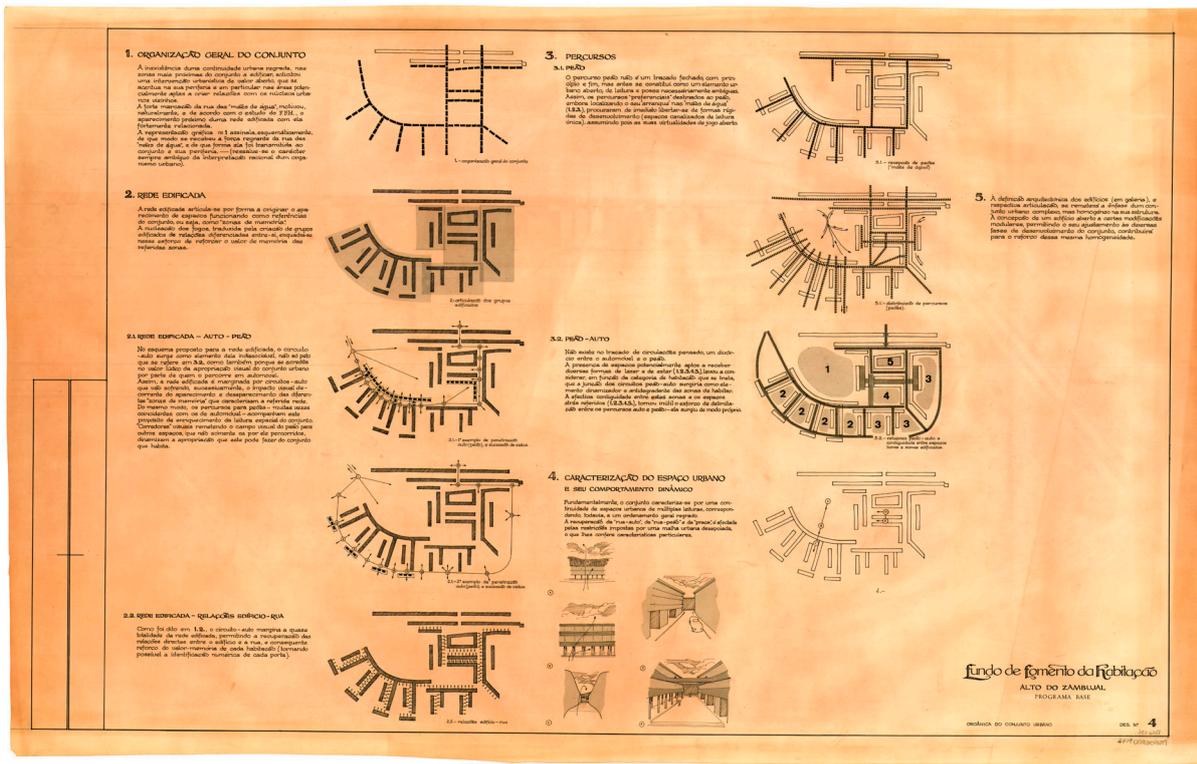


FIGURA 2. Programa base: orgânica do conjunto urbano

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 001947



FIGURA 3. Programa base: fotografia da maqueta do conjunto

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, IPA 00028224.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA_SYS/FONTES_DOC/IMAGES/00000402/02008568.JPG



FIGURA 4. Programa base: fotografia da maqueta do conjunto

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, IPA 00028224.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA_SYS/FONTES_DOC/IMAGES/00000402/02008562.JPG

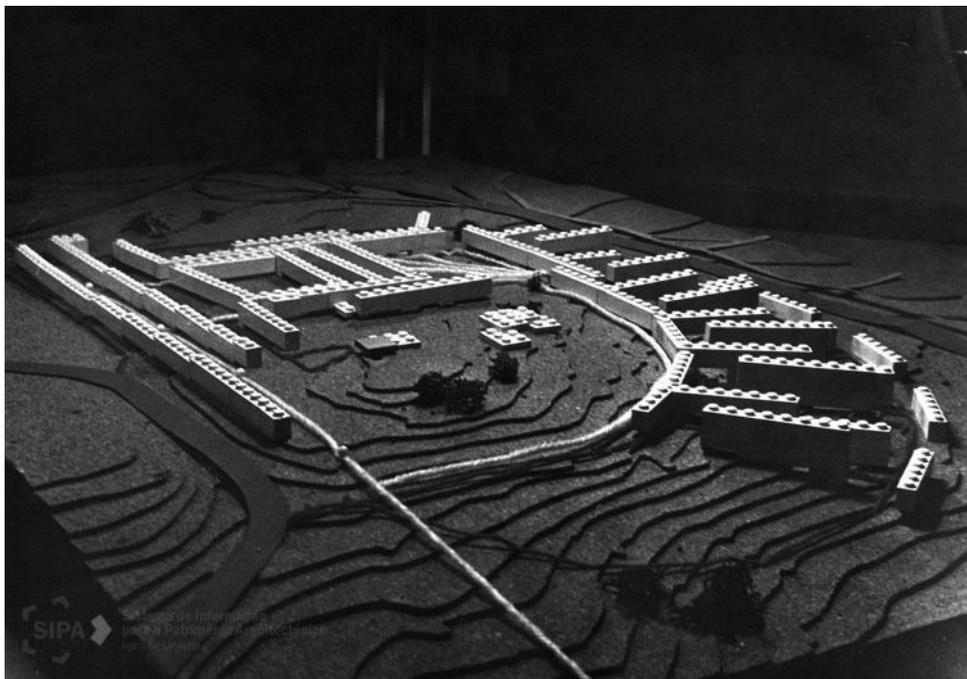


FIGURA 5. Programa base: fotografia da maqueta do conjunto

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, IPA 00028224.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA_SYS/FONTES_DOC/IMAGES/00000402/02008565.JPG



FIGURA 6. Projeto: esquiço

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 07719

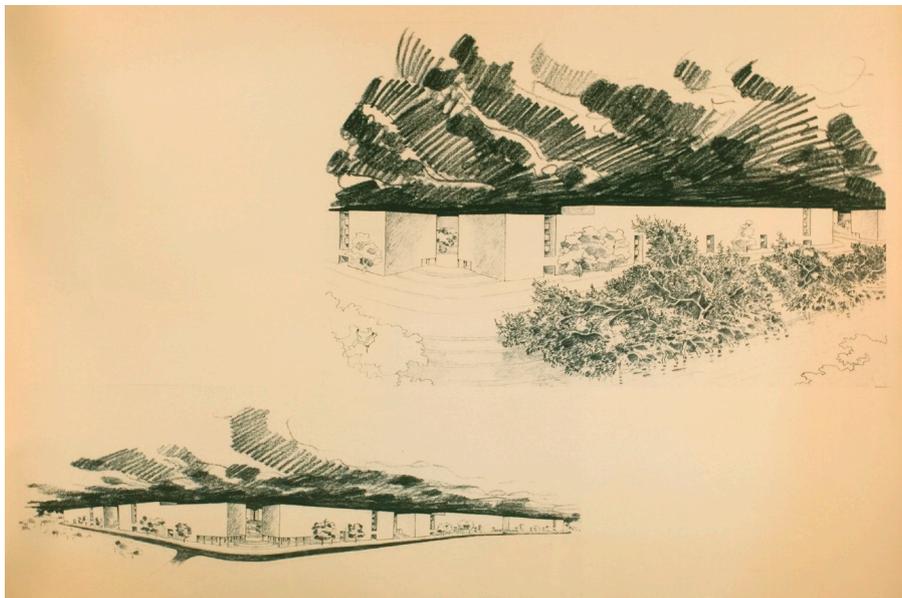


FIGURA 7. Projeto: esquiço

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 07711



FIGURA 8. Projeto: esquiço
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 07710

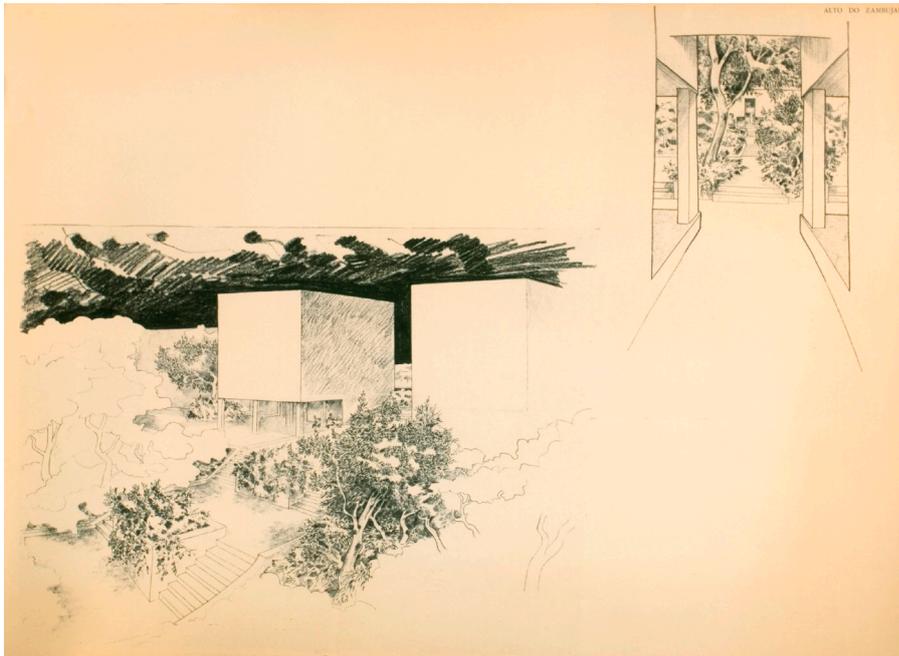


FIGURA 9. Projeto: esquiço
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 07714

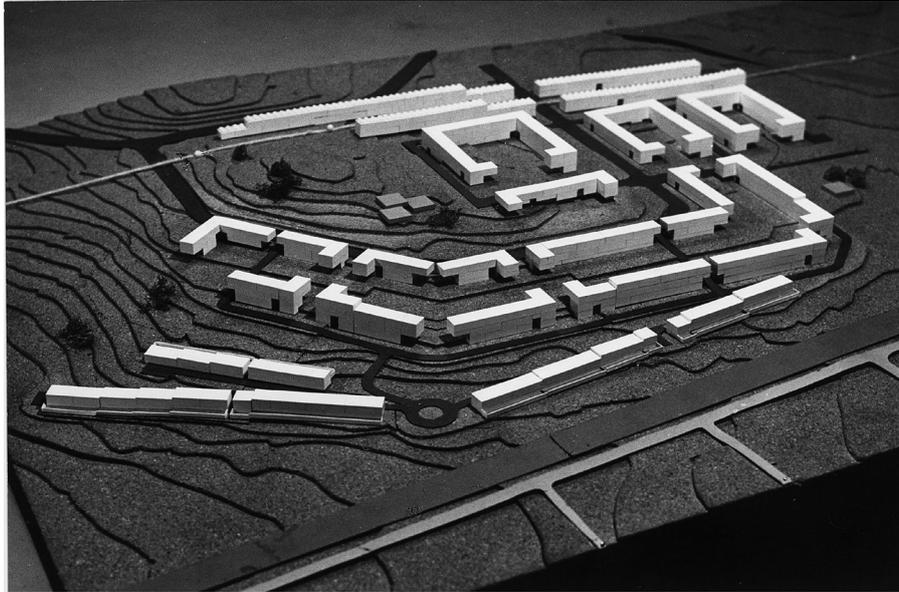


FIGURA 10. Projeto: fotografia da maqueta do conjunto

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 005374

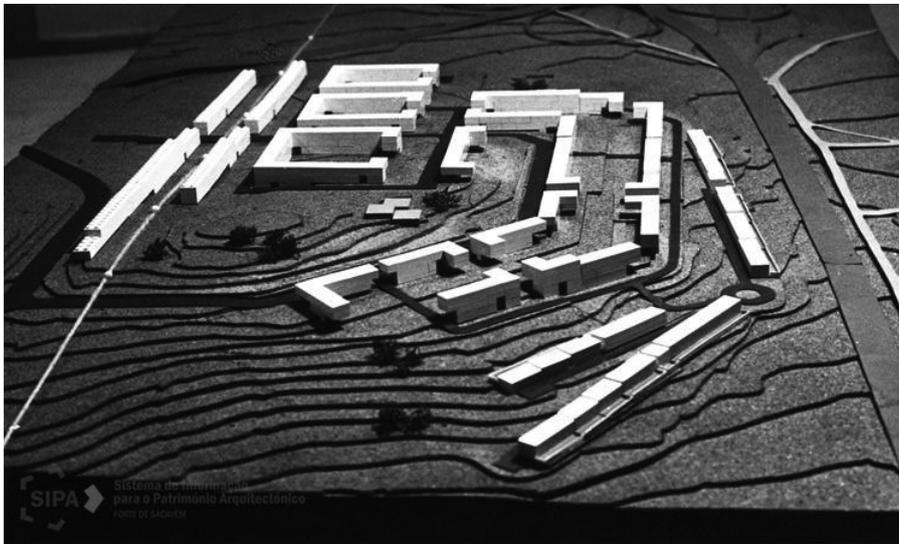


FIGURA 11. Projeto: fotografia da maqueta do conjunto

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, IPA 00028224

http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA_SYS/FONTES_DOC/IMAGES/00000402/02008559.JPG.

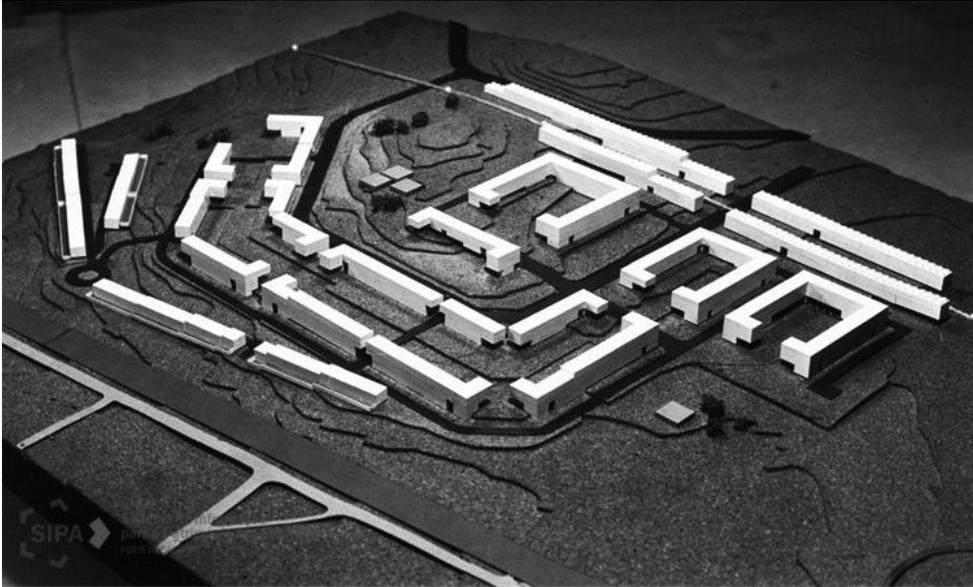


FIGURA 12. Projeto: fotografia da maquete do conjunto

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, IPA 00028224.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA_SYS/FONTES_DOC/IMAGES/00000402/02008560.JPG.

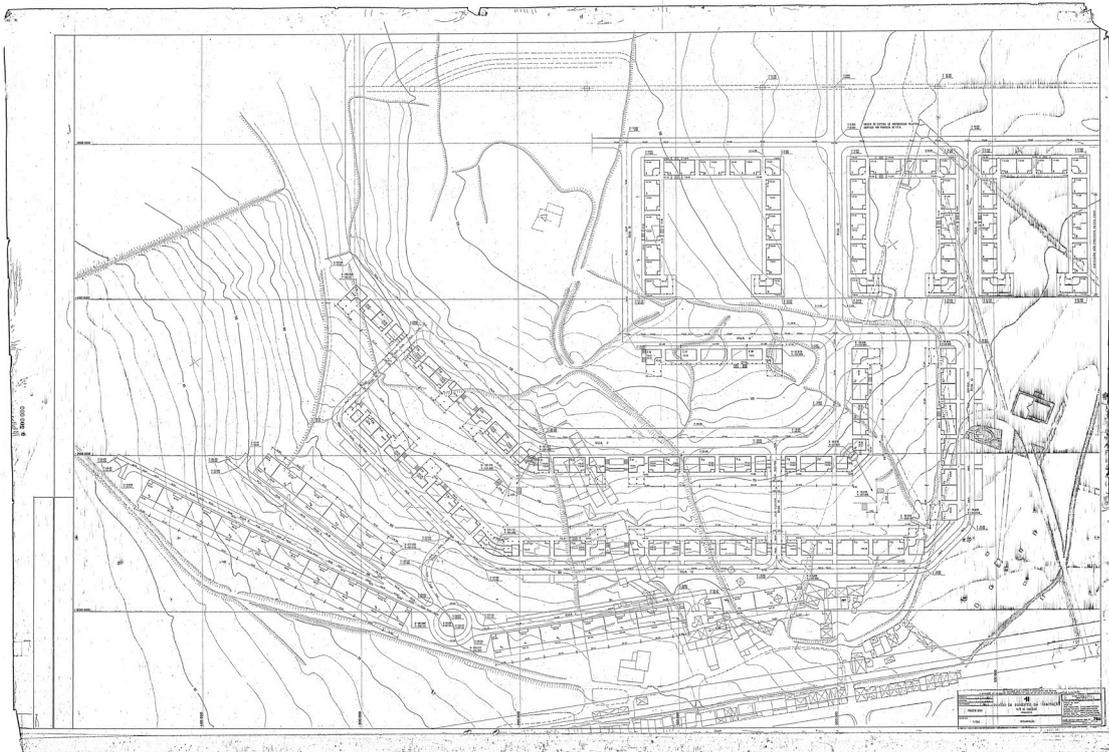


FIGURA 13. Projeto: implantação [com o terreno]

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002396

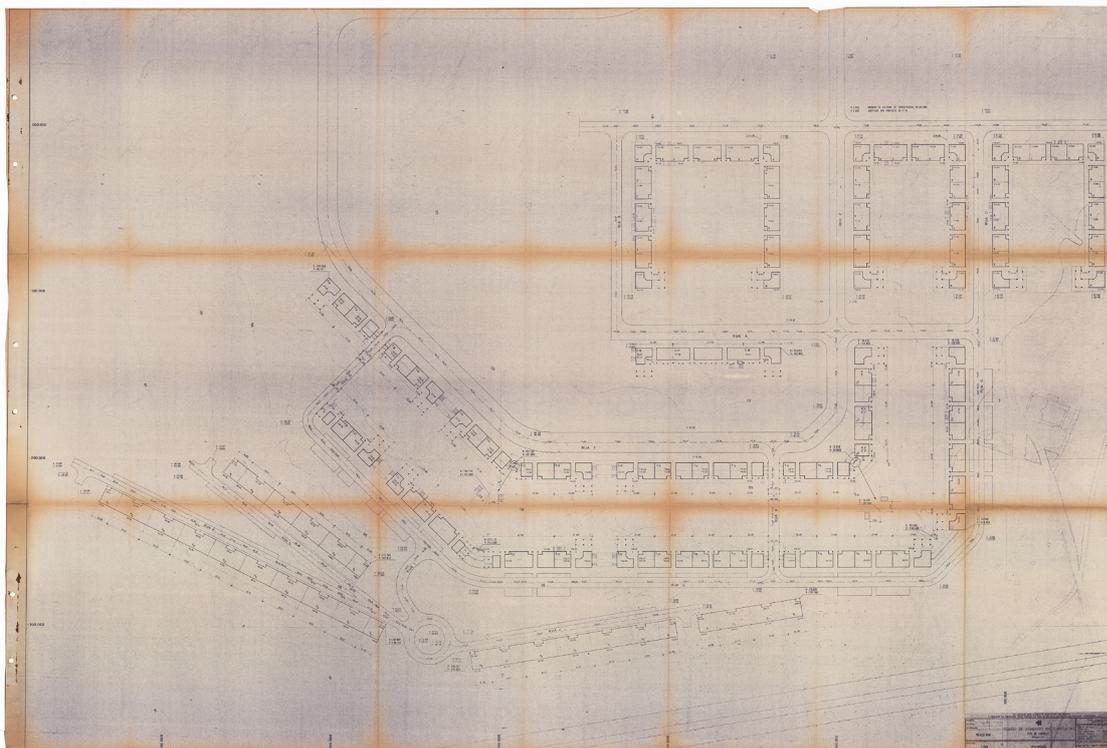


FIGURA 14. Projeto: implantação
Arquivo do FFH, IRHU/SIPA, sem identificação

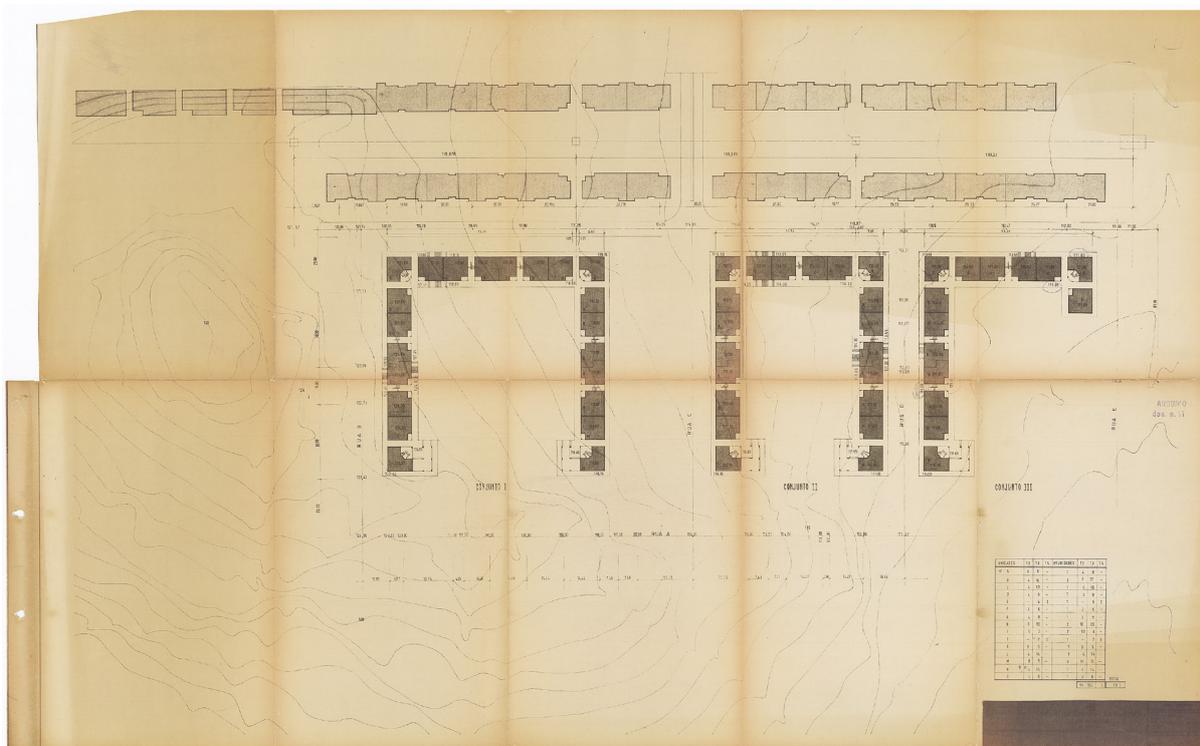


FIGURA 15. Projeto: implantação dos conjuntos [2ª fase]
Arquivo do FFH, IRHU/SIPA, UI 5376, contentor 17

CONJUNTO HABITACIONAL DO ALTO DO ZAMBUJAL

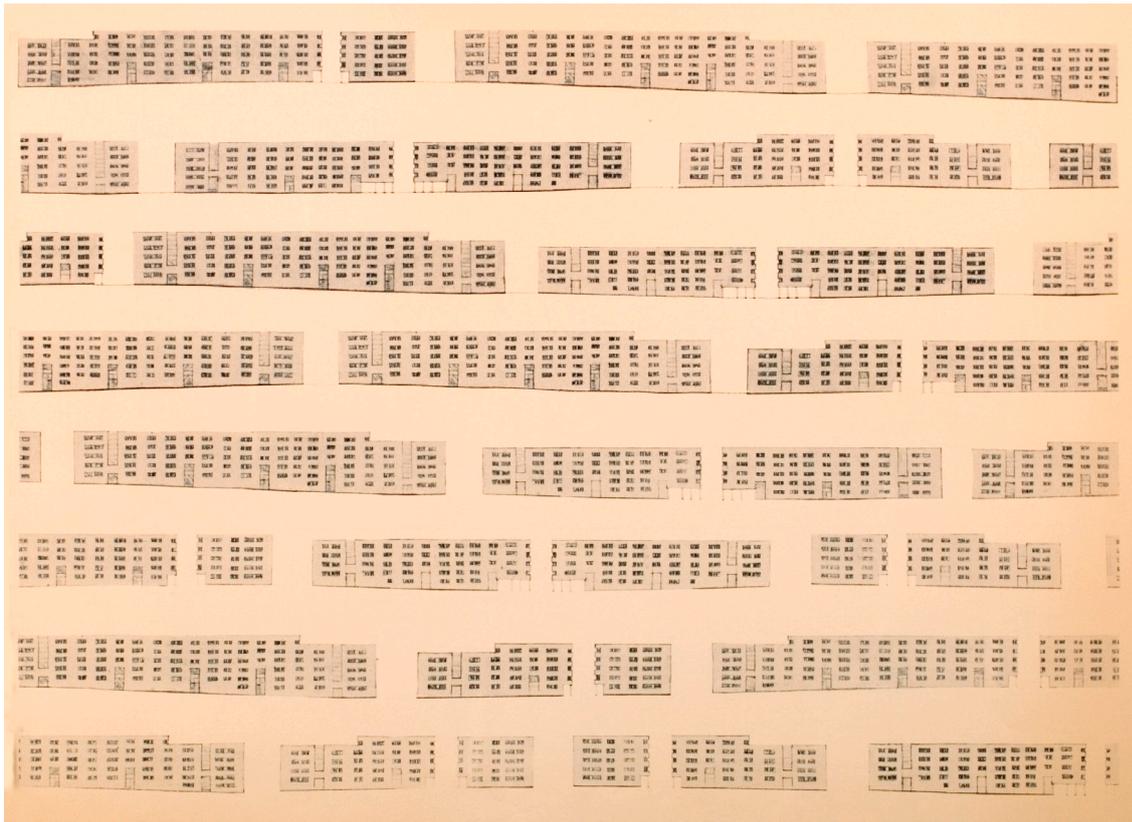


FIGURA 16. Concurso: conjunto de alçados
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 07722



FIGURA 17. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)



FIGURA 18. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 004792



FIGURA 19. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)

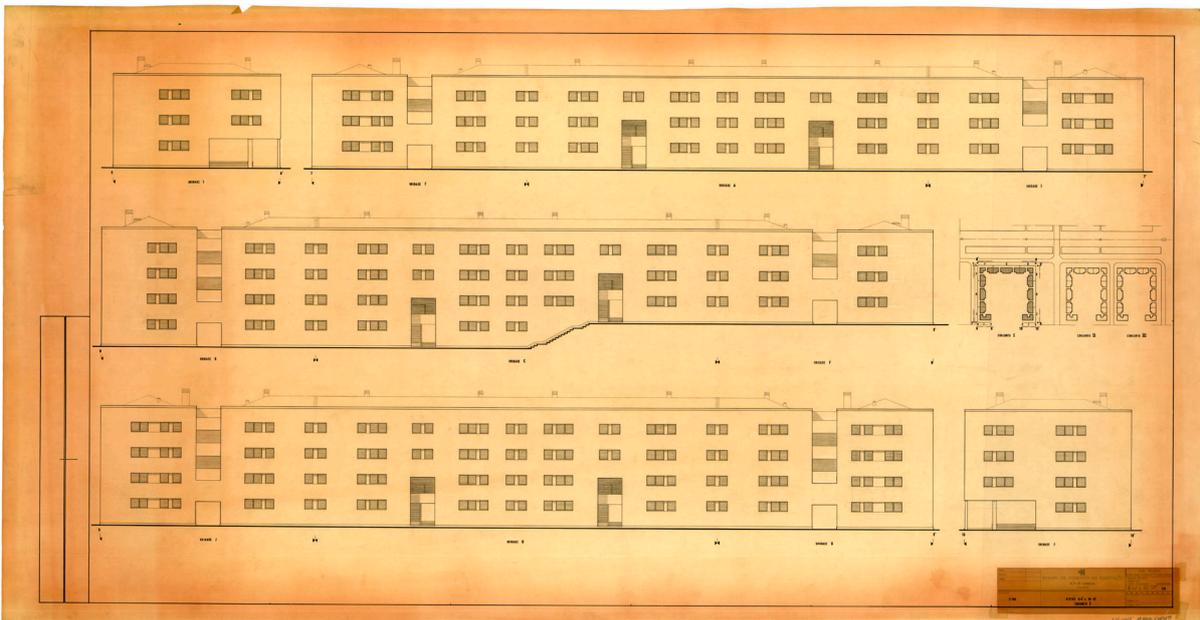


FIGURA 20. Projeto: vistas 6-6' a 10-10', conjunto I

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002632



FIGURA 21. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)

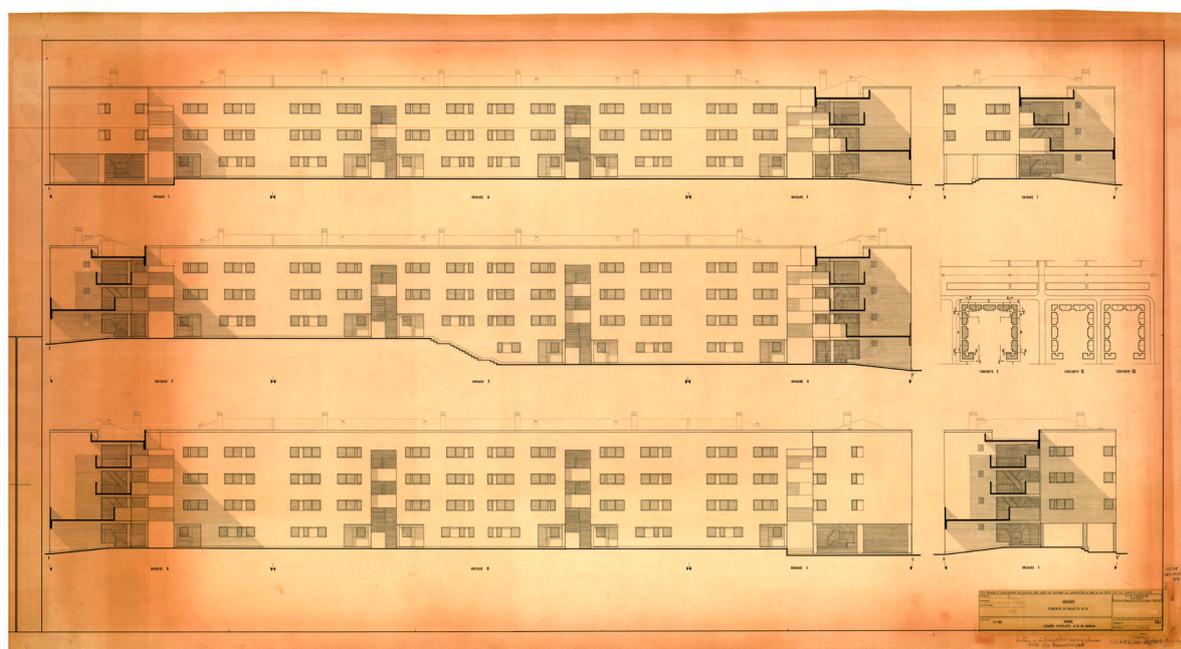


FIGURA 22. Elementos do projeto 62.75: vistas – situações exemplares

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002637

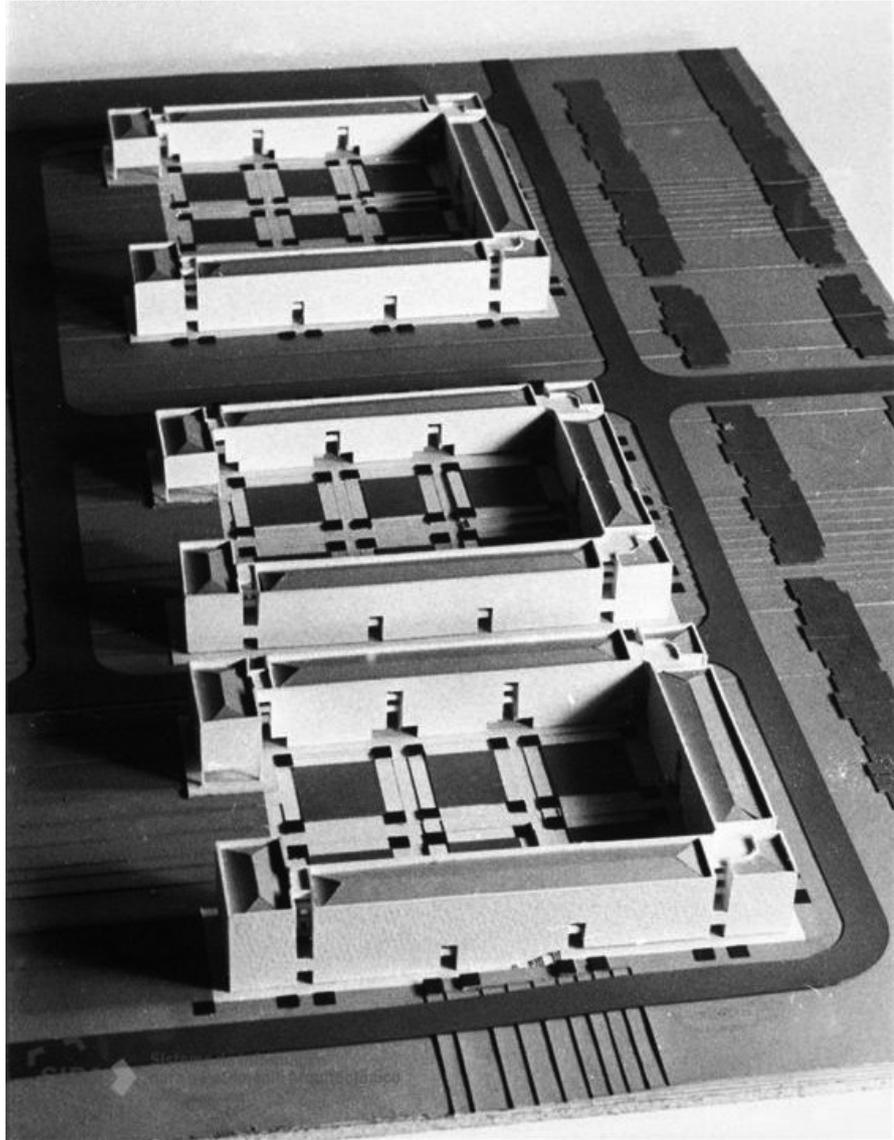


FIGURA 23. Projeto: fotografia da maquete de um quarteirão

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, IPA 00028224.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA_SYS/FONTES_DOC/IMAGES/00000402/02008567.JPG



FIGURA 24. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)

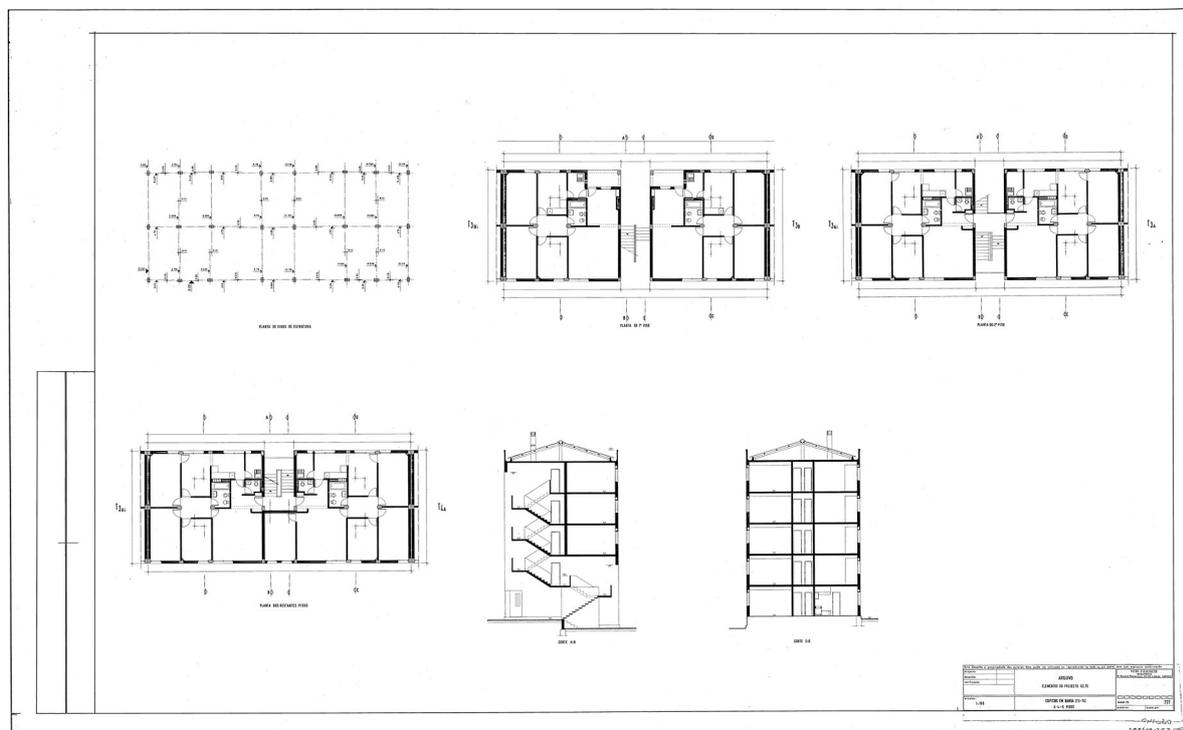


FIGURA 25. Elementos do projeto 62.75: edificios em banda, (T3-T4), 3-4-5 pisos

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002391

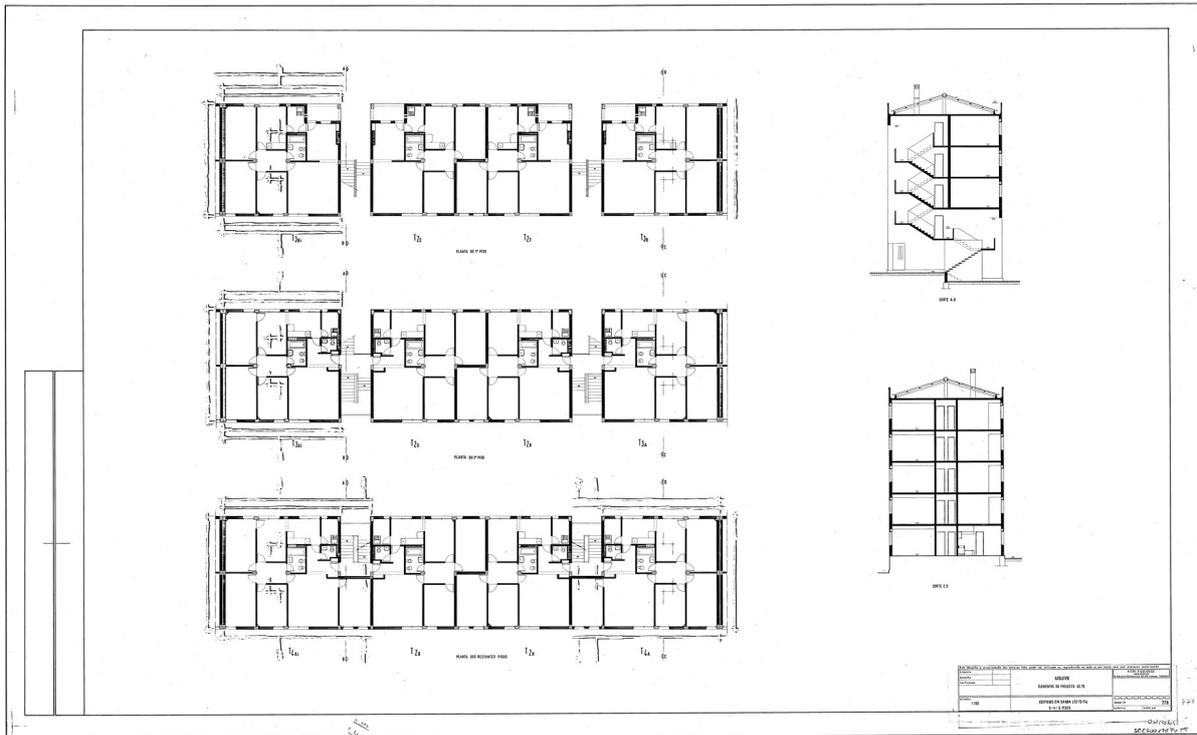


FIGURA 26. Elementos do projeto 62.75: edifícios em banda, (T2-T3-T4), 3-4-5 pisos
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002392

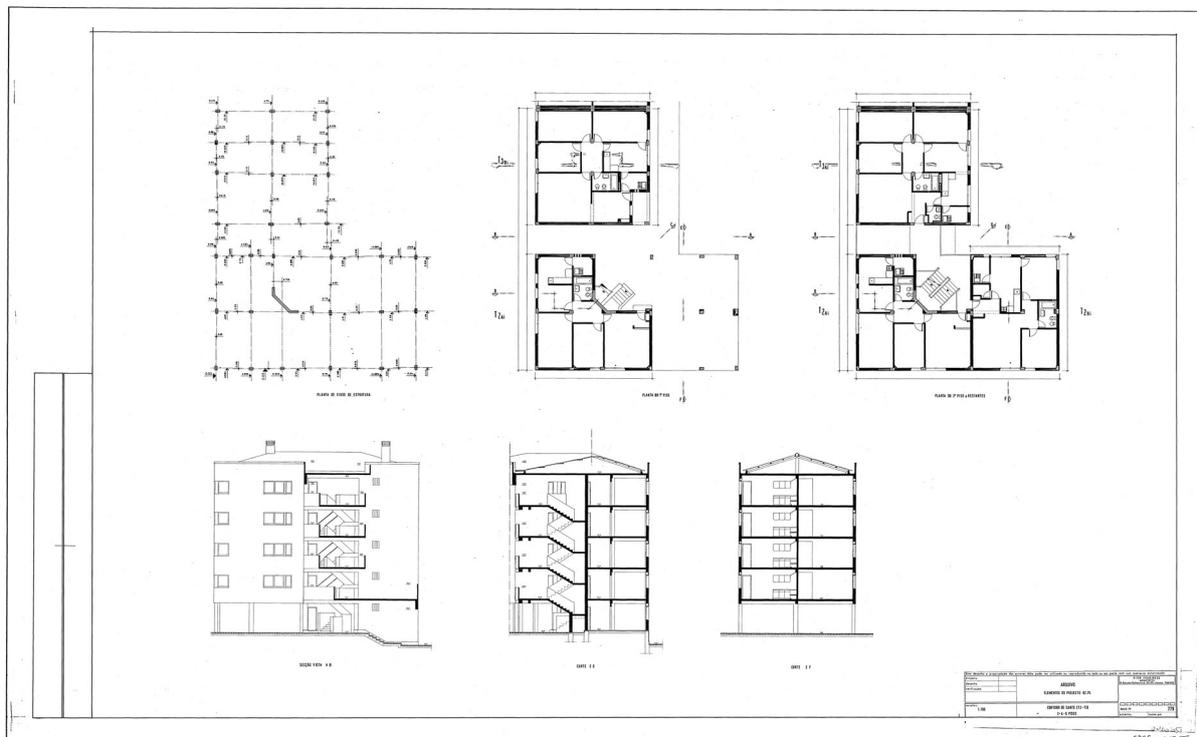


FIGURA 27. Elementos do projeto 62.75: edifícios de canto, (T2-T3), 3-4-5 pisos
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002393

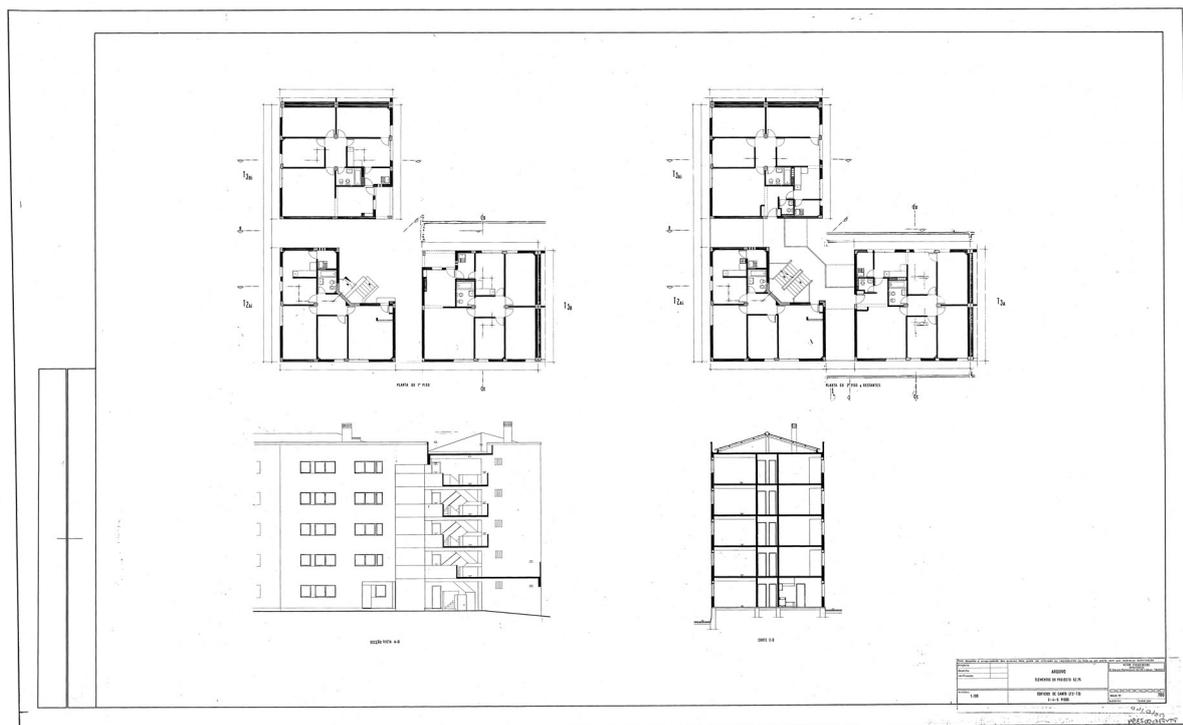


FIGURA 28. Elementos do projeto 62.75: edifícios de canto, (T2-T3), 3-4-5 pisos
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002394

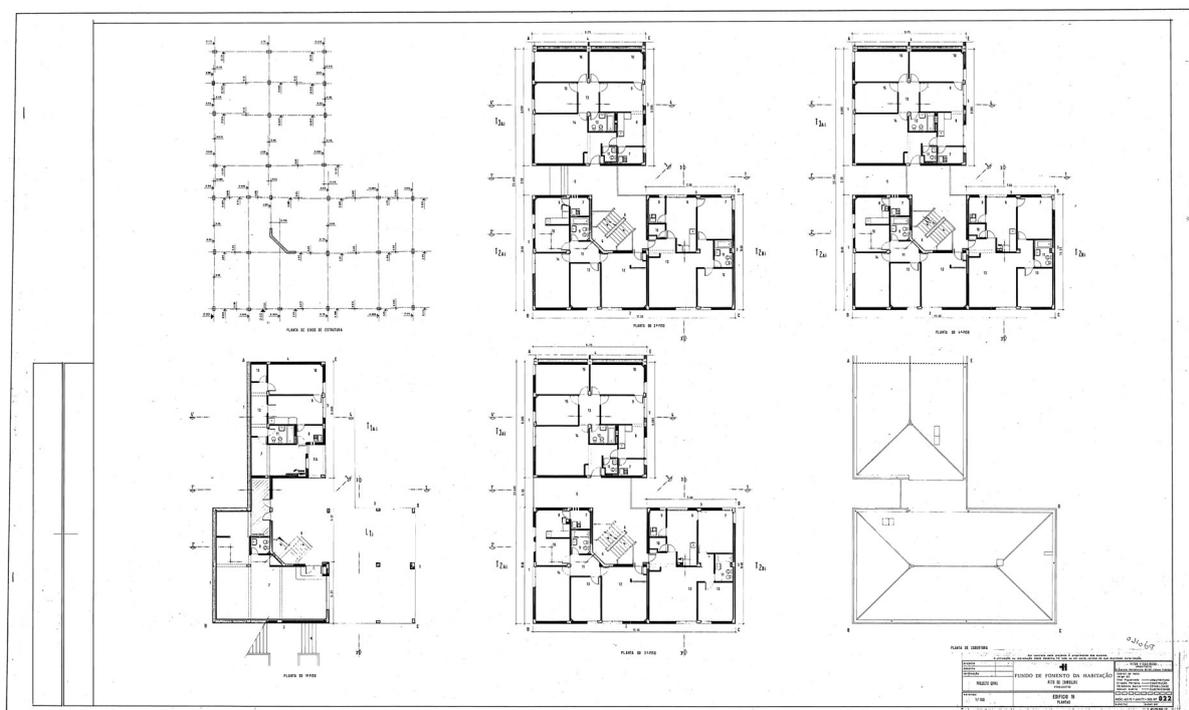


FIGURA 29. Projeto: edifício 18 - plantas
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002432

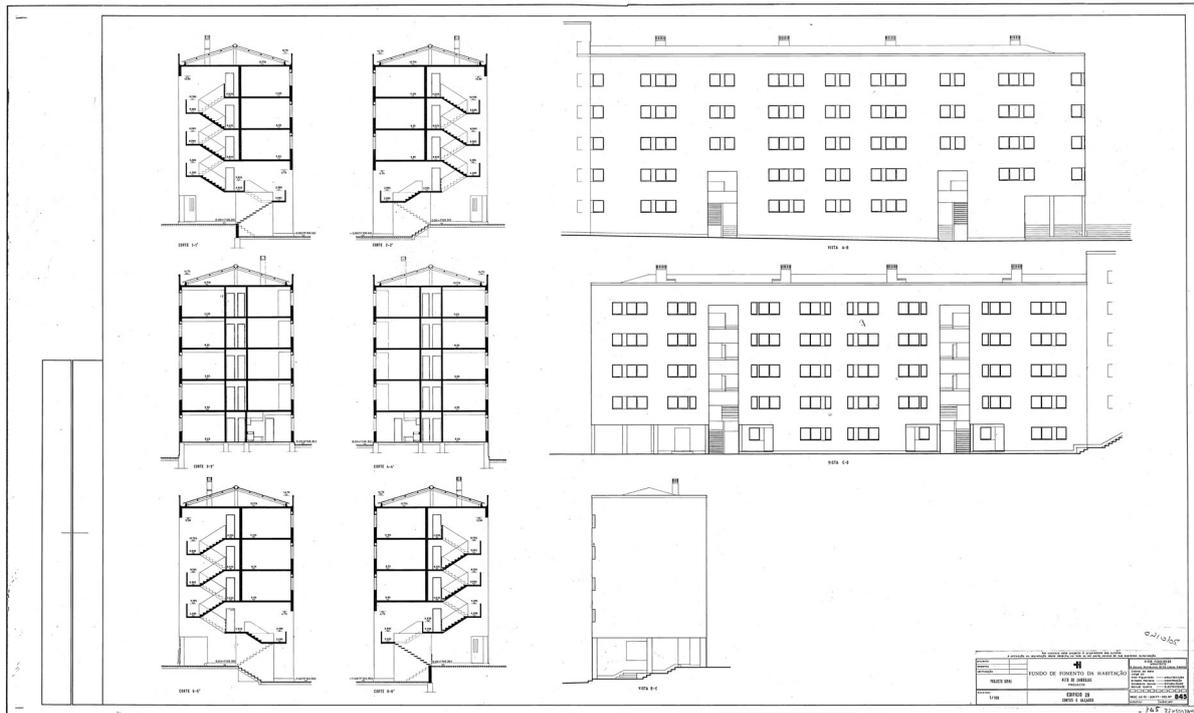


FIGURA 34. Projeto: edifício 29 – cortes e alçados
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002455

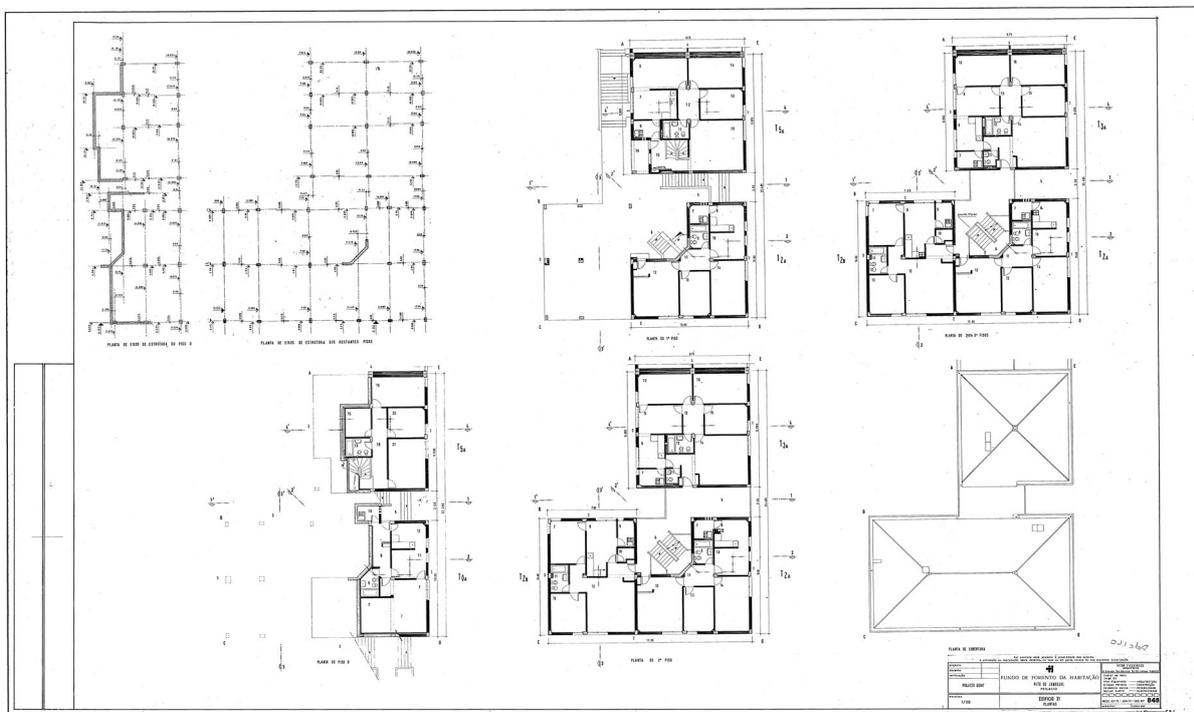


FIGURA 35. Projeto: edifício 31 – plantas
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002458

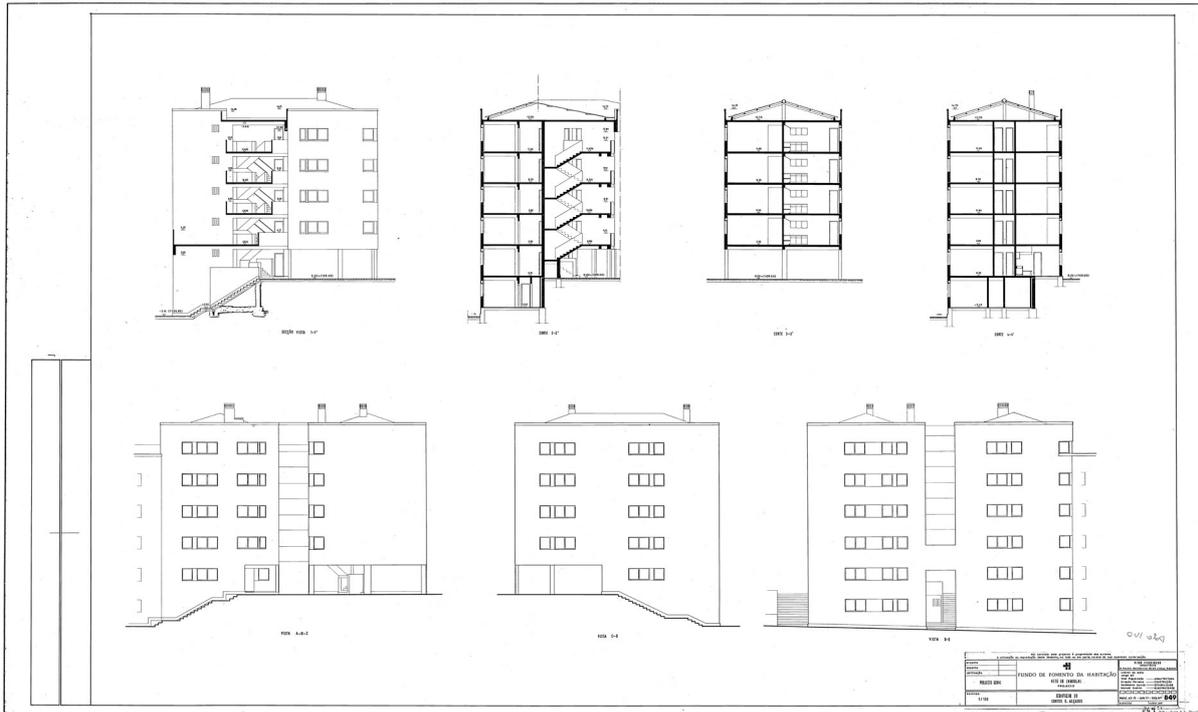


FIGURA 36. Projeto: edifício 31 – cortes e alçados
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002459

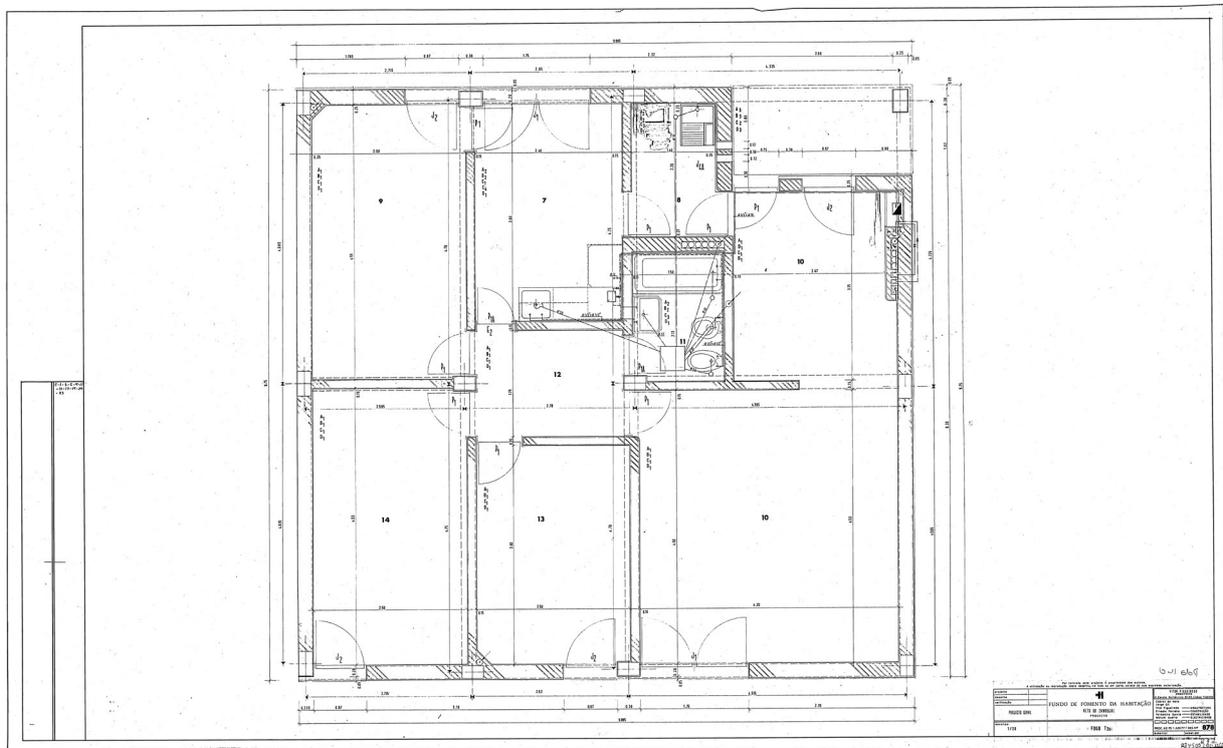


FIGURA 37. Projeto: fogo T3 Bi
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002488

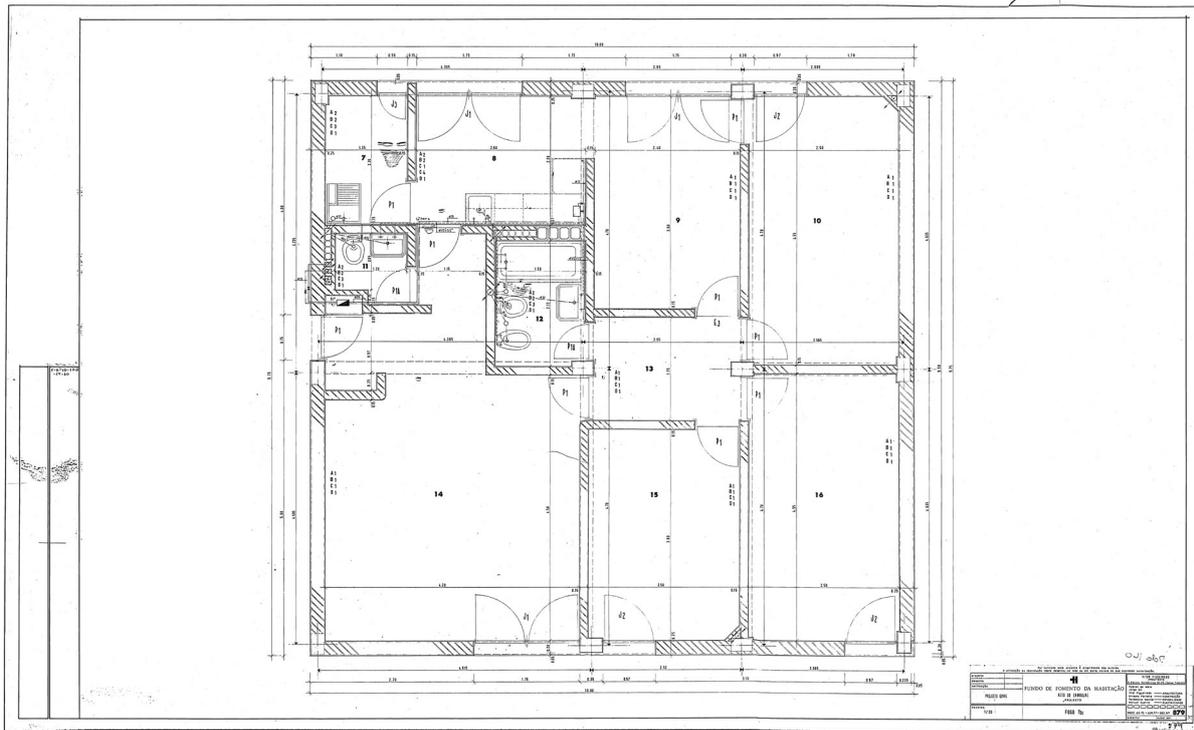


FIGURA 38. Projeto: fogo T3 C

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002489

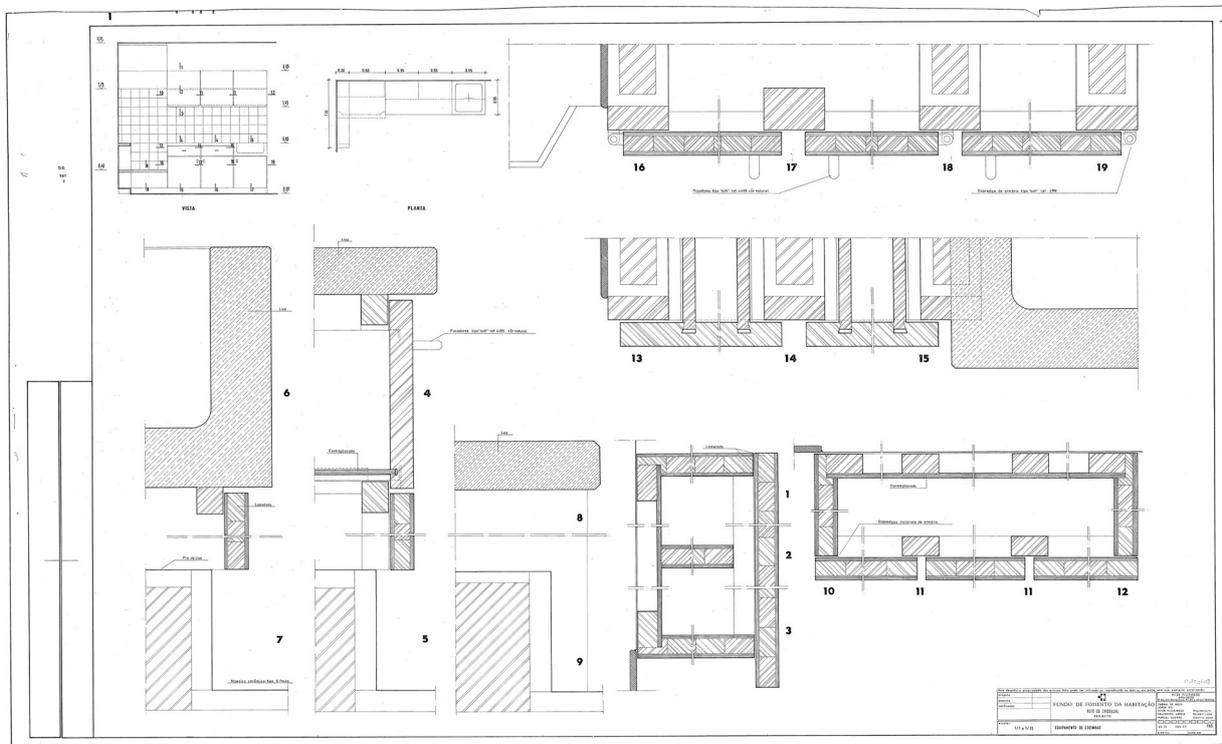


FIGURA 39. Projeto: equipamento de cozinhas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002381



FIGURA 40. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)



FIGURA 41. Fotografia

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 00951261



FIGURA 42. Fotografia

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, IPA 00028224.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA_SYS/FONTES_DOC/IMAGES/00000402/02008495.JPG

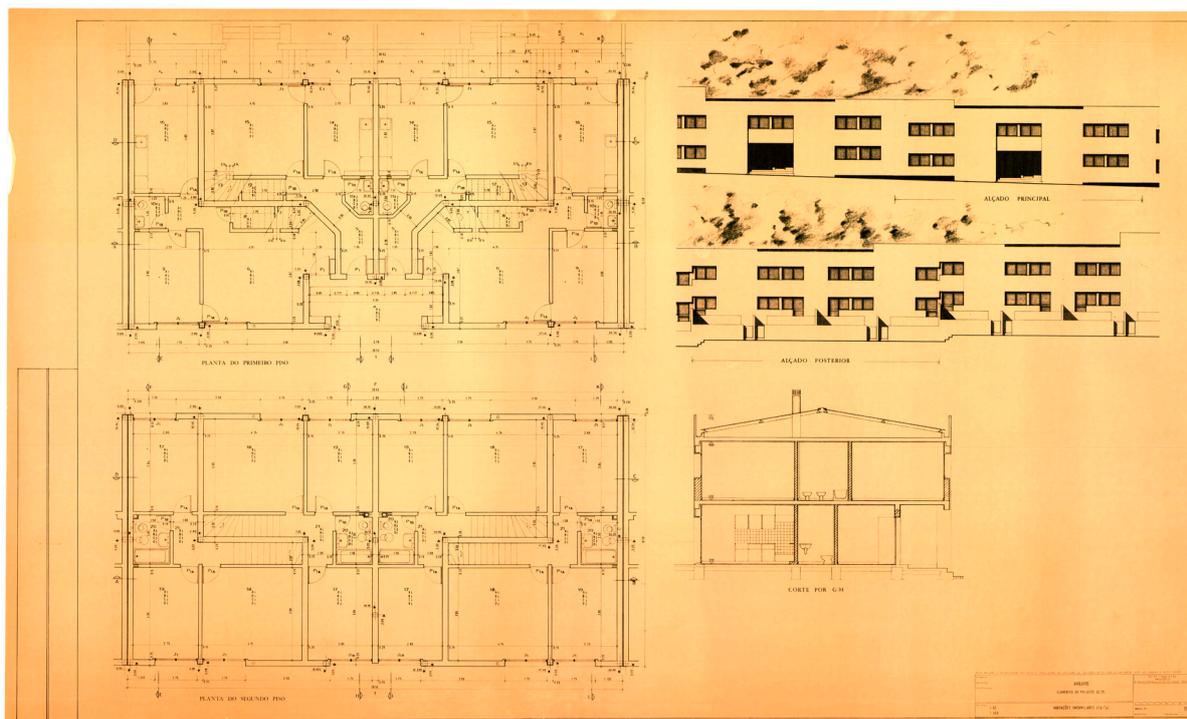


FIGURA 45. Projeto: habitações unifamiliares (T3-T4) – Plantas, cortes e alçados
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002373



FIGURA 43. Fotografia
Autor desconhecido, s.d.
Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)

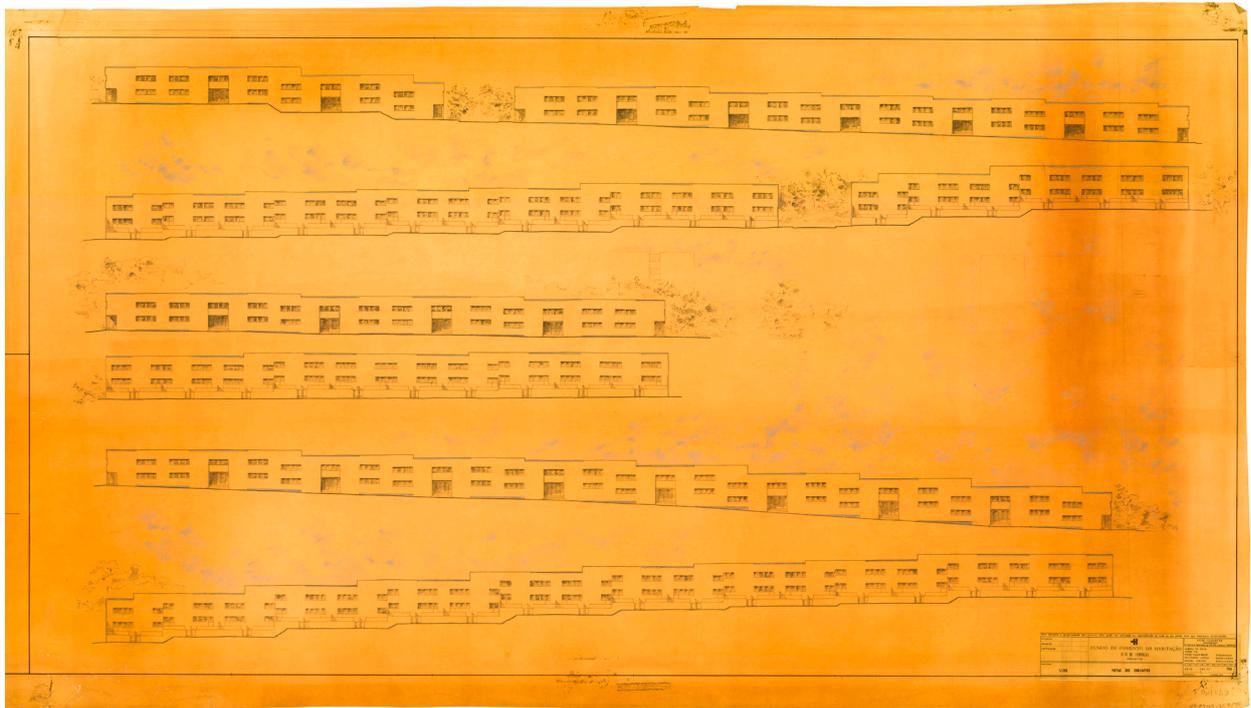


FIGURA 44. Projeto: vistas dos conjuntos [habitações unifamiliares]
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 002374

1975

CONJUNTO HABITACIONAL DA AZEDA

Vitor Figueiredo e Duarte Cabral de Mello

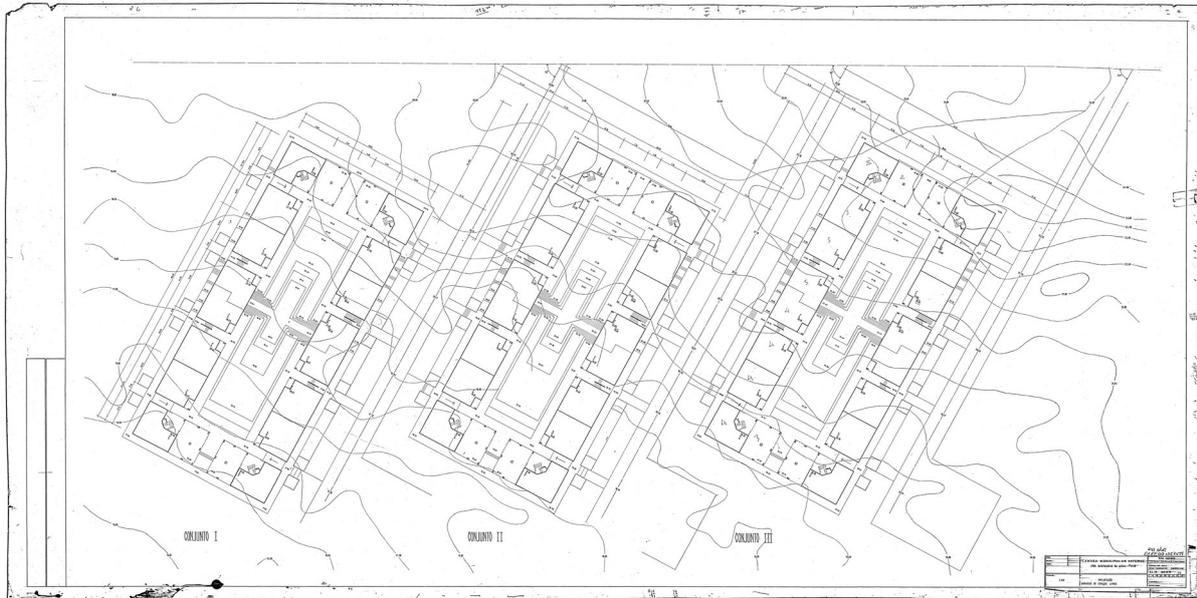


FIGURA 1. Projeto: planta de implantação

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003333



FIGURA 2. Fotografia

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 120 2 2/2

1978

**CONJUNTO HABITACIONAL DA PRAÇA
DE PORTUGAL EM SETÚBAL**

Vítor Figueiredo, Jorge Gil e Luís Faro Viana

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PLANO DE PORMENOR (1)

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-TXT 00062

**MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJECTO DOS EDIFÍCIOS
CONSTRUÍDOS POR VÍTOR FIGUEIREDO (2)**

Arquivo da Câmara Municipal de Setúbal, Processo 407_86

(...) A habitação é o lugar físico onde se cumpre o Habitar. Na sua essência é um Abrigo. Defende o interior do exterior, individualizando o recolhimento íntimo do Habitar. Enquanto forma, o Abrigo introduz no espaço uma ordem. Gera-se como negação da continuidade espacial do puro vazio – em si mesma uma abstracção impercorível.

O abrigo edifica-se na terra, dá guarida aos mortais e referencia o infinito. Recebe a realidade humana na sua infinita transitoriedade: dá-lhe um espaço sem deuses, capaz, por isso mesmo, de receber todos os deuses.

Na grande ordem universal das formas, o Abrigo é testemunho de distância e princípio de eternidade.

Pensar a Praça de Portugal em Setúbal.

- Criar uma memória urbana.
- Reintroduzir o espaço numa cidade que o esqueceu.
- Subverter o nó rodoviário – enquanto circulação auto marginal ao acontecer da cidade.
- Pensar uma Praça – princípio gerador de todo o conjunto – a cujo centro se atribui a dupla função espacial e vivencial de justificar, completando-o, o envolvente (Centro Cívico).
- Criar articulações significativas dos elementos estruturantes do conjunto (edificação, rua, esquina, espaço livre, etc.), vocacionando-os como partes indissociáveis de um todo orgânico, cuja cúpula é o espaço virtual definido pela Praça.
- Ao imobilismo urbanístico, opôr a dinâmica de percursos polarizados por um centro comum a todos eles.
- Racionalizar o esquema viário, não apenas na perspectiva da exemplaridade das suas funções, mas também no sentido da sua plena integração no conjunto: fazer do construído e do percorrido uma só e mesma coisa.
- Criar espaços intersticiais de apoio livre, não dissociados da realidade orgânica do conjunto. (...) (1)

1. PROGRAMA E ANTECEDENTES

Aprovada a imagem urbana para a Praça de Portugal e o ante-Projecto da 1ª fase – edifícios, infraestruturas e espaços lineo-equipamento urbano – refere-se o presente trabalho ao projecto dos edifícios.

2. LOCALIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO

A zona de intervenção definida para a 1ª fase corresponde à área anteriormente prevista para a operação SAAL, quadrante Sul-poente da Praça de Portugal definido a norte pela Av. D. João II, e a nascente pela Av. Pedro Álvares Cabral.

A sua integração na malha urbana é a decorrente da imagem/plano de pormenor proposto para a área de intervenção em que se integra, com os ajustes de pormenor realizados no anteprojecto.

3. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO

O conjunto, parte de um todo, organiza-se em sete unidades de habitação respeitando a organização e articulação anteriormente definidas, criando espaços intersticiais ambigualmente referenciais em memória de ruas/ espaços canais.

4. UNIDADES DE HABITAÇÃO

As unidades desenvolvem-se em quatro e cinco pisos estando previsto em termos estruturais a possibilidade futura de instalação de acesso vertical mecânico num dos extremos. Basicamente o acesso vertical dos dois primeiros pisos é do tipo esquerdo direito sendo os fogos dos restantes pisos servidos por distribuição horizontal feita por galeria exterior desenvolvida a partir dos acessos verticais.

Este sistema de distribuição vertical/ horizontal interligando-se arditosamente aposta numa riqueza de situações e percursos alternativos de acesso aos fogos. Todo o sistema se processa como espaço não privado mas (...) como rua urbana particularmente caracterizada.

Num dos acessos verticais de cada unidade e bem assim nas passagens/ atravessamento das unidades 5 e 6 foram asseguradas áreas encerráveis para equipamento comercial de apoio, instalações sócio-culturais ou ainda eventual instalação de serviços.

5. FOGOS (...)

Quanto à organização interna dos fogos a sua legibilidade tem que ser entendida na relação do dimensionamento dos espaços com os de função atribuível. A título meramente descritivo referiremos a situação de independência muitas vezes dada a um dos quartos no intencional desrespeito pela rígida dicotomia zona diurna-zona nocturna, o dimensionamento da área interior de distribuição e ainda a existência de uma porta, da casa de banho para a área de tratamento de roupas onde se procura mais do que o apoio de funções um percurso alternativo no interior do fogo que na sua aparente gratuitidade pretende iludir o peso insuportável de um viver excessivamente regrado, aposta aliás coerente e consentânea com o que foi dito em relação ao esquema de acessos/ distribuição dos fogos.

6. MORFOLOGIA (...)

Propõe-se dentro de critérios de economia compatível uma caracterização urbana no prosseguimento do posicionamento teórico/ prático assumido no processo, no esforço de interditar leituras miserabilistas do conjunto habitacional (...).

UNIDADE	TIPOLOGIA			
	T1	T2	T3	T4
U1	4	14	9	—
U2	4	19	19	—
U3	4	14	19	5
U4	4	9	9	5
U5	6	16	31	—
U6	6	12	18	5
U7	4	8	8	4
	—	—	—	—
	32	92	113	19

(...) (2)



FIGURA 1. Plano de pormenor: planta de localização
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003336

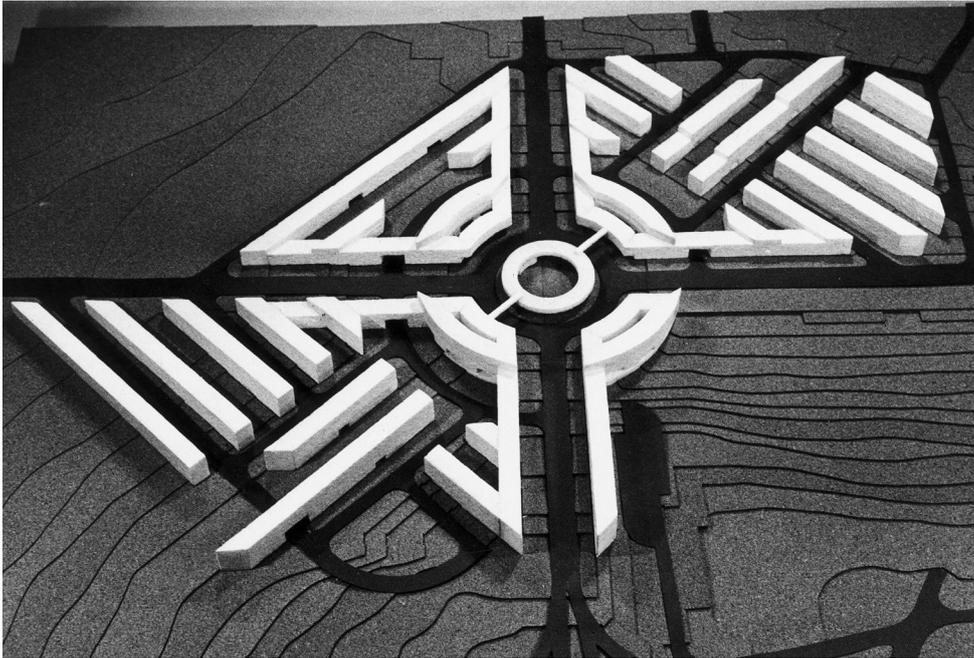


FIGURA 2. Plano de pormenor: fotografia da maquete do conjunto
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 012799

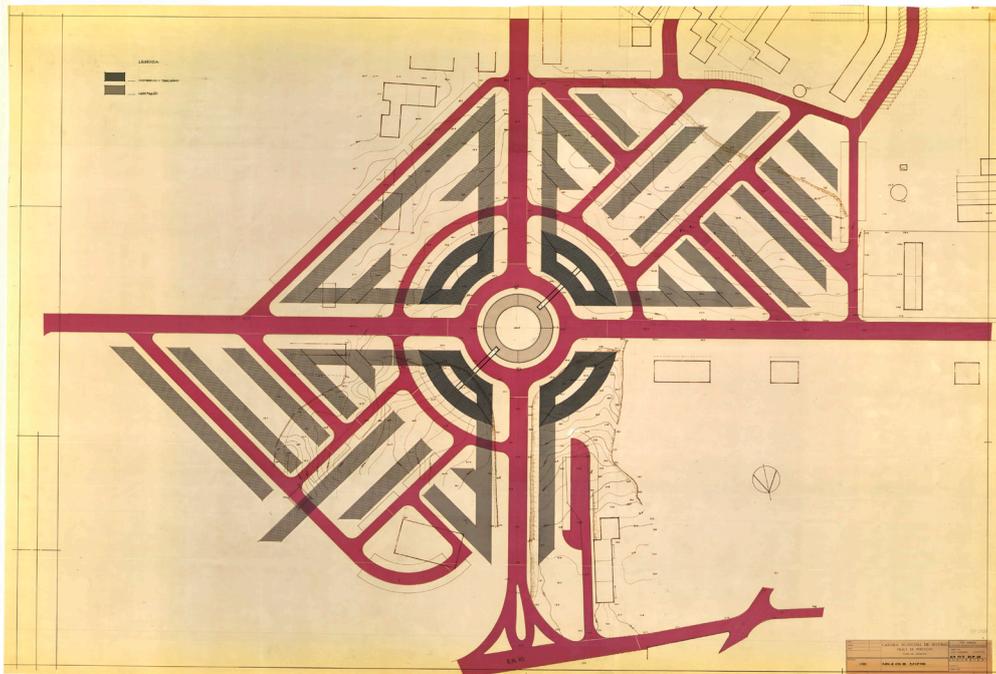


FIGURA 3. Plano de pormenor: planta ao nível do 3º, 4º e 5º pisos
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003340

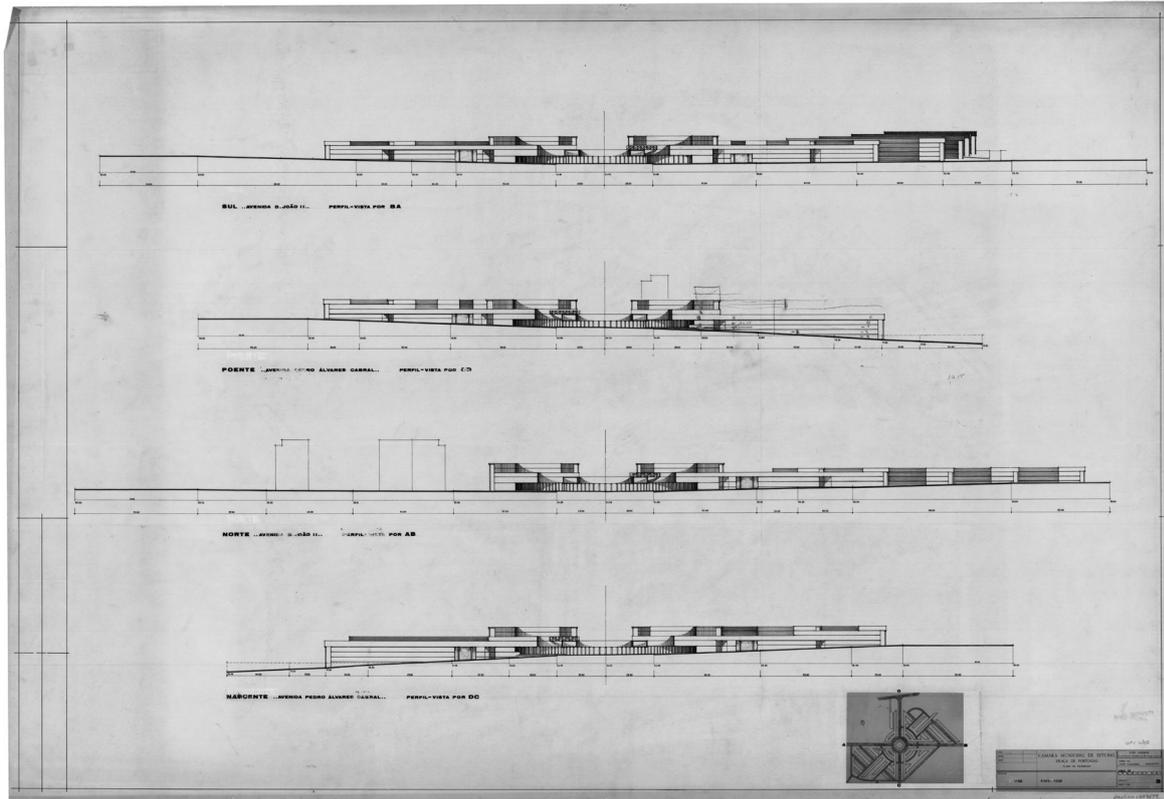


FIGURA 4. Plano de pormenor: perfis - vistas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003364

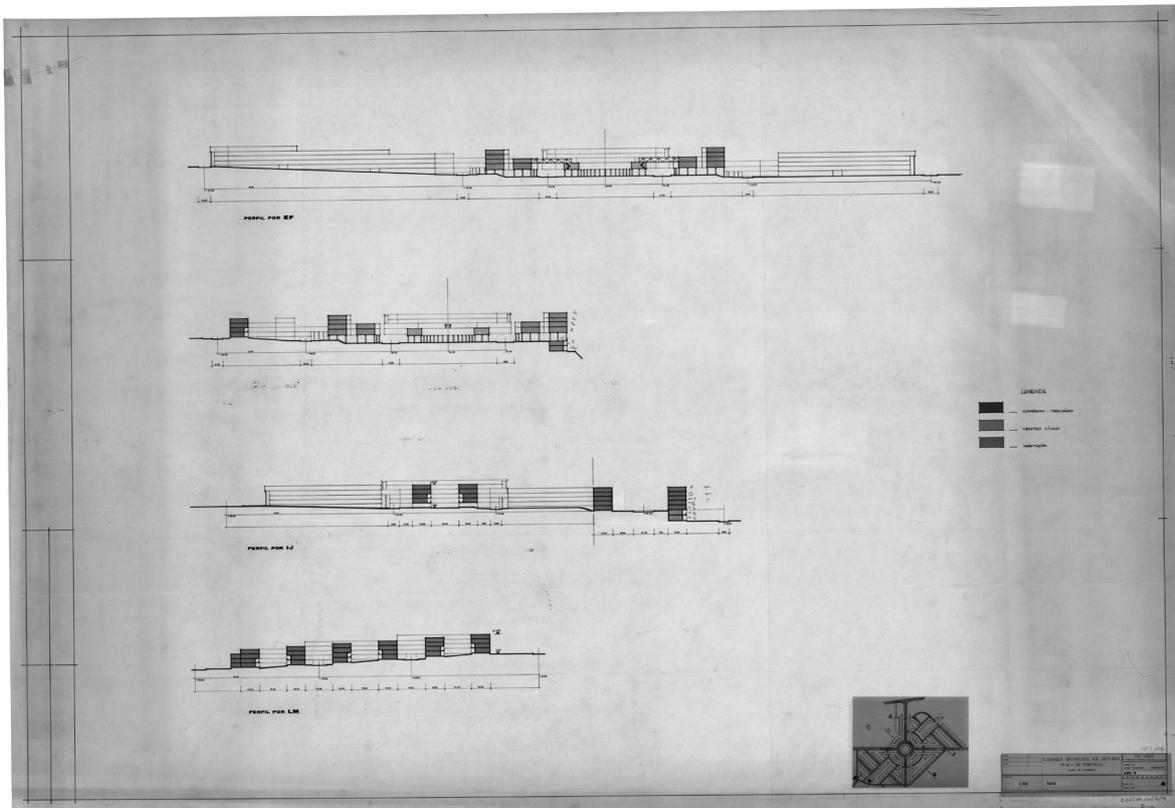


FIGURA 5. Plano de pormenor: perfis

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003365

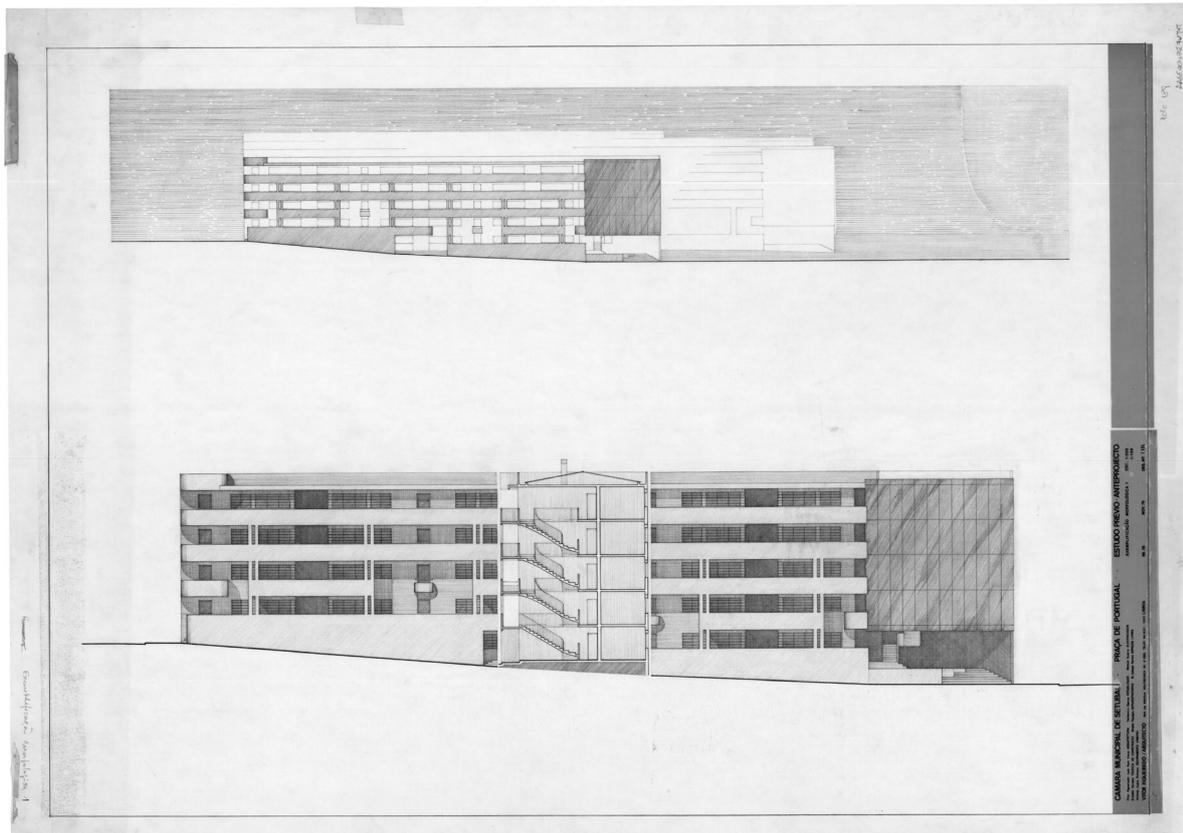


FIGURA 6. Estudo prévio – anteprojecto: exemplificação morfológica 1

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003351

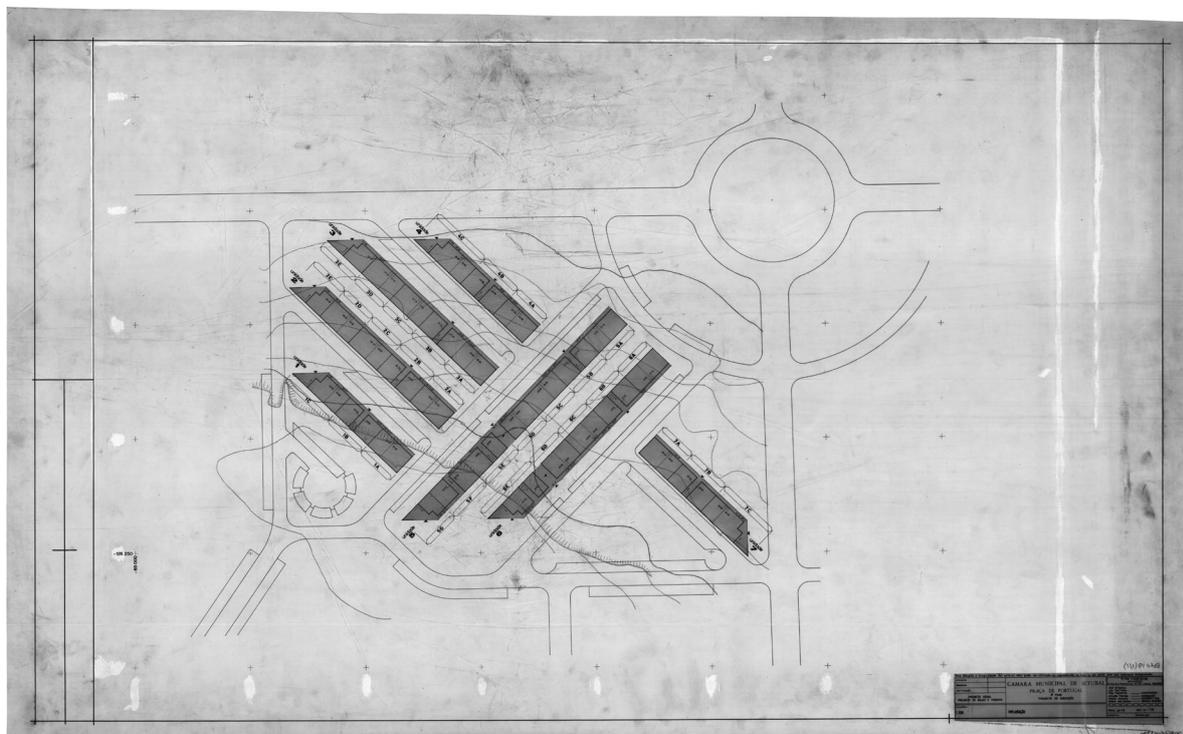


FIGURA 7. 1ª. fase do projecto de execução: implantação

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003370

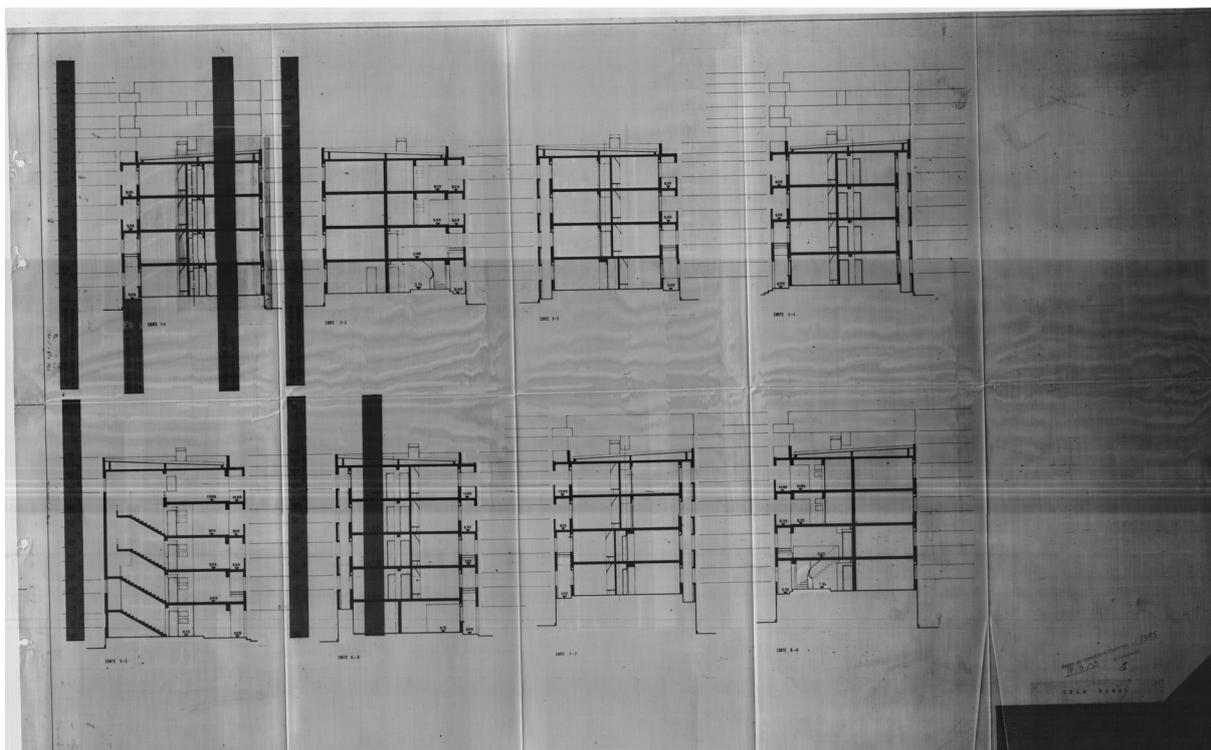


FIGURA 8. 1ª fase do projeto de execução: telas finais, unidade 6, cortes

Arquivo da Câmara Municipal de Setúbal, L/E/01 – Processo de obras particulares 407_86, Desenho 1200

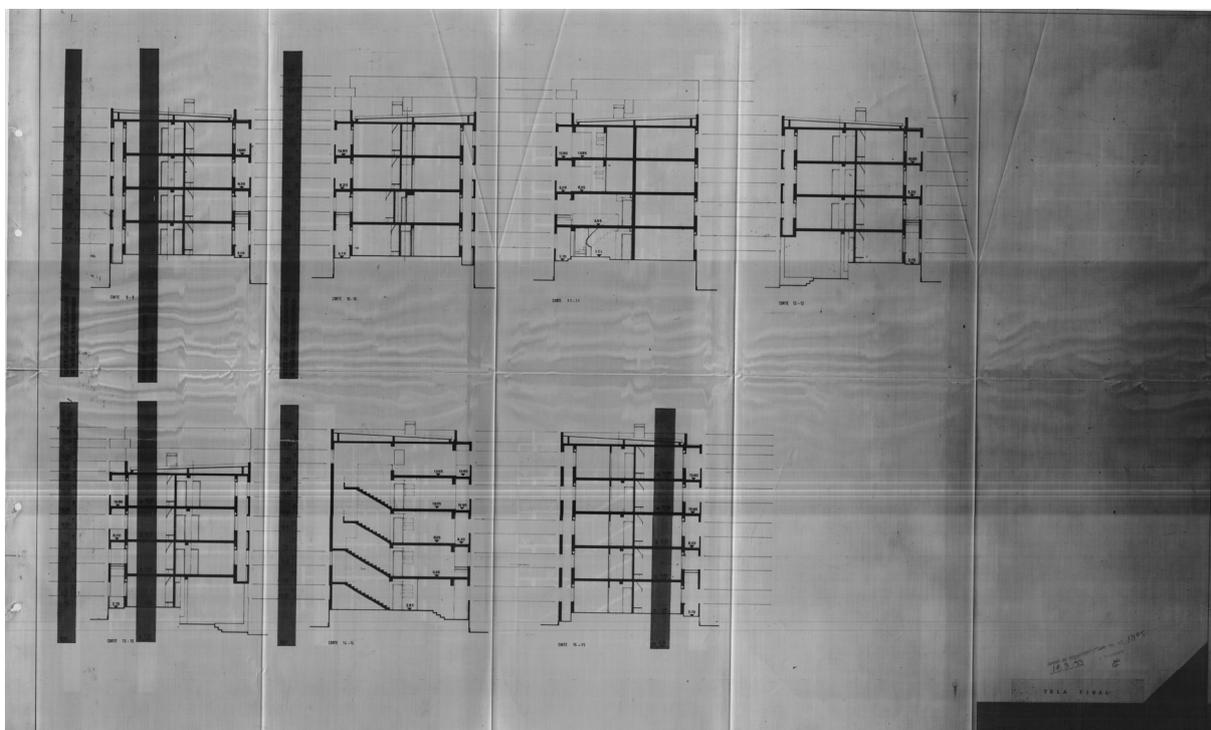


FIGURA 9. 1ª fase do projecto de execução: telas finais, unidade 6, cortes

Arquivo da Câmara Municipal de Setúbal, L/E/01 – Processo de obras particulares 407_86, Desenho 1201

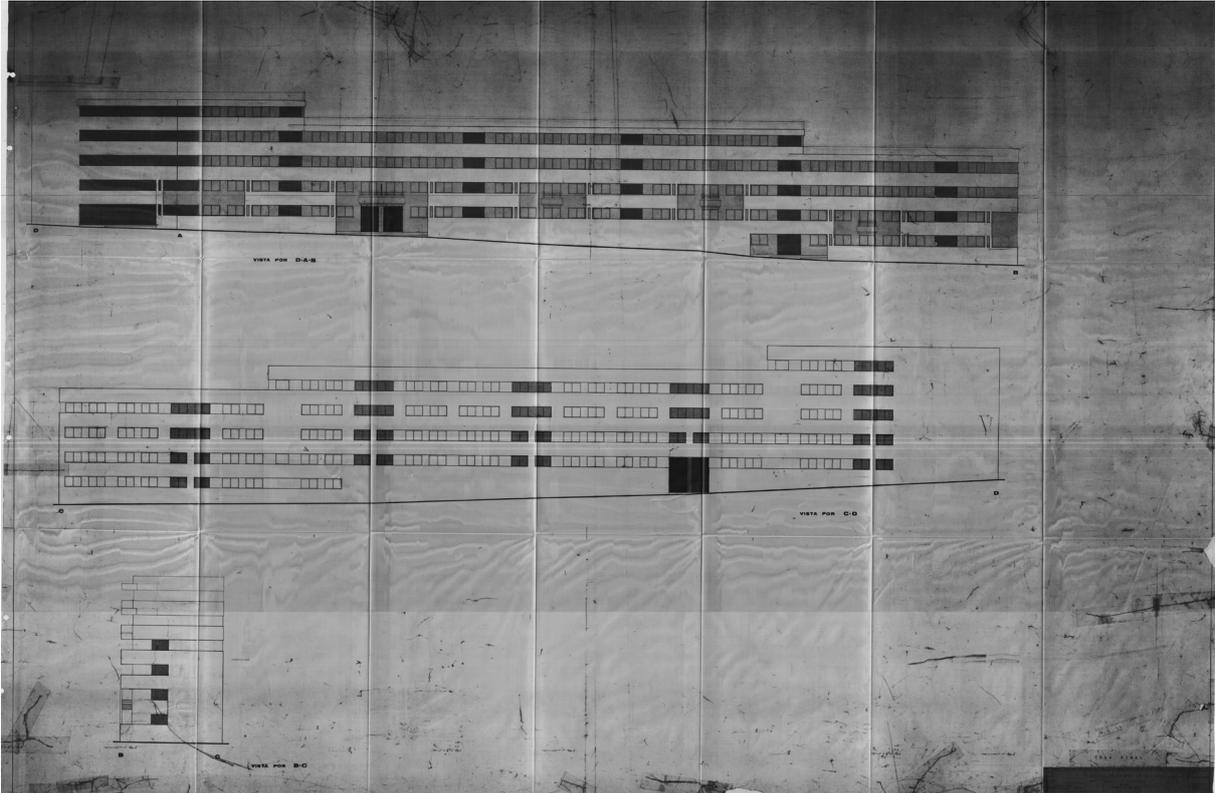


FIGURA 10. 1ª fase do projeto de execução: telas finais, unidade 6, alçados

Arquivo da Câmara Municipal de Setúbal, L/E/01 – Processo de obras particulares 407_86, Desenho 1202

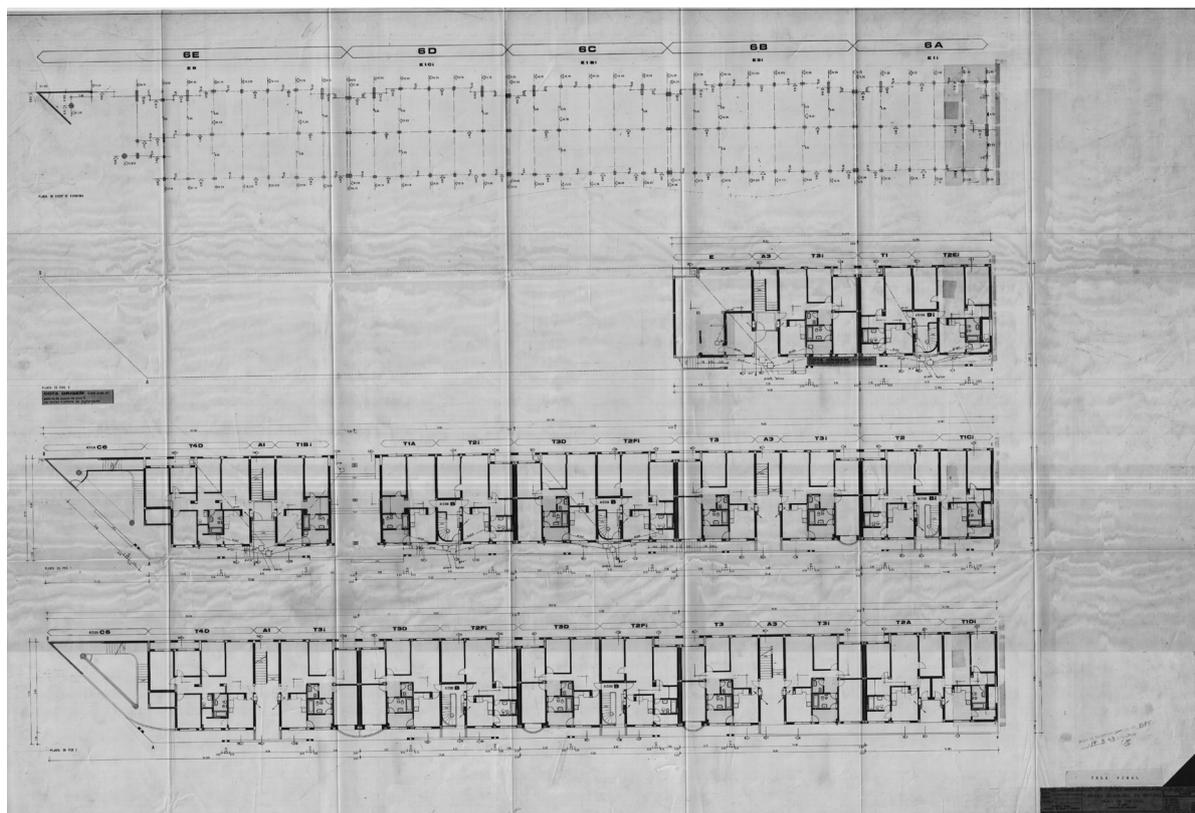


FIGURA 11. 1ª fase do projeto de execução: telas finais, unidade 6, plantas [pisos 0, 1 e 2]
Arquivo da Câmara Municipal de Setúbal, L/E/01 – Processo de obras particulares 407_86, Desenho 1198

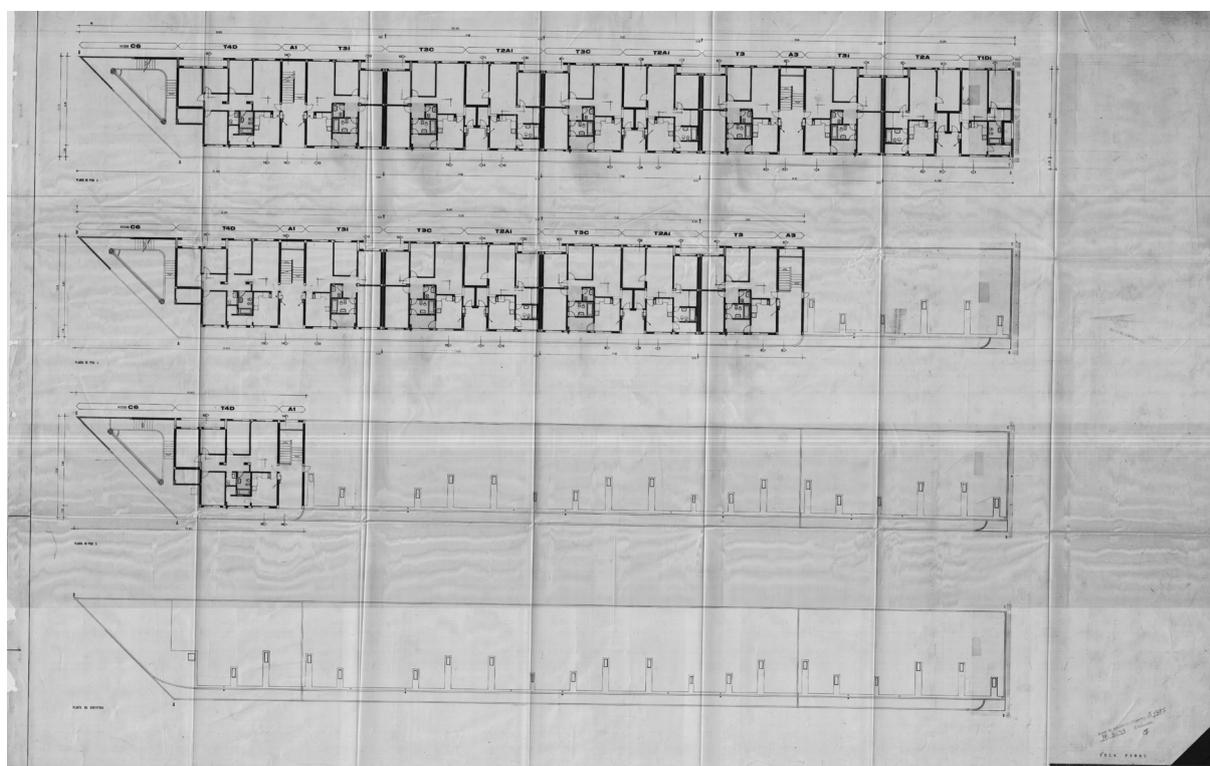


FIGURA 12. 1ª fase do projeto de execução: telas finais, unidade 6, plantas [pisos 3, 4, e cobertura]
Arquivo da Câmara Municipal de Setúbal, L/E/01 – Processo de obras particulares 407_86, Desenho 1199

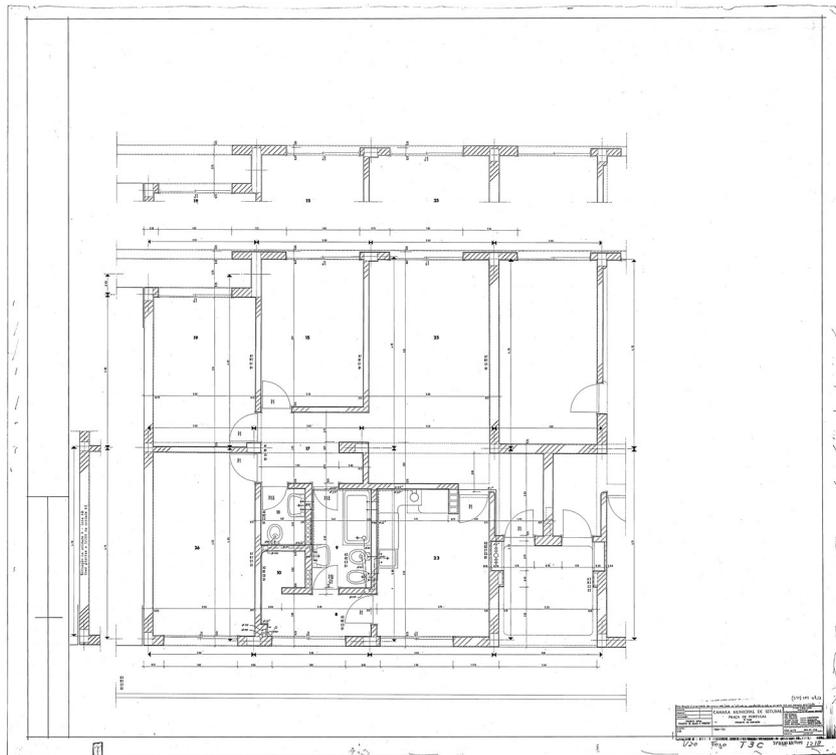


FIGURA 13. 1ª fase do projecto de execução: fogo T3 C
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003395

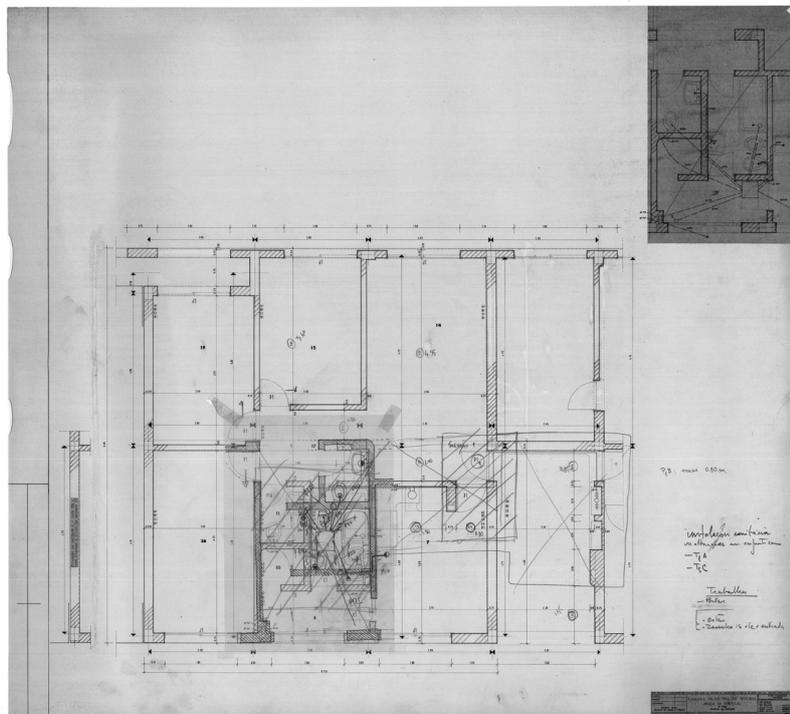


FIGURA 14. 1ª fase do projeto de execução: fogo T3 D
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003402

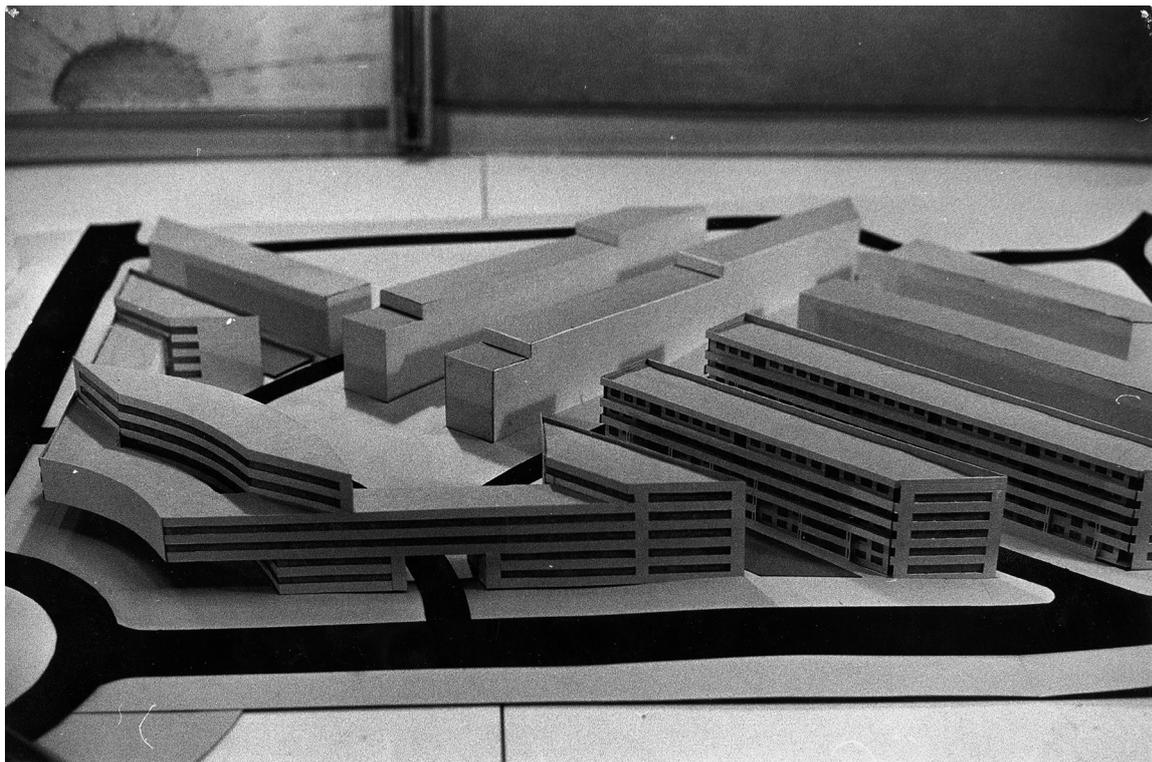


FIGURA 15. Projeto: fotografia da maquete de parte do conjunto

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-FOTO 012915

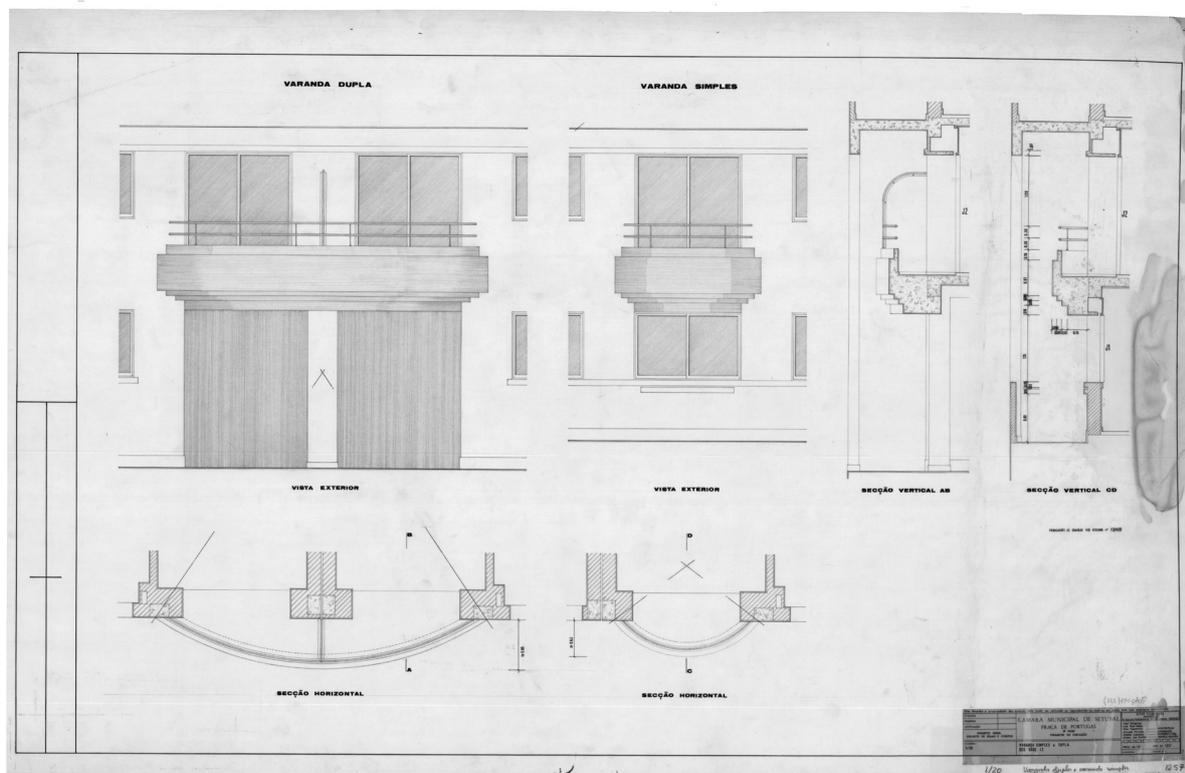


FIGURA 16. 1ª fase do projeto de execução: varanda simples e dupla dos vãos J2

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003444

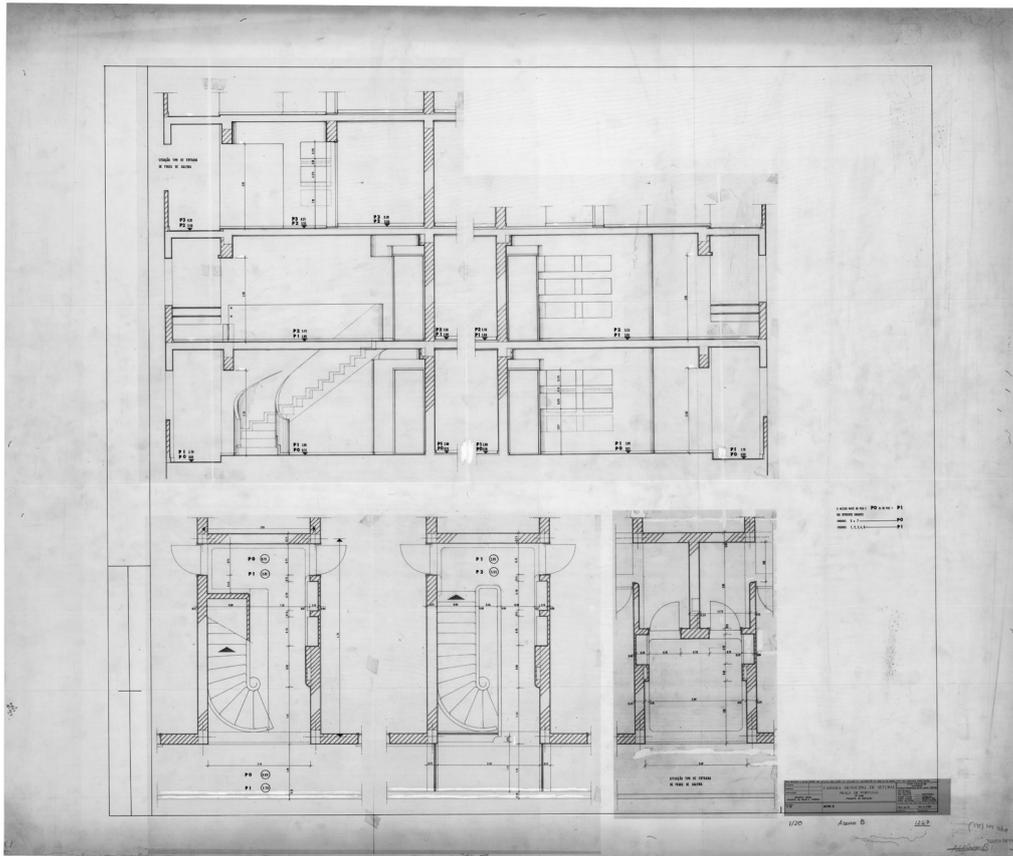


FIGURA 17. 1ª fase do projecto de execução: acesso B
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003435

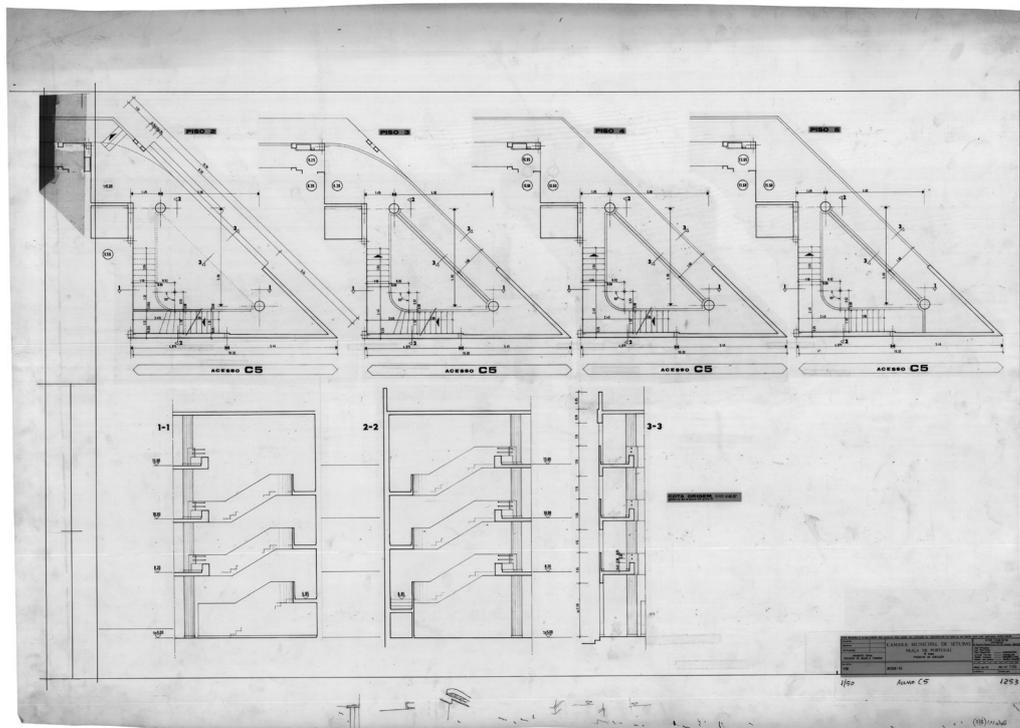


FIGURA 18. 1ª fase do projecto de execução: acesso C5
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003441

1978

CONJUNTO HABITACIONAL EM OLIVEIRA DO HOSPITAL

Vítor Figueiredo

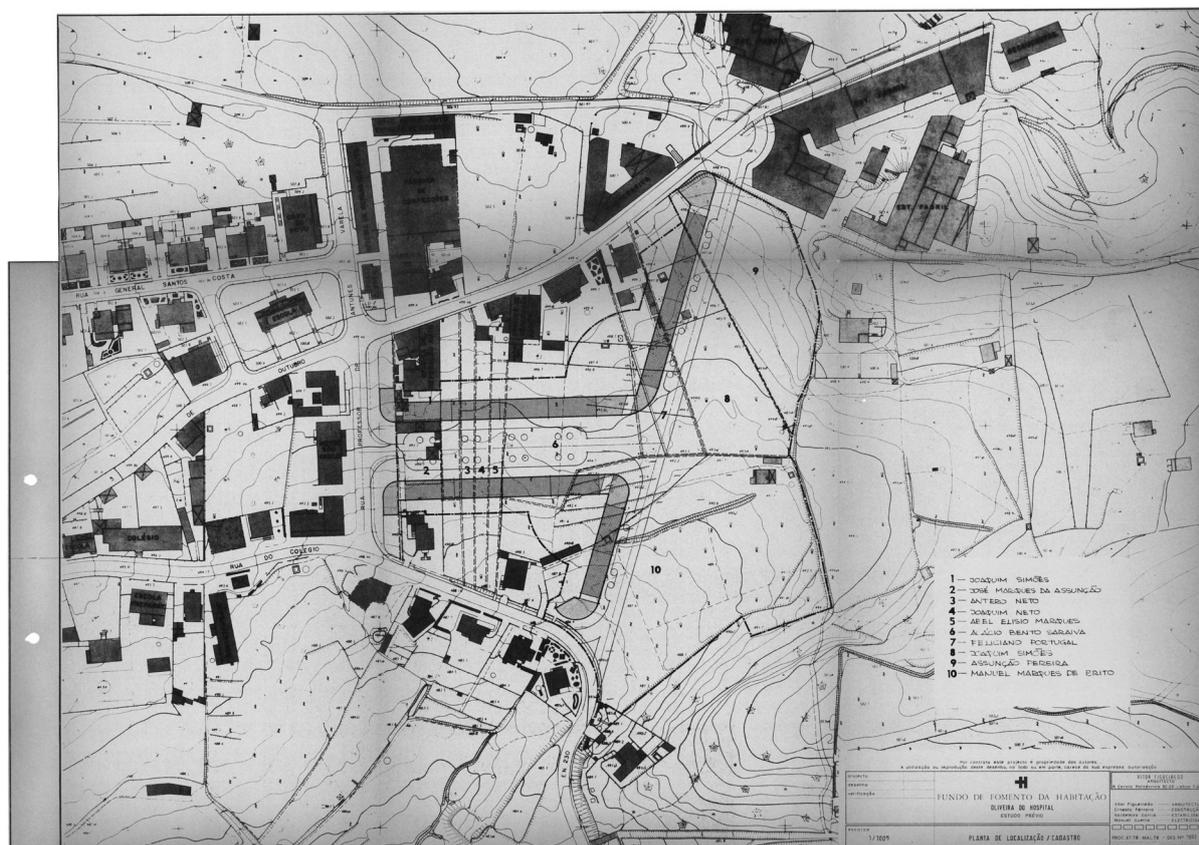


FIGURA 1. Estudo prévio: planta de localização, cadastro

Autor desconhecido, s.d.

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003946

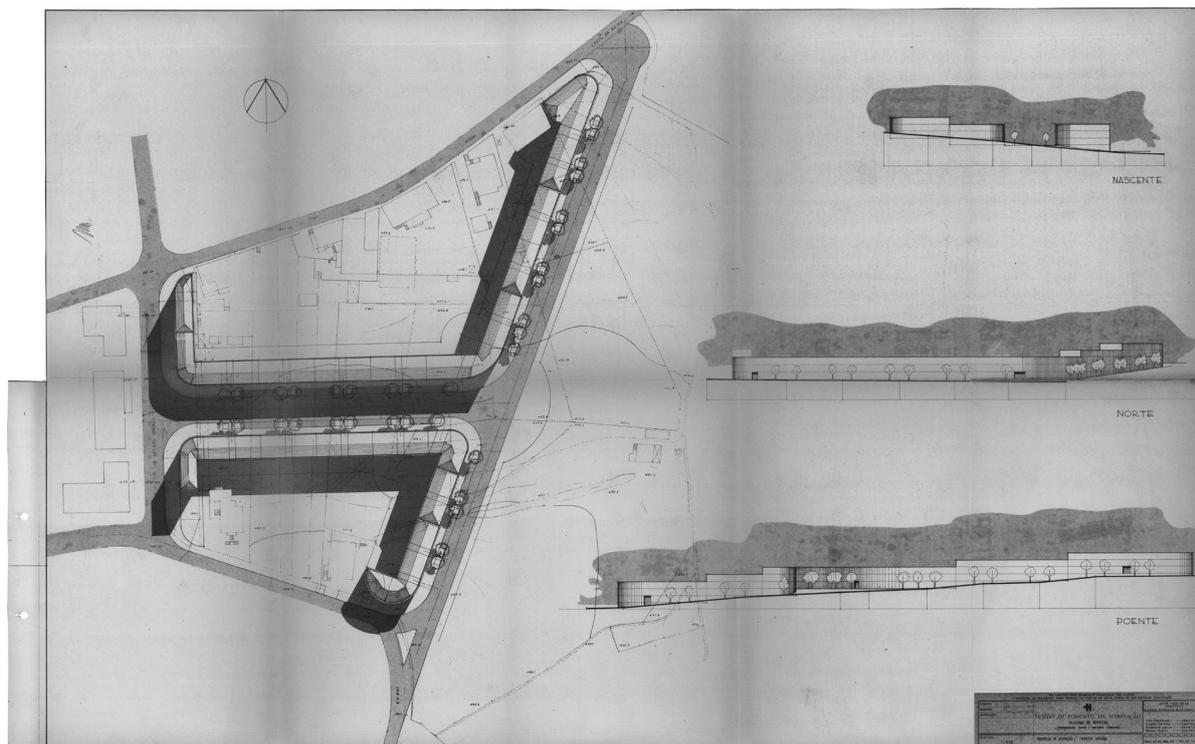


FIGURA 2. Programa base: proposta de ocupação, imagem urbana

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003943

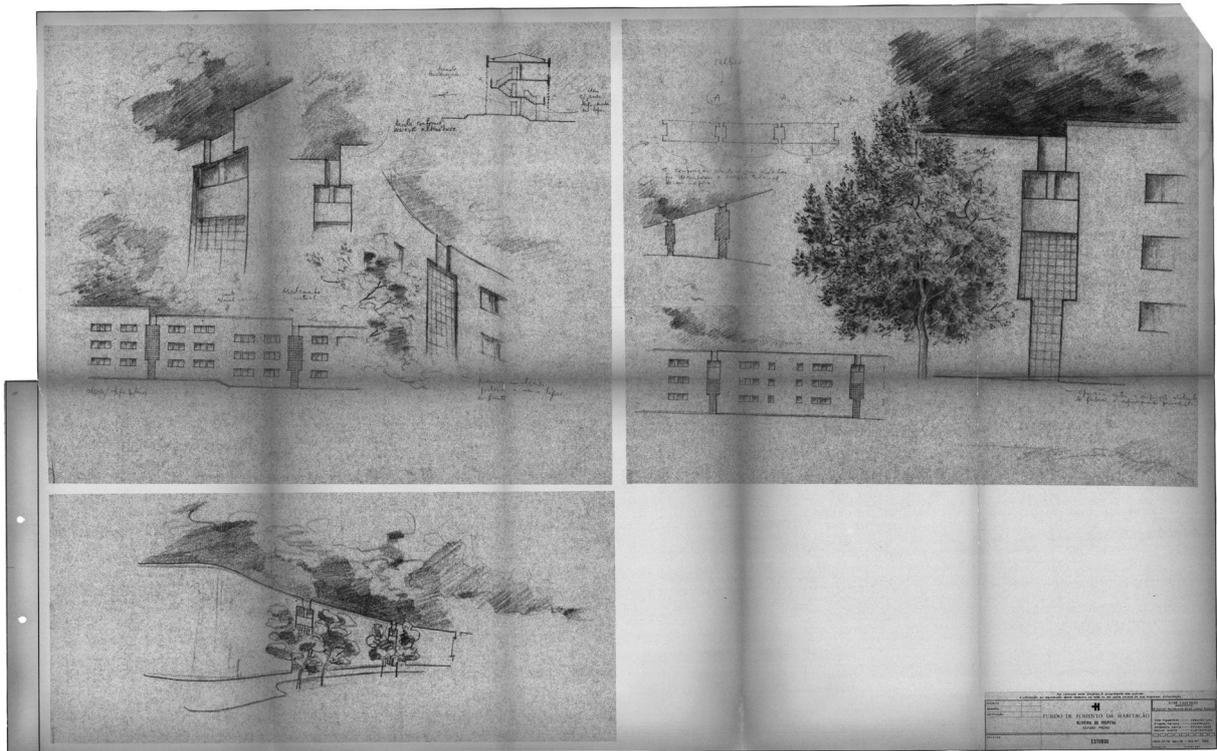


FIGURA 3. Estudo prévio: estudos

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003948

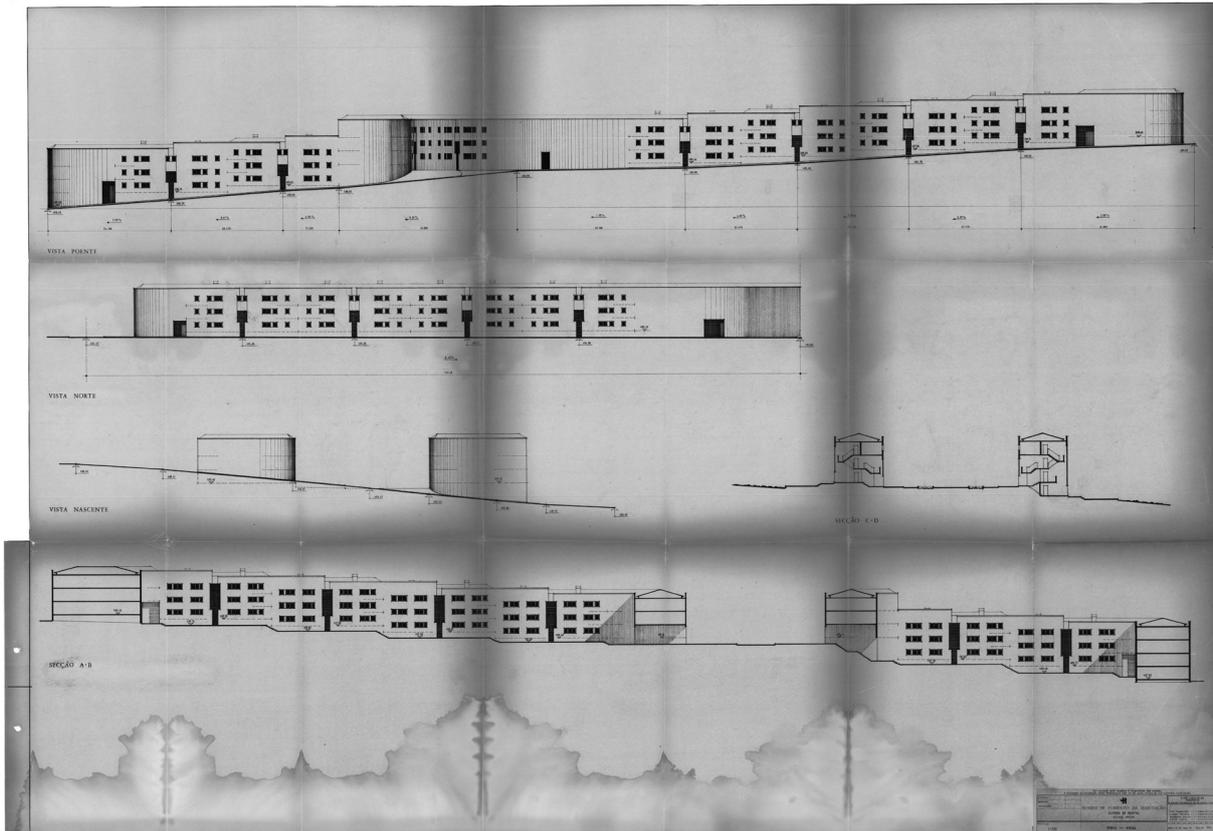


FIGURA 4. Estudo prévio: perfis – vistas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003949

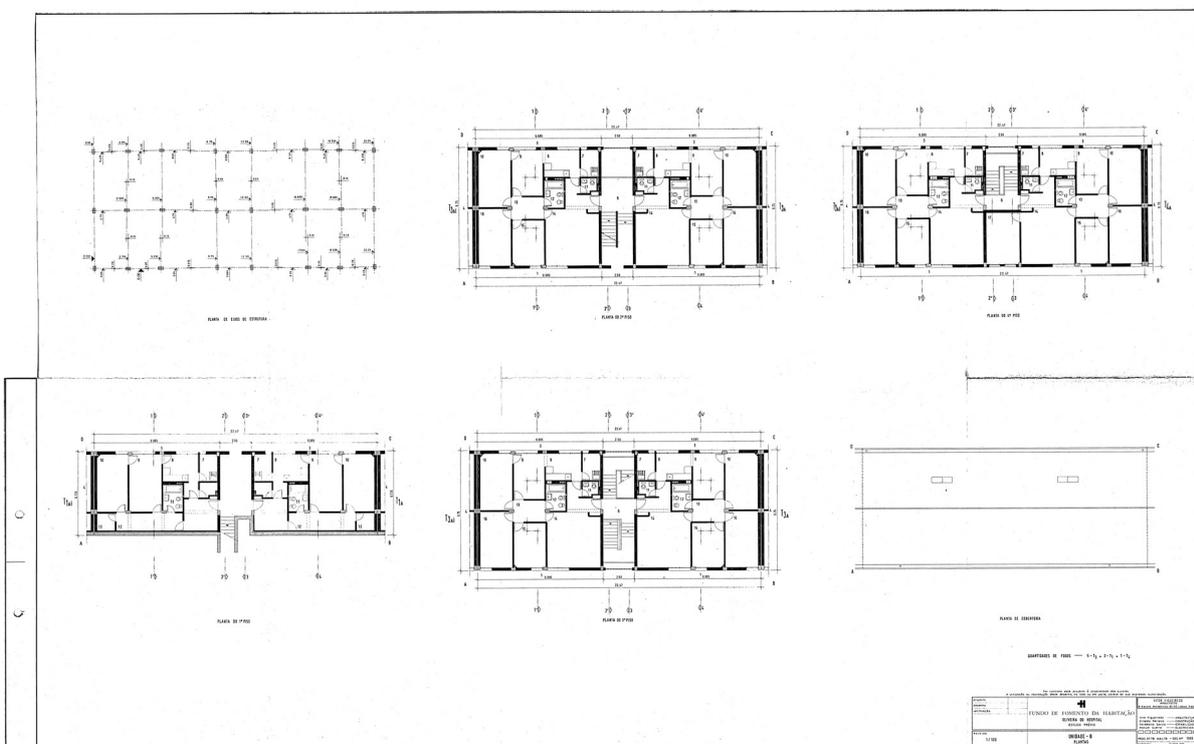


FIGURA 5. Estudo prévio: unidade B, plantas

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003951

1979

CONJUNTO HABITACIONAL EM PINHAL NOVO

Vítor Figueiredo

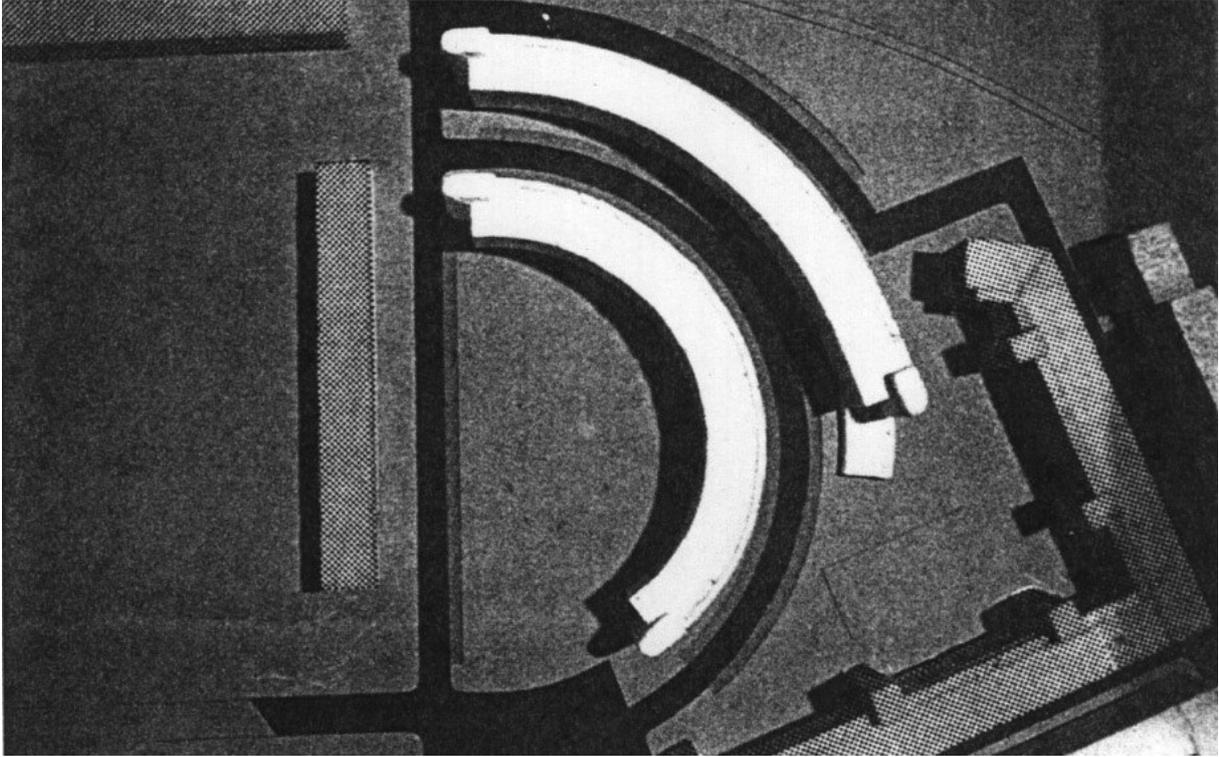


FIGURA 1. Concurso: fotografia da maqueta do conjunto

Autor desconhecido, s.d.

Arquivo pessoal de Luísa Marques (cópia cedida por Vítor Figueiredo)

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO APRESENTADO A CONCURSO

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 00204

1. PROGRAMA

Conjunto habitacional de 100 fogos em edifício ou edifícios multifamiliares destinados a sócios da Cooperativa de Habitação Económica da Quinta do Anjo e a edificar na vila de Pinhal Novo.

2. LOCAL

2.1. Terreno

Situa-se na periferia de Pinhal Novo tendo uma forma trapezoidal com a área aproximada de 11.534 m². Topograficamente pode considerar-se plano.

2.2 Enquadramento

— Geo-topográfico

Os terrenos confinantes, próximos e remotos, são de topografia idêntica, isto é, trata-se de uma planície que se estende livre de construção para Poente.

— Viário

Existe, proximamente, um esquema viário que serve as construções existentes nos limites Norte, Nascente do terreno proposto.

— Urbano

A Norte e Nascente o terreno é enquadrado, encerrado, por edifícios de habitação colectiva de cinco pisos, estando previsto a Sul edifícios também de habitação, mas de três pisos em bandas isoladas.

A poente estende-se ainda livre a planície...

3. PROPOSTA

Não a um conjunto ou grupo de edifícios de arquitectura hábil, sábia, conjunto sedutor na sua abstracção...

Não temos crença que chegue para pensar que a “arquitectura” vencerá o anátema Bairro de Habitação Social...

A experiência do espaço constitui uma vivência íntima do instante.

Sim à definição de algo de referenciável e retível.

Sim a uma memória urbana.

Sim a um acontecimento urbano numa estrutura que tende a esquecê-los.

A forma referencia o espaço. Atribui-lhe significado ao torná-lo percorrível.

Pensar uma Praça.

3.1 Edifícios e Fogos

Dois edifícios curvos definem uma Praça e uma Rua, ocupando digamos que o interior, miolo do quarteirão que nos era proposto para implantação.

O edifício “exterior” aceita, ao nível dos pisos de habitação num dos seus topos, o desafio da ortogonalidade das construções existentes deslocando [o] (...) nível do piso térreo para acompanhar ainda a rua circundante.

Cada edifício tem cinquenta fogos, quarenta T3 e dez T4 em cinco pisos e um piso térreo parcial para arrecadações. A circulação horizontal é feita por galeria exterior – procurando identidade com as construções limítrofes – servida por três acessos verticais sendo os dois dos extremos dotados de meios mecânicos. Será de admitir a existência de estendais na cobertura (...).

Quanto aos fogos, referiremos, além do óbvio cumprimento dos regulamentos vigentes e dos previsíveis quanto a deficientes motores, que o suplemento de área não privilegiou qualquer compartimento por não aceitar a violência de propostas à priori crentes na pluri-função mas, sim no uso desse suplemento para tentar libertar o fogo, ou melhor o “habitar” de propostas miserabilistas, gastando esse suplemento em algo de supérfluo, como por exemplo a transparência controlável: galeria-cozinha-sala.

3.2 Espaços livres

Uma praça, uma rua e não como recurso ou necessidade um espaço de recreio localizado em área/ zona definida naturalmente pelos volumes propostos e os já construídos “servindo”, portanto, não exclusivamente os futuros moradores.

O pavimento, salvo a zona de recreio, será de inerte em cubos de calcário e cubos de granito, recebendo a Praça eventualmente “desenho”.

A peça gráfica elucida o critério de plantação das árvores, feito em caldeiras de nível, acompanhando a Rua/ edifícios e balizando a Praça. (...)

3.4 Critério de área bruta

– Área bruta total admitida 10.820 m²

– Área bruta total proposta

Fogos

T3 – 80x87,50 m² = 7.000 m²

T4 – 20x99,50 m² = 1.990 m²

Acessos verticais

5 (pisos) x 2 (situações) x 20 m² = 200 m²

Meios mecânicos

5 (pisos) x 4 (situações) x 25 m² = 500 m²

Circulações horizontais = 1.092 m²

10.782 m²

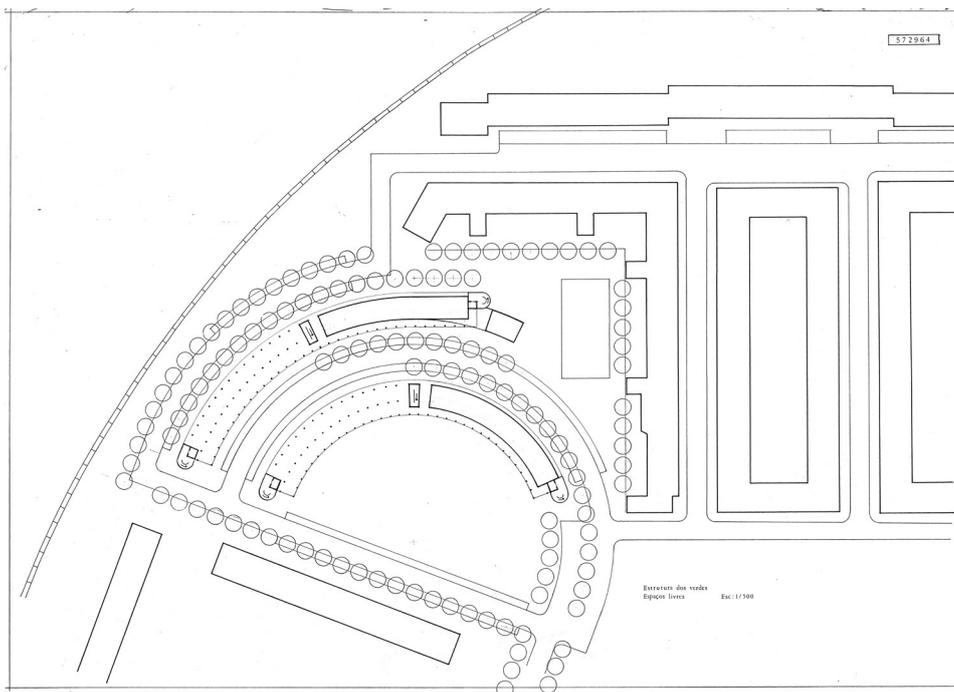
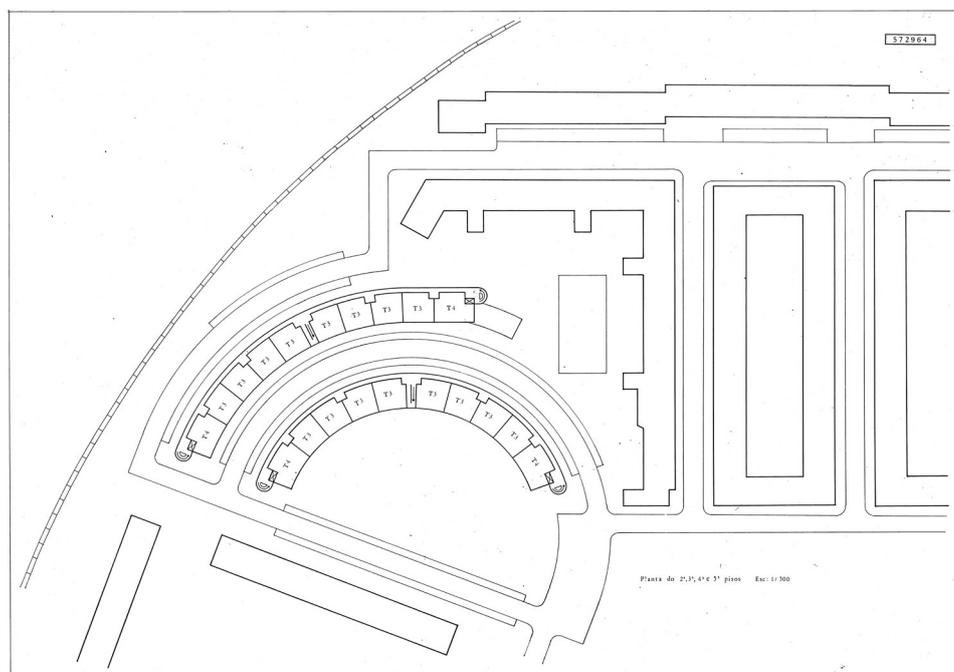


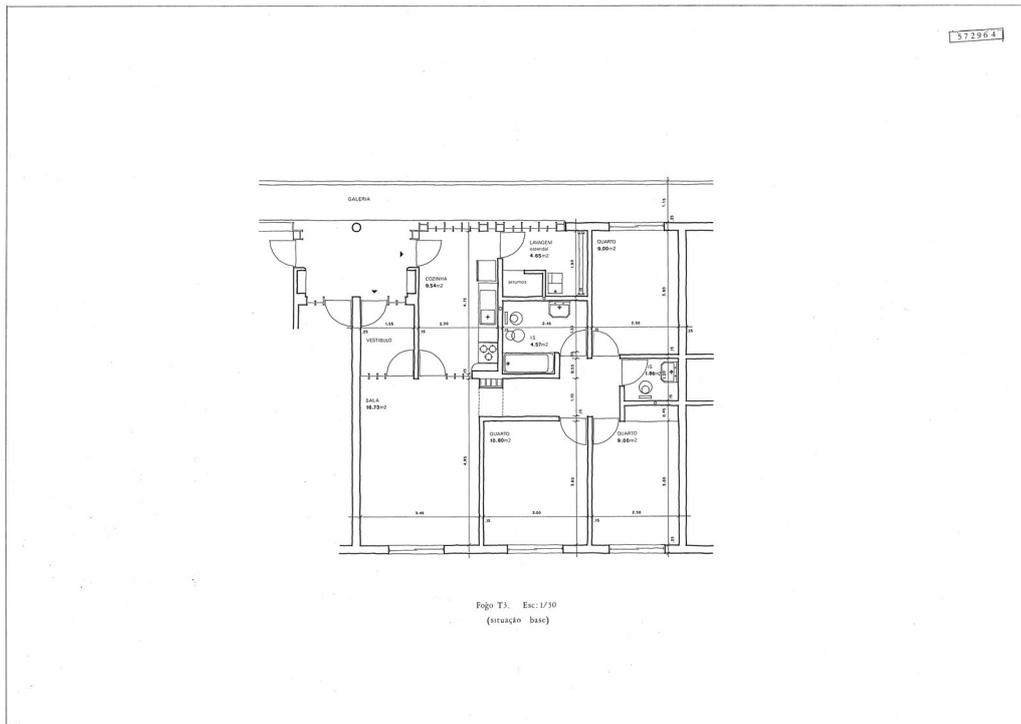
figura 2 Concurso: esquiço

Autor desconhecido, s.d.



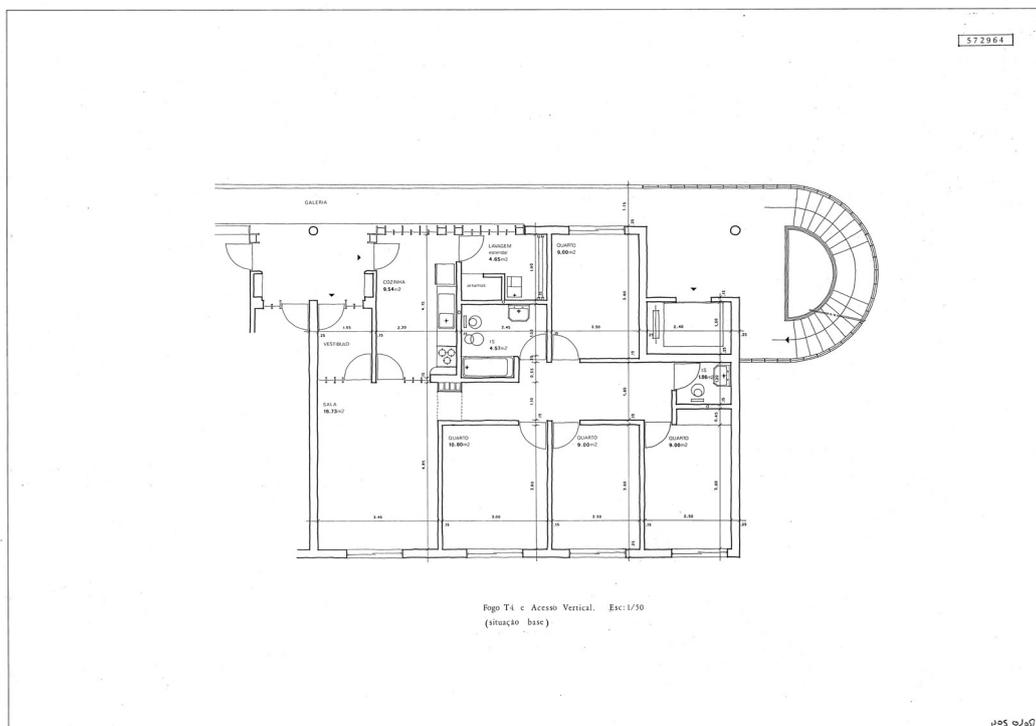
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003650

FIGURA 2. Concurso: estrutura dos verdes, espaços livres



Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003639

FIGURA 3. Concurso: plantas do 2º, 3º, 4º e 5º pisos



Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003641

FIGURA 4. Concurso: fogo T3 (situação base)

1982

CONJUNTO HABITACIONAL EM MÉRTOLA

Vítor Figueiredo e Luís Faro Viana

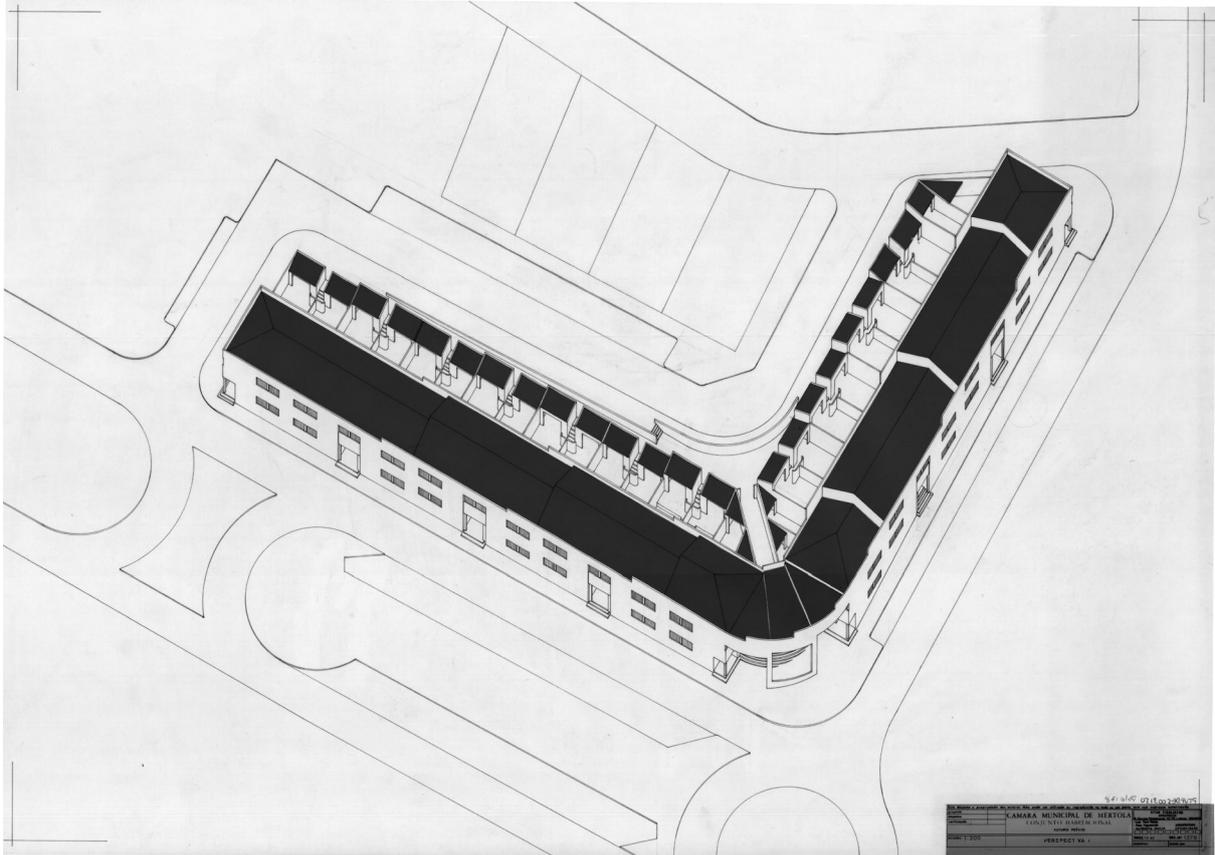


FIGURA 1. Projeto: perspetiva

Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003150

MEMÓRIA DESCRITIVA DO ESTUDO PRÉVIO

Arquivo da Câmara Municipal de Mértola

1 – PROGRAMA

O presente Estudo Prévio responde a um programa da Câmara Municipal de Mértola para a construção de um conjunto de habitações económicas num terreno, em Mértola, confinante a Nascente com a Avenida Aureliano Mira Fernandes e limitado a Norte e a Sul pelas A e B.

2 – ORGANIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO URBANÍSTICA

Organizou-se o conjunto dispondo em banda edifícios de dois pisos de forma a oferecer uma frente para a Avenida Aureliano dos Santos que continua sem interrupção para a rua A numa faixa contínua de construção ordenando, assim, perifericamente o quarteirão nas suas duas frentes mais significativas. No ângulo das duas bandas, gaveto, criou-se uma passagem de peões para o “interior” do quarteirão, interior esse que é drenado por uma via a construir ligando a rua B à Avenida.

Esta via que nos foi recomendada poderá vir a resolver o futuro sistema de tráfego se se fechar a ligação da rua B com a rua A.

Para já assegura o acesso auto aos logradouros individuais de que cada habitação está dotada e garante ao interior do quarteirão uma função mais “limpa”.

O terreno sobranete, confinando com a rua B, de topografia difícil obrigando a uma implantação onerosa para edifícios de habitação económica é dividido em quatro lotes para a Câmara Municipal de Mértola alienar.

3 – EDIFÍCIOS

O conjunto é formado por nove edifícios de 2 pisos. Cinco dos edifícios, tendo cada um quatro fogos (2 T3 e 2 T4), e quatro edifícios, tendo cada um dois fogos (um T3 e um T4).

Temos assim um total de 24 fogos sendo doze T3 e doze T4, fogos desenvolvidos em dois pisos e dotados de logradouros individuais e com arrecadação.

4 – FOGOS

Tratando-se de habitações para que se deseja uma economia de custo – considerando embora os regulamentos vigentes – procurou-se respeitar as funções indispensáveis a uma vida familiar corrente e em certa medida de hábitos de fruição convencionais.

Neste medida digamos que a cozinha é cozinha com uma área que torna possível acumular outras funções como comer e trabalhos domésticos, a sala é sala como uma dimensão confortável e obviamente os quartos são quartos.

Salientamos alguns aspectos que consideramos relevantes:

- O acesso principal aos fogos situa-se num único espaço exterior comum. Com isto pretendeu-se criar edifícios e não “casinhas para os menos favorecidos” encostadas umas às outras com a porta principal a dar para a rua...

- Tendo todos os fogos logradouro privado com acesso e tendo querido que qualquer dos fogos tivesse divisões para as traseiras e para a frente conseguiu-se que não houvesse compartimentos em segundo piso debruçados diretamente para o logradouro de outro fogo.

- Transformou-se a escada interior dos fogos num elemento de valorização do próprio fogo pela existência de claraboia e decorrente luz zenital, e pela forma de desenvolvimento da escada criando fluidez espacial entre os dois pisos.

Lisboa, 24 de novembro de 1982

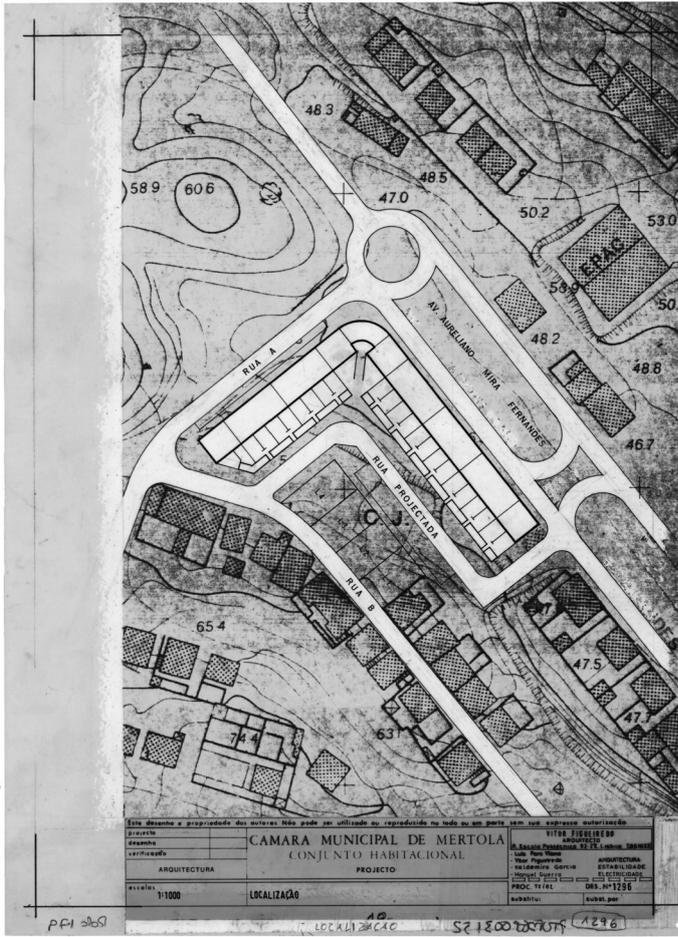


FIGURA 2. Projeto: planta de localização

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003152

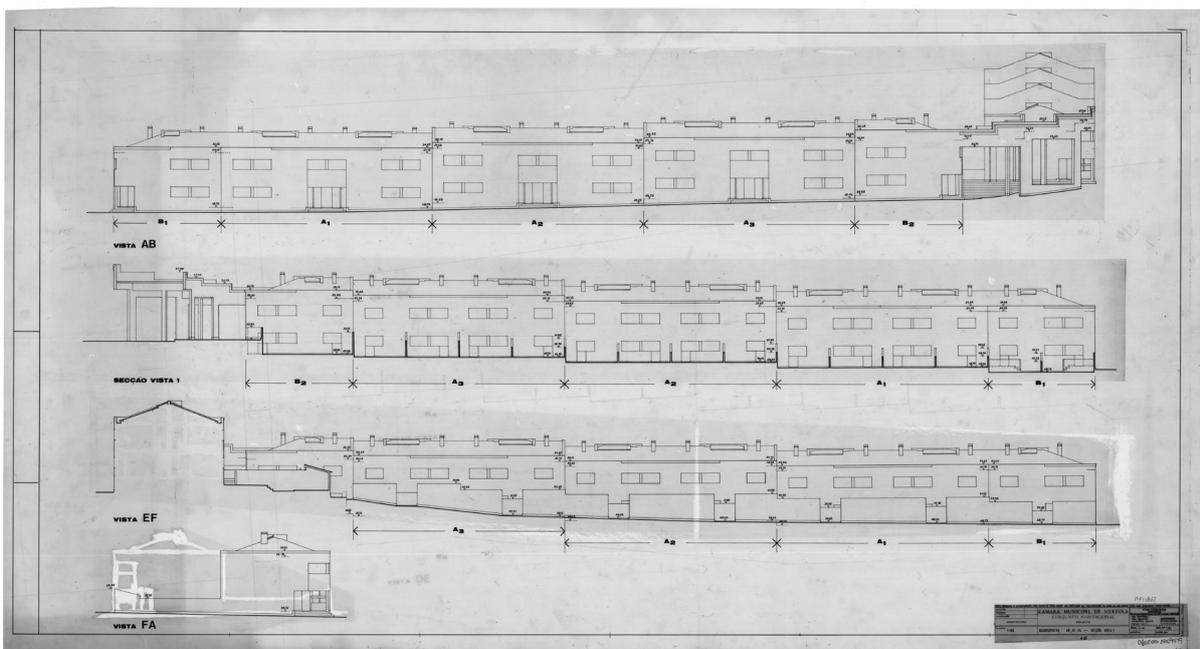


FIGURA 3. Projeto: alçados

Espólio de Vitor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003160

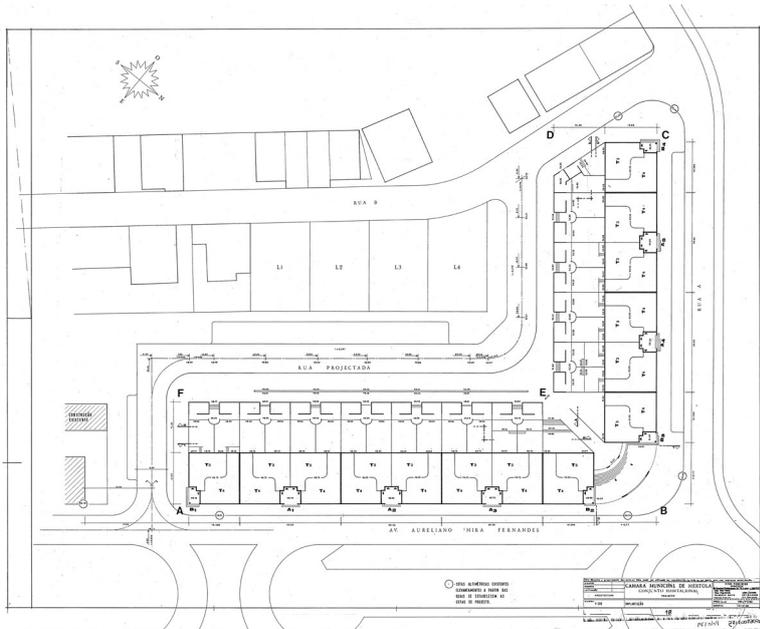


FIGURA 4. Projeto: planta de implantação
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003155

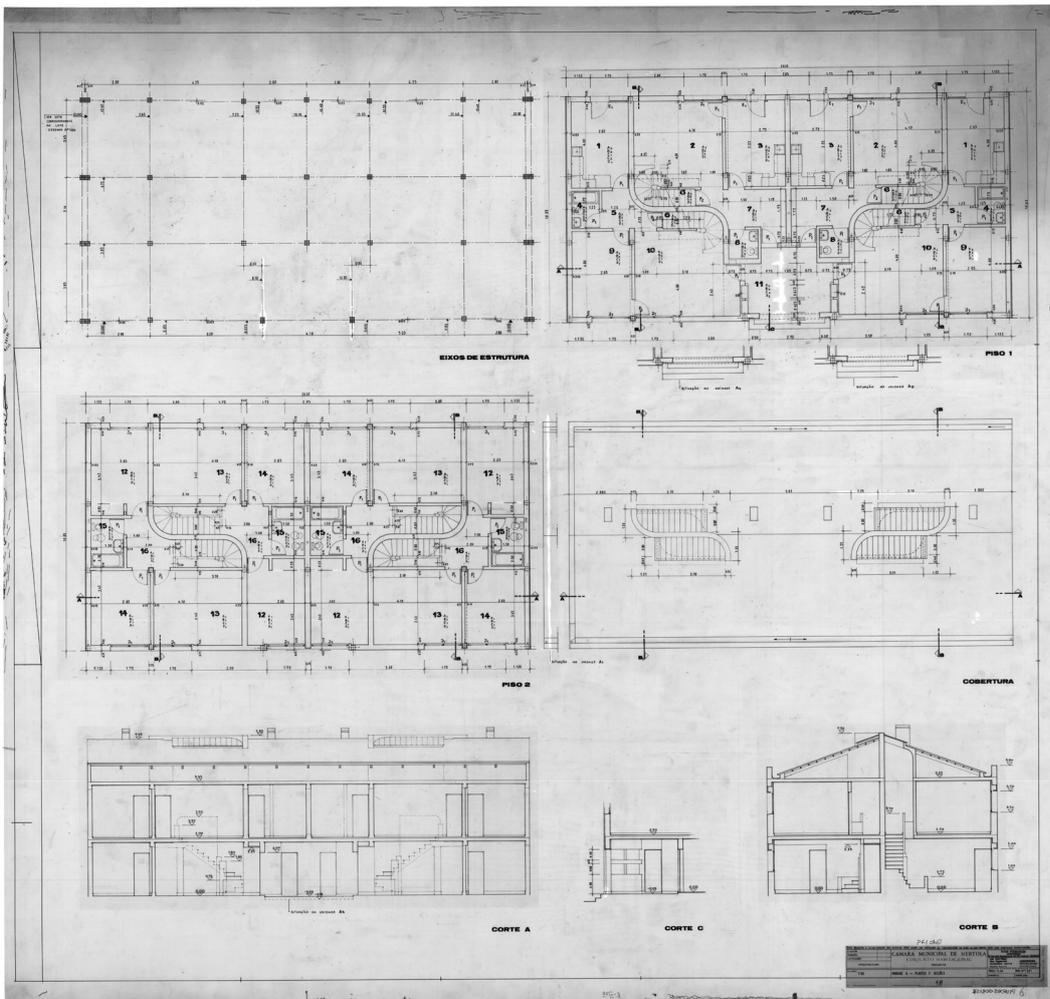


FIGURA 5. Projeto: plantas e secções
Espólio de Vítor Figueiredo, IRHU/SIPA, PT VF-DES 003157

